



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TAMIRES REGINA ROCHA



**O TURISMO RURAL E A PLURIATIVIDADE NA PERSPECTIVA DA
MULTIFUNCIONALIDADE: AS PROPRIEDADES RURAIS SITUADAS NA ROTA
TURÍSTICA DA UVA NO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ - SP**

Presidente Prudente
2022



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TAMIRES REGINA ROCHA

**O TURISMO RURAL E A PLURIATIVIDADE NA PERSPECTIVA DA
MULTIFUNCIONALIDADE: AS PROPRIEDADES RURAIS SITUADAS NA ROTA
TURÍSTICA DA UVA NO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ - SP**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, da Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosangela Ap. de Medeiros Hespanhol.

Agência de Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Presidente Prudente
2022

R672t Rocha, Tamires Regina
O turismo rural e a pluriatividade na perspectiva da
multifuncionalidade : as propriedades rurais situadas na Rota Turística
da Uva no município de Jundiaí - SP / Tamires Regina Rocha. --
Presidente Prudente, 2022
367 p. : il., tabs., fotos, mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente
Orientadora: Rosangela Aparecida de Medeiros Hespanhol

1. Turismo Rural. 2. Pluriatividade. 3. Multifuncionalidade. 4. Rota
Turística da Uva. 5. Jundiaí. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: O TURISMO RURAL E A PLURIATIVIDADE NA PERSPECTIVA DA
MULTIFUNCIONALIDADE: AS PROPRIEDADES RURAIS SITUADAS NA
ROTA TURÍSTICA DA UVA NO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ – SP

AUTORA: TAMIRES REGINA ROCHA

ORIENTADORA: ROSANGELA APARECIDA DE MEDEIROS HESPANHOL

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em Geografia, área:
Produção do Espaço Geográfico pela Comissão Examinadora:



Profa. Dra. ROSANGELA APARECIDA DE MEDEIROS HESPANHOL (Participação Virtual)
Departamento de Geografia / FCT/UNESP - Câmpus de Presidente Prudente

Profa. Dra. ANA RUTE DO VALE (Participação Virtual)
UNIFAL / Alfenas (MG)

Prof. Dr. EDUARDO PAULON GIRARDI (Participação Virtual)
Departamento de Geografia / Unesp/FCT - Câmpus de Presidente Prudente

Presidente Prudente, 22 de setembro de 2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe (Maria Nilza da Silva), ao meu namorado (Alan da Silva Vinhaes) e a minha família, com eterna gratidão, por ter me apoiado em toda a trajetória...

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus e a Nossa Senhora por ter me dado forças, tranquilidade, sabedoria e, principalmente saúde, durante toda essa trajetória na pós-graduação, em que passamos por um período conturbado, com a pandemia de COVID-19, sendo necessário superar barreiras físicas e psicológicas. Sinto-me privilegiada pelas oportunidades e bênçãos que tenho recebido e espero corresponder à altura, como profissional e como pessoa.

Agradeço a minha mãe, Maria Nilza da Silva, uma guerreira, uma heroína, que cumpre um papel duplo, de mãe e pai, por sempre me apoiar e acreditar. Tudo que sou hoje devo a você. Todos os dias durante esses anos, ao me acordar e ao adormecer me desejou um “bom dia” e um “boa noite”, e, mesmo nos momentos mais difíceis, a sua voz falando “oii filha” era o combustível para seguir adiante. Se eu pudesse ter um único desejo, certamente seria que você fosse eterna!

Ao meu cachorro “Frank Regina”, mais que um *beagle*, um verdadeiro amigo e companheiro, que nos meus momentos de tristeza e angústia, me ouvia e mesmo sem dizer uma palavra, fazia de tudo para alegrar aquele momento com suas brincadeiras. Nem mesmo os seus 13 anos e com todo o seu focinho branco, deixou de ser esse arteiro que eu amo demais. Chorei em cada despedida, achando que poderia ser a última, mas você sempre está ali, esperando no portão para a minha chegada.

Agradeço ao meu namorado e companheiro Alan, com quem compartilhei ideias e pensamentos, que contribuíram para a minha formação acadêmica. Obrigada por toda sua ajuda, foram tantas as responsabilidades domésticas acumuladas, só para que eu focasse no meu trabalho. Pela paciência e compreensão nos meus momentos de estresse e nervoso em que, a vontade que dava era de “chutar o balde”. Mas, você sempre esteve ali presente, com a sua famosa frase “vai dar tudo certo”, ou mesmo, tentando me distrair com suas brincadeiras de futebol “hoje tem São Paulão... ôôôôô toca no São Paulão que é gol”. Alan da Silva Vinhaes, a sua ajuda e o seu companheirismo representam o maior presente que eu poderia receber.

Aos meus familiares que, mesmo distante da universidade, são fundamentais na minha vida. Em especial a minha vó Antônia e a minha tia Lourdes, pelo constante carinho, apoio, ajuda e conselhos dados em todos esses anos. E ao restante dos familiares (tia Dirce, tio Mi, tio Carlão, Camila, Paulo, José, Renata, Marcos, Vitor, Igor).

Agradeço também os meus futuros sogros Jesus e Ermelinda, a Marilza (considero como tia) e a Dona Leonor (considero como vó), por todo apoio e preocupação durante esses

anos que, mesmo estando longe, sempre estiveram presentes por meio de mensagens ou ligações.

Também deixo minha gratidão aos meus cunhados Gislaine e Jonatas e a minha sobrinha Alice (a santãozinha), que com seus seis aninhos, vinha de Campinas para Presidente Prudente, principalmente em feriados, apenas para passear, brincar e me distrair. A sua presença me fez e faz tão bem e você já é um orgulho da titia por ter nota 10 no boletim em geografia.

A dona Zefinha (*in memoriam*), que durante anos, tivemos nossas longas conversas matinais, ela com seus bolos de limão saborosos, os risos e gargalhadas pelo corredor do prédio, perguntando da minha família e dos meus estudos, todas as vezes que eu passo em frente ao prédio, a minha memória recorda imediatamente você.

À Eilaine e ao Tubim pelas conversas e colaborações, principalmente, quando precisava viajar com urgência.

À minha orientadora, professora Dra. Rosangela Ap. de Medeiros Hespanhol, por me orientar desde o ano de 2017, durante todo o período de graduação e na pós-graduação. Além de orientadora, construímos uma conexão, uma amizade ao longo desses anos, a sua preocupação em ensinar e ajudar a construir um bom trabalho me fez ser o que sou hoje. Obrigada pelas dicas e orientações, principalmente no período pandêmico, sem a sua contribuição, o trabalho jamais conseguiria ter esses resultados.

Também aos demais professores do Departamento de Geografia e aqueles que de alguma forma contribuíram para a minha formação.

À Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Presidente Prudente, por toda sua infraestrutura, suporte acadêmico e conhecimentos.

À Seção de Pós-Graduação da FCT, por sempre me ajudar nas horas mais precisas, com documentos, esclarecimento de dúvidas etc. Agradecimento especial à Aline, Cinthia e ao Anderson.

Aos colegas do GEDRA (Grupo de Estudos Dinâmica Regional e Agropecuária) pelos seis anos de convivência acadêmica.

Agradeço aos entrevistados: produtores rurais, responsáveis por restaurantes, pelo Espaço Cultural Museu do Vinho e pela Fazenda Nossa Senhora da Conceição, localizados na Rota Turística da Uva, e à Diretora Municipal de Turismo que tiraram um tempo de seu dia para acrescentar e agregar no trabalho, sem vocês isso jamais seria possível.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

EPÍGRAFE

Turismo Rural: moderno, profissional, mas sem perder a ruralidade (Andreia Roque).

RESUMO

A dinâmica do espaço geográfico tem se tornado cada vez mais complexa e mutável, e uma das implicações dessas características está relacionada à diversificação das ocupações da população residente em áreas rurais, bem como nas novas funções atribuídas ao rural e à agricultura, que vão muito além da agropecuária, já que o rural tornou-se, ao longo do tempo, multifuncional. O crescimento global das atividades rurais não-agrícolas, traduzidas no conceito de pluriatividade, faz com que os espaços rurais deixem de estar relacionados apenas a agricultura, de modo que as atividades não-agrícolas levaram os agricultores a adotar “novas” funções econômicas e sociais. Essa característica possibilita a promoção de outras potencialidades da atividade agrícola que, até então, não eram valorizadas pela sociedade. Nesse contexto, se destaca o turismo rural, que surge como uma alternativa de renda, propiciando aos proprietários rurais manterem suas propriedades produtivas, bem como, de gerar empregos à população local. No período contemporâneo é visível o crescente interesse da população urbana pelos espaços rurais, sobretudo aqueles que apresentem boa infraestrutura e estejam próximos dos grandes centros urbanos, seja para residência, ou para desfrutar de lazer e descanso. O trabalho teve como objetivo geral analisar e compreender como o turismo rural se constituiu como uma estratégia de reprodução social para as pessoas que vivem nas propriedades rurais localizadas nos bairros que constituem a Rota Turística da Uva no município de Jundiaí. Para se alcançar o objetivo geral proposto, foram realizados: a) levantamento e análise de bibliografia selecionada; b) coleta de dados de fontes secundárias; e c) investigações de campo, por meio de entrevistas com produtores rurais, responsáveis por restaurantes campestres e, com o responsável pelo Espaço Cultural Museu do Vinho e pela Fazenda Nossa Senhora da Conceição; e entrevista, com a Diretora Municipal de Turismo de Jundiaí. Constatou-se que o turismo rural no município de Jundiaí está consolidado – com a presença do Circuito das Frutas e, principalmente, das Rotas Turísticas - e com tendência a evoluir cada vez mais, se houver planejamento e gestão adequada entre os agentes públicos municipais e estaduais. Nas propriedades rurais visitadas, percebe-se que a atividade agrícola ainda permanece, principalmente em torno do cultivo da uva que, consequentemente, resulta na produção e comercialização do vinho artesanal. Porém, foi após a implantação da Rota Turística da Uva que os produtores rurais passaram a investir no turismo rural em suas propriedades, através da abertura de restaurantes, pesque-pague, trilhas, colhe e pague, além de fortalecer ainda mais suas adegas, atraindo assim, um maior número de consumidores vindo principalmente de grandes centros urbanos como São Paulo e Campinas em busca de

tranquilidade por estarem próximos a natureza, a gastronomia italiana, a vida rural e produtos de origem artesanal.

Palavras-chave: Turismo Rural; Pluriatividade, Multifuncionalidade; Rota Turística da Uva; Jundiaí.

ABSTRACT

The dynamics of geographic space has become increasingly complex and changeable, and one of the implications of these characteristics is related to the diversification of occupations of the population residing in rural areas, as well as the new functions assigned to rural and agriculture, which go far beyond of agriculture, since the rural became, over time, multifunctional. The global growth of non-agricultural rural activities, translated into the concept of pluriactivity, means that rural spaces are no longer related only to agriculture, so that non-agricultural activities led farmers to adopt “new” economic and social functions. . This characteristic makes it possible to promote other potentialities of agricultural activity that, until then, were not valued by society. In this context, rural tourism stands out, which emerges as an alternative income, allowing rural owners to maintain their productive properties, as well as generating jobs for the local population. In the contemporary period, the growing interest of the urban population in rural spaces is visible, especially those that have good infrastructure and are close to large urban centers, whether for residence or to enjoy leisure and rest. The general objective of the work was to analyze and understand how rural tourism was constituted as a strategy of social reproduction for people who live in rural properties located in the neighborhoods that constitute the Uva Tourist Route in the municipality of Jundiaí. To achieve the proposed general objective, the following were carried out: a) survey and analysis of selected bibliography; b) data collection from secondary sources; and c) field investigations, through interviews with rural producers, responsible for rural restaurants and, with the person responsible for the Espaço Cultural Museu do Vinho and Fazenda Nossa Senhora da Conceição; and interview, with the Municipal Director of Tourism of Jundiaí. It was found that rural tourism in the municipality of Jundiaí is consolidated - with the presence of the Fruit Circuit and, mainly, of the Tourist Routes - and with a tendency to evolve more and more, if there is adequate planning and management between municipal and public agents. state. In the rural properties visited, it can be seen that agricultural activity still remains, mainly around the cultivation of grapes, which consequently results in the production and commercialization of artisanal wine. However, it was after the implementation of the Grape Tourist Route that rural producers began to invest in rural tourism on their properties, through the opening of restaurants, pay-fish, trails, harvest and pay, in addition to further strengthening their cellars, attracting thus, a greater number of consumers coming mainly from large urban centers such as São Paulo and Campinas in search of tranquility because they are close to nature, Italian gastronomy, rural life and products of artisanal origin.

Keywords: Rural Tourism; Pluriativity, Multifunctionality; Grape Tourist Route; Jundiaí.

RESUMEN

La dinámica del espacio geográfico se ha vuelto cada vez más compleja y cambiante, y una de las implicaciones de estas características está relacionada con la diversificación de ocupaciones de la población residente en las zonas rurales, así como con las nuevas funciones asignadas a lo rural y a la agricultura, que van mucho más allá. más allá de la agricultura, ya que lo rural se volvió, con el tiempo, multifuncional. El crecimiento global de las actividades rurales no agrícolas, traducido en el concepto de pluriactividad, hace que los espacios rurales dejen de estar relacionados únicamente con la agricultura, por lo que las actividades no agrícolas llevaron a los agricultores a adoptar “nuevas” funciones económicas y sociales. Esta característica permite potenciar otras potencialidades de la actividad agropecuaria que, hasta entonces, no eran valoradas por la sociedad. En este contexto se destaca el turismo rural, que surge como una alternativa de ingresos, permitiendo a los propietarios rurales mantener sus propiedades productivas, además de generar empleo para la población local. En la época contemporánea se hace visible el creciente interés de la población urbana por los espacios rurales, especialmente aquellos que cuentan con buenas infraestructuras y se encuentran próximos a los grandes núcleos urbanos, ya sea para residencia o para disfrutar del ocio y el descanso. El objetivo general del trabajo fue analizar y comprender cómo el turismo rural se constituyó como una estrategia de reproducción social para las personas que viven en propiedades rurales ubicadas en los barrios que constituyen la Ruta Turística Uva en el municipio de Jundiaí. Para lograr el objetivo general propuesto, se realizaron: a) levantamiento y análisis de bibliografía seleccionada; b) recopilación de datos de fuentes secundarias; y c) investigaciones de campo, a través de entrevistas con productores rurales, responsables de restaurantes rurales y, con el responsable del Espaço Cultural Museu do Vinho y Fazenda Nossa Senhora da Conceição; y entrevista, con el Director Municipal de Turismo de Jundiaí. Se constató que el turismo rural en el municipio de Jundiaí está consolidado - con la presencia del Circuito de la Fruta y, principalmente, de las Rutas Turísticas - y con tendencia a evolucionar cada vez más, si existe una adecuada planificación y gestión entre municipios y agentes públicos estado. En las propiedades rurales visitadas se puede apreciar que aún se mantiene la actividad agrícola, principalmente en torno al cultivo de la vid, lo que en consecuencia se traduce en la producción y comercialización de vino artesanal. Sin embargo, fue a partir de la implementación de la Ruta Turística de la Uva que los productores rurales comenzaron a invertir en el turismo rural en sus predios, a través de la apertura de restaurantes, pay-fish, senderos, cosecha y pay, además de fortalecer aún más sus bodegas, atrayendo así, un mayor

número de consumidores provenientes principalmente de grandes centros urbanos como São Paulo y Campinas en busca de tranquilidad porque están cerca de la naturaleza, la gastronomía italiana, la vida rural y los productos de origen artesanal.

Palabras clave: Turismo Rural; Pluriatividad, Multifuncionalidad; Ruta Turística de la Uva; Jundiaí.

LISTA DE FIGURAS

Nº		Pág.
1	Representação esquemática da multifuncionalidade da agricultura	18
2	Esquema analítico da multifuncionalidade agrícola	20
3	Representação esquemática da multifuncionalidade da paisagem rural	25
4	Plurirrendimentos dos estabelecimentos pluriativo na agricultura familiar (em %), no Brasil	51
5	Configuração do turismo no espaço rural	61
6	Modalidades de turismo rural no Brasil	63
7	Representação do Turismo Rural	66
8	Características da atividade de turismo rural	67
9	Viagens realizadas pelos moradores dos domicílios, segundo o tipo de lazer (%).	70
10	Funções do Estado na atividade turística	82
11	Esquema da cadeia produtiva do turismo rural no Brasil	90
12	Áreas estratégicas de planejamento para o turismo rural	91
13	Funções das instituições no desenvolvimento do turismo rural	92
14	Estação Ferroviária de Jundiaí inaugurada em 1867	99
15	Estação Ferroviária de Jundiaí atualmente	99
16	1ª Festa da Uva de Jundiaí – 1934	105
17	Festa da Uva de 1953 no Parque Comendador Antônio Carbonari (Parque da Uva)	106
18	Crescimento da população de Jundiaí no período de 1940 – 1967	108
19	Localização dos Estabelecimentos Industriais em Jundiaí – 2010	112
20	Geração de empregos por setores da economia no município de Jundiaí	115
21	Características econômicas do município de Jundiaí – SP	116
22	Número de estabelecimentos agropecuários no município de Jundiaí segundo grupos de área total (1950 - 1995/96)	120
23	Área ocupada pelos estabelecimentos agropecuários no município de Jundiaí segundo grupos de área total (1950 - 1995/96)	121

24	Área ocupada com as culturas tradicionais (1950-1995/96, hectares)	124
25	Área ocupada com as lavouras permanentes, lavouras temporárias e com a uva (1990 – 2005)	126
26	<i>Folder</i> 37ª Festa da Uva e 8ª Expo Vinhos de Jundiaí de 2020	128
27	Logotipo do Circuito das Frutas	129
28	Municípios que fazem parte do Circuito das Frutas, Estado de São Paulo	129
29	Logotipo da Associação de Turismo Rural do Circuito das Frutas	133
30	<i>Slogan</i> de divulgação da Associação de Turismo Rural do Circuito das Frutas dos municípios participantes do Circuito	134
31	Mapa Turístico do Estado de São Paulo	148
32	Equipe da UGAAT recebendo o prêmio da 3ª edição do Top Destinos Turísticos	151
33	Rotas Turísticas consolidadas no Município de Jundiaí – SP	154
34	Prefeito de Jundiaí (de camisa azul clara) acompanha o discurso do governador João Dória anunciando o 1º Distrito Turístico do Estado de São Paulo	157
35	Primeiro Distrito Turístico do Estado de SP incluindo Jundiaí, Louveira, Vinhedo e Itupeva	158
36	Plano São Paulo para a flexibilização das atividades	160
37	Fase de Transição do Plano São Paulo	161
38	Boletim Coronavírus no município de Jundiaí – Março de 2021	162
39	<i>Slogan</i> de divulgação do projeto Deguste em Casa	163
40	Divulgação por meio de redes sociais de empreendimentos que participaram do projeto Deguste em Casa	164
41	Projeto Deguste em Casa é indicado como boas práticas de turismo rural em meio a pandemia da COVID-19	165
42	<i>Slogan</i> da Rota Turística da Uva	167
43	Localização dos bairros que integram a Rota Turística da Uva	169
44	Características dos bairros rurais localizados na Rota Turística da Uva	171
45	Participantes da reunião para a consolidação da Rota da Uva	174
46	Trajetória da Rota Turística da Uva	175

47	Integrantes da Rota da Uva recebendo o mapa e os <i>folders</i> referente a rota	176
48	<i>Slogan</i> de divulgação do passeio realizado pela empresa Mania de Jundiaí	176
49	Ônibus retrô utilizada para passeios no roteiro da Rota Turística da Uva	177
50	Principais variedades de uvas cultivadas no município de Jundiaí	190
51	Localização da adega Maziero na propriedade rural da família	193
52	Localização da adega, do Museu do Vinho e do restaurante na propriedade rural da família Brunholi	203
53	Localização da adega Vendramin na propriedade rural da família	223
54	Localização da adega e do restaurante Beraldo di Cali na propriedade rural da família	228
55	Localização da adega e do restaurante Fontebasso na propriedade rural da família	240
56	Menu do restaurante na propriedade rural da família Fontebasso	248
57	Localização da adega e do restaurante Marquezin na propriedade rural da família	252
58	Localização da adega e do restaurante Galvão na propriedade rural da família ..	265
59	Combos mais pedidos no restaurante da família Galvão	273
60	Localização de alguns atrativos turísticos na Fazenda Nossa Senhora da Conceição	284

LISTA DE FOTOS

Nº		Pág.
1	Plantação de uva na propriedade rural da família Maziero	195
2	Trabalhadores mensalistas da propriedade da família Maziero	196
3	Algumas das variedades de vinhos que são comercializados na adega Maziero ...	197
4	Matéria de um jornal local sobre a vinda do Papa Bento XVI ao Brasil exposta na Adega Maziero	198
5	Interior da adega Mazeiro, os tóneis para armazenamrnto do vinho e os vinhos para comercialização	199
6	Rolhadeira e Prensa antiga na adega Maziero	200
7	Produtos comercializados na adega Maziero	200
8	Exterior da adega Maziero e a residência da família	201
9	Entrada do complexo turístico Villa Brunholi	202
10	Plantação de uva na propriedade rural da família Brunholi	204
11	Barraca de Frutas da Nilce (Por Falar em Uva) em que a familia Brunholi comercializa suas uvas	205
12	Mini fazendinha da propriedade rural da família Brunholi	205
13	Criação de animais na mini fazendinha da família Brunholi	206
14	Variedades de vinhos na adega da família Brunholi	208
15	Cachaça Premium Envelhecida e a Cachaça Premium Repousada sendo comercializadas na adega da família Brunholi	208
16	Caipirinha e geleia Brunholi comercializados na adega da família e exportadas para Republica Dominicana, Reino Unido e Portugal	209
17	Interior e exterior da adega da família Brunholi	210
18	Área interna e externa do Restaurante Brunholi	211
19	Pratos carro chefes do restaurante Brunholi	213
20	Café Colonial servido aos finais de semana no restaurante da família Brunholi	213
21	Pomar com árvores frutíferas na propriedade rural da família Brunholi	214
22	Horta na propriedade rural da família Brunholi	214

23	Museu do Vinho localizado na propriedade rural da família Brunholi	216
24	Parte interna do Museu do Vinho na propriedade rural da família Brunholi	216
25	Alguns dos utensílios e objetos encontrados no interior do Museu do Vinho	217
26	Entrada da propriedade rural da família Vendramin	218
27	Plantação de uva na propriedade rural da família Vendramin	219
28	Algumas das frutas plantadas e comercializadas na propriedade rural da família Vendramin	220
29	Horta 100% orgânica na propriedade rural da família Vendramin	221
30	Criação de animais na propriedade rural da família Vendramin	222
31	Variedades de vinhos comercializados na adega da família Vendramin	224
32	Adega localizada na propriedade rural da família Vendramin	224
33	Produtos comercializados na adega da família Vendramin	225
34	Café da manhã e almoço servido na propriedade rural da família Vendramin	226
35	Pequeno museu localizado na propriedade rural da família Vendramin	227
36	Entrada da propriedade rural da família Beraldo di Cale	228
37	Plantação de Uva da família Beraldo di Cale	230
38	Barraca Freire frutas em Jundiaí, que comercializa uvas da propriedade rural da família Beraldo di Cale	231
39	Variedades de vinhos produzidos e comercializados pela família Beraldo di Cale	232
40	Mexeriquinha comercializada na adega da família Beraldo di Cale	233
41	Adega na propriedade rural da família Beraldo di Cale	234
42	Restaurante localizado na propriedade rural da família Beraldo di Cale	235
43	Pratos carros chefes do restaurante Beraldo di Cale	236
44	Rio Jundiaí-Mirim que corta a propriedade rural da família Beraldo di Cale e os atrativos naturais que se encontra na propriedade	237
45	Horta na propriedade rural da família Beraldo di Cale	238
46	Adega da família Beraldo di Cale no Maxi Shopping Jundiaí	239

47	Entrada da propriedade rural da família Fontebasso	240
48	Plantação de uva na propriedade rural da família Fontebasso	242
49	Variedades de vinhos produzidos pela família Fontebasso	244
50	Cerveja Artesanal preparada pela própria família Fontebasso e comercializada na adega e no restaurante	245
51	Adega na propriedade rural da família Fontebasso	246
52	Restaurante na propriedade rural da família Fontebasso	247
53	Lasanha de presunto e muçarela servida na telha no restaurante da família Fontebasso	248
54	Tanque de pesca, trilha e a primeira casa da família Fontebasso	250
55	Horta na propriedade rural da família Fontebasso	251
56	Entrada da propriedade rural da família Marquezin (Recanto Marquezin)	252
57	Plantação de uva na propriedade rural da família Marquezin	254
58	Criação de animais na propriedade rural da família Marquezin	255
59	Variedades de vinhos produzidos pela família Marquezin	257
60	Cachaças produzidas na propriedade rural da família Marquezin	257
61	Adega na propriedade rural da família Marquezin	258
62	Restaurante da propriedade rural da família Marquezin	259
63	Pratos principais do restaurante da família Marquezin	261
64	Arredores do restaurante na propriedade rural da família Marquezin	262
65	Produção de hortaliças orgânicas na propriedade rural da família Marquezin	263
66	Entrada da propriedade rural da família Galvão	264
67	Plantação de uva na propriedade rural da família Galvão	266
68	Criação de galos e galinhas na propriedade rural da família Galvão	267
69	Variedades de vinhos produzidos pela família Galvão	268
70	Cervejas artesanais e pingas destaques de venda na adega da família Galvão	269
71	Adega na propriedade rural da família Galvão	270
72	Restaurante da propriedade rural da família Galvão	271

73	Pratos mais pedidos do restaurante da família Galvão	273
74	Eventos gastronômicos ocorridos na propriedade rural da família Galvão	275
75	Capela na Fazenda Nossa Senhora da Conceição	282
76	Prédio da antiga escola e que atualmente é a lojinha da Fazenda Nossa Senhora da Conceição	283
77	Plantação de café e de uva na Fazenda Nossa Senhora da Conceição	286
78	Animais na Fazenda Nossa Senhora da Conceição	287
79	Parte externa da casa grande e seu arredor e a senzala doméstica no piso inferior da casa	288
80	Visita de alunos de uma escola de Jundiá e um dos locais para explicação das etapas da produção de café na Fazenda Nossa Senhora da Conceição	289
81	Interior da casa sede na Fazenda Nossa Senhora da Conceição	290
82	Exterior e interior do Museu do Café localizado na Fazenda Nossa Senhora da Conceição	291
83	Restaurante D. Maria Helena localizado na Fazenda Nossa Senhora da Conceição	292
84	Prato principal do restaurante D. Maria Helena localizado na Fazenda Nossa Senhora da Conceição	293
85	Horta e mudas de café na Fazenda Nossa Senhora da Conceição	294
86	Outros atrativos que podem ser visitados na Fazenda Nossa Senhora da Conceição	295
87	Trenzinho utilizado no passeio cultural da Fazenda Nossa Senhora da Conceição	296

LISTA DE GRÁFICOS

Nº		Pág.
1	População total, rural e urbana no município de Jundiaí, 1950-2010	117
2	Área ocupada (em hectares) com as culturas de café, feijão, milho e uva (em hectares) nos anos de 2005/2006 e 2016/2017	125
3	Área ocupada (em hectares) com as lavouras permanentes, lavouras temporárias e com a uva em 2017.....	127
4	Gênero dos entrevistados nas propriedades rurais da Rota Turística da Uva	182
5	Grau de escolaridade dos entrevistados nas propriedades rurais da Rota Turística da Uva	183
6	Faixa etária dos entrevistados da Rota Turística da Uva	183
7	Estado civil dos entrevistados da Rota Turística da Uva	184

LISTA DE MAPAS

Nº	Pág.
1	Localização do município de Jundiaí – SP 93

LISTA DE ORGANOGRAMAS

Nº		Pág.
1	Conceito de <i>part-time farming</i>	36
2	Conceito de <i>pluriactivité</i> ou <i>pluriactivity</i>	37
3	Fatores que contribuíram para o reconhecimento da pluriatividade na Europa	39
4	Representação do que é a pluriatividade	42
5	Os cinco tipos de pluriatividade	47
6	Tipologia das atividades exercidas como ocupação secundária	48

LISTA DE QUADROS

Nº		Pág.
1	As multifunções da agricultura e suas atribuições específicas	19
2	As multifunções da paisagem rural e suas atribuições específicas	26
3	Esquema de diferenças entre multifuncionalidade da agricultura e multifuncionalidade da paisagem	28
4	Definições do segmento do turismo rural segundo o Ministério do Turismo	65
5	Principal motivação para a realização de viagem doméstica em %	69
6	Lugares preferidos dos turistas brasileiros em 2009	70
7	Consolidação da Rede Ferroviária Paulista no final do século XIX	100
8	Indústrias instaladas em Jundiaí no período entre as décadas de 1970 – 1990	110
9	Classificação dos tipos de indústrias e número de unidades em Jundiaí – 2014....	113
10	Principais Organizações Participantes do Processo de Revitalização da Vitivinicultura de Jundiaí	143
11	Atrativos Turístico do município de Jundiaí – SP	149
12	Estabelecimentos que fazem parte da Rota Turística da Uva	178
13	Impactos e possíveis soluções da pandemia de COVID-19 nas propriedades rurais entrevistadas	278
14	Dados de identificação do entrevistado	280

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APA - Áreas de Proteção Ambiental
AVA - Cooperativa Agrícola dos Produtores de Vinho de Jundiaí
CAGED - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CAGeo - Centro Acadêmico de Geografia
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CATI - Coordenadoria de Assistência Técnica Integral
CCEN - Centro de Ciências Exatas e da Natureza
CEASA - Centrais Estaduais de Abastecimento
CECIEEx - Conselho Brasileiro das Empresas Comerciais Importadoras e Exportadoras
CEE - Comunidade Econômica Europeia
CIT - Centro de Informações ao Turista
CITURDES - Congresso Internacional de Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável
COMTUR - Conselho Municipal de Turismo
CONTAG - Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
CSUV - Câmara Setorial de Uva e Vinho do Estado de São Paulo
CTE - Contratos Territoriais de Estabelecimento
DADETUR - Departamento de Apoio ao Desenvolvimento dos Municípios Turísticos
EMBRATUR - Empresa Brasileira de Turismo
EUA - Estados Unidos da América
FCT/UNESP - Faculdade de Ciências e Tecnologia/Universidade Estadual Paulista
FIESP - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
FIPE - Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas
FUNGETUR - Fundo Geral do Turismo
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDESTUR - Instituto para o Desenvolvimento do Turismo, Cultura, Esporte e Meio Ambiente
IDH - Índice de Desenvolvimento Humano
IICA - Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura
LEADER - Ligação Entre Ações de Desenvolvimento da Economia Rural
LOA - Lei de Orientação Agrícola
LUPA - Levantamento de Unidades Produtivas Agropecuárias
MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário
MG - Minas Gerais
MTur - Ministério do Turismo
OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

OMS - Organização Mundial de Saúde
OMT - Organização Mundial do Turismo
ORNAS - Ocupações Rurais Não-Agrícolas
PAC - Política Agrícola Comum
PIB - Produto Interno Bruto
PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNMT - Programa Nacional de Municipalização do Turismo
PNT - Plano Nacional de Turismo
PPGG - Programa de Pós-Graduação em Geografia
PRODER - Programa de Diversificação da Economia Rural
PROET - Programa de Pós Graduação em Estudos Territoriais
PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
RAIS - Relação Anual de Informações Sociais
RMSP - Região Metropolitana de São Paulo
SP - São Paulo
SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SESCOOP - Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo
SPVINHO - Instituto Paulista de Vitivinicultura
TER - Turismo no Espaço Rural
TRAF - Turismo Rural da Agricultura Familiar
TR - Turismo Rural
UE - União Europeia
UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFMS - Universidade Federal de Santa Maria
UGAAT - Unidade de Gestão Agronegócio, Abastecimento e Turismo
UPAs - Unidades de Produção Agrícolas
UNIP – Universidade Paulista

LISTA DE TABELAS

Nº		Pág.
1	Distribuição das famílias com domicílio nas áreas rurais não- metropolitanas segundo o tipo de atividade em que estava ocupada em 2003	46
2	Estabelecimentos agropecuários no Brasil: pluriativos e não pluriativos	49
3	Estabelecimentos totais e pluriativos no Brasil, na agricultura familiar e não familiar	50
4	Evolução da produção de uvas nas propriedades vitícolas de Jundiaí	104
5	Indústrias implantadas no Município de Jundiaí nos anos de 1950-1960	109
6	Evolução do tamanho das propriedades rurais no Município de Jundiaí (1904/05-1947)	118
7	Viticultores em Jundiaí (1904/05 – 1947)	119
8	Número de pés de uvas cultivas em Jundiaí nos anos de 1904-1905, 1928, 1939 e 1949	119
9	Utilização das Terras nos Estabelecimentos Agropecuários (em hectares) – 1950, 1975, 1996 e 2006	123
10	Produção em toneladas de frutas selecionadas no Circuito das Frutas, 2017.....	135
11	Valor da Produção de Frutas Selecionadas (*), Circuito das Frutas, 2017 (em mil reais)	136
12	Produtores e Produção de Vinho Artesanal em Jundiaí - Ano Agrícola 2007/08	141
13	Fluxo de Turistas em Jundiaí – 2013-2019	149
14	Renda Direta Gerada pelo Turismo no município de Jundiaí, 2019	152
15	Propriedades visitadas na Rota Turística da Uva, nome do entrevistado e seu respectivo bairro de localização	181
16	Número médio de pessoas que residem na propriedade	185
17	Número de pessoas da família envolvidas com o trabalho na agricultura nas propriedades rurais pesquisadas	187
18	Tamanho das propriedades visitadas, área cultivada e as lavouras	189
19	Principais variedades uvas cultivadas no município de Jundiaí no ano de 2010	190

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. MULTIFUNCIONALIDADE DOS TERRITÓRIOS RURAIS	9
1.1. A multifuncionalidade da agricultura no contexto europeu e brasileiro: aspectos históricos e conceituais	9
1.2. A noção de multifuncionalidade da paisagem e as diferenças em relação à multifuncionalidade da agricultura.....	22
1.3. A multifuncionalidade dos espaços rurais: um rural para além da agricultura	29
1.4. A importância das estratégias de reprodução social para a permanência de famílias rurais no campo	31
1.5. Transformações recentes no espaço rural: ênfase à pluriatividade	35
1.6. Turismo rural: conceitos, terminologias e alternativa de renda para as famílias no campo	54
1.6.1. As políticas públicas para o turismo rural no Brasil.....	81
2. O PROCESSO HISTÓRICO DE FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ – SP: análise a partir de três eventos – o movimento bandeirante, a ferrovia e o imigrante	93
2.1. As transformações nas estruturas populacionais e econômicas e produtivas agrícolas do município de Jundiaí.....	108
2.1.1. O setor produtivo agropecuário no município de Jundiaí	117
2.2. Polo Turístico do Circuito das Frutas do Estado de São Paulo	128
3. FORMAÇÃO DE ROTAS DE TURISMO RURAL NO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ: ANÁLISE A PARTIR DA ROTA TURÍSTICA DA UVA	138
3.1. Formação e as características da Rota Turística da Uva no município de Jundiaí.....	166
3.2. Propriedades rurais localizadas na Rota Turística da Uva: Perfil das famílias	180
3.3. Perfil das propriedades rurais e a importância da Rota Turística da Uva para os produtores rurais que fazem parte da rota.....	188
3.4. Atividades e rendas agrícolas e não-agrícolas no exterior e interior das propriedades rurais na Rota Turística da Uva	193

3.5. A Fazenda Nossa Senhora da Conceição como opção na Rota Turística da Uva no município de Jundiaí.....	279
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	298
REFERÊNCIAS	306
APÊNDICE A	327

INTRODUÇÃO

O mundo rural passou por mudanças significativas em seu conteúdo e em suas paisagens. Essas mudanças demonstram a formação de um espaço distinto em termos de uso da terra e, principalmente, no quadro das relações econômicas e sociais estabelecidas. Tal complexidade sugere uma evolução contínua, seja pela adaptabilidade e permanência, seja pela transformação dos espaços rurais tradicionais, como os bairros rurais localizados próximos aos grandes centros urbanos.

Além das mudanças que se manifestaram no plano territorial, em que o espaço rural se tornou heterogêneo, destaca-se as mudanças no plano social, em que as famílias de agricultores começaram a mudar sua estrutura de trabalho e os seus modos de vida tradicionais, passando a incorporar valores até então considerados urbanos, além de diferentes estratégias de reprodução social e econômica na tentativa de sobreviver no campo. Portanto, desde a década de 1990, sob a interferência da agricultura multifuncional, a agricultura familiar tornou-se um tema muito popular entre os pesquisadores de diversas áreas do conhecimento.

Parte-se da hipótese de que as famílias rurais, com o objetivo de resistir e permanecer na propriedade, passam a adotar diferentes estratégias de reprodução social e econômica que, vão além das atividades agrícolas, tendo em vista que ocorreu o surgimento de diversas atividades e rendas não-agrícolas, relacionadas principalmente com o trabalho externo - na indústria, no comércio, nos serviços públicos -, no lazer - turismo rural - e prestação de serviços.

O tema de pesquisa escolhido para o Mestrado em Geografia, além do interesse pessoal da pesquisadora, que é originária de Jundiaí, mantém uma linha de discussão e análise do trabalho anterior realizado na graduação (TCC em Geografia), o qual, tinha como objetivo o estudo da pluriatividade das famílias em dois bairros rurais (Bairros Rurais do Poste e do Caxambú) no município de Jundiaí.

Na ocasião da realização da pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso, percebemos a existência de um “novo rural”, pois não é possível compreender estes bairros considerando apenas as atividades agrícolas. Verificamos com o trabalho empírico realizado, o crescimento da produção e da comercialização de vinho artesanal nas adegas dos Bairros Rurais do Poste e do Caxambú, vinho este que, anteriormente, era destinado ao próprio consumo familiar. Os produtores rurais entrevistados na época ressaltaram que o aumento das vendas do vinho estava fortemente vinculado com as visitas às propriedades rurais, devido ao lazer rural proporcionado pelo Polo Turístico Circuito das Frutas do Estado de São Paulo e através da implantação das Rotas Turísticas do município.

Para Graziano da Silva e Del Grossi (1997), o turismo em espaço rural passa a ser visto como necessidade, especialmente para as populações concentradas em grandes centros urbanos conscientizando-se cada vez mais que o contato com a natureza e com a vida simples, autêntica e peculiar do campo, viabiliza a recuperação de energias indispensáveis para o enfrentamento das dificuldades características da vida moderna.

Deste modo, optamos por este tema de pesquisa, pois, percebemos a importância do turismo rural para o município de Jundiaí, que está localizado no Polo Turístico do Circuito das Frutas. Atualmente, existem no município seis (6) rotas turísticas consolidadas: Rota Turística do Castanho; Rota Turística do Centro Histórico; Rota Turística da Cultura Italiana; Rota Turística Terra Nova; Rota Turística da Uva e Rota Turística do Vinho, sendo cinco (5) destas voltadas para o turismo rural.

No início da pesquisa, havíamos optado por realizar a pesquisa nas Rotas Turísticas da Uva e da Cultura Italiana em virtude das duas concentrarem grande parte da produção agrícola familiar do município. Nessas rotas, a tradição da cultura italiana e da produção de uva e do vinho estão enraizadas na configuração do território, estruturando a lógica do ordenamento das residências em torno da produção de uva e criando íntimas relações entre o processo produtivo e a habitação dos moradores.

Além disso, essas duas rotas contemplam diversos elementos que favorecem o fortalecimento do turismo no espaço rural, tais como o dia a dia do/no campo, as tradições, a culinária em restaurantes campestres, os doces, os bolos e pães servidos com café feito na hora, o vinho e os licores são algumas das experiências que os turistas podem aproveitar ao longo das rotas.

Entretanto, devido as dificuldades que a pandemia da COVID-19 nos proporcionou - já no início do ano de 2020 - principalmente com o isolamento social e o fechamento de serviços não essenciais, como os restaurantes e as adegas presentes no meio rural, houve a necessidade que alterássemos nosso recorte espacial e o cronograma de realização da pesquisa de campo, que estava previsto para ocorrer nos meses de setembro e outubro de 2020.

Deste modo, no ano letivo de 2020, optamos por realizar o levantamento bibliográfico e leitura dos textos selecionados, enquanto que, no ano letivo de 2021, seriam realizados os trabalhos de campo nas duas Rotas Turísticas. Porém, no início do ano de 2021, tivemos o agravamento da pandemia, alcançando mais de 3.000 mortes por dia, sendo reforçado ainda mais o isolamento social. O governo do Estado de São Paulo aderiu a fase emergencial¹ do

¹ No mês de março de 2021, o Governador João Doria anunciou a implantação da Fase Emergencial do Plano São Paulo, com aumento das restrições em 14 atividades, colocando mais 4 milhões de pessoas em restrições

Plano São Paulo com ainda mais restrições, sendo necessário novamente o fechamento de estabelecimentos comerciais não essenciais com o objetivo de conter a pandemia, ou seja, os trabalhos de campos ficaram ainda mais comprometidos.

Diante desse cenário, optamos por realizar a pesquisa de campo nos meses de março e abril de 2021 apenas na Rota Turística da Uva, que possuía um menor número de pessoas para as entrevistas, do que a Rota da Cultura Italiana - que só de produtores rurais seriam vinte e cinco (25) – preservando, assim, a vida da pesquisadora e dos entrevistados.

Com o desenvolvimento da pesquisa, se buscou responder a seguinte questão: Qual é a importância da Rota Turística da Uva para as famílias que vivem nos bairros rurais que integram essa rota e para o fortalecimento do turismo rural no município de Jundiaí?

A partir dessa questão se propôs como objetivo geral da pesquisa analisar e compreender como o turismo rural se constituiu como uma estratégia de reprodução social para as famílias que vivem nas propriedades rurais localizadas nos bairros da Rota Turística da Uva no município de Jundiaí.

Os objetivos específicos foram:

- A) Identificar e analisar o perfil dos produtores e das propriedades da Rota Turística da Uva e quais os fatores que levaram a desenvolver o turismo rural;
- B) Compreender como, por que e em qual contexto (econômico, social, político e cultural) ocorreu o processo de formação da Rota Turística da Uva;
- C) Identificar as práticas do turismo rural na Rota Turística da Uva;
- D) Analisar se o poder local e/ou o Governo do Estado de São Paulo oferecem assistência técnica ou desenvolvem alguma política pública que auxilie no desenvolvimento do turismo rural no município.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento, seleção e análise da bibliografia que trata dos temas relacionados a multifuncionalidade, estratégias de reprodução social, pluriatividade e turismo rural, entre outros. Este levantamento constituiu no estudo de referências teóricas já publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de *web sites* (FONSECA, 2002). Também foi realizado o levantamento de material bibliográfico sobre o processo de ocupação do município de Jundiaí-SP e de formação da Rota Turística da Uva.

adicionais. (Disponível em < <https://www.saopaulo.sp.gov.br/noticias-coronavirus/covid-19-veja-o-que-muda-na-fase-emergencial-do-plano-sp-no-estado/#:~:text=O%20Governador%20Jo%C3%A3o%20Doria%20anunciou,entre%20pessoas%20empregadas%20e%20movimentadas> > Acesso em 10/05/2021.

Além disso, houve a coleta de dados de fontes secundárias, por meio de informações populacionais (extraídas do IBGE – Censos Demográficos de 1950, 2000, 2010 e estimativa de 2021) e econômicas (IBGE – 2016/2017, Fundação SEADE – 2017, RAIS – 2014/2015, 2016/2017) - vinculados aos setores agrícola, industrial e de serviços - e da estrutura produtiva agropecuária (IBGE - Censos Agropecuários de 1950, 1975, 1996, 2006 e 2017).

Após a sistematização das informações bibliográficas e de fontes secundárias, foram realizadas pesquisas empíricas (entre fevereiro e abril de 2021) para a produção de dados e informações de fontes primárias. Cabe destacar que as entrevistas foram realizadas ao ar livre (na parte exterior dos estabelecimentos), respeitando os protocolos de segurança orientados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em relação à pandemia de COVID-19, como distanciamento social, uso de máscara e álcool em gel.

Deste modo, primeiro foi elaborado os formulários A, B e C (Apêndice A) - que foram utilizados como base para o levantamento de informações com os produtores rurais, responsáveis por restaurantes, Museu do Vinho e pela Fazenda Nossa Senhora da Conceição na Rota Turística da Uva -, considerando os objetivos do trabalho, tendo como referência a amostragem sistemática proposta por Gil (2008), em que é realizada através de um sistema possível de ser aplicado, pois a população já se encontra ordenada. Vieira (1999, p.12) ainda ressalta que “a amostra sistemática é constituída de elementos retirados da população segundo um sistema preestabelecido”.

O processo que seguimos numa amostra sistemática é:

- 1- Elaborar uma lista ordenada dos N indivíduos da população (marco amostral).
- 2- Dividir o marco amostral em N fragmentos, onde n é o tamanho da amostra que desejamos. O tamanho desses fragmentos será:

$$K=N/n$$

3- Número de início: obtemos um número aleatório inteiro A, menor ou igual ao intervalo. Este número corresponderá ao primeiro produtor rural e/ou restaurante que iremos selecionar para a amostra.²

4- Seleção dos N-1 indivíduos restantes: a partir do primeiro produtor rural e/ou restaurante selecionado aleatoriamente, mediante uma sucessão aritmética, selecionamos os indivíduos dos restos dos fragmentos que dividimos a amostra, onde está o sujeito inicial.

² NETQUEST. Disponível em < <https://www.netquest.com/blog/br/blog/br/amostra-sistemica> > Acesso em: 20/05/2020.

$$A, A + K, A + 2K, A + 3K, \dots, A + (n-1)K$$

A Rota Turística da Uva é composta por cinco (5) bairros rurais (Caxambu, Roseira, Toca, Jundiaí-Mirim e Colônia); possui 14 propriedades rurais; 15 restaurantes campestres; além de um Espaço Cultural Museu do Vinho e a Fazenda Nossa Senhora da Conceição (ROTAS TURÍSTICAS JUNDIAÍ, 2016).

Houve a aplicação do formulário A com uma amostra de 50%, totalizando sete (7) produtores rurais, utilizando o critério acima ($K = 14/7 = 2$; aleatoriamente foi escolhido o produtor rural 1 para A, assim, 1; $1+2=3$; $1+2.2=5$; $1+3.2=7$; $1+4.2=9$; $1+5.2=11$; $1+6.2=13$) e em cinco (5) restaurantes campestres (formulário B), ou seja, representando 30% da amostra ($K = 15/5 = 3$; aleatoriamente foi escolhido o restaurante 1 para A, assim, 1; $1+3=4$; $1+2.3=7$; $1+3.3=10$; $1+4.3=13$) sendo cada um deles localizado em um bairro rural na Rota Turística da Uva, além da aplicação do formulário C com o responsável pelo Espaço Cultural Museu do Vinho e pela Fazenda Nossa Senhora da Conceição, de modo a entender a importância destes estabelecimentos para o fortalecimento do turismo rural no município e para a reprodução social e permanência dos produtores rurais nesta localidade.

Também houve a realização de entrevista (Roteiro D) com a Diretora Municipal de Turismo para o maior entendimento da influência do poder local na potencialização do turismo rural através das Rotas Turísticas, principalmente através da Rota da Uva. A entrevista também ocorreu seguindo todos os protocolos de segurança da pandemia de COVID-19 (distanciamento social, uso de máscara e álcool em gel).

Por fim, foi realizada a sistematização dos dados e informações obtidos nas diferentes etapas da pesquisa, sendo que, posteriormente foram organizados em tabelas e gráficos visando à realização de análises e reflexões estruturadas com base nas leituras realizadas.

A dissertação está estruturada em três (3) capítulos, além desta introdução, considerações finais, referências e apêndice. O capítulo 1 “**Multifuncionalidade dos territórios rurais**” é composto por seis (6) subitens: **no primeiro**, aborda-se quando e porque esse termo começou a ser utilizado na Europa e, posteriormente, sua disseminação no Brasil. Parte-se da ideia de que a noção de multifuncionalidade surge como uma nova perspectiva para analisar a agricultura, a qual passa a ser representada por outras funções e atividades, que vão além da produção de alimentos. Tais aspectos possibilita que se coloquem em foco outras potencialidades da atividade agrícola que até então não eram valorizadas e nem reconhecidas pela sociedade.

No segundo, aborda-se a temática da multifuncionalidade da paisagem rural, pois embora esse termo esteja relacionada à agricultura, também pode ser empregada em relação à paisagem, afinal reconhece que esta pode propiciar inúmeros bens socioeconômicos, ecológicos e serviços, estabelecendo uma ponte para um conjunto de demandas complexas cada vez mais diversificadas. **No terceiro**, enfoca-se a multifuncionalidade dos espaços rurais, no qual reforça-se as ideias de que o rural como espaço multifuncional, possibilita a valorização dos recursos existentes, além de contribuir para o desenvolvimento do meio rural, abrangendo funções sociais, ambientais, culturais e econômicas às explorações agropecuárias.

No **quarto subitem** as diferentes estratégias desenvolvidas pelos pequenos produtores rurais para permanecer no campo, deste modo, dentre estas destaca-se, a produção para o autoconsumo, a diversificação produtiva, a participação em políticas públicas e a pluriatividade.

Nessa perspectiva, pensando em um rural para além das atividades agrícolas é que no subitem **quinto** discute-se a temática da pluriatividade, procurando-se compreender por que algumas famílias optam por combinar atividades não-agrícolas com as atividades agropecuárias, ou seja, recorrem à pluriatividade como estratégia de reprodução social. Nesse sentido, algumas questões são trabalhadas, como as diferentes concepções dos autores sobre a pluriatividade e os fatores que contribuíram para o seu reconhecimento; as diferenças entre pluriatividade e atividades não-agrícolas, entre outros aspectos.

No **sexto** subitem é apresentada a temática do turismo rural. Nas últimas décadas diversos proprietários rurais vêm diversificando suas atividades, com o turismo rural conciliando estas atividades econômicas com as demais de suas propriedades. Deste modo, são considerados aspectos tais como o surgimento e desenvolvimento da atividade no mundo, bem como o histórico e as características que lhe são atribuídas no Brasil; as diferenças entre os termos “turismo no espaço rural e turismo rural”; os benefícios e as dificuldades da atividade para a comunidade receptora; a importância do produto turístico para aprimorar a atividade, as políticas públicas que são desenvolvidas para impulsionar o turismo rural no Brasil, entre outros fatores.

No capítulo 2 “**O processo histórico de formação do município de Jundiaí – SP: análise a partir de três eventos – o movimento bandeirante, a ferrovia e o imigrante**” é exposto o processo de formação do município a partir dos três eventos citados, ou seja, o movimento bandeirante, retrata o momento de ocupação; a ferrovia, a fase de transformação e de consolidação dos processos de industrialização e urbanização; e, por fim, a imigração italiana que simboliza o processo de formação das áreas rurais a partir do estabelecimento da pequena propriedade familiar.

Esse capítulo 2 é subdividido em outros dois (2) subitens: no **primeiro**, abordam-se informações populacionais, econômicas (vinculados aos setores agrícola, industrial e de serviços) e da estrutura produtiva agropecuária do município; enquanto que, no **segundo**, é destacada a importância do Polo Turístico Circuito das Frutas para o município de Jundiá que é conhecido como a “terra da uva de mesa”.

No capítulo 3 **“Formação de rotas de turismo rural no município de Jundiá: análise a partir da Rota Turística da Uva”** são abordados os fatores que contribuíram para que ocorresse a formação das Rotas Turísticas do município de Jundiá, principalmente da Rota da Uva. Dentre esses fatores, destaca-se a consolidação de um ambiente institucional favorável ao desenvolvimento da vitivinicultura, deste modo, os produtores de vinho artesanal se viram obrigados a legalizar a sua produção - que antes seguia as tradições e a receitas das famílias - se comprometendo a acatar os critérios de sanidade, legalidade e qualidade estabelecidos pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Após a produção ter sido legalizada, se fez importante o apoio institucional, principalmente, da Prefeitura Municipal para potencializar a atividade turística no município, nesse sentido, que ocorreram as iniciativas para que houvesse a formação das seis (6) Rotas Turísticas, contribuindo por valorizar a cultura e a tradição italiana para a vitivinicultura do município de Jundiá.

Nesse capítulo também são apresentados e analisados dados de fonte secundária sobre o turismo rural no município, bem como, é apresentada e analisada a entrevista realizada com a Diretora Municipal de Turismo, na qual, aborda-se aspectos gerais relacionados a formação e a importância das seis (6) Rotas Turísticas do município e os impactos proporcionados pela pandemia de COVID-19 para o segmento.

Esse capítulo 3 é composto por cinco (5) subitens: no **primeiro**, apresenta-se a Rota Turística da Uva (nosso objeto de análise) e se aborda aspectos como: ano de implantação da rota, os bairros que a compõem, as propriedades e estabelecimentos que fazem parte do roteiro, entre outros aspectos. No **segundo**, são expostas e analisadas informações sobre o perfil das famílias estudadas, destacando elementos como: gênero dos entrevistados; grau de escolaridade; faixa etária; estado civil; aposentadoria; número médio de pessoas que residem na propriedade e o número de pessoas da família envolvidas com o trabalho na agricultura. No **terceiro**, se apresenta o perfil das propriedades rurais pesquisadas, destacando, o tamanho (em hectares) a área cultivada e as principais lavouras, além disso, aborda-se a importância da Rota Turística da Uva para os produtores rurais que fazem parte da rota, tendo como referência o formulário aplicado com produtores selecionados. No **quarto**, são analisados os resultados da pesquisa referente à aplicação de formulário com sete (7) produtores rurais, responsáveis por

cinco (5) restaurantes campestres e pelo Espaço Cultural Museu do Vinho localizados na Rota Turística da Uva, afim de compreender como o turismo rural se constituiu como uma estratégia de reprodução social para as pessoas que vivem nas propriedades rurais. E no **quinto**, é analisada a Fazenda Nossa Senhora da Conceição, que também faz parte do roteiro de turismo rural da Rota Turística da Uva, destacamos a importância do estabelecimento para potencializar a atividade turística no município, bem como para valorizar a história social, política e econômica do Estado de São Paulo.

1. MULTIFUNCIONALIDADE DOS TERRITÓRIOS RURAIS

1.1. A multifuncionalidade da agricultura no contexto europeu e brasileiro: aspectos históricos e conceituais

Nas últimas duas décadas tem sido realizado inúmeros debates internacionais que tem como objetivo buscar soluções para os problemas ocasionados pela Revolução Verde. A Revolução Verde trouxe sérios problemas, não apenas de cunho econômico, mas também, sociais e ambientais e, portanto, proporcionou para que diferentes grupos se mobilizassem ao redor do mundo, por meio de um movimento de conscientização e reconhecimento das ações provocadas por esse modelo produtivista (KLEIN; SOUZA, 2013).

De acordo com Sacco dos Anjos e Caldas (2006), foi somente na primeira metade dos anos 1980, no momento em que, o mercado internacional passou a sofrer com os efeitos negativos dos excedentes de produção provocado pela “máquina” produtiva que se transformou a agricultura dos países de capitalismo avançado, que se voltou a pensar sobre as multifunções da agricultura, responsável, entre outros, pela produção de

[...] externalidades negativas, representadas em última instância pela perigosa posição em que a moderna agricultura se colocou em termos da sustentabilidade dos recursos naturais e da conservação do ambiente, a atividade agrícola, enquanto recorte setorial meramente economicista, com suas contradições e desequilíbrios, entrou em crise promovendo uma modificação radical no cenário político dos países industrializados (SOARES, 2008, p. 43).

Deste modo, devido as sucessivas tensões ocasionadas pela superprodução agrícola, além do estabelecimento de um clima de instabilidade proporcionado pelo mercado agrícola, as condições ecológicas, os problemas causados por uma agricultura de modelo fordista e a pressão que provocavam sobre os recursos naturais se tornaram foco de atenção (SACCO DOS ANJOS; CALDAS, 2006).

Frente a tal conjuntura,

[...] cresceu o número daqueles que passaram a reconhecer que a prática agrícola, na forma como vinha sendo realizada, configurava-se em uma atividade onerosa; incapaz de ocupar a totalidade da força de trabalho rural gerando êxodo e inchaço nas grandes cidades; causando graves impactos ambientais; promovendo uma série de conflitos e distorções no comércio mundial, entre outros efeitos negativos (SACCO DOS ANJOS; CALDAS, 2006, p. 06).

Tal ponto de vista passou a ganhar mais relevância a partir do momento em que, surgiram evidências de uma crise de legitimidade do Estado Moderno no que diz respeito à regulamentação da atividade agropecuária nos países desenvolvidos. Neste contexto, o tradicional papel da agricultura enquanto provedora de alimentos passou a ser repensada (SOARES, 2008).

Em 1985 Comunidade Européia elabora um documento intitulado “Perspectivas para a PAC³”, conhecido também como “Livro Verde”, no qual são introduzidas algumas propostas e elementos inovadores e onde aparece destacado o papel da agricultura na proteção do meio ambiente e a conveniência de concessão de ajudas diretas orientadas à melhoria das rendas dos agricultores, sempre e quando estas não se traduzam em geração de novos excedentes (SACCO DOS ANJOS; CALDAS, 2006, p. 08).

Entretanto, como a adesão dessas medidas não gerou o efeito desejado no quesito de redução considerável no volume da produção agrícola, o desejo por mudanças se tornou ainda mais forte. Deste modo, no período entre 1985 e 1991 foi apresentado um novo ciclo de reformas no contexto europeu (SOARES, 2008).

Surgido em 1988, o importante estudo intitulado “*O Futuro do Mundo Rural*” marca uma guinada decisiva, enquanto marco conceitual, o qual repercutirá decisivamente nos rumos da PAC. O traço essencial repousa na efetiva opção que se faz em favor do “*desenvolvimento do meio rural*” em lugar da reiterada insistência no conteúdo eminentemente agrarista que até então pautava a atuação euro comunitária. Posteriormente, mas neste mesmo ano, aparece o “*Informe da Comissão sobre Agricultura e Meio Ambiente*”, expondo a necessária vinculação existente entre a atividade agrária e a dimensão ambiental. Em última instância, este documento reivindica o sentido da reforma da PAC no caminho da incorporação dos aspectos ecológicos ao debate (SACCO DOS ANJOS; CALDAS, 2006, p. 09).

Iniciou-se então um período caracterizado, principalmente, pela inclusão das

³ Criada em 1962, a Política Agrícola Comum (PAC) é uma parceria entre o setor agrícola e a sociedade e entre os agricultores europeus e a Europa, cujos objetivos são: apoiar os agricultores e melhorar a produtividade do setor agrícola, garantindo um abastecimento estável de alimentos a preços acessíveis; assegurar um nível de vida digno aos agricultores europeus; ajudar na luta contra as alterações climáticas e na gestão sustentável dos recursos naturais; conservar o espaço e as paisagens rurais em toda a EU e dinamizar a economia rural promovendo o emprego na agricultura, nas indústrias agroalimentares e nos setores afins. Disponível em < https://ec.europa.eu/info/food-farming-fisheries/key-policies/common-agricultural-policy/cap-glance_pt > Acesso em: 18/01/2022.

perspectivas espaciais e ambientais na política agrícola. O mencionado estudo “*O Futuro do Mundo Rural*” alertava para os problemas causados pela agricultura executada pela União Européia, bem como, “chamou atenção para o fato de que o espaço rural não pode estar meramente reduzido ao cumprimento de funções produtivas, devendo cumprir um papel decisivo no equilíbrio ecológico, bem como, de suporte às atividades de lazer e recreação” (SOARES, 2008, p. 44).

Na prática, os países desenvolvidos alcançaram um patamar no qual,

[...] os avanços tecnológicos no campo da agricultura ultrapassam sua própria capacidade de consumo e absorção de alimentos e matérias-primas. Frente a este quadro, o essencial é que o espaço rural passa a perder paulatinamente o protagonismo como item de produção agrícola em detrimento de outros papéis ou funções, como as funções paisagísticas, turísticas e ecológicas, que devem ser objeto de constante valorização por parte de uma sociedade moderna e plural (SACCO DOS ANJOS; CALDAS, 2006, p. 09).

Neste contexto, os problemas proporcionados pelo modelo produtivista no desenvolvimento da agricultura fez com que surgisse uma proposta alternativa, que ficou conhecida como multifuncionalidade da agricultura, “um neologismo que é rapidamente incorporado ao jargão acadêmico e político internacional” (SACCO DOS ANJOS; CALDAS, 2006, p. 09). Para Soares (2008), a mudança de discurso em favor da modernização agrícola para o da multifuncionalidade da agricultura é um momento decisivo, não apenas enquanto padrão de desenvolvimento, mas sim, como objeto de investigação social.

Ainda que a noção de multifuncionalidade da agricultura esteja em elaboração e promova debates e divergências, ela refere-se,

[...] de modo geral, ao reconhecimento de que à agricultura, e aos agricultores cabe, além da produção agropecuária, a garantia da qualidade dos alimentos, a manutenção do potencial produtivo do solo, a conservação das características paisagísticas das regiões, a proteção ambiental no meio rural, a manutenção de um tecido econômico e social rural, a conservação do capital cultural e a diversificação das atividades rurais (FROEHLICH, 2002, p. 61).

Para Wanderley (2003), o conceito de multifuncionalidade da agricultura foi elaborado de modo oficial por conta das circunstâncias da agricultura e do meio rural da União Européia, especialmente do caso francês, em que, o processo de modernização da agricultura proporcionou a segurança alimentar interna e uma posição benéfica no mercado internacional. No entanto,

[...] este mesmo modelo, provocou efeitos nefastos aos níveis econômicos (a superprodução), social, (a redução dos efetivos agrícolas necessários à consecução das metas produtivas e a expansão de espaços socialmente vazios ou esvaziados) e ambiental (profundo desgaste dos recursos naturais). A necessidade de repensar os processos de modernização, num momento em que as pressões internacionais exigiam a eliminação dos subsídios vinculados aos preços e as quantidades dos produtos, até então praticados, repercutiu em um campo social particularmente fértil (WANDERLEY, 2003, p. 12).

Porém, os debates sobre a multifuncionalidade da agricultura tiveram início de maneira oficial em 1992, na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, também conhecida como a RIO-92⁴ que ocorreu no Rio de Janeiro. A partir desse evento que as lideranças internacionais, de diversos países, concordaram com o caráter multifuncional da agricultura, principalmente sobre a segurança alimentar e ao desenvolvimento sustentável (KLEIN; SOUZA, 2013).

Nesse sentido, no ano de 1998, a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico - OCDE, reconheceu a agricultura como portadora de outras funções além da produção de alimentos, tais como realçar a paisagem; gerar vários benefícios para o ambiente, entre eles, destacam-se a preservação dos solos, o uso sustentável dos recursos renováveis e a própria conservação da biodiversidade; favorecendo também a viabilidade socioeconômica dos espaços rurais (SOARES, 2001).

Para Losch (2004), essa multifuncionalidade encontra-se situada no cruzamento de quatro principais linhas de discussões: “1) os problemas herdados do modelo produtivista; 2) a uma crescente consciência ambiental; 3) as demandas de segurança alimentar; e 4) o movimento em direção à liberalização econômica no nível internacional ressalta a escala de medidas de proteção dos países industrializados” (KLEIN; SOUZA, 2013, p. 194).

A França é pioneira ao buscar a inserção dos princípios da multifuncionalidade da agricultura

[...] no âmbito das políticas agrícolas focalizadas pelo Estado, o governo francês, de posição esquerdista na época, passa a incorporar formalmente a noção de multifuncionalidade da agricultura na sua Lei de Orientação Agrícola (LOA), votada e promulgada no ano de 1999, estabelecendo assim os Contratos Territoriais de Estabelecimento (CTE)⁵. Tais contratos

⁴ Declaração do Rio de Janeiro sobre o Desenvolvimento Sustentável denominada Conferência das Nações Unidas sobre o meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável ocorrida de 03 a 14 de junho de 1992. Também conhecida como Eco-92 (SOARES, 2008, p. 45).

⁵ Nos CTEs, após um “autodiagnóstico” do estabelecimento pelo agricultor, as ações a serem implementadas na propriedade eram escolhidas a partir de um conjunto de ações pré-estabelecidas nos âmbitos local, regional e até nacional. Em seguida, eram examinadas por um grupo de técnicos quanto a sua viabilidade. O contrato tinha

compreendem um conjunto de compromissos consolidados entre uma pessoa física ou jurídica que esteja exercendo uma atividade agrícola, com a autoridade administrativa. Os primeiros CTE foram firmados ainda no final de 1999, e os últimos, no ano de 2002 (CANDIOTO, 2009, p. 6).

Assim, através dos Contratos Territoriais de Estabelecimento (CTE), é possível realizar uma “comunicação” entre os agricultores franceses e o Estado, com o objetivo de afirmar a importância no desenvolvimento da agricultura, atendendo reivindicações que, até então, não eram atendidas pelo governo. O que teve como resultado “[...] foi a construção de um campo que, alicerçado por alguns conceitos de profundo rigor teórico como o referente à multifuncionalidade da agricultura, favoreceu a adoção de políticas originais e inovadoras” (WANDERLEY, 2003, p. 13).

A partir dessa Lei de Orientação Agrícola (LOA),

[...] a agricultura, para além do seu papel meramente econômico, leva em conta uma realidade complexa, assegurando outros elementos importantes que configuram nesse cenário, como a função social, decorrente da criação e manutenção de empregos e da promoção de uma ocupação equilibrada do território e, a função ambiental, procedente da preservação e renovação dos recursos naturais e paisagísticos (ROUX; FOURNEL, 2003, p. 173).

O que ocorreu na França deixa claro a importância da vontade política para implantar um projeto que vise os princípios fundamentais da ideia de sustentabilidade. Porém, no processo de instauração dos CTEs, ocorreu sérios problemas relacionados a utilização imprópria dos recursos, decisões que foram tomadas de maneira acelerada e errada devido à ausência de um melhor preparo dos agricultores e o repasse de recursos para agricultores considerados oportunistas (CANDIOTTO, 2009).

Para alguns teóricos (Abramovay, 2002; Soares, 2001), no entanto, o posicionamento da União Europeia, ou seja, reconhecendo e sendo favorável a multifuncionalidade da agricultura é considerada uma estratégia protecionista, com o objetivo de assegurar a continuidade dos subsídios agrícolas, sem se incomodar com os impactos proporcionados por essa política no contexto internacional (KLEIN; SOUZA, 2013).

Sobre isso, Candiotto (2009) expõe que:

O debate sobre multifuncionalidade da agricultura ganhou notoriedade nas negociações da Organização Mundial do Comércio em 1999, contudo não houve consenso entre os países membros, pois enquanto os países

duração de 5 anos, e consistia em compensações financeiras para os agricultores interessados em estabelecer práticas que atendessem às múltiplas funções da agricultura (CANDIOTTO, 2009, p. 6).

exportadores de *commodities*, como Brasil e Argentina, buscavam a liberalização do comércio agrícola e remoção de barreiras comerciais; a Comunidade Europeia lançou mão da multifuncionalidade para argumentar sobre a manutenção dos subsídios agrícolas a seus agricultores (CANDIOTTO, 2009, p. 7).

Outra crítica que tem proporcionado debates no contexto internacional, diz respeito à diferentes abordagens conceituais associadas à multifuncionalidade da agricultura, não existindo, deste modo, um conceito generalizado que tenha uma perspectiva única da multifuncionalidade.

A própria Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico - OECD (2001) evidencia essa imprecisão ao definir em seu quadro analítico duas abordagens possíveis para a multifuncionalidade: a **abordagem positiva**, que considera a multifuncionalidade como uma característica intrínseca à atividade econômica produtiva; e a **abordagem normativa**, que visualiza a multifuncionalidade a partir das múltiplas atividades que existem em torno da agricultura, sendo que certas funções podem estar sendo incentivadas por políticas públicas específicas [...] Existe ainda a polêmica que gira em torno do uso dos termos multifuncionalidade e agricultura. A primeira dificuldade provém do viés funcionalista presente na ideia de múltiplas funções da agricultura que, de certa forma, pode ser explicado pelo intuito de se garantir o reconhecimento social e a concessão de recursos monetários às contribuições, isto é, às funções, não exclusivamente produtiva da agricultura. A segunda dificuldade com os termos empregados refere-se à utilização da expressão agricultura, que é ampliada até o ponto de englobar uma série de elementos de caráter econômico, social, cultural e ambiental que configuram o mundo rural (KLEIN; SOUZA, 2013, p. 195, grifos nossos).

Entretanto, apesar das polêmicas, a multifuncionalidade da agricultura pode ser considerada uma interessante e importante estratégia para o desenvolvimento rural, tendo em vista que, possibilita entender a complexidade do mundo rural e as suas distintas dinâmicas sociais e culturais que estão ali presentes, contribuindo, também, para o reconhecimento das novas funções e atividades que têm surgido (KLEIN; SOUZA, 2013).

No contexto brasileiro, o debate sobre a multifuncionalidade da agricultura ainda é muito recente e vem se difundido conforme a temática vai ganhando relevância internacional. Conectado ao processo de transformação que se desenrola em nível mundial, “o Brasil assume o compromisso de promover um desenvolvimento sustentável, e nesta empreitada enfrenta o desafio de conciliar o crescimento da produção agrícola com a preservação ambiental e o compromisso público com a sustentabilidade” (SOARES, 2008, p. 49-50).

Desde que foi realizada a Rio-92, o conceito de multifuncionalidade da agricultura passou a ganhar destaque nacionalmente no sentido do reconhecimento “popular” das funções

sociais, ambientais, econômicas ou culturais que a agricultura pode assumir (SOARES, 2008).

Entretanto, é preciso considerar que, no Brasil, a pluralidade de situações que podem ser percebidas no meio rural faz com que as múltiplas funções “não sejam análogas ao conjunto da agricultura, em muitos casos, os serviços prestados pelos diferentes setores agrícolas à sociedade podem ser classificados como antagônicos, o que representa um complicador para a validação prática da multifuncionalidade da agricultura no caso brasileiro” (SOARES, 2001, p. 45).

De acordo com Wanderley (2003), ao contrário da França, em que a

[...] apreciação das funções não diretamente mercantis da agricultura encontra eco em uma visão particular da sociedade daquele país acerca da agricultura e do meio rural, no Brasil a sociedade brasileira, por diversas razões históricas, é até hoje pouco sensível a algumas dimensões imateriais da atividade agrícola. Assim, por exemplo o rápido e intenso processo de esvaziamento populacional dos espaços rurais, provocado pelo avanço das grandes culturas, como a cana-de-açúcar e a soja, tem merecido muito pouca atenção, obscurecido que foi pelo impacto da extensão das plantações e do aumento vertiginoso das toneladas produzidas. Da mesma forma, tende-se a desconhecer ou mesmo a qualificar como descaracterizadoras da condição de agricultor as estratégias produtivas que incluem o autoconsumo, em muitos casos como uma atividade central dos estabelecimentos agrícolas mais fragilizados (WANDERLEY, 2003, p. 14-15).

No contexto de desenvolvimento brasileiro, quando este não é apontado como um setor atrasado e subdesenvolvido, é concedida à agricultura a função exclusivamente da produção de alimentos para os mercados urbanos em expansão e fonte de divisas internacionais para contrabalançar os desequilíbrios proporcionados pelos esforços que pretendiam consolidar a base industrial nacional (SOARES, 2008).

Assim, pode-se destacar que, para a maior parte da sociedade e, principalmente para o Estado, há uma espécie de contradição frente as ideias contemporâneas, pois, ainda predomina a concepção tradicional dos papéis que a agricultura desempenha. Logo, “a percepção sobre o papel do rural no Brasil ainda carrega a histórica valorização da agroexportação, o que pode ser facilmente verificado pelo destaque na mídia dado as supersafras de grãos e aos grandes produtores considerados reis da soja, da laranja ou do gado” (ALTAFIN, 2005, p. 13).

A experiência européia confirma que a

[...] tensão econômica provocada pela agricultura de caráter mercadológico restabeleceu aos territórios locais o caráter de regulação promovendo a regulamentação das mudanças através da legislação e de acordos entre os diferentes atores sociais. Para Maluf (2003), o Brasil vem trilhando este mesmo caminho, especialmente no que tange as proposições relativas às políticas de desenvolvimento rural (SOARES, 2008, p. 51).

Contudo, no Brasil, os elevados números de pobreza rural, além de elementos como o acesso a terra e o nível de renda obtida com a prática da atividade agrícola, são fatores que dificultam associar a temática da multifuncionalidade da agricultura como finalidade, obrigatória no Brasil, da erradicação da pobreza, de geração de renda e de acesso à terra. Gerar condições para que a população se mantenha nas áreas rurais, retrata, por si só, o desenvolvimento de uma função com significativa repercussão social (MALUF, 2003).

A desigualdade social existente no mundo rural brasileiro origina-se,

[...] entre outros, de restrições ao acesso a terra, que se refletem no acesso aos recursos produtivos em geral e no padrão de uso dos recursos naturais. Todavia, as políticas voltadas para questões como a regularização fundiária, a reforma agrária, as leis de arrendamento e os procedimentos sucessórios podem ser pensadas com o intuito de explorar suas contribuições para o desenvolvimento de uma agricultura multifuncional. O redesenho dos respectivos instrumentos de apoio e de intervenção define uma estratégia de desenvolvimento cujo êxito estará intrinsecamente ligado às capacidades inovadoras desencadeadas por esse processo (MALUF, 2003, p. 150).

Neste sentido, a valorização da agricultura multifuncional é vista de maneira mais destacada na Europa e, ainda de forma incipiente, no Brasil. A multifuncionalidade ganha cada vez mais visibilidade em âmbito acadêmico e em campos exclusivos das esferas públicas, em que se unem elementos positivos, como por exemplo, o avanço das políticas nacionais em torno da agricultura familiar, apesar de tais componentes ainda continuarem secundários na política brasileira (FROEHLICH, 2002).

Neste contexto, ações com enfoque multifuncional têm proporcionado o aumento significativo em ocupações de trabalho rural não-agrícola. Para Graziano da Silva (1999), o rural brasileiro, o qual define por “Novo Rural⁶”.

[...] está criando um outro tipo de riqueza, além dos produtos agrícolas, baseada em bens e serviços não-tangíveis e não suscetíveis de “desenraizamento”. O espaço rural no país, ganhou novas funções e novos tipos de ocupação como lazer, turismo, moradia, conservação ambiental, atividades de serviços diversas, etc. O crescimento das atividades não-agrícolas, nas áreas ditas rurais, parece ser uma tendência das mais

⁶ Para o exame dos elementos que têm sido levantados na investigação do chamado “Novo Rural” brasileiro, destaca-se a conclusão deste autor de que o meio rural no Brasil não pode mais ser caracterizado como agrícola. Seus números indicam que, enquanto a População Economicamente Ativa (PEA) agrícola diminuiu, a PEA rural aumentou nos últimos anos, e isto teria acontecido em razão de um conjunto de atividades não-agrícolas - tais como prestação de serviços (pessoais, de lazer ou auxiliares das atividades econômicas), o comércio e a indústria - que vem respondendo cada vez mais pela nova dinâmica populacional do meio rural brasileiro (GRAZIANO DA SILVA, 1999).

importantes, tanto nos países desenvolvidos, como é o caso dos Estados Unidos da América, como na América Latina, de modo geral e, no Brasil, em particular (GRAZIANO DA SILVA, 1999, p. 72).

De acordo com Soares (2008), pensando nesse mesmo ponto de vista destacado por Graziano da Silva (1999), as discussões em relação à multifuncionalidade da agricultura tem como objetivo, entre outros, reinterpretação das funções de estabelecimentos rurais em uma sociedade que está mais zelosa e empenhada quando o assunto é a conservação do meio ambiente, as especificidades da paisagem rural e a própria qualidade dos alimentos. Deve-se destacar até mesmo a função social dos produtores rurais, não valorizando apenas seus aspectos produtivos, mas sim, a função que desenvolvem no sentido de preservação da natureza e da paisagem rural.

Portanto, a multifuncionalidade da agricultura reconhece que os estabelecimentos agropecuários e os produtores rurais que neles residem, definam suas estratégias realizando funções que não são apenas de cunho produtivo e mercantil, mas sim, realizem uma articulação entre a agricultura e o desenvolvimento local. A multifuncionalidade institui uma ligação entre a atividade agrícola e o território, destacando seu papel na manutenção do emprego nas áreas rurais (MALUF, 2003).

Com o mesmo enfoque adotado na Europa, Carneiro e Maluf (2003) acreditam que,

A noção de multifuncionalidade rompe com o enfoque setorial e amplia o campo das funções sociais atribuídas à agricultura que deixa de ser entendida apenas como produtora de bens agrícolas. Ela se torna responsável pela conservação dos recursos naturais (água, solos, biodiversidade e outros), do patrimônio natural (paisagens) e pela qualidade dos alimentos (CARNEIRO; MALUF, 2003, p. 19).

Nestes termos, Wanderley (2003, p. 14) prevê que a legitimação da multifuncionalidade da agricultura no Brasil poderá contribuir para “emergir a consciência de que os agricultores assumem responsabilidades sociais que deveriam merecer o reconhecimento da sociedade brasileira, contemplando estas funções e bens públicos através de políticas públicas específicas articuladas aos projetos de desenvolvimento local/territorial”.

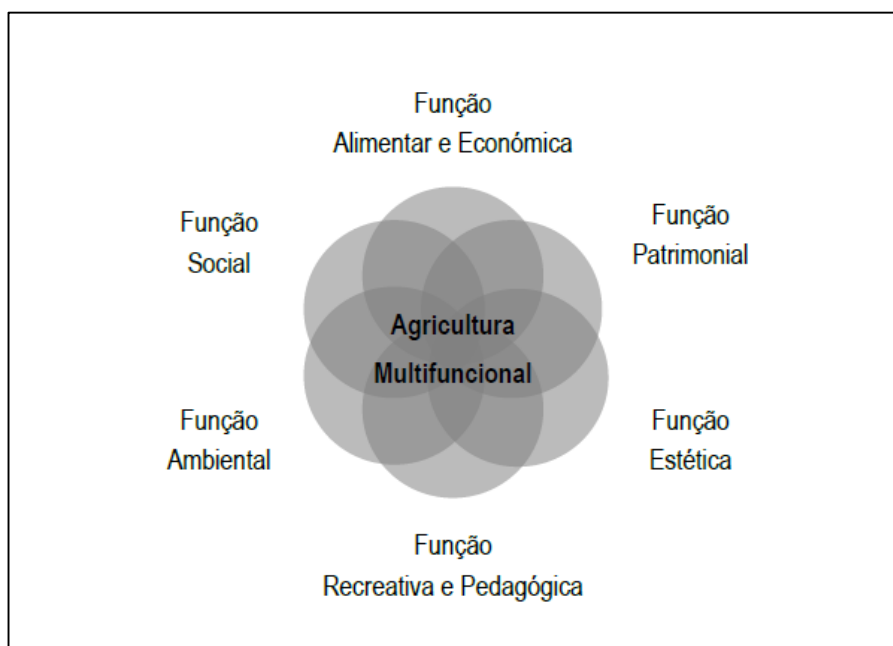
Neste sentido, a definição de multifuncionalidade da agricultura apresenta-se como:

[...] o conjunto de contribuições a um desenvolvimento econômico e social considerado em sua unidade que, para além da produção de alimentos, pautando-se em funções claramente inter-relacionadas, responsabiliza-se pela segurança alimentar; manutenção do território; proteção ambiental; manutenção do tecido econômico e social rural, diversificação das atividades que podem passar a incluir práticas como o agroturismo, o turismo rural,

mostras gastronômicas, etc (SOARES, 2008, p. 54).

A Figura 1 desmonstra, de forma esquemática, as funções elementares que definem a agricultura multifuncional.

Figura 1. Representação esquemática da Multifuncionalidade da Agricultura



Fonte: Thiron *et al.*, (2003, p. 32) *apud* Leite, (2010, p. 18).

O Quadro 1 detalha as cinco (5) funções expostas na Figura 1 sobre a multifuncionalidade da agricultura.

Ao analisarmos o Quadro 1 fica evidente como o rural se tornou um território multifuncional, no qual se interrelacionam diferentes funções, ou seja, abre-se uma série de novas possibilidades que tem como propósito superar os desequilíbrios sociais, econômicos e ambientais vivenciados no período contemporâneo, além da efetiva atuação e desenvolvimento humano no meio rural.

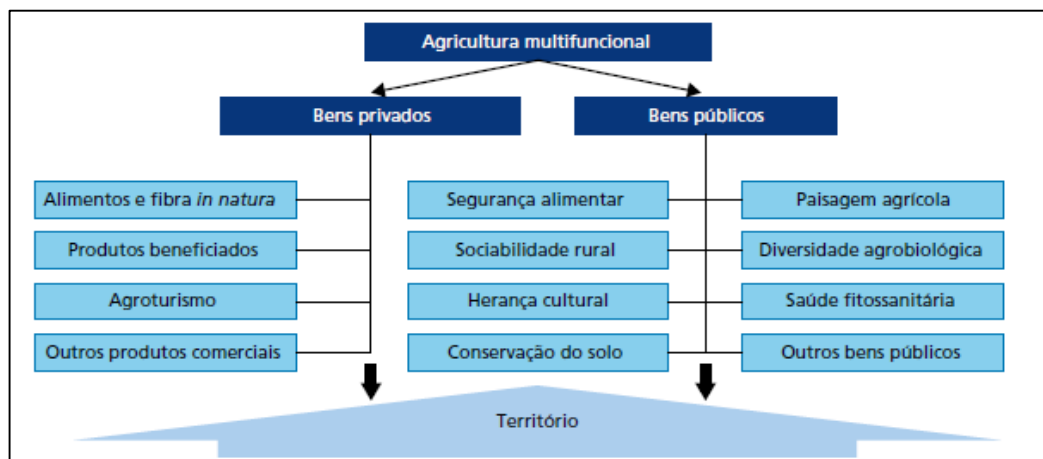
Quadro 1. As multifunções da agricultura e suas atribuições específicas

FUNÇÕES DA AGRICULTURA	ATRIBUIÇÕES ESPECÍFICAS
<u>Função Alimentar e Econômica</u>	✚ Garantir a autosuficiência alimentar nos mercados de consumo local; ✚ Atrair novos investimentos e ativos; ✚ Assegurar vias de acesso aos mercados: valorizar as vias de acesso existentes e/ou criar outras; ✚ Criar/adaptar infraestruturas necessárias às atividades econômicas.
<u>Função Social</u>	✚ Gerar empregos e distribuir renda; ✚ Frear o êxodo da população rural em direção as zonas urbanas; ✚ Inclusão social e qualificação profissional; ✚ Melhoria de qualidade de vida no meio rural; ✚ Reforçar a coesão social fazendo do espaço rural um local de convivência e de cidadania; ✚ Valorização do estilo da vida rural.
<u>Função Patrimonial</u>	✚ Manutenção, reprodução e diversificação de numerosas espécies vegetais e animais; ✚ Promover os valores do patrimônio e da história local; ✚ Promover e fortalecer as manifestações artísticas, os saberes antigos, incluindo-se aí os modos de vida, as relações humanas e de produção, os vestígios arqueológicos, vestígios de campos ou florestas anteriores, os contos e cantos, os hábitos, usos e costumes.
<u>Função Recreativa e Estética</u>	✚ Responder a diversas necessidades da sociedade urbana: locais de descanso e de lazer, atividades desportivas e de melhoria das condições físicas, etc; ✚ Construir locais de frequência e espaços de lazer, dando destaque os valores do patrimônio; ✚ Preservação dos aspectos visuais da paisagem original; ✚ Manutenção e diversificação das paisagens elemento importante para a valorização do espaço rural e que serve de base para o desenvolvimento de outras atividades, como o turismo.
<u>Função Terapêutica e Pedagógica</u>	✚ Utilização na educação especial destinada às crianças e adultos portadores de deficiências físicas e mentais; ✚ Espaço de educação e de descoberta; ✚ Interrelacionamento entre as pessoas do meio rural e urbano e com o próprio espaço é permeado de descoberta para ambos;
<u>Função Ambiental</u>	✚ Garantir uma produção agrícola de qualidade e respeitadora do meio ambiente; ✚ Valorizar os recursos locais assegurando a sua regeneração: água, madeira, etc; ✚ Preservar a biodiversidade; ✚ Conservar e valorizar as especificidades naturais e paisagísticas; ✚ Assegurar uma sintonia entre a produção agrícola e o meio natural: relevo, natureza dos solos, recursos hídricos, etc.

Fonte: Grupo de Trabalho Inovação do Observatório Europeu LEADER (2000) *apud* Soares (2008, p. 55-56).

Na Figura 2 é possível observar um conjunto dessas funções apresentadas no Quadro 1 classificadas como “bens privados e públicos”.

Figura 2. Esquema analítico da multifuncionalidade agrícola



Fonte: Silva, 2016, p. 252.

Ao analisarmos a Figura 2 fica evidente que a multifuncionalidade possui uma diversidade de produtos que a atividade agrícola é capaz de oferecer à sociedade. Observa-se também que a atividade produz bens alimentares e bens não alimentares (ex: energia); bens primários e bens transformados; bem estar material e bem estar imaterial (ex: conservação do solo, biodiversidade, etc); bens públicos (ex: paisagem, cultura, ambiente) e bens privados (bens alimentares); bens comercializáveis e bens não comercializáveis (SOARES, 2008).

Segundo Ploeg (2006), o melhor entendimento dessas oportunidades produtivas pode orientar o surgimento de estratégias de apoio e investimentos no âmbito público e privado, sobretudo em relação à:

1) produção de novos produtos e serviços, com a criação simultânea de novos circuitos mercantis; 2) mudança em direção a uma agricultura mais econômica e autônoma em relação ao mercado de insumos; 3) reconexão da agricultura com a natureza, com a adoção de práticas produtivas de maior apego ambiental; 4) novas formas de cooperação e associativismo local; 5) reintrodução da artesanidade para a produção de artesanatos e produtos agroindustriais com identidade territorial; e 6) possibilidades de inserção em atividades não agrícolas, ou pluriatividade (PLOEG, 2006, p. 26).

De acordo com Wanderley (2003), é sobre esse contexto que a noção de multifuncionalidade da agricultura passou a ganhar destaque nos debates recentes sobre o desenvolvimento territorial no país. Segundo a autora:

[...] mais do que focalizar a atividade agrícola, entendida apenas como um setor econômico, o que se privilegia é a própria família de agricultores, em suas complexas relações com a natureza e a sociedade que moldam as formas particulares de produção e de sua vida social. Ou seja, embora a multifuncionalidade não seja uma característica específica da agricultura, ela é particularmente expressiva pela importância considerável entre a produção agrícola, a sociedade e o meio ambiente (WANDERLEY, 2003, p. 12).

Nesse sentido, a junção de multifuncionalidade, agricultura e território acarreta “a presença simultânea das dimensões mercantil e não mercantil, que se expressam mediante a diversidade de formas de intercâmbio e reciprocidade em torno dos produtos agropecuários, de acesso aos recursos naturais (terra, água) e das relações sociais de trabalho e vizinhança” (FAVARETO, *et. al.*, 2007 *apud* SILVA, 2016, p. 251).

Deste modo, a ênfase da multifuncionalidade transcende a visão setorial da atividade agrícola como apenas sendo:

[...] provedora de bens privados, uma vez que valoriza a família dos próprios agricultores como portadores de vivências e experiências nos lugares em que estão territorializados. O papel da agricultura passa a ser ressignificado, pois, a noção de multifuncionalidade focaliza outros elementos atribuídos ao rural e ao agrícola, buscando, assim, dar visibilidade às particularidades existentes no espaço rural. Dentro dessa linha de raciocínio, vale assinalar que a multifuncionalidade é definida como um conceito holístico, tratando das contribuições específicas da agricultura para a sustentabilidade do desenvolvimento (por exemplo, devido ao papel das cadeias de produtos alimentares, as capacidades de resposta às novas demandas da sociedade, a sua habilidade para promover competitividade econômica ou a sua importância para conservar a população rural em áreas marginalizadas (PRIEBBERNOW, 2019, p. 70-71).

Deste modo, fazendo uma síntese geral do que foi exposto até aqui, é evidente que a noção de multifuncionalidade da agricultura propõe a associação das distintas demandas e preocupações sobre o mundo rural e aos grupos familiares que o constituem, ou seja, numa espécie de uma nova lógica que tem como objetivo substituir o paradigma que esteve ligado a modernização da agricultura (CARNEIRO; MALUF, 2003).

No próximo subitem é abordado uma outra perspectiva para a multifuncionalidade, ou seja, a multifuncionalidade da paisagem, enfocando também as diferenças desta em relação à multifuncionalidade da agricultura.

1.2. A noção de multifuncionalidade da paisagem e as diferenças em relação à multifuncionalidade da agricultura

A noção de paisagem rural está relacionada a uma construção social, ou seja, é condicionada pelas condições naturais, porém, constantemente é modificada pela ação humana: a agricultura, a silvicultura, a urbanização, etc. Entretanto, o método agrícola tradicional ainda é um dos principais responsáveis pela transformação da paisagem rural (GALVÃO; VARETA, 2010).

A “multifuncionalidade da paisagem rural” é uma expressão composta por três palavras. Destaca-se que “a primeira e a terceira estão carregadas de expressividade e dão conotação à segunda, que por sua vez se constitui em uma categoria de análise geográfica. Neste sentido, parte-se da concepção de que a paisagem tem caráter integrador dos elementos que compõe o espaço geográfico” (DAMBRÓS, 2016, p. 41).

Para Rodriguez (2007, p. 8), a paisagem deve ser analisada de forma dialética, isto é, “aceitar sua existência e sua organização sistêmica como uma realidade objetiva [...], que se apresenta como um fenômeno integrado, não podendo entendê-la nem tratá-la de forma fragmentada”.

Para alguns autores como Pinto-Correia *et al.*, (2007), Bertrand e Bertrand (2009), Castro e Lopes (2009), Guiomar (2008) e Cristóvão (2012), a paisagem associa um grupo de componentes que se interrelacionam no tempo e no espaço, contribuindo no estabelecimento da organização e na estruturação espacial. A materialização destes componentes (visíveis e invisíveis) e a “construção histórica natural e cultural que dá sentido aquilo que denominamos de paisagem, e, portanto, constitui o território. Neste sentido, estudos da paisagem, estão cada vez mais presentes e são importantes para o desenvolvimento e ordenamento territorial integrado” (DAMBRÓS, 2016, p. 43).

De acordo com Pinto-Correia *et al.*, (2007) foi também a partir da década de 1990, inicialmente na Europa, que se passou a dar maior importância ao caráter multifuncional da paisagem. Este interesse está relacionado à transição na compreensão do rural, ou seja, da passagem de um modelo produtivista ao pós-produtivista, e a crescente procura social pela paisagem rural.

A dinâmica da paisagem rural continua relacionada ao setor agrícola e florestal, no entanto, com a perda de importância econômica da agricultura, a procura social de funções diversas suportadas pela paisagem rural têm vindo constantemente a crescer e, o espaço que anteriormente era essencialmente de produção tem vindo a transformar-se em espaço de consumo. Mesmo que o

uso do solo continue agrícola, em algumas situações, a agricultura é cada vez mais apenas uma das atividades do mundo rural, e as próprias famílias agrícolas dependem cada vez menos do rendimento direto da agricultura. A estas mudanças surge também a necessidade de encontrar novos usos e funções da paisagem rural. Utilizar o conceito de multifuncionalidade do ponto de vista analítico significa avaliar que funções são suportadas por uma determinada paisagem, num determinado tempo, e de que forma essas funções se potenciam mutuamente ou estão em conflito (PINTO-CORREIA *et al.*, 2007, p. 03).

Essa perspectiva da multifuncionalidade das paisagens está muito presente no município de Jundiaí, especialmente nos bairros rurais pesquisados da Rota Turística da Uva. Antigamente, o espaço rural desses bairros tinha como característica paisagística principal a produção agrícola, principalmente através do cultivo da uva niágara, ou seja, a principal fonte de renda das famílias que viviam no campo provinha das atividades voltadas para a agricultura.

Entretanto, ao analisar as propriedades rurais atualmente, percebe-se que o significado mudou, a agricultura se tornou uma atividade secundária para muitas famílias, novas funções de cunho não-agrícola foram incrementadas nas propriedades rurais, como adegas, restaurantes rurais, museu, etc, - e, em um caso particular, transformando uma propriedade rural em um complexo turístico - ou seja, passou-se a investir em atividades voltadas para o turismo rural que tem se tornado – na grande maioria das propriedades rurais - na principal fonte de renda das famílias (conforme iremos ver adiante).

Definir a noção de multifuncionalidade como sendo uma característica do espaço rural, torna-o muito mais abrangente e interessante do que relacioná-lo apenas com o setor agrícola, afinal, em boa parte, baseia-se na reinterpretação da agricultura para o conjunto da paisagem e no desenvolvimento rural (LEITE, 2010).

Por outro lado, demonstra também a “compreensão da mudança econômica que o rural passa a ter. Hoje, já não é a agricultura o setor que suporta a economia rural, mas antes, todas as atividades da economia rural forneceram as bases que suportaram a agricultura” (PINTO-CORREIA *et al.*, 2007, p. 02). Atualmente, o espaço rural possui, em algumas localidades, como característica principal, as diferentes funções que correspondem às expectativas da sociedade (BAPTISTA, 2007-2008).

A multifuncionalidade da paisagem rural depende muito diretamente das

[...] marcas que o homem ao longo dos séculos foi deixando, visíveis nas práticas do uso do solo, nas formas culturais específicas de cada região ou nos engenhos construídos e adaptados a cada função particular. As relações funcionais do passado especificam uma história, são um registo do tempo e são estes que chegam até os dias atuais, mas, ao mesmo tempo diluem-se numa

nova realidade. As paisagens atuais deixam de ser relevantes unicamente para a comunidade que dela vive, mas passam a ser também para todos que a utilizam ou que com ela se relacionam, até mesmo para aqueles que o fazem através dos novos modelos de globalização, sem até ela se deslocarem, ao consumirem produtos típicos regionais (LEITE, 2010, p. 08-09).

É justamente essa multifuncionalidade da paisagem que se almeja no futuro, ou seja, que assuma diversas funções e atenda a vários tipos de utilizadores. Dentre esses destacam-se alguns: os produtores rurais que cultivam em suas terras; os turistas; aqueles que buscam estar em contato com a natureza ou visitantes que procuram outro tipo de lazer; os novos habitantes que procuram uma qualidade de vida que não é possível encontrar nas cidades; os que já lá viveram e retornam a este meio; e aqueles que desenvolveram uma atividade econômica relacionada com a paisagem (LEITE, 2010).

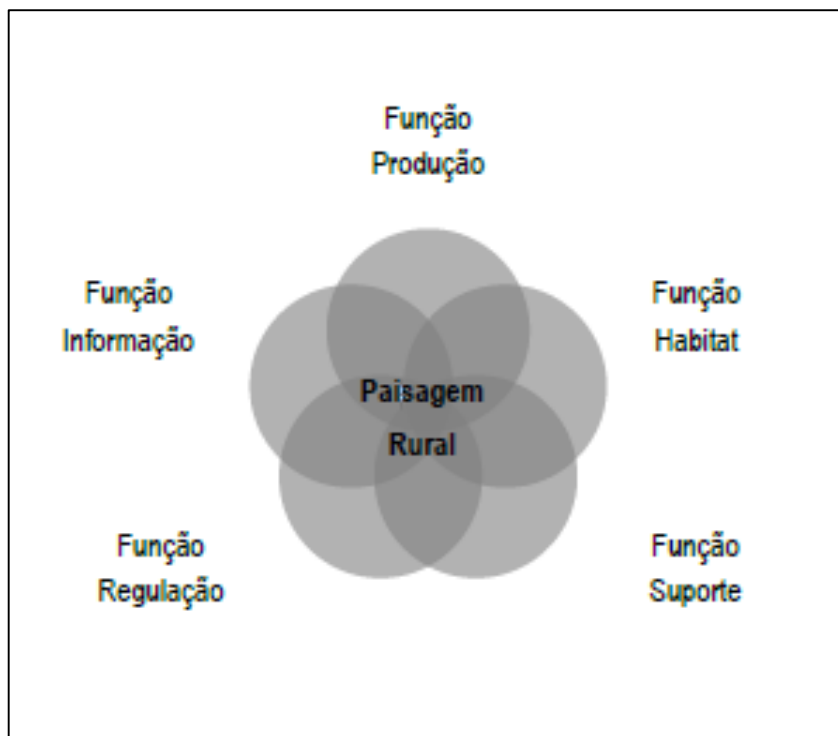
Esses elementos estão muito presentes nas propriedades rurais pesquisadas na Rota Turística da Uva no município de Jundiá, pois muitos visitantes vão até as propriedades em busca de contato com a natureza e com a paisagem rural (através principalmente dos vinhedos que podem ser visitados), ou seja, de momentos de lazer distante das conturbações da cidade, assim, acabam optando por passar o dia na propriedade com a família ou amigos, almoçando no local – quando se tem restaurante –, além de consumir produtos de origem artesanal, como vinhos, queijos, doces, etc.

A paisagem rural possui também as funções de

[...] conservação, qualidade dos recursos naturais, equilíbrio ecológico, recreio e lazer e preservação da identidade cultural. A Convenção Europeia da Paisagem, salienta que esta constitui o pano de fundo da qualidade da vida das populações, pois reflete a diversidade da sua herança cultural, ecológica e socioeconómica, fundamentos da identidade local e regional. Como tal, o papel predominante da paisagem na identidade e bem-estar das populações tem de ser respeitado nas medidas para a sua gestão (PINTO-CORREIA, 2007, p. 05).

Dessa forma, de acordo com De Groot (2006) *apud* Leite (2010), as funções da paisagem rural podem ser classificadas em cinco (5), conforme sistematizado na Figura 3.

Figura 3. Representação esquemática da Multifuncionalidade da Paisagem Rural



Fonte: De Groot (2006) *apud*, Leite, (2010, p. 9).

O Quadro 2 detalha as cinco (5) funções expostas na Figura 3 sobre a multifuncionalidade da paisagem rural.

Ao analisar o Quadro 2 percebe-se que as funções da paisagem rural estão diretamente associadas aos bens e serviços suportados por uma paisagem e buscam atender às necessidades, procuras e expectativas do homem, sendo desta maneira, valorizadas pela sociedade (GALVÃO; VARETA, 2010).

Quadro 2. As multifunções da paisagem rural e suas atribuições específicas

FUNÇÕES DA PAISAGEM RURAL	ATRIBUIÇÕES ESPECÍFICAS
<u>Função Regulação</u>	Este grupo refere-se à manutenção dos processos ecológicos essenciais e dos sistemas de suporte à vida, ou seja, à capacidade que os sistemas da paisagem têm de regular todos os seus processos e ciclos geoquímicos (ciclo do carbono, do azoto, da água, por exemplo). Desta forma o sistema regenera e recupera de danos sofridos, mantendo e permitindo a vida na Terra, estabelecendo pré-condições para as outras funções. Estas funções dizem respeito à regulação climática dos recursos hídricos e à conservação do solo
<u>Função Suporte</u>	Grande parte das atividades humanas requerem espaço e um substrato com alguma qualidade que lhes suportem as infraestruturas associadas. Assim, estas funções de suporte envolvem muitas vezes uma transformação permanente nas paisagens. Mas, para que o sistema evolua e se regenere, o uso destas funções terá de se realizar dentro dos limites naturais de cada sistema, implicando este facto um uso não desmesurado ou que vá além das suas capacidades de carga. Isto diz respeito em termos de ordenamento do território à disposição das infraestruturas, como a habitação, a indústria, os acessos e o turismo.
<u>Função de Habitat</u>	Os ecossistemas existentes na paisagem constituem os habitats para a flora e fauna e promovem refúgio para esta última, contribuindo desta forma para a conservação da diversidade biológica e genética. Como o próprio termo indica, as funções de habitat dizem respeito às condições espaciais necessárias que suportam a biodiversidade e os processos evolutivos, específicas de cada ecossistema.
<u>Função de Produção</u>	As paisagens são fonte de recursos para as ações diretas de produção do homem, quer se trate de bens alimentares, energia ou recursos naturais, (produção agrícola, florestal, exploração de inertes) ou de matérias-primas transformadas em outros produtos.
<u>Função de Informação</u>	Tendo a evolução do Homem tomado lugar em paisagens, estas foram adquirindo formas culturais, constituindo como que um sistema de referência que contribui para a manutenção do bem estar humano ao promover oportunidades de reflexão enriquecimento espiritual, desenvolvimento cognitivo e apreciação estética. Isto através de atividades de recreio, cultura e de educação.

Fonte: Leite (2010, p. 10). Org. Tamires Regina Rocha, 2022.

Algumas destas funções expostas possuem

[...] um valor de mercado (produção agrícola, produção florestal), e correspondem a comodidades (*commodity*). Outras são amenidades, que correspondem a bens e serviços públicos, para os quais não existe mercado ou este não funciona satisfatoriamente (recreio, conservação da natureza, identidade, qualidade de vida, preservação dos recursos ambientais, etc) (PINTO-CORREIA, *et al.*, 2007, p. 10).

As atividades agrícolas “criam paisagens culturais, estruturadas pela forma de cultivo que foi sendo aprendida ao longo dos anos, compostas pelas formas dos arranjos dos mesmos, pequenas construções e, por vezes, grandes engenhos que fazem da paisagem o palco das atividades agrícolas” (LEITE, 2010, p. 21).

Deste modo, percebe-se a íntima relação existente entre a agricultura e a paisagem em que, muitas vezes, resulta que a multifuncionalidade agrícola e a multifuncionalidade da paisagem sejam usadas indistintamente. Afinal, a agricultura transforma a paisagem existente em paisagem cultural, se adaptando à primeira (LEITE, 2010).

Do ponto de vista da multifuncionalidade agrícola, a unidade básica de representação é:

[...] a propriedade da exploração, e do ponto de vista da paisagem é uma área formada por um complexo sistema territorial, sem um limite claramente impositivo e visível, que deve ser analisado a diferentes escalas. A questão principal baseia-se nos fundamentos acadêmicos que compõem as duas perspectivas. A multifuncionalidade agrícola baseia-se em conhecimentos de agronomia, economia agrária e ambiental e sociologia rural, enquanto que multifuncionalidade da paisagem engloba campos mais heterogêneos, desde ciências sociais e humanas, ciências da terra, ecologia e biologia, entre outras (VEJRE *et al.*, 2007 *apud* LEITE, 2010, p. 21).

É necessário que ocorra uma classificação dos elementos em comum e as diferenças dos termos “função” e “multifuncionalidade” em relação à agricultura e à paisagem, respectivamente. A necessidade em definir estes dois conceitos está relacionado também com a importância de “esclarecer os termos em nível legislativo da política agrícola, do mercado internacional ou da proteção da natureza. Ao nível da política internacional as definições dos conceitos se tornam ainda mais importantes para a compreensão entre os diferentes grupos de intervenientes” (VEJRE *et al.*, 2007 *apud* LEITE, 2010, p. 21).

Há diversas abordagens que buscam alcançar um consenso em relação à definição de "função" e "multifuncionalidade", algumas estão associadas com a produção agropecuária, outras, são mais abrangentes, compreendendo também a “prestação de serviços, a criação de

habitats, preservação do meio ambiente ou até mesmo a tentativa de estabelecer uma taxonomia para as funções da paisagem” (LEITE, 2010, p. 21).

Em relação à definição agrícola, em que o conceito é mais consensual,

[...] as funções podem ser classificadas em primárias e secundárias (produção e externalidades). Entretanto, as funções da paisagem não são por definição agrupadas nestes termos, em primárias e secundárias, pois não se considera uma função como primordial, bem como a restante hierarquia é subjetiva e depende do ponto de vista do observador (LEITE, 2010, p. 22).

O Quadro 3 sintetiza algumas dessas diferenças abordadas em relação as abordagens da multifuncionalidade da agricultura e da paisagem.

Quadro 3. Esquema de diferenças entre multifuncionalidade da agricultura e multifuncionalidade da paisagem

Elementos	Multifuncionalidade da Agricultura	Multifuncionalidade da Paisagem
<u>Fundamento</u>	Toda a produção gera outras externalidades	A paisagem é multifuncional, <i>per se</i>
<u>Unidade mínima de análise</u>	Exploração como unidade mínima	Sistema territorial como unidade mínima
<u>Conceito relativo a</u>	Caracterização da produção e suas externalidades	Caracterização da paisagem em si mesma
<u>Hierarquia das funções</u>	Função primária de produção, restantes funções como consequência da primeira	Todas funções igualmente importantes, variando com o observador
<u>Disciplinas que abrange</u>	Agronomia, economia agrária e sociologia	Biologia, geografia, ciências sociais e humanas, paisagismo
<u>Definição</u>	Consensualmente aceite e bem definida	Pouco claras ou menos consensuais

Fonte: VEJRE, 2007 *apud* Leite, 2007, p. 22. Org. Tamires Regina Rocha, 2022.

Assim sendo, o conceito de multifuncionalidade da paisagem assume particular interesse e importância quando o objetivo é caracterizar a paisagem com vista à definição de orientações para o seu ordenamento (GALVÃO; VARETA, 2010).

No próximo subitem será realizada uma abordagem da multifuncionalidade pensando na perspectiva do espaço rural e do que foi abordado até aqui.

1.3. A multifuncionalidade dos espaços rurais: um rural para além da agricultura

Levando em consideração as concepções abordadas até aqui, no decorrer da história o espaço rural vem passando por intensos processo de transformações, em que a noção de multifuncionalidade se faz presente por distintos usos e funções que o rural vem assumindo no período contemporâneo (GEDIEL; FROEHLICH, 2007).

Deste modo, a multifuncionalidade do espaço rural relaciona-se com

[...] as próprias transformações das sociedades contemporâneas, junto às inovações tecnológicas, resultantes do processo de urbanização vivenciado por parcelas crescentes da população mundial. Essas mudanças não implicaram na elevação dos níveis de qualidade de vida, como era esperado, fazendo surgir o cansaço e o stress das vidas agitadas, e levando este público a descobrir as propriedades rurais como um local alternativo de descanso. A partir desta concepção, a multifuncionalidade do rural, nos mostra as atividades agropecuárias e o próprio espaço rural de maneiras diversificadas, atribuindo novas funções ao rural para além do seu tradicional papel agrícola-alimentar (GEDIEL; FROEHLICH, 2007, p. 01).

Várias atividades foram transformadas em importantes alternativas de emprego e renda no meio rural. Graziano da Silva (2002) ressalta que também passaram a ser consideradas as atividades não-agrícolas praticadas no meio rural. Essas atividades são resultado do processo de urbanização que ocorreu nas áreas rurais, tais como: turismo, moradia, prestação de serviços, além de atividades relacionadas à preservação da natureza e de um vasto grupo de atividades de nichos de mercado.

De acordo com Gediel e Froehlich (2007, p. 02), o espaço rural se tornou um território com uma diversificação de interesses, que tem como propósito “atender à demanda gerada pela modernização da sociedade atual, possibilitando uma nova rede de estruturas e oportunidades, onde os ambientes rurais tornam-se também, uma alternativa de descanso e lazer”.

As transformações nos espaços rurais que vem acontecendo estão muitas relacionadas ao cenário atual, ou seja, um mundo em que as velocidades, as novas tecnologias, o processo de globalização, o ambientalismo, a busca em construir uma nova concepção de desenvolvimento, a redução das desigualdades econômicas e a prudência ambiental são temas que estão cada vez mais presentes nos debates internacionais (GEDIEL; FROEHLICH, 2007).

Assim, verifica-se -se o “ressurgimento” do rural a partir da

[...] necessidade de padrões de vida naturais, sob teorias de desenvolvimento “sustentável” e local e as novas relações entre a cidade e o campo. A utilização do meio rural através de aspectos inovadores de bens e valores econômicos,

deriva de uma mudança cultural nos valores sociais sobre o rural, nas quais associam-se as demandas ecológicas e à busca da natureza. O rural deve ser visto como um local privilegiado, com o contato da sociedade com a natureza. Devido às recentes transformações, as concepções e relações da sociedade humana com a natureza, fazem com que haja interação entre a sociedade que vive nas cidades e a do campo, modificando aos poucos o paradigma estabelecido onde o espaço rural deve ser apenas utilizado no papel agrícola-alimentar (GEDIEL; FROEHLICH, 2007, p. 02).

As preocupações ambientais estão cada vez mais se tornando assunto importante dos espaços rurais, além do próprio desenvolvimento da agricultura, que progressivamente se vincula as noções de multifuncionalidade de seu espaço. Os novos sentidos que são atribuídos ao rural surgem em conjunto com suas mudanças internas e da sociedade global (GEDIEL; FROEHLICH, 2007).

As novas atividades no meio rural contribuem “para criar uma diversidade social e cultural, que se trata também de uma condição de existência da sociedade, ampliando a rede de relações. A heterogeneidade social, cultural e econômica é definida a partir de conflitos de interesses, com capacidades de negociações distintas” (GEDIEL; FROEHLICH, 2007, p. 03).

Segundo Wanderley, o meio rural torna-se alternativo

[...] para outras categorias sociais de origem urbana, pois o desenvolvimento dos espaços rurais nas sociedades modernas dependerá além da agricultura, da capacidade de atrair outras atividades econômicas e outros interesses sociais, e de realizar uma profunda ressignificação de suas próprias funções sociais. Desta forma, o espaço rural brasileiro tende a adquirir novos modelos de produção, através de meios alternativos, como um espaço de lazer, o contato com a natureza, ou até mesmo como opção de moradia. O meio rural pode passar a ser visto como valor indispensável ao futuro da sociedade, se dispondo a consagrar recursos necessários, ao mesmo tempo em que as pessoas agregadas ao rural podem passar a assumir novas funções sociais, precisamente como mediadores entre a sociedade global e os espaços rurais. A capacidade de integração entre a natureza e a sociedade possibilita uma vida mais saudável à população urbana, que antes tinha concepções diferentes do rural (WANDERLEY, 2003, p. 15).

Portanto, mesmo que a agricultura possua grande importância, esta não é a única base de bens públicos e privados em territórios rurais. Nesse sentido, deve-se destacar o papel da pluriatividade e das atividades não-agrícolas como estratégias de reprodução social para a permanência de famílias no campo.

1.4. A importância das estratégias de reprodução social para a permanência de famílias rurais no campo

Quando se estuda o pequeno agricultor deve-se considerar as estratégias que são empregadas, os desafios enfrentados e os instrumentos que estão ao seu alcance para continuar se reproduzindo no campo. Essas estratégias podem ser compreendidas como respostas às transformações globalizantes originárias do mercado e da cultura urbana que se refletem espacialmente (MENEGATI, 2008).

Na perspectiva de Schneider (1999), embora se tratem de:

[...] estratégias conscientes e racionais, essa consciência é mediatizada por uma racionalidade informada pela realidade que tanto é expressão das relações materiais presentes como daquelas herdadas de seu passado e transmitidas culturalmente. Desse modo, as estratégias não são causais ou teleológicas, mas resultado da ação humana frente as contingências e situações objetivas (SCHNEIDER, 1999, p. 135).

As estratégias, muitas vezes concebidas como estratégias de reprodução social, estão relacionadas aos resultados de decisões, escolhas e opções dos agricultores em relação ao contexto socioeconômico que estão inseridos (MENEGATI, 2008).

No caso da agricultura brasileira, particularmente o pequeno agricultor “desenvolve uma estratégia de reprodução não subordinada, enquanto resistência e reação ao movimento do capital” (TAVARES DOS SANTOS, 1981, p. 110).

A procura por se manter na terra como espaço para reprodução social, sob o regime da propriedade, retrata a resistência em relação as novas maneiras de produção capitalistas, além de que, a opção pelo trabalho representa uma ideologia oposta à individualização do trabalho (PEDRO; HESPANHOL, 2013).

Para Alves (2004), as estratégias estabelecidas pela família para se manter no campo e preservar o seu modo de vida, vão muito além de apenas aspectos econômicos e técnicos, pois as questões político e cultural também são consideradas. Além do mais, a relação entre a família, como unidade de produção, e o trabalho, compreendido como a soma de relações estratégicas e racionalidades adaptativas, permite perceber que a reprodução das famílias se fundamenta, principalmente, nas construções simbólicas e nos laços pessoais e de mercados.

Pedro e Hespanhol (2013, p. 63) expõem que, para Chayanov (1974) “o conceito de estratégia refere-se a um conjunto de decisões, planejamentos e metas decididas no âmbito da família. Estas visam estabelecer o equilíbrio entre os fatores e as técnicas de produção e as necessidades da família”.

Alves (2004), por sua vez, aponta que a estratégia elaborada pelo produtor é importante para não se submeter ao processo de renda da terra ao capital:

[...] a permanência da produção no meio rural não é objetivada pela maximização a renda da terra e do lucro, mas pela possibilidade da família embora de nem todos os seus membros, reproduzir-se socialmente no campo. Assim, é devido ao fato de a família buscar continuar na terra, preservando o seu patrimônio e os seus meios de produção, se reproduzindo com seu modo de vida calcado na solidariedade, na sociabilidade familiar, nos laços de vizinhança, de parentesco e comunitário, que a mesma consegue permanecer diante do intenso processo de exploração da renda da terra que se reflete nos baixos, às vezes, negativos rendimentos obtidos com a produção mercantil (ALVES, 2004, p. 253).

Ao desenvolver estratégias para permanecer no campo, a família considera não apenas a satisfação material, mas, outros aspectos também são considerados, principalmente, a ideia de permanecer na propriedade rural que era de seus antecedentes, como avôs e depois dos pais, além disso, considera-se os laços que se estabelece com os vizinhos, compadres e parentes, ou seja, é uma questão de tradição e de relações de vínculos estabelecidas.

“Assim, não basta analisar a relação com a terra apenas pelo viés econômico, jurídico e social, é preciso, pois, enfrentar essa relação através de vários ângulos: econômico, social, político, jurídico, simbólico, étnico, cultural e espacial, que é transmitido para gerações futuras” (PEDRO; HESPANHOL, 2013, p. 64).

Contudo, Lamarche (1998) assegura que as estratégias produtivas das famílias rurais

[...] não são iguais em todas as regiões, de modo que a diversidade das lógicas produtivas aliadas às adversidades climáticas e econômicas tem como desdobramento a busca de estratégias distintas para a reprodução econômica destas. Em cada país, e até em cada área, a unidade de produção é, com efeito, submetida a pressões extremamente diversas e, mesmo conseguindo adaptar-se enquanto forma social de produção, no plano individual os desvios e os fracassos são sempre numerosos. A própria adaptação não segue uma trajetória linear [...] (LAMARCHE, 1998, p. 170).

Dessa forma, as diferentes formas de obtenção de renda entendidas como estratégias de reprodução social, em diversas regiões impede que a família abandone o campo, além de assegurar recursos e dar continuidade as práticas agrícolas na propriedade rural (PEDRO; HESPANHOL, 2013).

De acordo com Moreira (2007), a terra é considerada pelo pequeno agricultor tanto um patrimônio simbólico-cultural como um instrumento de trabalho. A busca por estratégias está associada às decisões tomadas pela família com o objetivo de garantir a sua permanência no campo.

Segundo Schneider (2003a, p. 18), as “decisões tomadas pela família e pelo grupo doméstico ante as condições materiais e o ambiente social e econômico são cruciais e definidoras das trajetórias e estratégias que viabilizam ou não sua sobrevivência social, econômica, cultural e moral”.

Schneider (2003a) pondera que:

[...] essas estratégias ocorrem nos limites de determinados condicionantes sociais, culturais, econômicos e até mesmo espaciais, que exercem pressão sobre as unidades. Portanto, a tomada de decisão e as opções, sejam quais forem, possuem um referencial que, na prática, se materializa por meio das relações sociais, econômicas e culturais estabelecidas entre os indivíduos. Assim, embora se tratem de estratégias conscientes e racionais, essa consciência é mediatizada por uma racionalidade informada pela realidade que tanto é a expressão das relações materiais presentes como daquelas herdadas e transmitidas culturalmente. Desse modo, as estratégias não são causais ou teleológicas, mas, o resultado da ação humana ante as contingências objetivas (SCHNEIDER, 2003a, p. 26).

É importante destacar o ambiente social de que fazem parte essas famílias de produtores rurais, afinal, a reprodução social se efetiva a partir do processo de interação entre os membros da família.

Sobre isso, Schneider (2003b) expõe que:

[...] a reprodução não é apenas o resultado de um ato da vontade individual ou do coletivo familiar, e tampouco uma decorrência das pressões econômicas externas do sistema social. A reprodução é, acima de tudo, o resultado do processo de intermediação entre os indivíduos-membros com sua família e de ambos interagindo com o ambiente social em que estão imersos. Nesse processo cabe à família e a seus membros um papel ativo, pois suas decisões, estratégias e ações podem trazer resultados benéficos ou desfavoráveis à sua continuidade e reprodução (SCHNEIDER, 2003b, p. 21).

Na perspectiva de Sant’Ana (2003), essas estratégias utilizadas pelos pequenos agricultores buscam, dentro da produção agropecuária, a sua reprodução social, englobando, não apenas a tecnificação e a integração com a agroindústria, mas também a diversificação da produção, a inovação no processo de comercialização, além de promover opções de organizações coletivas que favoreçam para superação das adversidades do cooperativismo e do associativismo.

Ainda segundo Sant’Ana (2003), as estratégias são:

[...] processos, construções que nunca atingem uma forma definitiva, são fluídas e não estruturas rígidas, pré concebidas. O projeto pode estar orientado para a manutenção da família na terra e criar as condições de sua reprodução (ou de parte desta) ligada à terra, mas as condições concretas podem engendrar

estratégias que contrariam parcialmente esses projetos, pois foram avaliadas como as mais adequadas ou as únicas possíveis naquele contexto. Isto, não significa que o projeto tenha sido abandonado subjetivamente e que não possa ser retomado mais tarde (SANT'ANA, 2003, p. 43).

De acordo com Pedro e Hespanhol (2013), para se entender as estratégias desenvolvidas pelos pequenos produtores rurais, é necessário destacar o próprio caráter familiar no modo de produzir, que por si próprio estabelece componentes que se equivalem em estratégias, destacando-se: o fato de acompanhar o ritmo da natureza; a procura por autonomia; a separação de tarefas entre os membros da família; e, a posse dos meios de produção, com destaque para o apego a terra.

Em relação à interferência que as lavouras sofrem por meio de fatores climáticos, é possível atestar que, independentemente de a mecanização do campo ser baseada em novas tecnologias, a natureza ainda é considerada como fator fundamental na agricultura (PEDRO; HESPANHOL, 2013).

A autonomia é outro aspecto típico do modo de produção familiar, afinal a decisão do que produzir e a divisão do trabalho são elementos que apontam certa autonomia. “No sistema capitalista em que subordina todos os segmentos da sociedade sob a sua ótica, a produção familiar apresenta ‘uma certa’ autonomia interna, mesmo que a integração ao mercado se dê de maneira subordinada ao sistema” (MENEGATI, 2008, p. 32).

Essas estratégias, vistas como uma “certa” autonomia, são obtidas através da diversificação produtiva, da produção para o autoconsumo e da pluriatividade, prática empregada por alguns membros da família que desenvolvem atividades não-agrícolas no interior ou no exterior das propriedades rurais.

Importante ressaltar que a diversificação produtiva é uma das principais características dos pequenos agricultores no Brasil,

[...] apreendida como estratégia para driblar a baixa dos preços no mercado. Contrariando assim a lógica dominante da especialização em um único produto. Sendo assim, a diversidade na produção parece estar associada às lógicas diversas, à medida que produzir para o consumo na propriedade e produzir para o mercado é orientado por um duplo objetivo: consumo interno e renda. [...] Na sua reprodução, o sistema familiar aparece diversificado e especializado, ao mesmo tempo. Na busca de um rendimento financeiro, a família se especializa em torno de um ou mais produtos orientados ao mercado, seja através da produção integrada à agroindústria ou cooperativa, seja através da integração a circuitos comerciais, realizados por intermediários (BRANDENBURG, 1999, p. 132-133).

O vínculo que se estabelece entre o agricultor e o mercado também é interessante de ser explorado, afinal este, como qualquer outro ator social, não efetua sua reprodução social e econômica exclusivamente em sua propriedade rural. “É na sua relação com o sistema e considerando os seus recursos internos à unidade produtiva que o agricultor organiza sua produção e, segundo a racionalidade econômico-instrumental, busca maior rentabilidade” (BRANDENBURG, 1999, p. 124).

Dessa forma, a família que determina, de acordo com suas condições socioeconômicas, adaptar sua produção para conseguir maiores rendimentos, como por exemplo, uma empresa, ou produzir de acordo com suas necessidades, ou seja, um estabelecimento rural voltado para a subsistência.

De acordo com Pedro e Hespanhol (2013), essas análises diferenciadas

[...] quanto à integração ao mercado, reflete as diferentes estratégias adotadas pelas famílias. Tendo em vista que cada família organiza seu estabelecimento adequando-se aos seus interesses, traduzindo-se em relações diferenciadas com o mercado. Nesse sentido, avalia-se que na produção familiar a organização da produção é subjetiva, obedecendo à racionalidade de cada família (PEDRO; HESPANHOL, 2013, p. 67).

Portanto, o pequeno agricultor usufrui de diversas estratégias que podem ser estabelecidas em um conjunto de ações racionais, na qual, cada membro da família possui a necessidade de assegurar, simultaneamente, a própria reprodução, e a do grupo, levando em conta a consciência dos mecanismos que podem possibilitar os objetivos: a tradição e a vinculação ao processo moderno de viver e produzir (SILVA; HESPANHOL, 2016).

Muitas famílias ou parte de seus membros tem optado por combinar atividades não-agrícolas com as atividades agropecuárias, ou seja, recorrem à pluriatividade como estratégia de reprodução social, que será abordada no próximo subitem.

1.5. Transformações recentes no espaço rural: ênfase à pluriatividade

O meio rural não é estático e passa por constantes mudanças ao longo do tempo. Dessa forma, surgem novos conceitos de modo a compreendê-lo. Assim, um fenômeno atual de aspecto relevante dentro da Geografia e de outras ciências é a pluriatividade (MENDES, 2015).

O conceito de pluriatividade percorreu um longo caminho até atingir o nível de entendimento hoje alcançado. Para Silva (2010)

[...] remonta ao início do século XX a discussão em torno de termos como “agricultor em tempo parcial”, “atividades não-agrícolas no meio rural”,

“empregos múltiplos”, “fontes de renda diversificadas” e pluriatividade. Isso significa que, anteriormente, já se discutia sobre o assunto, usando-se outras terminologias (SILVA, 2010, p. 73).

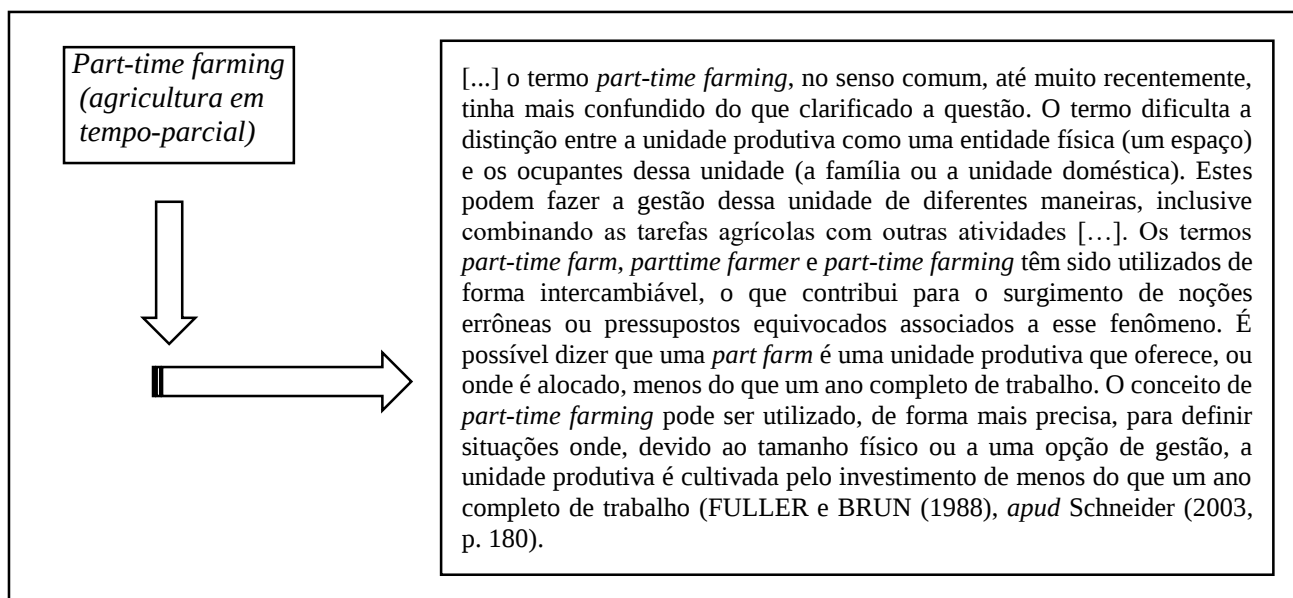
Teixeira (2017) expõe que o debate sobre a pluriatividade teve início nos países em que o capitalismo se desenvolveu de maneira mais avançada, ou seja, nos Estados Unidos e em países da Europa. *Part-time farming* e *full time farming* eram os termos empregados nos EUA para demonstrar a diversificação das atividades agrícolas, enquanto *pluriactivité* ou *pluriactivity* eram utilizados na França.

Schneider (1999) ressalta que:

Existem relatos de que a denominação “*par-time farming*” foi utilizada de forma pioneira na década de 1930 por economistas americanos. O mesmo ocorreu com a palavra “*pluriactivité*”, usada nos anos 1960 pelos teóricos franceses para caracterizar as propriedades que desempenhavam múltiplas atividades produtivas (SCHNEIDER, 1999, p. 179).

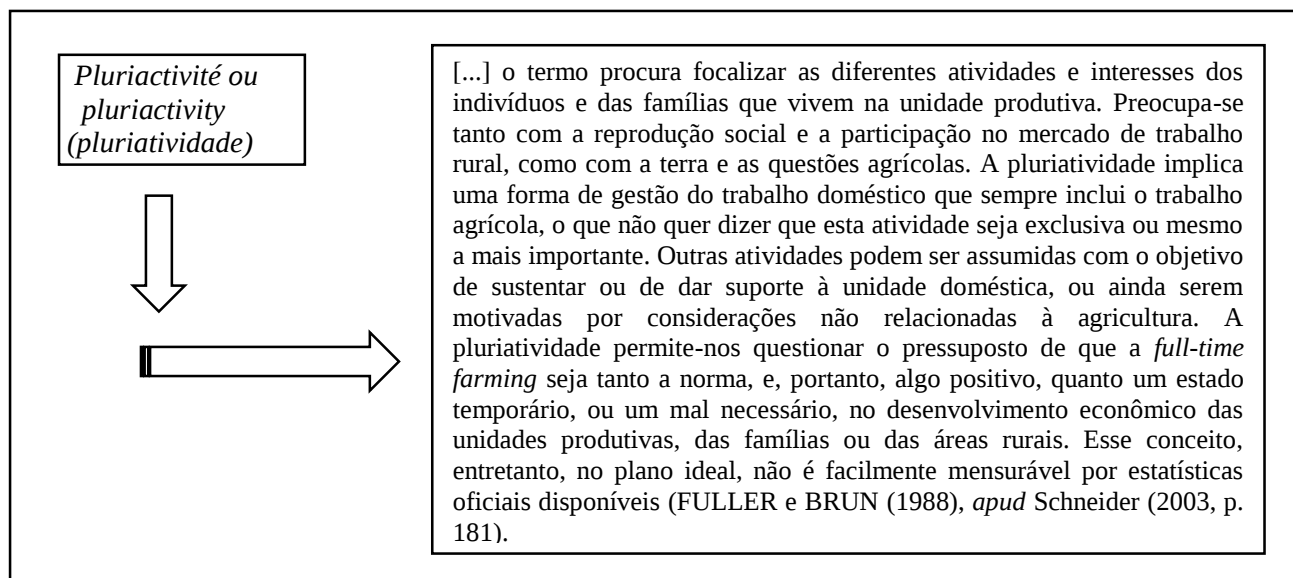
Fuller e Brun (1988) *apud* Schneider (2003b) diferenciam os termos *part-time farming* e *pluriactivité* ou *pluriactivity*. conforme se procurou sistematizar nos Organogramas 1 e 2.

Organograma 1. Conceito de *part-time farming*



Fonte: Fuller e Brun (1988) *apud* Schneider (2003b, p. 180). Org. Tamires Regina Rocha, 2020.

Organograma 2. Conceito de *pluriactivité* ou *pluriactivity*



Fonte: Fuller e Brun (1988) *apud* Schneider (2003, p. 180). Org. Tamires Regina Rocha, 2020.

A pluriatividade coloca como foco de análise a família e não somente o produtor rural, “assim permite dar conta do caráter familiar da unidade agrícola. Essa mudança de foco, do produtor para a família, e do agrícola para o rural é, a principal diferença entre as análises de *part-time farming* e a pluriatividade rural” (COLOGNESE; DEVENS, 2007, p. 159).

Segundo Cunha (1998), o conceito de *part-time farming* está relacionado ao regime de dedicação, despendido para a atividade agrícola, pelo principal responsável da propriedade rural. Deste modo, a principal diferença entre o conceito anterior com o conceito de pluriatividade é que neste último, a família passa a ser a principal unidade de análise, em que, as atividades não-agrícolas são incorporadas de modo a proporcionar maior geração de renda.

Para Cardoso (2013), o debate em torno desse tema ganhou importância, especialmente a partir dos anos 1980, tanto no meio acadêmico quanto pelas autoridades políticas e econômicas. Assim,

[...] nos países desenvolvidos, a pluriatividade foi resultado do processo de modernização da agricultura e do papel das políticas públicas para esse segmento. Conforme Mann e Dickinson (1987) e Graziano da Silva (1999), o progresso tecnológico na agricultura possibilitou a redução dos tempos de trabalho, por exemplo, na criação de máquinas que permitiram uma maior colheita em menor tempo, gerando um “tempo livre/sobrança”, no qual o trabalhador não estaria ocupado na produção propriamente dita. Tal realidade possibilitou que, no interior das famílias rurais, um número menor de indivíduos fosse necessário para a realização das atividades agropecuárias, liberando os outros para se inserirem em outras atividades rurais ou urbanas que lhes possibilitassem maiores níveis de renda (CARDOSO, 2013, p. 25).

Segundo Graziano da Silva (1999), o crescimento das atividades não-agrícolas no meio rural proporcionou que as atividades agropecuárias passassem a ser realizadas em tempo parcial, assegurando a dinâmica da pluriatividade.

Cabe ressaltar que o avanço das atividades em tempo parcial, juntamente com o crescimento das atividades não-agrícolas, não deve ser entendido com a renúncia do lado agrícola da pluriatividade nos países desenvolvidos, principalmente, nos países da Europa, graças às políticas públicas destinadas a esse setor no contexto da Política Agrícola Comum (PAC) (CARDOSO, 2013).

Conforme estudo de Nascimento (2008) acerca da PAC:

[...] o que se pretende sustentar, na verdade, é que a reforma da PAC contém o potencial de estimular mais pluriatividade na UE “não” porque a reforma possui um conteúdo mais voltado para a promoção de medidas destinadas ao desenvolvimento rural (políticas de investimento em infraestruturas, promoção de ORNAS⁷ etc.), embora sejam necessárias, mas, sobretudo, porque mantém o compromisso de continuar apoiando numerosos pequenos produtores, os quais, sem esse apoio (financeiro) veriam suas explorações comprometidas com o tempo e, com elas, a perspectiva de crescimento da pluriatividade (NASCIMENTO, 2008, p. 49-50).

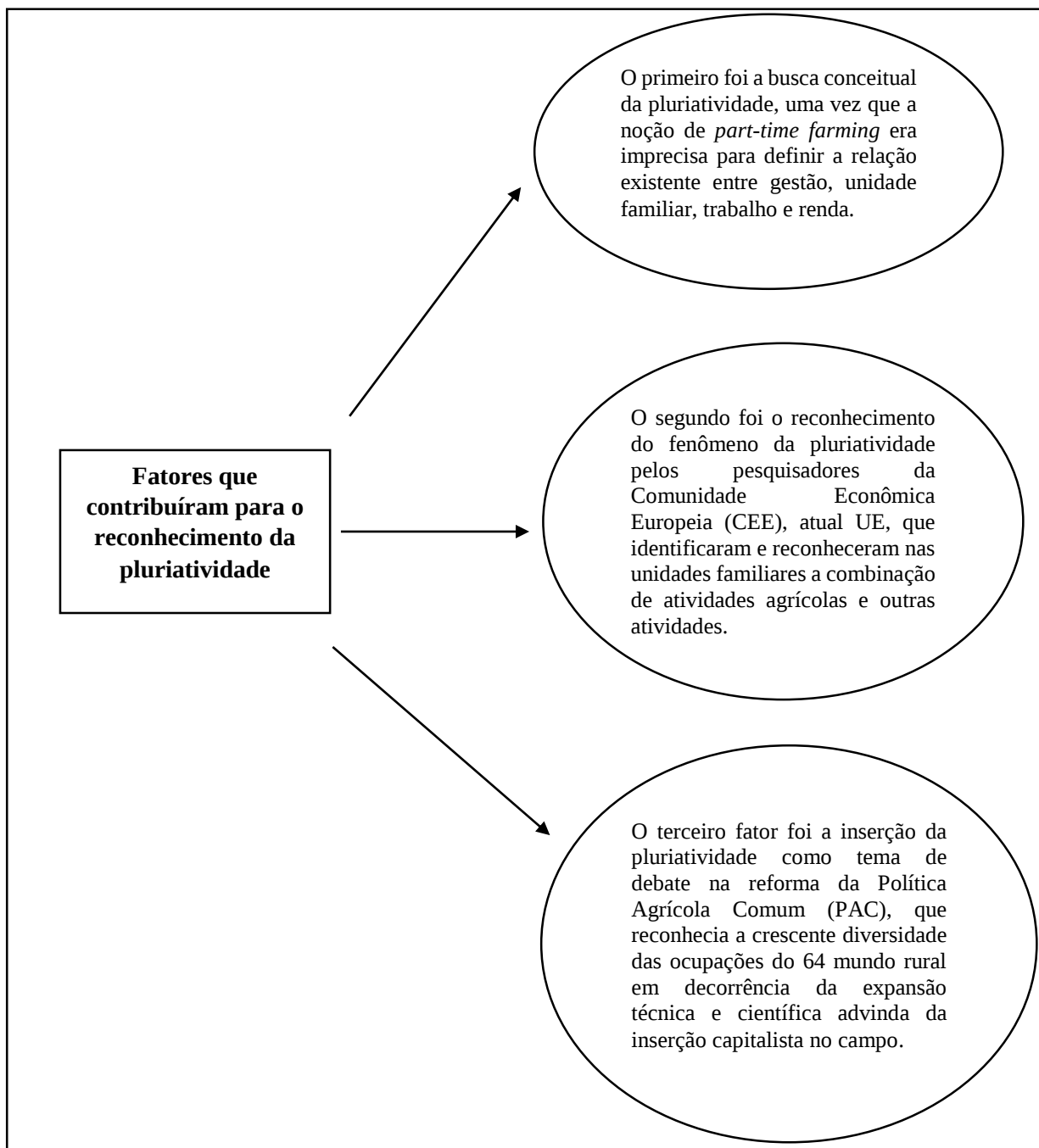
Cardoso (2013) ressalta que, no caso das sociedades europeias, a pluriatividade pode ser melhor compreendida através de alguns fatores: primeiro, ela passa a ser caracterizada como um importante mecanismo para controlar o exôdo rural proporcionado pelas transformações capitalistas no campo. Segundo, ela resulta na conservação da agricultura familiar, uma vez que este segmento de agricultores representa a estrutura fundiária europeia, contribuindo para a permanência das famílias no campo. Terceiro, a pluriatividade é compreendida como fator capaz de efetuar um dos objetivos da PAC (Política Agrícola Comum), que é o de igualar o nível de renda da população rural com a população urbana.

Portanto, uma política voltada ao benefício das práticas pluriativas é de suma importância para aquele continente, haja vista que as reformas políticas são realizadas com o intuito de beneficiar o desenvolvimento rural – “sendo este compreendido como bem mais amplo do que o espaço da agricultura produtora de alimentos. É nesse contexto que a pluriatividade ganha mais notoriedade entre acadêmicos e políticos tornando-se uma esperança para resolver parte dos problemas rurais e urbanos da atualidade” (NASCIMENTO, 2008, p. 27).

⁷ ORNAS – Ocupações Rurais Não Agrícolas.

Deste modo, de acordo com Rocha (2016), os três principais fatores que podem ser elencados para explicar a noção de pluriatividade e que contribuem para o reconhecimento desta como categoria de análise estão destacados no Organograma 3.

Organograma 3. Fatores que contribuíram para o reconhecimento da pluriatividade na Europa



Fonte: Rocha (2016, p. 63-64). Org. Tamires Regina Rocha, 2020.

No Brasil, o debate sobre a pluriatividade surgiu apenas no final da década de 1980, porém, de maneira bem pontual, direcionando as pesquisas na Região Sul do Brasil, em que Sergio Schneider foi um dos pioneiros a tratar sobre o tema (TEIXEIRA, 2017).

Rocha (2016) argumenta que “as transformações que ocorreram no campo, nos anos de 1980, levaram os estudiosos das ciências sociais a investigar a disseminação da diversificação das atividades e fontes de renda dentro das propriedades rurais. Tal fenômeno ficou conhecido como pluriatividade” (ROCHA, 2016, p. 63).

Ainda nessa mesma década, Graziano da Silva coordenou o Projeto Rurbano,

[...] esse projeto envolveu um grande número de pesquisadores de todas as regiões do Brasil. O foco dessa pesquisa era analisar as transformações recentes no meio rural. Entretanto, nesse mesmo estudo, foi possível verificar que os empregos em atividades não-agrícolas em áreas rurais estavam crescendo mais que o emprego em atividades essencialmente agrícolas, em áreas rurais. O Projeto Rurbano trouxe a público dados que despertaram a curiosidade de alguns pesquisadores que se debruçaram na investigação desse novo fenômeno. A partir desse ponto, surgiram leituras que se propuseram a analisar o “Novo Mundo Rural”, moderno e com técnicas agrícolas inovadoras (TEIXEIRA, 2017, p. 31).

Teixeira (2017) destaca que diversos elementos foram e são importantes para a existência da pluriatividade. Assim, é necessário compreender um conjunto de fatores, tanto externos quanto internos, mas, principalmente, a dinâmica da família e dos membros que a integram, sendo esse talvez um dos pontos mais relevantes. Ao analisar a pluriatividade não se pode considerar apenas a perspectiva econômica, pois pode levar ao engano de que esta só existe devido à pobreza rural, e que ao ocorrer a melhora de vida dos agricultores, ela pode deixar de existir.

Para Schneider (2005), alguns fatores são fundamentais para o surgimento das novas formas de emprego e geração de renda para os agricultores,

[...] que proporcionam mudanças nas formas de ocupação no meio rural e no crescimento da pluriatividade. Entre os fatores estão: a própria modernização técnico-produtiva da agricultura; a terceirização agrícola; a queda das rendas agrícolas; as políticas de estímulo as atividades rurais não-agrícolas e contenção das migrações; as mudanças nos mercados de trabalho e o reconhecimento da importância crescente da agricultura familiar no meio rural (SCHNEIDER, 2005, p. 3).

Schneider (2009) realiza um resgate histórico acerca da pluriatividade, já que a expressão é tida como relativamente nova e ainda pouco investigada no Brasil. Porém, a sua prática é antiga e sempre esteve presente no campo, pois o agricultor, mesmo realizando

atividades na terra, como o cultivo e a criação de animais, sempre praticou outras atividades que não necessariamente estavam ligadas à agricultura, podendo estas serem realizadas simultaneamente.

Em relação à de pluriatividade, ocorre uma imprecisão sobre a definição do termo. Isso por que, os pesquisadores não entram em um entendimento, e este fato, talvez seja um dos grandes problemas, a cerca, de uma melhor compreensão do que venha a ser (TEIXEIRA, 2017).

De acordo com Lopes (2009), ainda que a utilização

[...] da noção de pluriatividade apresente algumas dificuldades à sua formulação, o debate teórico aponta para um novo fenômeno em curso na agricultura. Na realidade, esta noção engloba categorias e processos sociais distintos que respondem a diferentes questões que são historicamente datadas, apreendendo uma multiplicidade de formas de trabalho e renda nas unidades agrícolas. No entanto, pensar a agricultura familiar através da noção de pluriatividade implica a possibilidade de ampliar o foco de análise, incorporando as novas relações entre o rural não-agrícola e a agricultura, a partir da observação e análise da família (LOPES, 2009, p. 3).

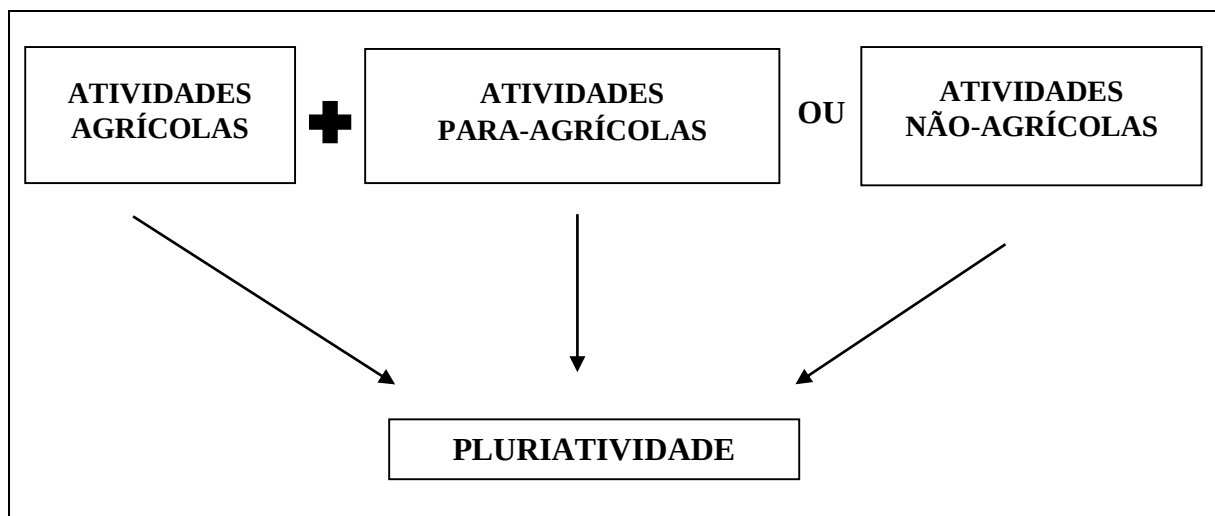
Apesar dos inúmeros fatores que levam à prática da pluriatividade e das atividades não-agrícolas, eles tendem a um único objetivo, qual seja, a permanência das famílias no campo.

Schneider (2006) discorre sobre o conceito de pluriatividade, considerando que

[...] a pluriatividade refere-se a um fenômeno que pressupõem a combinação de duas ou mais atividades, sendo uma delas a agricultura, em uma mesma unidade de produção por indivíduos que pertencem a um grupo doméstico ligado por laços de parentesco consanguinidade (filiação) entre si, podendo a ele pertencer, eventualmente, outros membros não consanguíneos (adoção), que compartilha entre si um mesmo espaço de moradia e trabalho (não necessariamente em um mesmo alojamento ou habitação) e se identificam como uma família. A interação entre atividades agrícolas, para-agrícolas e não-agrícolas gera a pluriatividade, que tende a ser mais intensa à medida que mais complexas e diversificadas forem as relações entre os agricultores e o ambiente social e econômico em que estiverem situados. Portanto, a pluriatividade é heterogênea e diversificada e está ligada, de um lado, às estratégias sociais e produtivas que vierem a ser adotadas pela família e por seus membros e, de outro, sua variabilidade dependerá das características do contexto ou do território em que estiver inserida (SCHNEIDER, 2006, p. 2).

Em forma de um organograma, a representação do que é a pluriatividade ficaria da seguinte maneira (Organograma 4):

Organograma 4. Representação do que é a pluriatividade



Fonte: Schneider (2006). Org. Tamires Regina Rocha, 2020.

Deste modo, de acordo com Schneider (2005), o que vai caracterizar a família como sendo pluriativa ou não, são a combinação das atividades agrícolas com: as atividades para-agrícolas (processamento de alimentos, agregação de valor, produção de vinho etc.); as atividades desenvolvidas na própria unidade sem vínculos agrícolas (chácaras de lazer, pesque-pague, artesanato etc.); o turismo rural e os trabalhos externos (empregos em diversos setores da economia, como indústria, comércio, prestação de serviço etc.).

Sendo assim, a pluriatividade pode ser entendida como a interação das diversas atividades agrícolas e não-agrícolas que a família pode exercer dentro das possibilidades existentes na propriedade rural, bem como o desenvolvimento de atividades remuneradas que podem ser realizadas fora da propriedade, criando um mercado amplo de trabalho, pois, não somente as atividades agropecuárias serão priorizadas e realizadas. Entretanto, isto não significa que os agricultores e suas propriedades deixarão as atividades agropecuárias para se dedicar exclusivamente as atividades não-agrícolas, pois a pluriatividade deve ser vista como uma estratégia para a melhoria de renda e qualidade de vida da família.

Sacco dos Anjos (2003) acrescenta que:

[...] a combinação de atividades agrícolas e não-agrícolas na propriedade rural não deve ser vista apenas sob a ótica econômica, já que a presença de atividades pluriativas irá gerar potencialidades que fortalecem a agricultura familiar e a sua reprodução econômica e social. Dentre estas potencialidades podemos citar: elevação da renda da família; geração de empregos; reduzir o êxodo rural; estimular o desenvolvimento local e consequentemente propiciar o desenvolvimento rural; sustentabilidade ambiental; dentre outros (SACCO DOS ANJOS, 2003, p. 15).

Na visão de Del Grossi e Graziano da Silva (1998), o conceito de pluriatividade possibilita associar as atividades agrícolas com outras que proporcionem ganhos monetários, independentemente de serem realizadas no interior ou no exterior da propriedade rural. Desse modo, pode-se considerar as atividades praticadas por todos os membros da família, até mesmo os trabalhos por conta própria, assalariado e não assalariado, realizados internamente ou externamente à propriedade. Portanto, o conceito de agricultura a tempo parcial fica incluído no interior do conceito de pluriatividade.

Fuller é tido como uma referência mundial no debate teórico sobre pluriatividade. Para esse autor:

[...] a pluriatividade permite reconceituar à propriedade como uma unidade de produção e reprodução, não exclusivamente baseada em atividades agrícolas. As propriedades pluriativas são unidades que alocam o trabalho em diferentes atividades, além da agricultura familiar (*homebased farming*). [...] A pluriatividade permite separar a alocação do trabalho dos membros da família de suas atividades principais, assim como o trabalho efetivo das rendas. Muitas propriedades possuem mais fontes de renda do que locais de trabalho, obtendo diferentes tipos de remuneração. A pluriatividade, portanto, refere-se a uma unidade produtiva multidimensional, onde se pratica a agricultura e outras atividades, tanto dentro como fora da propriedade, pelas quais são recebidos diferentes tipos de remuneração e receitas (rendimentos, rendas em espécie e transferências) (FULLER, 1990, p. 367).

A pluriatividade é uma maneira de reprodução social familiar, visto que há propriedades em que existem mais pessoas para trabalhar do que funções para serem realizadas, isto faz com que, o agricultor ou membro de sua família, possa trabalhar dentro ou fora da alocação como forma de complemento de renda (FULLER, 1990).

Kageyama (1998) expõe que a pluriatividade pode ser entendida como a combinação de atividades, por indivíduos ou núcleos familiares, em diferentes setores econômicos, consequentemente em mercados diversos. De acordo com Schneider et al. (2006), esta interação entre as atividades agrícolas e não-agrícolas tende a se tornarem mais intensas à medida que as relações entre os agricultores e o ambiente (social e econômico) fiquem mais complexos e diversificados. Por isto que a pluriatividade se torna um fenômeno heterogêneo e diversificado, dependente das estratégias sociais e produtivas adotadas pela família e das características do contexto em que se encontram inseridas.

Marsden e Flynn (1993) *apud* Schneider (2003a) consideram que:

[...] a pluriatividade tende a se generalizar tanto em áreas de produção agrícola, onde o avanço tecnológico diminuiria a demanda de trabalho, como nas demais zonas rurais, onde o próprio Estado vem estimulando o

desenvolvimento de outras atividades econômicas, como o turismo e o artesanato. O autor acredita que esse processo conduzirá à revalorização do espaço rural (como vem ocorrendo no município de Jundiaí) especialmente em razão do rápido crescimento do movimento ambientalista e dos processos de descentralização industrial, que tendem a ampliar o mercado local de trabalho e, conseqüentemente, a adoção da pluriatividade nas famílias rurais (MARSDEN; FLYNN, 1993 *apud* SCHNEIDER, 2003a, p. 110).

Alentejano (1999) afirma que a pluriatividade envolve a diversificação nas formas de organização, “com multiplicação de estratégias complementares de reprodução dos agricultores, como o assalariamento urbano, a transformação industrial ou artesanal da produção agrícola, e o desenvolvimento de atividades terciárias (serviços e lazer) na propriedade rural” (ALENTEJANO, 1999, p. 155).

Isto vem ocorrendo nas propriedades rurais visitadas na Rota Turística no município de Jundiaí, em que, além de se manter a prática agrícola (através principalmente do cultivo da uva) nas propriedades pesquisadas, as famílias realizam a transformação artesanal da produção agrícola (produção de vinho que é comercializada em adegas) e investimento no turismo rural, com a abertura de restaurantes rurais, pesque-pague, museu, etc. nas propriedades rurais.

Ainda para Alentejano (1999), a pluralidade de atividades no meio rural veio para atender às necessidades de subsistência das famílias. Entretanto, isso atualmente ocorre em virtude dessa diversidade de atividades estarem relacionadas aos interesses do capitalismo global, ou seja, a pluriatividade está intimamente associada ao capitalismo.

Candiotto (2007) também destaca que:

[...] no sentido de adaptação às oportunidades que surgem nessa fase do capitalismo, a pluriatividade se constitui em um fenômeno importante e inevitável, pois além de diversificar as fontes de renda dos agricultores familiares, amplia suas relações capitalistas, inserindo-os em novos mercados e novas relações sociais (CANDIOTTO, 2007, p. 205).

Apesar de haver diversas definições para a pluriatividade, autores como Sacco dos Anjos (2003), Schneider (2003; 2006; 2007), Carneiro (2006) e Candiotto (2007) concordam sobre a combinação de atividades realizadas no interior e no exterior da unidade familiar, e o foco na família como unidade de análise (SOARES, 2017).

Sobre o foco ser na família como unidade de análise, Candiotto (2007) defende que:

[...] as estratégias de cada família são fundamentais nas decisões em relação à incorporação de determinada técnica ou atividade. Porém tais estratégias são profundamente influenciadas por oportunidades e ações provenientes de elementos externos à unidade familiar, seja na esfera da economia, cultura ou política. Apesar de diversas famílias rurais trabalharem para sua subsistência

e terem uma relativa autonomia em relação aos mercados, não podemos aceitar a falsa ideia de que, nesse mundo globalizado, os agricultores familiares não são influenciados por técnicas, normas, objetos e ações externos a sua unidade de produção e vida familiar (CANDIOTTO 2007, p. 199).

Para Schneider (2003a), a pluriatividade é compreendida como um atributo da agricultura familiar contemporânea e uma maneira de confirmação desses atores sociais no capitalismo atual, além de não representar – a pluriatividade - uma realidade marginal e transitória para as famílias dos produtores familiares.

Para esse autor a pluriatividade representaria uma estratégia de “reprodução das famílias rurais frente às mudanças no meio rural, especialmente quanto ao crescimento das atividades não-agrícolas” (CARDOSO, 2013, p. 30).

Cabe destacar que existe diferença em relação aos termos pluriatividade e atividades não-agrícolas. De acordo com Schneider (2006), as atividades não agrícolas são:

[...] tipos de ocupações em ramos e setores de atividades econômicas e produtivas classificadas como não-agrícolas. O crescimento das atividades não-agrícolas pode estar mais relacionado com as alterações nos mercados de trabalho rurais, expressando os novos modos de ocupação da força de trabalho. Nem sempre o crescimento das ocupações não-agrícolas das pessoas ou famílias com domicílio rural, neste ou naquele setor ou ramo, implica em um aumento proporcional da pluriatividade das famílias. Não se pode esquecer que os indivíduos que formam uma determinada família podem optar entre combinar duas ocupações (assumindo a condição de pluriativos) ou escolher pela troca de ocupação, deixando o trabalho agrícola e passando a ocupar-se exclusivamente em atividades não-agrícolas, mesmo sem deixar de residir no meio rural (SCHNEIDER, 2006, p. 5).

Dessa forma, como aponta Schneider (2003b), o aumento de ocupados rurais não-agrícolas não ocasiona o crescimento obrigatório do número de pluriativos, mesmo que exista uma íntima relação entre eles. Esta diferenciação é essencial para se entender as transformações que acontecem nas relações de trabalho no interior das famílias e no espaço rural.

Para Schneider (2006), por estas razões:

[...] é cada vez mais aceito entre os estudiosos do mundo rural que está em marcha um processo de diferenciação entre a agricultura e o espaço rural, especialmente a partir da década de 1990, pois vem-se assistindo a um crescimento significativo de pessoas em idade ativa que residem nas áreas rurais, mas estão ocupadas em atividades não-agrícolas. Este fenômeno reforça um clássico argumento dos cientistas sociais que afirmam que além da função de produção de alimentos e matérias-primas, o espaço rural também se constitui em um lugar de moradia, de lazer, de identidade cultural, de relação com a natureza, etc; enfim, um espaço multifuncional (SCHNEIDER, 2006, p. 13).

Na Tabela 1 é possível visualizar que do total de 5.886.000 famílias brasileiras que, em 2003, tinham seus domicílios localizados exclusivamente nas áreas rurais não metropolitanas, 22% (1,281 milhão) eram pluriativas; 53% (3,112 milhões) estavam ocupadas em atividades agrícolas; 15% (854 mil famílias) ocupavam-se em atividades exclusivamente não-agrícolas; e 11% (639 mil famílias) não eram ocupadas.

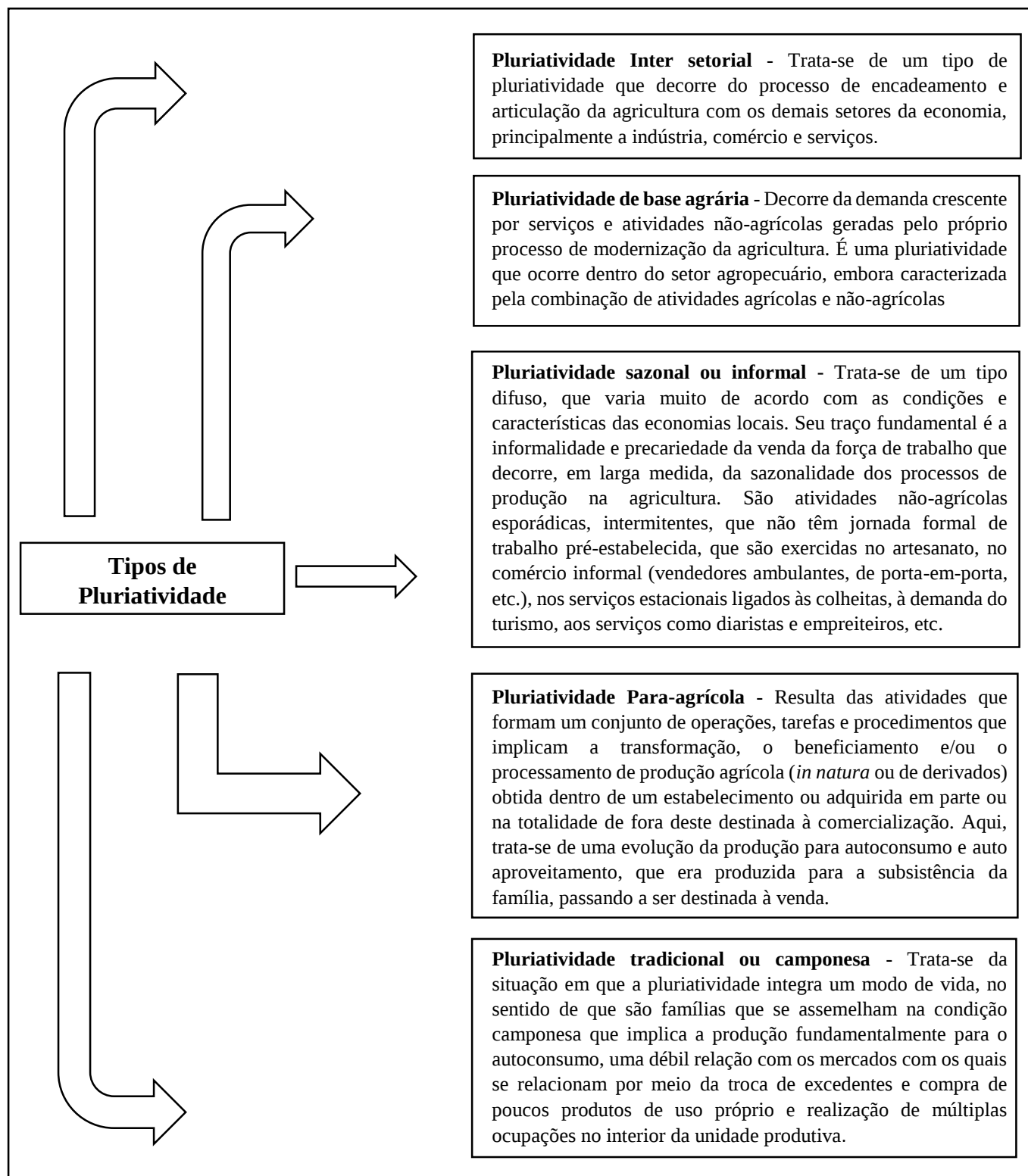
Tabela 1. Distribuição das famílias com domicílio nas áreas rurais não-metropolitanas segundo o tipo de atividade em que estava ocupada em 2003

Tipos de Famílias	Total (em 1.000 famílias)	%
Agrícola	3.112	53
Pluriativas	1.281	22
Não-agrícola	854	15
Não-Ocupada	639	11
Total de Famílias	5.886	100

Fonte: Schneider (2006, p. 15). Org. Tamires Regina Rocha, 2020.

Para Schneider (2003a), existem cinco tipos diferentes de pluriatividade, desde a mais tradicional – que não está integrada ao mercado – à mais moderna, que está integrada ao mercado e sua produção tem objetivos mercantis, como pode ser visualizado no Organograma 5.

Organograma 5. Os cinco tipos de pluriatividade

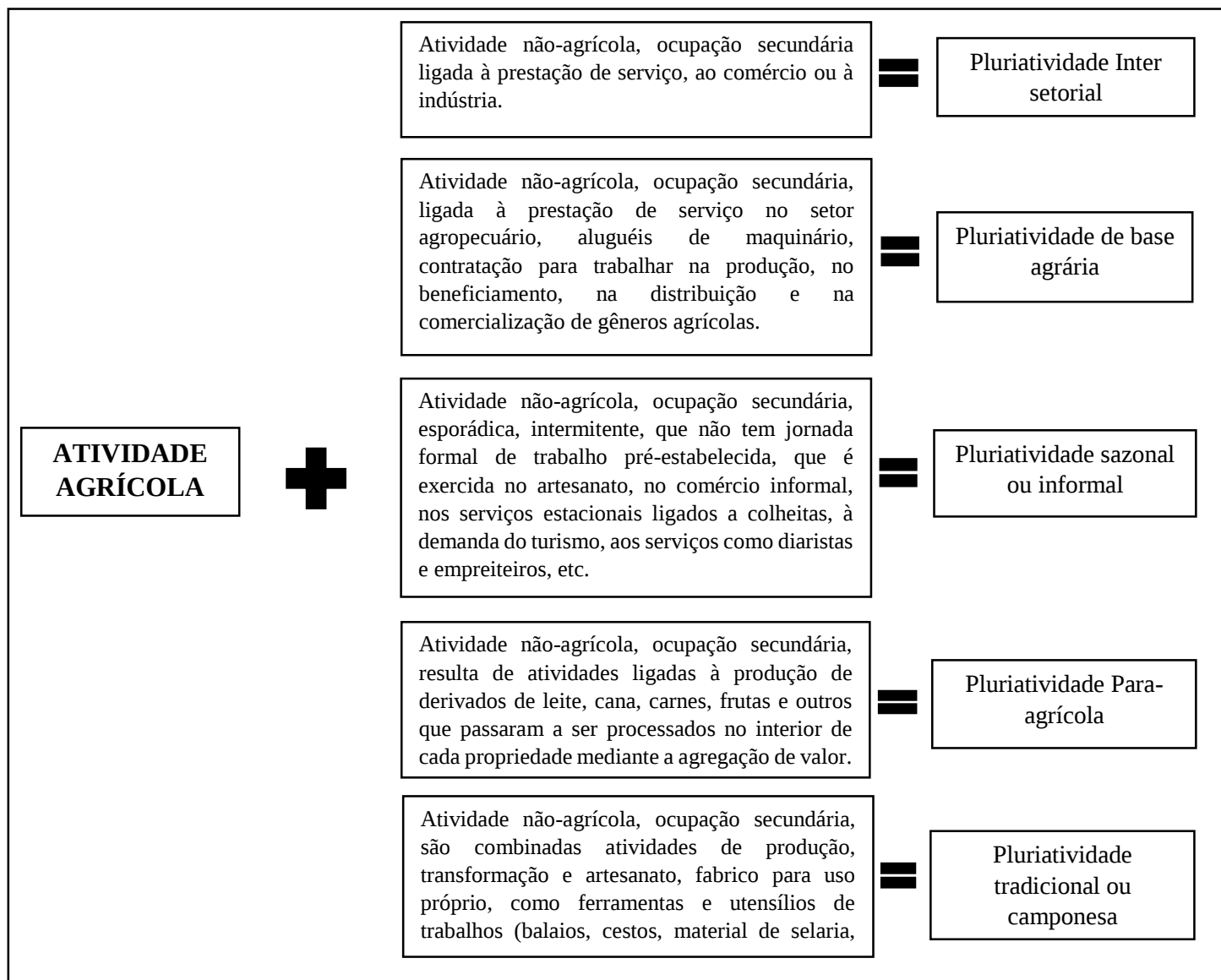


Fonte: Schneider (2003a, p. 08-11). Org. Tamires Regina Rocha, 2020.

Apresentados os cinco tipos de pluriatividade, fica claro que a segunda atividade desenvolvida por algum membro da unidade familiar define o tipo de pluriatividade, sendo

necessária a identificação da segunda atividade para entender a organização de cada núcleo familiar (Organograma 6).

Organograma 6. Tipologia das atividades exercidas como ocupação secundária



Fonte: Schneider (2003a). Org. Tamires Regina Rocha, 2020.

Considerando as informações dos Organogramas 5 e 6, com base em Schneider (2003a), se verificou que, no caso da Rota Turística da Uva no município de Jundiá, o que mais se aproxima dos produtores rurais entrevistados é a pluriatividade para-agrícola, através da combinação da agricultura (cultivo de uva) e do processamento da matéria-prima (vinho) e a pluriatividade intersetorial, combinação das atividades agrícolas (cultivo da uva) com aquelas voltadas para o turismo rural (adegas, restaurantes, pesque-pague, Museu do Vinho) na própria

propriedade e/ou serviços realizados pelos membros da família (sem vínculo agrícola) no exterior da propriedade.

De acordo com Schneider (2003a), a referência as várias (pluri) atividades pede uma definição. Portanto, uma atividade consiste na realização de um conjunto de tarefas, procedimentos e operações de caráter produtivo, tais como, plantio, manejo, colheita, preparação, organização, beneficiamento, etc.

A atividade agrícola, ou simplesmente a agricultura, compreende:

[...] uma miríade diversificada e complexa de tarefas, procedimentos e operações que envolvem o cultivo de organismos vivos (animais e vegetais) e o gerenciamento de processos biológicos dos quais resultam a produção de alimentos, fibras e matérias primas. Em função desta diversidade e complexidade torna-se difícil e muito relativo definir onde começa e termina uma atividade agrícola, pois nem sempre estas atividades são realizadas no interior ou confinadas a um único estabelecimento (SCHNEIDER, 2003a, p. 3).

Na Tabela 2 são expostos os estabelecimentos agropecuários no Brasil, sendo considerados pluriativos e não pluriativos, segundo os dados dos Censos Agropecuários do IBGE de 2006 e 2017.

Tabela 2. Estabelecimentos agropecuários no Brasil: pluriativos e não pluriativos

Ano	Não Pluriativos		Pluriativos		Total	
	Número de Estabelecimentos	Proporção (%)	Número de Estabelecimentos	Proporção (%)	Número de Estabelecimentos	Proporção (%)
2006	3.265.358	63,0	1.910.131	37,0	5.175.489	100,0
2017	---	---	---	---	5.073.324	100,0

Fonte: IBGE (Censos Agropecuários de 2006 e 2017). Org. Tamires Regina Rocha, 2020.

De acordo com a Tabela 2 foram recenseados 5.175.489 estabelecimentos agropecuários em 2006 no Brasil, dos quais 37% (1.910.131) podiam ser considerados pluriativos, enquanto que, 63% (3.265.358) dos estabelecimentos não são classificados como pluriativos. Já no ano de 2017, o Brasil contabilizou 5.073.324 estabelecimentos agropecuários, apresentando redução de 2% (102.165) se comparado aos dados do Censo de 2006, porém o IBGE no Censo Agropecuário de 2017 não disponibilizou os dados dos estabelecimentos considerados pluriativos ou não.

De outro ponto de vista, ao observar a Tabela 3, deve-se considerar que entre esse total de estabelecimentos agropecuários no ano de 2006, se verificou que 84,4% (4.367.902) podem

ser classificados como pertencentes à categoria agricultura familiar e 15,6% (807.587) à categoria agricultura não familiar. No Censo Agropecuário de 2017, os estabelecimentos familiares contabilizavam 3.897.408 estabelecimentos, representando (76,8%) em relação ao total de estabelecimentos do ano de 2017, enquanto que, os não familiares somavam 1.175.916, representando (23,2%) do total de estabelecimentos do mesmo ano.

Além disso, percebe-se com a Tabela 3 que no Censo Agropecuário de 2017 houve uma queda de 10,74% em relação aos dados de 2006 sobre o total estabelecimentos classificados como sendo de agricultura familiar e uma alta de 45,29% em relação aos dados de 2006 de estabelecimentos classificados como sendo de agricultura não familiar.

Tabela 3. Estabelecimentos totais e pluriativos no Brasil, na agricultura familiar e não familiar

Ano	Variáveis	Agricultura Familiar	(%)	Agricultura não familiar	(%)
2006	Total	4.367.902	100,0	807.587	100,0
	Pluriativos	1.491.080	78,1	419.051	21,9
2017	Total	3.897.408	100,0	1.175.916	100,0
	Pluriativos	---	---	---	---

Fonte: IBGE (Censos Agropecuários de 2006 e 2017). Org. Tamires Regina Rocha, 2020.

Ainda de acordo com os dados da Tabela 3, no Censo Agropecuário de 2006, dos estabelecimentos de agricultura familiar, 78,1% (1.491.080) eram pluriativos, enquanto que entre os estabelecimentos de agricultura não familiar, apenas 21,9% (419.051) eram pluriativos.

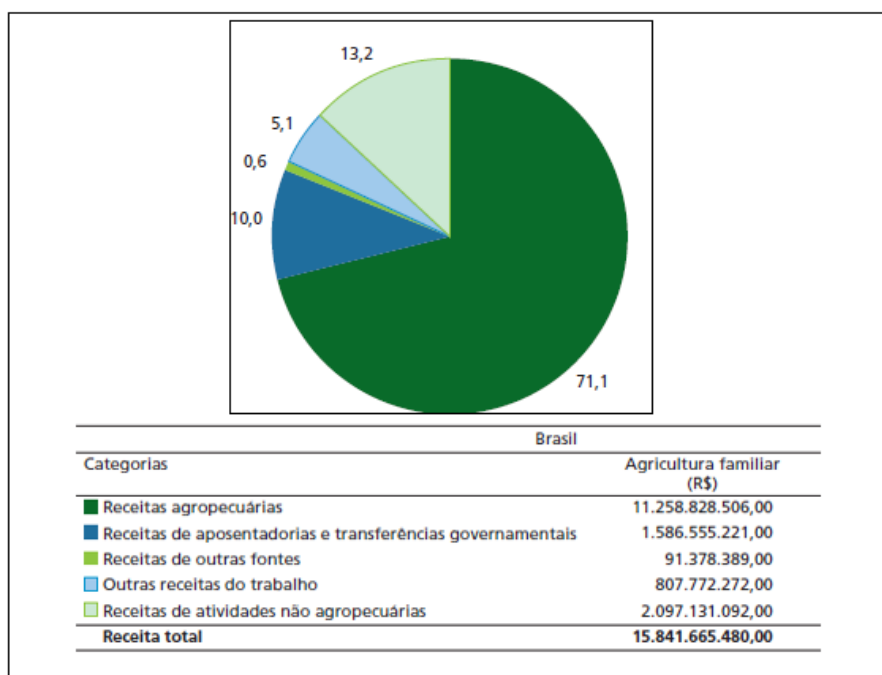
O Censo de 2017 disponibilizou apenas os números de estabelecimentos da agricultura familiar e os não familiares, porém não realizou a classificação daqueles que são considerados pluriativos ou não.

Para Escher *et al.*, (2014) esses números

[...] representam uma intrigante surpresa, haja vista que a quase totalidade dos estudos sobre pluriatividade no Brasil sempre consideraram esse fenômeno como uma especificidade da agricultura familiar e pouca atenção era dada a sua manifestação em outros segmentos (agricultura empresarial, patronal, capitalista, corporativa etc.). Por um lado, isto se deve ao fato de que os estudos realizados com base nos dados secundários da PNAD não operavam esta distinção e, por outro, ao fato de que os estudos de caso geralmente eram focados exclusivamente na agricultura familiar, justamente em regiões onde esta é predominante – assim como no Sul e no Nordeste do Brasil, que em conjunto abrigam praticamente 80% da agricultura familiar nacional (ESCHER *et al.*, 2014, p. 649-650).

Além disso, na Figura 4 referente aos plurirrendimentos é notório que as receitas originárias de atividades agrícolas e pecuárias representam as mais importantes fontes de ingressos na composição total das receitas dos agricultores familiares (71,1%). Entretanto, as receitas provindas de aposentadorias e transferências governamentais em conjunto com as receitas de atividades não-agropecuárias possuem significativa importância em estabelecimentos pluriativos no Brasil, representando 10,0% e 13,2%, respectivamente.

Figura 4. Plurirrendimentos dos estabelecimentos pluriativo na agricultura familiar (em %), no Brasil



Fonte: IBGE (Censo Agropecuário 2006). Elaboração: Ipea e PGDR, 2010-2011.

A pluriatividade surge “como uma alternativa para os agricultores e suas famílias que buscam novas atividades que possam melhorar a renda da família. Além disso, a pluriatividade atribuiu novas funções ao espaço rural, que, além de território da produção agrícola, também passaria a ser um espaço multifuncional” (SCHNEIDER, 2007, p. 22).

Pode-se dizer que a pluriatividade é uma face da “multifuncionalidade da agricultura familiar, ao englobar atividades não-agrícolas geradoras de renda, como agroindústria, turismo rural, comercialização direta, entre outras inserções econômicas de caráter autônomo ou assalariado em atividades industriais ou de serviços” (GAVIOLI; COSTA, 2011 *apud* SILVA, 2015, p. 19).

Nesse sentido, para Teixeira (2017), a pluriatividade é:

[...] fundamental para analisar a realidade contemporânea no meio rural, pois o crescimento do emprego não-agrícola isoladamente pode provocar, a médio ou longo prazo, a redução das atividades agrícolas e a proletarização da mão-de-obra familiar. É, portanto, uma das possíveis alternativas para garantir a melhoria da renda dos agricultores rurais, além de fixar as famílias de agricultores nos núcleos rurais, estimulando a ampliação de atividades que podem proporcionar desenvolvimento das áreas rurais (TEIXEIRA, 2017, p. 38).

Apesar dessa possibilidade de elevação do poder aquisitivo e da renda, a abordagem da pluriatividade sofre uma série de críticas, principalmente, porque a referência para pensar a pluriatividade no Brasil é o que aconteceu na Europa, ou seja, seria a transposição do que aconteceu no velho continente para a realidade brasileira, o que é totalmente distinta.

De acordo com Mior (2000), a perspectiva teórica

[...] da pluriatividade não considera as especificidades que distinguem o Brasil dos países capitalistas desenvolvidos, onde as condições de inserção no mercado de trabalho são bastante diferentes, frutos de processos históricos distintos. Nesses países (capitalistas desenvolvidos), o êxodo rural foi um processo equilibrado, impulsionado pela expansão das oportunidades de emprego urbano-industrial e não pela falta de alternativas no meio rural como foi no Brasil. Além disso, a evolução do emprego rural não-agrícola representou uma oportunidade para aumentar a renda familiar equiparando os rendimentos dos assalariados rurais aos urbanos. Já no Brasil, a evolução desses empregos não-agrícolas veio representar a chance de sobrevivência no campo (MIOR, 2000, p. 12).

Além disso, a pluriatividade não pode ser vista como a única solução para os problemas do campo no Brasil, pois, cada local possui suas particularidades e mesmo com o fomento de políticas públicas que estimulem o seu desenvolvimento, muitas das vezes não ocorrem. Isso está muito relacionado à situação geográfica dos municípios brasileiros, no caso de Jundiaí, a sua localização próxima a duas grandes Regiões Metropolitanas (São Paulo e Campinas) contribui para que as famílias rurais combinem atividades agrícolas e não-agrícolas (turismo rural) em suas propriedades rurais, atraindo o público principalmente desses dois grandes centros metropolitanos que procuram nessas áreas entrar em contato com a natureza, a vida rural e a aquisição de produtos de origem artesanal.

Carneiro (2006) ainda expõe que uma das críticas à pluriatividade estaria relacionada ao seu caráter de “novidade”. A pluriatividade não pode ser vista como resultado de um processo de modernização da sociedade, sendo que essa crítica se baseia no fato de que a presença de atividades não-agrícolas, combinadas com atividades agrícolas no campo, esteve presente desde sempre, como era o caso, por exemplo, dos antigos moinhos para produção de trigo, ou no caso da área de pesquisa, da produção de vinho para consumo familiar.

Entretanto, apesar das críticas e das divergências que devem ser consideradas, a pluriatividade pode ser entendida como uma forma de estratégia que foi resultado de escolhas e decisões realizadas pelos indivíduos de uma família perante as pressões econômicas e sociais que a agropecuária, principalmente em regime familiar, sofre diante da realidade a que foi imposta pelo mercado econômico existente. Como estratégia, as famílias rurais podem lançar mão de atividades não-agrícolas, assegurando sua reprodução social e econômica, bem como o desenvolvimento rural.

As análises da maioria dos pesquisadores destacados,

[...] são convergentes em apontar para uma “nova ruralidade” em função das mudanças processadas no interior do cenário chamado de rural. As atividades desenvolvidas dentro do estabelecimento agropecuário, bem como as ocupações das pessoas constitutivas das famílias rurais, apresentam uma diversidade antes não existente na realidade rural. Simultaneamente, outra novidade da realidade que tradicionalmente é chamada de rural, é o crescimento da participação das rendas advindas de atividades não-agrícolas no total da renda das famílias rurais (CARDOSO, 2013, p. 27).

Assim, a pluriatividade passou a compreender as diversas formas de trabalho que resultam em uma reestruturação dos espaços rurais e para o desenvolvimento de novas ruralidades. Além disso, passou-se a entender nas diversas pesquisas realizadas, como as diferentes formas de atividades agrícolas e não-agrícolas, realizadas no interior ou no exterior da propriedade, sejam elas remuneradas ou não, propiciando na manutenção das famílias rurais (PASSOS, 2009 *apud* TEIXEIRA, 2017).

Para Schneider (1994), a pluriatividade deve ser entendida como um condutor no desenvolvimento rural que propicie os requisitos necessários para promover o crescimento da renda dos produtores rurais, bem como, favorecer para que as famílias permaneçam no campo. O autor ainda ressalta que, a pluriatividade poderia ser fortalecida se houvesse mais investimentos em políticas públicas voltadas para a agricultura familiar, deste modo, tais ações poderiam resultar que os agricultores deixassem o quadro vulnerabilidade e assim, pudessem se reproduzir socioeconomicamente.

Nas palavras de Mendes (2005), as políticas públicas têm papel dinamizador das potencialidades do agricultor, pois,

[...] apesar da versatilidade do agricultor em desenvolver estratégias de reprodução familiar em diferentes situações naturais e sociais, as políticas públicas devem ser planejadas de forma a estimular o potencial produtivo e a geração de renda para a unidade familiar. Nestes termos, no momento em que o agricultor se reconhece como ator social e/ou como sujeito ativo do processo, assim como os demais atores sociais e os planejadores de políticas

públicas para o meio rural, torna-se importante reconhecer a agência como elemento dinamizador e transformador, mas com a cooperação das instituições políticas para o meio rural (MENDES, 2005, p. 139).

Portanto, num primeiro passo, é necessário entender que existem diversos

[...] mecanismos que podem contribuir para dinamizar as áreas rurais. A inserção de outras atividades que se apresentavam como típicas das zonas urbanas provocou uma reestruturação das áreas rurais, minimizando a dicotomia que existe entre o rural e urbano. Logo, a pluriatividade sozinha não é capaz de resolver todos os problemas inerentes à reprodução das famílias rurais. Mas é possível entendê-la como uma das alternativas a médio ou longo prazos de desenvolvimento rural (TEIXEIRA, 2017, p. 39).

Portanto, nesse contexto em que novas significações que caracterizam os espaços rurais na sociedade contemporânea, uma atividade ganha destaque por conseguir incorporar os diversos papéis atribuídos as áreas rurais, é o turismo rural, que será trabalhado no próximo subitem.

1.6. Turismo rural: conceitos, terminologias e alternativa de renda para as famílias no campo

O desenfreado crescimento urbano vivenciado no século XX, contribuiu para a valorização da vida no campo. Este fato resultou na expansão de uma das modalidades de turismo, ou seja, o turismo rural que vem ganhando destaque na sociedade atual. O turismo rural também se tornou uma possibilidade concreta de reversão no processo de esvaziamento e inviabilidade da atividade econômica familiar no meio rural (BEGNINI, 2010).

Dessa forma, se faz necessário o entendimento em relação às características e à prática desta atividade, a começar pelo contexto em que surgiu e se expandiu pelo mundo, conhecendo sua história e as particularidades que lhe são conferidas no Brasil (BEGNINI, 2010).

Para Candiottto (2007), o turismo rural:

[...] tem origem no final do século XIX na Europa (Áustria e Suíça), porém, assim como outras modalidades de turismo dessa época, estava restrito às elites. Em virtude do desenvolvimento econômico pautado na industrialização e das conquistas trabalhistas nos países europeus, ambos ocorridos na década de 1950, a partir do fim da Segunda Guerra, o turismo rural desponta como atividade planejada, com destaque para a França, Espanha e Itália (CANDIOTTO, 2007, p. 192).

De acordo com Candiottto (2007), além dos investimentos públicos voltados para o crescimento do turismo rural como categoria estratégica do *trade* turístico⁸, outro aspecto que deve ser considerado é o desejo daqueles que vivem nas cidades pelo espaço rural, seja para visitas pontuais ou mesmo para moradia, favorecendo assim, para a consolidação da atividade.

Assim, a partir da década de 1980, o turismo no espaço rural europeu passou a ser considerado como uma alternativa de renda devido aos problemas estruturais na agricultura, como os preços baixos obtidos pelos produtos agrícolas e a redução do protecionismo (TULIK, 2003).

Para Baidal (2000, p. 21), “as possibilidades do turismo rural constituem um aparato para reativação de áreas industriais com problemas, dinamização de áreas rurais atrasadas e diversificação da estrutura econômica regional”. Deste modo, levando em consideração, o temor com o futuro do espaço rural associado ao anseio de crescimento do turismo rural, a Europa passou, a partir dos anos 1990, a investir no setor através de políticas públicas da União Europeia. Dentre essas políticas destacam-se, as iniciativas do programa LEADER I e II (Ligação Entre Ações de Desenvolvimento da Economia Rural) e o PRODER (Programa de Diversificação da Economia Rural) (BAIDAL, 2000).

Cristóvão (2002) afirma que o programa LEADER

[...] lançado nos anos 1990, teve suas bases no documento intitulado “O Futuro do Mundo Rural”, elaborado pela Comissão Europeia, o qual defendia a importância da multifuncionalidade do espaço rural e a necessidade de políticas de qualidade e de proteção do ambiente, e de abordagens mais integradas do desenvolvimento regional. O LEADER surgiu do reconhecimento, pela Comunidade Econômica Europeia da importância do desenvolvimento rural e da necessidade de instrumentos que, partindo da capacidade organizativa de base dos territórios, conduzissem a um mais participado e mais integrado aproveitamento dos diversos recursos. Dentro dos programas LEADER, pretende-se que o planejamento das ações parta dos anseios das comunidades, isto é, “de baixo pra cima” (CRISTÓVÃO, 2002, p. 97).

Candiottto (2007) expõe que, fatores como a multifuncionalidade do rural, a perspectiva multidisciplinar do território, não considerando apenas a visão setorial (agrícola/rural), mas sim, o uso integrado dos recursos e a diversificação das economias locais,

⁸ *Trade* Turístico são organizações privadas e governamentais atuantes no setor de "Turismo e Eventos" como os Hotéis, Agências de Viagens especializadas em Congressos, Transportadoras Aéreas, Marítimas e Terrestres, além de Promotores de Feiras, Montadoras e Serviços Auxiliares (tradução simultânea, decoração, equipamentos de áudio visuais, etc.) (EMBRATUR, 1995).

além do próprio envolvimento dos cidadãos na organização e administração de base local, constituem as políticas públicas orientadas nos Programas LEADER.

A implantação dos Programas LEADER favoreceu a diversificação econômica do espaço rural. Essa diversificação resultou para que o turismo passasse a ser visto como elemento importante para a revitalização das propriedades rurais, colaborando para o desenvolvimento do turismo rural europeu (VERBOLE, 2002).

Assim, tendo como base a experiência europeia nos anos 1990 em desenvolver o turismo como uma ação econômica importante para o meio rural, que engrandece o lugar e a cultura local, o turismo no espaço rural passou a ser visto como uma possibilidade de sobrevivência em virtude da geração de emprego e renda, além de promover o desenvolvimento rural (CANDIOTTO, 2007).

Candiotto (2007) acrescenta que, além das dificuldades econômicas dos agricultores e da agricultura,

[...] o apelo ambiental de usos menos degradadores dos recursos naturais e do desenvolvimento sustentável, popularizado no início da década de 1990, contribuíram para a consolidação da ideologia do turismo rural (e do ecoturismo) como atividades potencialmente promotoras do desenvolvimento sustentável. O interesse da sociedade urbana pelo ambiente e pela cultura rural também se apresenta como um dos grandes argumentos para o crescimento do turismo rural, e, conseqüentemente, para a revitalização do espaço rural (CANDIOTTO, 2007, p. 194).

De forma geral, a literatura europeia trata qualquer modalidade de turismo realizada no espaço rural como turismo rural. Silveira (2001) aponta os três aspectos que definem o turismo rural nos países que compõem a Comunidade Europeia:

[...] o turismo rural é um conceito amplo que engloba não apenas o gozo das férias em fazendas, mas qualquer outra atividade turística que ocorre no campo; o turismo rural recobre, igualmente, toda atividade turística no interior do país; o turismo rural é um conceito que abarca toda a atividade turística endógena suportada pelo ambiente humano e natural (SILVEIRA, 2001, p. 21).

Apesar do conceito de turismo rural na Europa compreender qualquer prática turística realizada no espaço rural, autores europeus como Cals, Capellà e Vaqué (1995) realizam uma diferenciação entre os conceitos de turismo no espaço rural e o turismo rural. O primeiro, segundo os referidos autores, está relacionado a todas as atividades turísticas que ocorrem no meio rural (turismo rural, agroturismo, turismo religioso, entre outros). Enquanto que, o

segundo corresponde as atividades que reconhecem as particularidades da vida rural, desde seu *hábitat*, economia ou cultura (CALS; CAPELLÀ; VAQUÉ, 1995 *apud* SILVA, *et al.*, 2000).

Para Tulik (2003), a experiência da União Europeia foi importantíssima para fomentar o turismo rural no Brasil. Muitos termos e expressões foram importados e passaram a ser utilizados no país.

No entanto, de acordo com Maia (2015, p. 5), o Brasil abriga uma grande diversificação “cultural e atividades produtivas rurais que dão ao Turismo Rural Brasileiro características ímpares. Com realidades totalmente diferentes, esses termos podem não ser adaptáveis às características do país, podendo acabar sendo distorcidos e aplicados de maneira errônea”.

Segundo o Ministério do Turismo - MTur (2008), mesmo que em algumas regiões do país, as propriedades rurais já recebessem visitantes, foi apenas na década de 1980 que a atividade (turismo rural) despontou com caráter econômico, muito em virtude das transformações da sociedade e da economia (MAIA, 2015).

É consenso entre os autores que se dedicam à temática que:

[...] o turismo rural no Brasil foi identificado entre os anos de 1984-1986 quando algumas propriedades no município de Lages, no Estado de Santa Catarina, resolveram aproveitar a estrutura existente para diversificar suas atividades e receber turistas. Convém lembrar que a visita a propriedades rurais é uma prática antiga e muito comum no Brasil, e o deslocamento para as áreas rurais passa a ser trabalhado com profissionalismo em 1986 quando o TR passa a ser organizado com a finalidade de implantar ações para desenvolver essa atividade (TULIK, 2003, p. 15).

Conforme Ruschmann (1997) *apud* Goerck (2017), a deterioração da qualidade de vida nos grandes centros urbanos faz com que a população urbana procure por locais que possibilitem o contato com a natureza e proporcionem tranquilidade, pois o dia a dia nas cidades grandes muitas vezes impossibilitam esse contato. E nos espaços rurais, elementos como a tranquilidade, o contato com a natureza, o silêncio, o retorno às origens rurais etc. podem ser encontrados e desfrutados.

Segundo Moletta (2002), o turismo rural:

[...] é uma atividade de lazer que o homem urbano procura junto às propriedades rurais, buscando o contato com a natureza e o resgate de suas origens culturais, bem como a valorização da cultura local. Para o homem do campo, significa uma forma de aumentar a sua renda mensal, valorizando sua propriedade e ao mesmo tempo seu estilo de vida (MOLETTA, 2002, p. 11).

Portanto, de acordo com Maia (2015), devido ao sucesso obtido pela atividade em Lages - SC que a atividade (turismo rural) passou a ser desenvolvida em outras regiões do Brasil, sendo desenvolvida com maior constância em outros municípios do Sul e do Sudeste do país, que são próximos aos grandes centros urbanos, como no caso de Jundiá – SP.

De acordo com o IICA Brasil - Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (2013), o turismo rural:

[...] já está presente em todas as regiões do Brasil, em diferentes estágios de desenvolvimento. Apesar de uma grande concentração de oferta de produtos nas regiões Sul e Sudeste do país, verifica-se uma maior pulverização da atividade pelos Estados Brasileiros, o que demonstra o crescente potencial e desenvolvimento deste segmento. Percebe-se a disseminação da oferta de produtos de turismo rural por todas as regiões do país (IICA BRASIL - INSTITUTO INTERAMERICANO DE COOPERAÇÃO PARA A AGRICULTURA, 2013, p. 11).

De acordo com os dados da pesquisa “Panorama Empresarial de Turismo Rural” (2010), realizada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) o turismo rural é uma das atividades econômicas que mais apresenta crescimento no Brasil, com um aumento de cerca de 30% ao ano. Além disso, no *ranking* mundial, o país está na quarta posição no segmento, ficando atrás apenas de países como Espanha, Portugal e Argentina.

Segundo a Organização Mundial do Turismo, o crescimento internacional do setor representa 6% ao ano, além de que, pelo menos 3% dos turistas do mundo buscam realizar suas viagens para destinos rurais. Ainda de acordo com a pesquisa realizada, São Paulo é o maior destino de turismo rural no Brasil, com 122 municípios que dispõem da atividade. Entretanto, a pesquisa também destacou que novos destinos turísticos estão se destacando com a atividade, como no caso do Rio Grande do Norte e o Piauí (SEBRAE, 2010).

No Estado de São Paulo, o fomento ao turismo em áreas rurais:

[...] teve seu início mais tardio que em outros estados. Por volta dos anos 2000, decorrente de ser este um dos mais ricos polos agros produtivos nacionais, as dificuldades da agropecuária nacional que assolaram o Brasil, chegaram mais tardiamente em São Paulo. Assim, os proprietários rurais não viam a necessidade da agregação de valor que o turismo rural ofertava. Cabe aqui ressaltar, que, já no início dos anos 80, haviam alguns poucos visionários, empreendedores de turismo rural no Vale do Paraíba e na Região de Mococa. Porém, como São Paulo é o Estado com maiores índices populacionais brasileiros e com grandes centros urbanos, também, é aquele que possui o maior número de consumidores aptos a vivenciar a atividade turística rural, com novas necessidades e expectativas latentes de experiências turísticas gerando a demanda por novas experiências. Por isso, propriedades rurais

inseriram-se na realidade do turismo rural brasileiro, criando ofertas de produtos em várias regiões do Estado (IICA BRASIL – INSTITUTO INTERAMERICANO DE COOPERAÇÃO PARA A AGRICULTURA, 2013, p. 15).

Ainda de acordo com o IICA Brasil (2013), existem mais de dezesseis (16) polos rurais no Estado de São Paulo. Dentre estes destacam-se: Ribeirão Preto, Litoral Norte Paulista, Campinas, Vale do Paraíba, Vale do Ribeira, entre outros, além disso, alguns desses polos se caracterizam pela correlação existente entre uso de áreas de proteção ambiental (APA) com atividades turísticas rurais, como por exemplo no município de Santo Antônio do Pinhal, na Fazenda Renópolis. Cabe a destacar que em alguns municípios próximos a região de Campinas, como Sosas e Joaquim Egídio, existem projetos que possuem como objetivo apresentar a vivência e o cotidiano agropecuário das famílias rurais e a valorização do patrimônio histórico das Fazendas de Café, já que naquela região concentravam-se as grandes produções de café no século.

O IDESTUR (Instituto para o Desenvolvimento do Turismo, Cultura, Esporte e Meio Ambiente)⁹, apresentou os primeiros Indicativos do Turismo Rural Paulista em 2009, na qual constatou que 37,5% das propriedades rurais direcionadas para atividades turísticas são constituídas de pousadas rurais de pequeno porte, em que se combina comodidade e possibilidades de se hospedar de maneira acessível, sem que isso indique ausência de conforto e charme.

Estes mesmos dados, identificaram que outros 33,2% são empreendimentos voltados ao Agroturismo e/ou Agroindústria artesanal, que ofertam a visita para vivência do cotidiano rural produtivo, agregando valor ao produto rural, porém, sem hospedagem; 6,9 % são empreendimentos voltados ao turismo rural pedagógico, atividade identificada como sendo aquela, de cunho educativo, que permite o processo de ensino e conhecimento do universo rural, seus meios de produção, históricos e culturais, com a exigência de uma preparação didática pedagógica. A totalidade das atividades do Estado, apresentada nestes dados coletados, envolve, também, restaurantes rurais, fazendas históricas, cavalgadas e pesque-pague (IICA BRASIL – INSTITUTO INTERAMERICANO DE COOPERAÇÃO PARA A AGRICULTURA, 2013, p. 15-16).

⁹ O IDESTUR localizado em Foz do Iguaçu no Estado do Paraná, é uma das mais ativas e criativas organizações de turismo do Brasil. Colabora ativamente com o Governo Federal, Estados e Municípios e participa da Rede Americana de Turismo Rural com Argentina, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai, e Venezuela e da rede Transcontinental ao lado da Espanha, França, Inglaterra, Itália e Portugal.

Portanto, apesar do turismo rural não ser uma atividade nova, os autores possuem certa dificuldade em discutir o tema, principalmente em relação à definição da atividade e aos diversos termos que são utilizados para nomeá-lo (MAIA, 2015).

Segundo Campanhola e Silva (2000), o turismo no meio rural consiste em atividades de lazer realizadas no “meio rural e abrange várias modalidades definidas com base em seus elementos de oferta: turismo rural, turismo ecológico ou ecoturismo, turismo de aventura, turismo cultural, turismo de negócios, turismo jovem, turismo social, turismo de saúde e turismo esportivo, etc” (CAMPANHOLA; SILVA, 2000, p. 147).

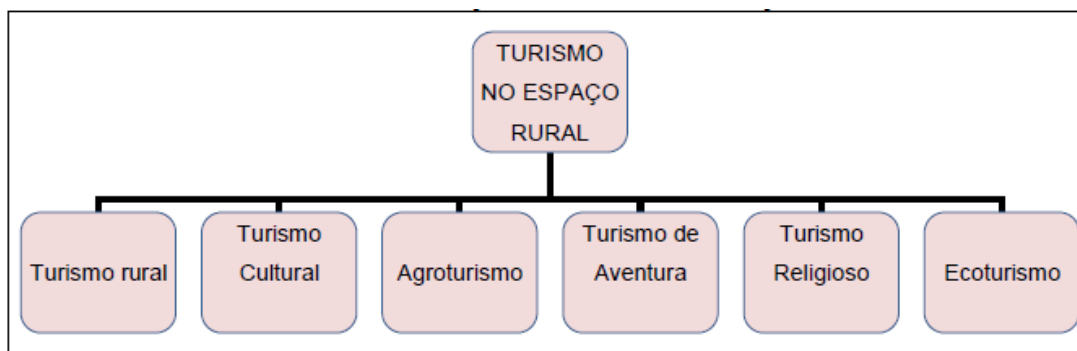
Bricalli (2005) concorda com os autores supracitados e ressalta que todos os empreendimentos que promovam lazer, descontração, tranquilidade ou qualquer outra atividade relacionada ao turismo, desde que se encontrem situados em áreas rurais, podem ser considerados como turismo no espaço rural, afinal o turismo no espaço/meio rural inclui diversas modalidades turísticas.

Pimentel (2003) explica que turismo no espaço rural engloba todas as explorações turísticas no meio rural, já o turismo rural diz respeito às atividades turísticas ligadas ao modo de produção agropecuária, recursos naturais e culturais locais:

[...] o turismo no espaço rural engloba a totalidade da exploração turística no meio rural. Entendemos como sendo turismo no espaço rural, qualquer atividade turística no meio rural, desde *spa's* até parques temáticos. Esse turismo não requer clara identidade entre as atividades de lazer e o ambiente onde as mesmas ocorrem. [...] turismo rural responde ao coletivo de incursões turísticas de lazer praticadas no campo, mas interligadas ao modo de produção agropecuário e aos recursos naturais e culturais locais (PIMENTEL, 2003, p. 133).

Portanto, quando se fala turismo no espaço rural ou turismo no meio rural, estão incluídas todas as modalidades turísticas realizadas nesse espaço, independente da motivação e das atividades desenvolvidas (CANDIOTTO, 2010). A Figura 5 sintetiza algumas modalidades do turismo no espaço rural.

Figura 5. Configuração do turismo no espaço rural



Fonte: Scherer, 2014, p. 40.

Em relação ao conceito de turismo rural, Silva e Almeida (2002, p. 10) o concebem como “uma modalidade mais restrita que o turismo no espaço rural, pois estaria reservado apenas para os casos em que as atividades rurais tradicionais (agricultura, extrativismo e pesca) desempenham algum papel na visita”.

Tulik (2003) reforça essa concepção, pois para a autora o turismo no espaço rural está relacionado a qualquer atividade de turismo praticada nesse espaço, enquanto que o turismo rural está associado ao meio - espaço rural - e à produção agropecuária realizada.

Outros autores também conceituam o turismo rural. Para Beni (2002), a atividade está relacionada a locomoção de pessoas em direção as áreas rurais, sendo por meio de roteiros planejados ou espontâneos, com ou ausência de pernoite, utilizando das instalações locais.

Para Araújo (2000), o turismo rural refere-se a atividades recreativas, de estadia e serviços, que tem como referência o espaço rural, direcionadas principalmente aos habitantes das cidades que procuram desfrutar de momentos de lazer, ócio ou férias, em contato com o ambiente natural e próximo à população local.

Solla (2002, p. 117) concorda com o autor supracitado e simplifica dizendo que o turismo rural “[...] é aquele que se desenvolve no meio rural e que tem como principais motivações os elementos próprios desses ambientes”. Os elementos a que o autor se refere incluem os aspectos culturais do espaço rural, sobretudo aqueles que o meio urbano não pode proporcionar, tais como a tranquilidade, contato com a natureza e forma de vida tradicional.

Rubelo e Luchiari (2005) também apresentam um conceito de turismo rural próprio e bastante abrangente, entendendo-o como:

[...] a somatória de possibilidades que permite ao turista conhecer as práticas sociais das famílias rurais, a cultura rural, o contato com as atividades do campo, com a natureza, com a herança material, expressa ainda nos objetos

utilizados para desenvolver as atividades de produção agrícola, e o saber local (RUBELO; LUCHIARI, 2005, p. 214).

Talavera (2009) emprega um conceito mais genérico, definindo turismo rural como a utilização e aproveitamento turístico do espaço rural, a atividade deve se apoiar em alguns aspectos, entre eles destacam-se: o desenvolvimento sustentável, a conservação e valorização do patrimônio, a preservação do meio ambiente, deve ser praticado em locais “não invadidos”, inserir a população local como agentes culturais e promover o contato cultural através de encontros espontâneos.

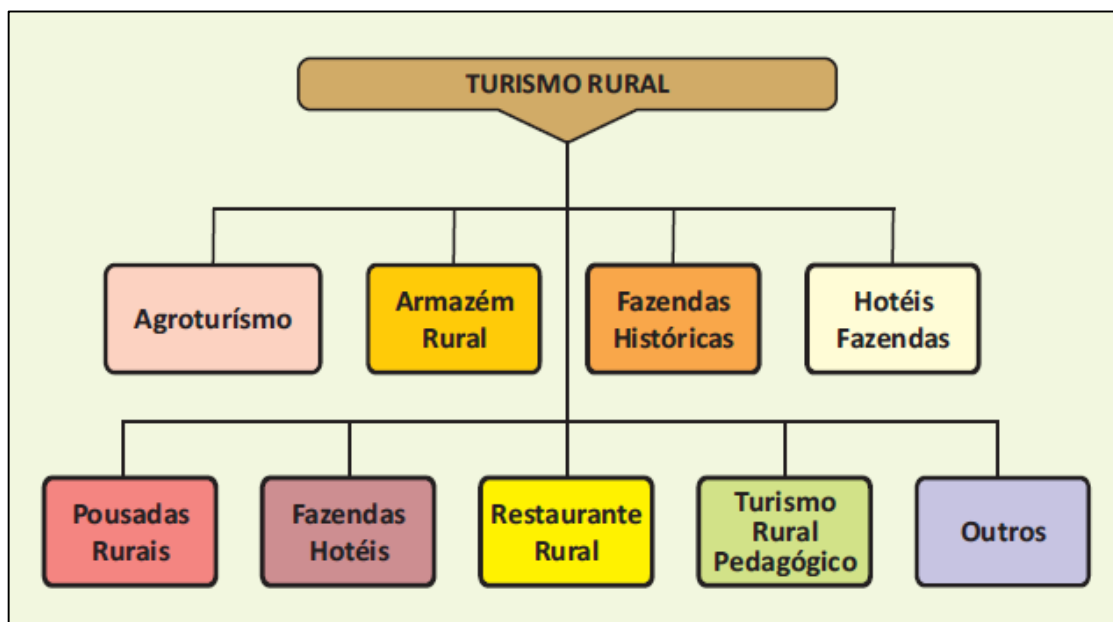
Rodrigues (2000) propõe a seguinte classificação para o que denomina de “turismo rural propriamente dito”:

a) Turismo rural tradicional de origem agrícola: Propriedades que, historicamente, se constituíram como unidades de produção agrária durante o ciclo do café, cujo patrimônio arquitetônico é representado pela sede da fazenda, áreas de pesque-pague, ordenha de vacas, colheita de frutas, dentre outros. **b) Turismo rural tradicional de origem pecuária:** são áreas onde a atividade de criação de gado funcionou como instrumento de apropriação do território durante o início da colonização e atualmente oferecem infraestrutura para hospedagem. **c) Turismo rural tradicional de colonização europeia:** cuja origem está relacionada à história da imigração europeia no Brasil, principalmente nas regiões sul e sudeste do país. **d) Turismo rural artesanal de origem colonial:** propriedades rurais tradicionais, com instalações simples nas quais os proprietários residem no local e cujos meios de subsistência provêm das atividades rurais. Vivem do consórcio das atividades agropecuárias com o turismo, sendo que o turismo desempenha uma atividade econômica complementar. Recebem os turistas nas dependências de suas casas, com eles compartilhando sua moradia. Fazem e vendem produtos artesanais de origem rural, como compotas, pães, biscoitos, etc. Trata-se de um turismo de pequeno porte, modesto, de estrutura essencialmente familiar. **e) Turismo Rural Contemporâneo:** opõe-se à primeira categoria por englobar equipamentos implantados mais recentemente, notadamente a partir dos anos 1970, quando o turismo começa a assumir maior significado como atividade econômica no Brasil. Modalidade alternativa ao turismo "sol e praia", assumindo importância maior à medida que a população brasileira tornasse mais urbanizada. Como variantes dessa modalidade, destacam-se o agro-turismo, os hotéis fazenda, as fazendas-hotel, as pousadas rurais, os *spas* rurais, as segundas residências campestres e os *campings* e acampamentos rurais (RODRIGUES, 2000, p. 61-62).

Portanto, para Rodrigues (2001) o turismo rural é uma atividade centrada nos atributos próprios como a paisagem natural, o modo de vida e a cultura rural/local. Deste modo, tendo como referência essas particularidades que orientam o turismo rural, na Figura 6 é apresentada as diferentes modalidades existentes de turismo rural. Para definir tais modalidades, é fundamental considerar alguns aspectos “o processo histórico de ocupação territorial, estrutura

fundiária, as características paisagísticas regionais, estrutura agrária, com destaque a relação de trabalho envolvida, atividades econômicas atuais, características da demanda e tipos de empreendimentos” (RODRIGUES, 2001, n.p).

Figura 6. Modalidades de Turismo Rural no Brasil



Fonte: IICA Brasil - Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, 2013, p. 10.

Novaes (2004, p. 5) apresenta a definição de turismo rural da Organização Mundial do Turismo (OMT), que também destaca o turismo como atividade complementar e integrada à agropecuária. “O Turismo Rural refere-se a lugares em funcionamento (fazendas ou plantações) que complementam seus rendimentos com algumas atividades turísticas, oferecendo geralmente alojamento, refeições e oportunidades de adquirir conhecimentos sobre as atividades agrícolas”.

Desta forma, a considerar os autores citados, o turismo rural está obrigatoriamente relacionado às características do espaço rural (produção agrícola e/ou pecuária, as paisagens naturais/rurais, a proximidade direta com o estilo de vida das famílias do campo e com os animais, a cultura, além da própria culinária típica da “roça”, entre outros aspectos).

De acordo com Tulik (2003), considerando o amplo debate sobre a conceituação do turismo rural, a Embratur também teve dificuldades em estabelecer um marco conceitual oficial para o turismo rural brasileiro. Assim,

[...] em 1994, a Embratur adotou o turismo rural como um conceito múltiplo, e de certa forma confuso, pois abrangeria o turismo diferente, de interior, doméstico, integrado, endógeno, alternativo, agroturismo e turismo verde. O

principal objetivo do turismo rural no Brasil seria gerar emprego e renda com vistas ao desenvolvimento local (TULIK, 2003, p. 27).

Um conceito apresentado pela Embratur em 1998 entendia o turismo rural como o “conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade” (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010).

Deste modo, o turismo rural seria, uma atividade complementar às atividades agropecuárias, e assim, favoreceria para a dinamização econômica do espaço rural, e para a preservação e valorização de aspectos culturais e naturais (CANDIOTTO, 2010).

Tulik (2003) afirma que, em 2002, houve uma mudança no conceito de turismo rural da Embratur, que passou a ser considerado:

[...] um segmento do turismo que proporciona conhecer, vivenciar e usufruir as práticas sociais, econômicas e culturais próprias do meio rural de cada região de forma sustentável. Mesmo com a mudança conceitual, o turismo rural se manteve vinculado às práticas rurais, e não somente ao espaço rural, mostrando que a existência ou manutenção das atividades agropecuárias são elementos fundamentais para caracterizar o turismo rural. Ademais, este conceito de 2002 passa a fazer referência à sustentabilidade no turismo, demonstrando a força da ideologia do turismo sustentável e, conseqüentemente, do desenvolvimento sustentável, cada vez mais utilizada na retórica de governos, empresas, políticos, e outros atores (TULIK, 2003, p. 74).

Foi no intuito de desfazer o que Tulik (2003) chama de “confusão terminológica” que o Ministério do Turismo lançou, em 2004, o Marco Conceitual de Turismo Rural, no qual apresentou conceitos que devem ser tomados como parâmetro para o crescimento da atividade no país. Além de conceituar o Turismo Rural, também são apresentados os conceitos de Turismo no Espaço Rural, Agroturismo e Turismo Rural na Agricultura Familiar, conforme ilustrado no Quadro 4.

Quadro 4. Definições do segmento do turismo rural segundo o Ministério do Turismo

Segmentos Turísticos	Conceitos
Turismo no Espaço Rural (TER)	São todas as atividades praticadas no meio não urbano; que consiste de atividades de lazer no meio rural em várias modalidades definidas com base na oferta: Turismo Rural, Turismo Ecológico ou Ecoturismo, Turismo de Aventura, Turismo de Negócios, Turismo de Saúde, Turismo Cultural, Turismo Esportivo, atividades estas que se complementam ou não
Turismo Rural (TR)	É o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometidas com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade.
Agroturismo	São atividades internas à propriedade que geram ocupações complementares às atividades agrícolas, as quais continuam a fazer parte do cotidiano da propriedade, em menor ou maior intensidade.
Turismo Rural da Agricultura Familiar (TRAF)	É a atividade turística que ocorre no âmbito da unidade de produção dos agricultores familiares que mantêm as atividades econômicas típicas da agricultura familiar, dispostos a valorizar, respeitar e compartilhar seu modo de vida, o patrimônio cultural e natural, ofertando produtos e serviços de qualidade e proporcionando bem-estar aos envolvidos.

Fonte: Conceitos extraídos do *site* oficial do Ministério do Turismo (2010). Org. Tamires Regina Rocha, 2020.

De acordo com o Ministério do Turismo (2010), o termo agroturismo é utilizado em países da Europa como Portugal e Itália e em algumas regiões do Brasil, como no Espírito Santo e em Santa Catarina, sendo compreendido como o turismo desenvolvido no interior das propriedades rurais, em que o visitante/turista entra em contato com o modo de vida das pessoas que vivem na propriedade, bem como, o cotidiano e os hábitos dos habitantes do local.

A definição traz na sua essência a noção de que a atratividade das propriedades rurais “está na oportunidade de o turista acompanhar a produção de produtos agrários [sic] - doces, geleias, pães, café, queijo, vinhos, aguardentes - ou vivenciar o dia-a-dia da vida rural, por meio do plantio, colheita, manejo de animais, consumindo os saberes e fazeres do campo” (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 20).

Em relação ao Turismo Rural na Agricultura Familiar (TRAF), esta se deve à significava presença da agricultura familiar no espaço rural brasileiro e o grande número de empreendimentos e atividades turísticas a ela associados, ligada à urgência para a criação de políticas públicas que valorizassem essa categoria de produtores, resultando no surgimento de um movimento em torno do turismo praticado por agricultores familiares (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010).

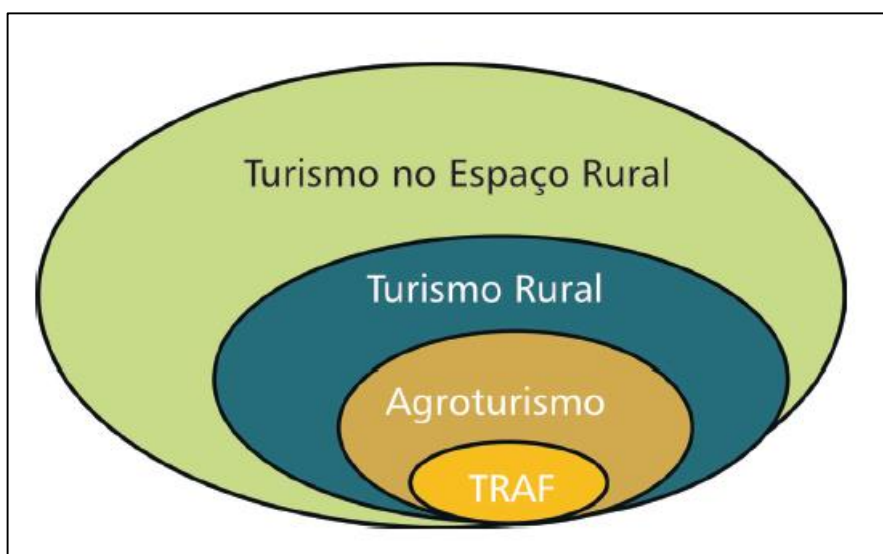
Assim, o que diferencia o Agroturismo do TRAF é que este último segue os requisitos da Lei nº 11.326 de 2006 e da Lei nº 12.512 de 2011, ou seja: “a mão-de-obra é majoritariamente familiar; a gestão do estabelecimento cabe à própria família; a área da propriedade não supera 4 módulos fiscais e tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento” (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 21).

Portanto, de acordo com Maia (2015), o que diferencia os dois primeiros conceitos do Quadro 4 é:

[...] o envolvimento com a produção agrícola/agropecuária. Enquanto no primeiro, o espaço rural serve apenas como *locus* da atividade turística, no segundo se faz necessário que esta esteja comprometida com as atividades tradicionais que são praticadas no local. Já os dois últimos conceitos listados são considerados como derivações do Turismo Rural e caracterizados pelo maior contato dos turistas com as práticas de trabalho nas propriedades rurais. Isso devido, segundo o MTur (2008), à heterogeneidade regional e às diferenças no estágio de desenvolvimento das diversas iniciativas de turismo empreendidas nos territórios rurais brasileiros que criaram uma variada gama de definições (MAIA, 2015, p. 7).

Para confirmar as definições até aqui expostas, na Figura 7 é possível compreender que os termos Agroturismo e Turismo Rural na Agricultura Familiar (TRAF) podem ser empregados como componentes de uma mesma categoria: o Turismo Rural. Já este último, está associado a categoria: Turismo no Espaço Rural, que também integra outros segmentos turísticos (como já demonstrado na Figura 3) (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010).

Figura 7. Representação do Turismo Rural

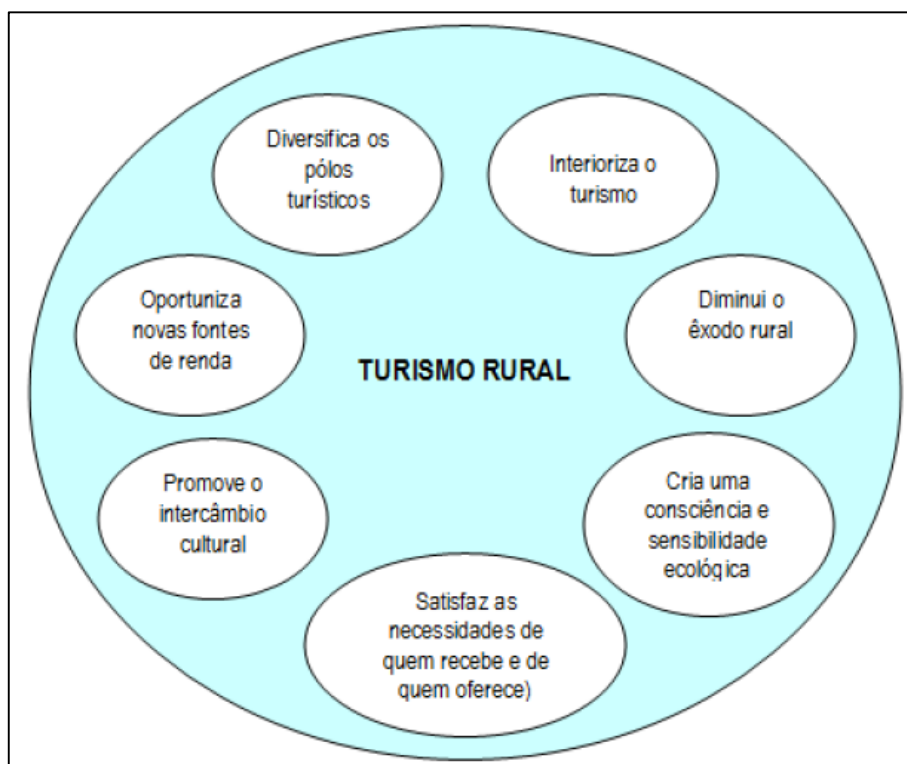


Fonte: Ministério do Turismo, 2010, p. 22.

De acordo com Oliveira *et al.*, (2010), o turismo rural mostra-se como uma possibilidade de desenvolvimento, pois, contribui para que haja uma melhora na qualidade de vida dos agricultores, propiciando a aproximação de pessoas e a valorização da cultura tradicional.

O autor supracitado ainda ressalta, com base na Figura 8, que o turismo rural tem como característica atender as demandas de todos os envolvidos, tanto daqueles que oferecem os serviços e atividades, quanto daqueles que recebem. Além disso, a atividade diversifica os polos turísticos, promove a interiorização, oportuniza novas fontes de renda, contribui para a redução do êxodo rural e o fortalecimento de uma consciência e sensibilidade voltadas para a questão ecológica. Nesse sentido, o produtor rural que se dedica as atividades produtivas, pode agregar valor aos seus produtos, através da comercialização direta ao visitante/consumidor e, assim, complementar a sua renda mensal (OLIVEIRA *et al.*, 2010).

Figura 8. Características da atividade de turismo rural



Fonte: Oliveira *et al.*, 2010, p. 15.

Segundo Oliveira *et al.*, (2010), a procura pela atividade (turismo rural),

[...] nos últimos anos no Brasil tem sido crescente e seu desempenho tem sido favorável nas regiões onde foi inserida, destacando-se que nestes casos a população demonstra ter consciência da importância do seu esforço para o seu desenvolvimento. A junção dos recursos naturais, da diversificação cultural e

das atividades produtivas, dá ao turismo rural brasileiro características ímpares (OLIVEIRA *et al.*, 2010, p. 15).

De acordo com o Ministério do Turismo (2010), poucas propriedades rurais possuem registros sobre a atividade de turismo rural, deste modo, não dispõem de dados sobre a quantidade de turistas que visitam as propriedades, bem como, as épocas do ano de maior e menor visitação, tempo dedicado com a atividade e o perfil do turista.

Além disso, o próprio poder público não possui dados precisos e atualizados em relação ao turismo rural. Este fato comprova o alto grau de informalidade com que o segmento é tratado (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010).

Entretanto, de acordo com Lottici (2003, p. 41), tal fato não se trata de um problema exclusivo do Brasil, “Em virtude da inexistência de uma definição mundialmente consolidada, bem como de um consenso quanto à totalidade de seus elementos constituintes, há dificuldade em investigar e obter dados sobre Turismo Rural”.

Neste sentido, entender a realidade, muitas vezes, torna-se uma difícil tarefa. No esforço de superar este problema, surgiram estudos em alguns pontos do país, com foco principalmente no levantamento da oferta e no perfil do visitante de turismo rural (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010).

A pesquisa “Caracterização e Dimensionamento do Turismo Doméstico no Brasil - 2007” é considerada uma das fontes utilizadas para se compreender as principais motivações de viagem do turista doméstico, conforme se destaca no Quadro 5.

Quadro 5. Principal motivação para realização de viagem doméstica, em %

Motivos	Classe de renda mensal familiar			
	de 0 a 4 SM	de 4 a 15 SM	acima de 15 SM	Total
Visita parentes/amigos (lazer)	59,0	52,3	41,9	54,4
Sol e praia	26,5	38,1	49,3	33,8
Compras pessoais (lazer)	9,8	10,5	11,9	10,3
Negócios ou trabalho	9,2	9,0	9,1	9,1
Turismo cultural	6,2	8,6	12,7	7,9
Diversão noturna	7,2	8,3	8,8	7,8
Saúde	9,4	5,4	3,4	7,0
Visita parentes/amigos (obrigação)	6,2	3,3	2,6	4,6
Religião	5,1	3,0	1,4	3,8
Ecoturismo	2,2	4,3	5,2	3,4
Eventos esportivos/sociais/culturais	3,3	3,0	2,8	3,1
Estâncias climáticas/hidrominerais	1,1	3,1	3,6	2,2
Turismo Rural	2,2	2,2	2,3	2,2
Visita parentes/amigos (negócios)	2,4	1,7	1,8	2,0
Congressos, feiras ou seminários	1,6	2,3	2,6	2,0
Praticar esportes	1,4	1,7	2,3	1,6
Compras de negócios	1,2	1,6	2,3	1,5
Outros eventos profissionais	1,3	1,3	1,6	1,3
Cursos e educação em geral	1,1	1,4	1,3	1,3
Parques temáticos	0,7	1,5	2,2	1,2
Compras pessoais (obrigação)	1,0	1,3	0,9	1,1
Resorts/hotéis fazenda	0,4	0,8	1,8	0,7
Cruzeiros (se fez, mencione)	0,1	0,2	0,6	0,2
Outros	4,2	4,5	5,2	4,4
Total	162,9	169,1	177,8	167,1

Fonte: Ministério do Turismo/Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas - FIPE, 2007, p. 26-27.

Ao analisar o Quadro 5 fica evidente que a visita à parentes/amigos (lazer) é considerada a principal motivação para a realização de viagens (54,4%). Em relação ao turismo rural, este é considerado por 2,2% dos entrevistados como a principal motivação para a realização de viagens. Além disso, cabe destacar que a busca por destinos voltados para o turismo rural é realizada por diferentes classes sociais, como os números comprovam. As viagens do segmento são proporcionalmente similares entre as três classes de renda selecionadas.

Portanto, percebe-se que o turismo doméstico já representa uma parcela importante do turismo brasileiro. Os resultados recentes do Suplemento Turismo da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD – Contínua) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) comprovam isso. Foi analisado 21,4 milhões de viagens realizadas entre abril e setembro de 2019, sendo possível perceber algumas particularidades sistematizadas na Figura 9.

Figura 9. Viagens realizadas pelos moradores dos domicílios, segundo o tipo de lazer (%)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimentos, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua, 2019.

Ao observar a Figura 9, percebe-se que dentre os motivos de lazer, 34,3% declararam ter viajado para fazerem turismo de sol e praia, que se caracteriza por viagens turísticas de entretenimento ou descanso em praias, onde haja a conjunção de sol, mar e calor. Viagens com finalidade cultural, com acesso ao patrimônio histórico e cultural, assim como a eventos culturais que valorizem e promovam os bens materiais e imateriais da cultura, também ocorreram em percentuais significativos (27,2%). As atividades turísticas que utilizam o patrimônio natural e as belas paisagens como atrativos, como por exemplo, atividades ligadas ao turismo rural ou ao ecoturismo igualmente apresentaram grande participação (25,6%).

Outra pesquisa que reforça a importância do Turismo Rural é a intitulada “Hábitos de Consumo do Turismo Brasileiro” realizada em 2009, conforme se pode observar no Quadro 6.

Quadro 6. Lugares preferidos dos turistas brasileiros em 2009

	Primeira citação	Soma ponderada
Praia	64.9%	45.1%
Campo	13.5%	19.2%
Cidades históricas	12.0%	18.4%
Montanhas	8.1%	15.5%
Outras respostas	1.5%	1.8%

Fonte: Ministério do Turismo/Vox Populi, 2009, p. 27.

De acordo com o Quadro 6, o “campo” foi indicado por 13,5% dos entrevistados como destino preferido para a realização de viagens, ficando atrás apenas da opção “praia” que aparece com 64,9% da preferência dos entrevistados. Entretanto, se considerarmos a soma ponderada, ou seja, que leva em consideração não apenas a primeira, mas sim, as três primeiras opções respondidas pelos entrevistados, essa diferença decai, pois 19,2% dos entrevistados dizem optar pelo campo.

Cabe destacar que, com a ocorrência da pandemia de COVID-19 em 2020 e 2021, o turismo foi um dos setores mais afetados do país. No entanto, o segmento de turismo rural não parou completamente, e, passado o período mais crítico da pandemia, apresentou crescimento e potencial expressivos, com os brasileiros optando por destinos próximos de suas residências, em viagens de curta duração e que incluam atividades ao ar livre, ou seja, o turismo rural se torna uma opção bastante interessante (CANAL RURAL, 2020).

Para a turismóloga Laura Santi de acordo com um estudo realizado por um *site* de hospedagens foi demonstrado que no mês de outubro de 2021, 55% dos brasileiros pretendiam conhecer novos lugares na região em que moram e 59% queriam curtir a beleza natural da sua própria cidade (CANAL RURAL, 2020).

Deste modo, o turismo doméstico deve merecer a atenção dos brasileiros nos próximos meses, até mesmo

[...] daqueles acostumados a passar suas férias no exterior, o que traz uma grande oportunidade para os destinos brasileiros fortalecerem sua imagem. Diversos estudos têm apontado que as viagens regionais, de curta duração, em especial as de fins de semana, ganham força total neste primeiro momento já que o automóvel deverá ser privilegiado em detrimento ao avião e ao ônibus, veículos que, normalmente, requerem aglomerações. De olho na tendência do turismo regional, muitas operadoras de turismo têm, inclusive, apostado em destinos regionais, com os quais não trabalhava anteriormente. Assim, destinos menos conhecidos e, logo, não massificados, podem, finalmente, ganhar suas oportunidades (CARTILHA DE RETOMADA DO TURISMO, 2020, p. 16).

As atividades de lazer ao ar livre têm sido muitas vezes a preferência e/ou prioridade das pessoas neste momento. Após um longo período de confinamento em áreas urbanas, os turistas estão cada vez mais buscando viajar para áreas, em que possam desfrutar da natureza e, assim, estarem distantes de grandes aglomerações. Deste modo, ganham força segmentos turísticos como o ecoturismo, o turismo de aventura, **o turismo rural** e o turismo de sol e praia, além de viagens em família ou em grupos pequenos (CARTILHA DE RETOMADA DO TURISMO, 2020).

De acordo com Tulik (2003, p. 77), o consumidor de Turismo Rural “tende a buscar a aproximação com ambientes naturais e com a ruralidade – a paisagem deve representar um indicador de que ele está fora do seu ambiente de rotina –, não se tratando simplesmente de uma viagem, mas sim uma experiência diferente e autêntica”.

Portanto, conhecer o perfil do consumidor é imprescindível para a oferta de produtos e serviços que atendam às suas expectativas, tornando mais eficientes as ações de estruturação, promoção, divulgação e comercialização.

O Ministério do Turismo (2010) expõe que os turistas desse segmento apresentam algumas características interrelacionadas, que podem ser destacadas, tais como:

- São moradores de grandes centros urbanos;
- Possuem entre 20 e 55 anos;
- São casais com filhos e/ou amigos;
- Possuem ensino médio e/ou superior completos;
- Deslocam-se em automóveis particulares, em um raio de até 150 km do núcleo emissor/urbano;
- Fazem viagens de curta duração, em fins de semana e feriados;
- Organizam suas próprias viagens ao meio rural;
- Têm na internet e nos parentes e amigos sua principal fonte de informação para a preparação da viagem;
- São apreciadores da culinária típica regional;
- Valorizam produtos autênticos e artesanais;
- Levam para casa produtos agroindustriais e/ou artesanais (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 27-28).

Deste modo, fica evidente o interesse do turista, em especial o morador dos grandes centros urbanos, de realizar viagens curtas e, conseqüentemente, mais próximas do seu local de moradia, num raio de 150 km. Este fato beneficia diretamente o município de Jundiaí (área de estudo), localizado a cerca de 60 km da cidade de São Paulo, que é o maior centro emissor de turistas da América Latina, segundo a Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico e Turismo – SEDETUR.

Outro aspecto que cabe ressaltar diz respeito a aquisição de produtos diretamente dos produtores,

[...] tal fato se tornou uma tendência da contemporaneidade, e, paralelo a esta questão, a ideia do *Slow Life*, que vai muito além do *Slow Food*, em que, se valoriza não só as refeições mais lentas, mas também um estilo de vida desacelerado, cuja principal preocupação é conectar-se com as pessoas do meio em que se vive, tornam-se tendências que interferem no consumo direto do turismo (PLANO MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2019, p. 34).

No município de Jundiaí, muitas propriedades rurais que eram exclusivamente vinculadas à agricultura, passaram a ampliar suas atividades para o turismo rural. A ampliação do setor está muito relacionada à procura dos visitantes por produtos artesanais, pela culinária típica italiana, as experiências do colha e pague, as visitas à produção e a própria vivência relacionada ao meio rural como um todo. Além disso, as festas tradicionais, como a Festa da Uva que era realizada no município de Jundiaí todos os anos, vinha crescendo sensivelmente, pelo menos até a pandemia do COVID-19, em termos do número de visitantes, contabilizando na edição de 2019 mais de 200 mil pessoas nos dias da festa (PLANO MUNICIPAL DE TURISMO DE JUNDIAÍ, 2019).

Zimmermann (1996) expõe que o turismo rural contribui:

[...] para proporcionar bem-estar às famílias envolvidas com a atividade, fazendo com que passem a sentir orgulho de sua origem e se conscientizem da preservação de seu patrimônio, que é enaltecido pelo turista, que procura o campo para satisfazer suas necessidades de lazer, interagindo com a comunidade local e com as atividades que são comuns aos residentes. O jeito simples e acolhedor do homem do campo também chamam a atenção do turista, ou mesmo o desejo de resgatar sua cultura e sua origem, além de afastá-lo, por um determinado tempo, do tumulto e da poluição da cidade grande (ZIMMERMANN, 1996, p. 50).

Para Santos (2005) *apud* Goerck (2017), o turismo rural deve atender as necessidades de todos, sejam eles proprietários ou mesmo visitantes, proporcionando desenvolvimento para as comunidades rurais, fonte de renda e diminuição do êxodo rural. Além disso, para satisfazer as expectativas dos turistas, os responsáveis pelas propriedades de turismo rural necessitam seguir alguns princípios básicos que são: “autenticidade, harmonia ambiental, preservação das raízes, divulgação dos costumes e atendimento familiar” (SANTOS, 2005 *apud* GOERCK, 2017, p. 77).

O turismo rural é uma atividade que, na sua forma mais original e “pura”, “deve estar instituída em estruturas essencialmente rurais, de pequena escala, situadas ao ar livre, favorecendo ao visitante o contato direto com a natureza, com a herança cultural das comunidades do campo e, também, com as denominadas sociedades e práticas “tradicionais” (RIVA; BERTOLINI, 2017, p. 201).

Como visto, cada vez mais pessoas procuram atividades relacionadas ao turismo rural. Nesse sentido, Moletta (2002) explica que o visitante que busca este tipo de segmento, normalmente é urbano e pode ser dividido em dois grupos: estudantil e familiar.

[...] o **estudantil** é aquele organizado pelas escolas e universidades com o propósito de vivenciar uma experiência no campo; estudar, na prática, o que

se aprende em sala de aula; conhecer as relações entre o homem do campo e o homem urbano ou conhecer técnicas agropastoris. Já o **familiar** é aquele onde casais, famílias ou pequenos grupos de amigos se deslocam para áreas rurais por motivos como: necessidade de mudança de ambiente para recuperar energias; contato com a natureza, longe do barulho e da poluição; busca por um lugar não massificado e autêntico; busca por alimentos mais saudáveis, ditos como naturais; convivência com pessoas que possuem estilo de vida diferente (MOLETTA, 2002, p. 22, grifos nossos).

Todos esses aspectos atraem aquelas pessoas que residem nos grandes centros urbanos e que estão determinadas a despender tempo e dinheiro aproveitando das atividades de lazer no meio rural. Entretanto, para que o turista atinja suas expectativas, é fundamental dispor de equipamentos e serviços apropriados para que os visitantes sejam bem recebidos. Além disso, é de suma importância que exista a preservação do meio ambiente, já que é indiscutível que se estabeleça uma ligação entre o turismo e o meio ambiente, afinal muitas vezes o meio ambiente se firma como a matéria-prima do turismo (GOERCK, 2017).

Para Oliveira *et al.*, (2010), a relação do turismo com o meio ambiente é complexa,

[...] pois envolve atividades que podem afetar o ambiente natural de várias formas. Por outro lado, a atividade tem a capacidade de contribuir para a conservação, preservação e recuperação ambiental do espaço rural e natural, e ainda sensibilizar os proprietários rurais e moradores da região sobre a importância dos recursos disponíveis (OLIVEIRA *et al.*, 2010, p. 17).

De acordo com Oliveira (2005), uma das razões para que uma determinada região se difunda como destino turístico é o crescimento de sua economia. O turismo rural deve ser apresentado como uma atividade econômica que promova o desenvolvimento, entretanto, que deve ser bem organizada, caso contrário, poderá resultar em consequências negativas tanto na economia, quanto nos fatores ecológico e sociocultural de determinada localidade.

Portanto, quando devidamente planejado, o turismo rural pode proporcionar várias vantagens à propriedade rural, aos proprietários e à comunidade, tais como: “diversificação de renda; geração de empregos; preservação e valorização do patrimônio histórico, natural, cultural e das atividades tipicamente rurais, a gastronomia, as festas tradicionais e o modo de vida tradicional e simples do autóctone” (MOLETTA, 2002, p. 25).

Além disso, a atividade também pode gerar aumento na qualidade de vida da comunidade local, através de investimentos em infraestrutura básica, como em água, luz, estradas, etc.; diversificar os “focos” turísticos por intermédio da desconcentração do fluxo turístico nos locais já conhecidos; resultar em uma melhor formação educacional do homem

que reside nas áreas rurais, através da obtenção de novos conhecimentos; e a possibilidade de trabalhar em conjunto/parceria (MOLETTA, 2002).

O “Caderno de Orientações Básicas de Segmentos Turísticos 2ª Edição – 2010” publicado pelo Ministério do Turismo acrescenta que:

[...] a prática do Turismo Rural, no Brasil e em outros países, vem proporcionando alguns benefícios, tais como: diversificação da economia regional, pelo estabelecimento de micro e pequenos negócios; melhoria das condições de vida das famílias rurais; interiorização do turismo; difusão de conhecimentos e técnicas das ciências agrárias; diversificação da oferta turística; diminuição do êxodo rural; promoção de intercâmbio cultural; conservação dos recursos naturais; reencontro dos cidadãos com suas origens rurais e com a natureza; geração de novas oportunidades de trabalho; melhoramento da infra-estrutura de transporte, comunicação, saneamento; criação de receitas alternativas que valorizam as atividades rurais; melhoria dos equipamentos e dos bens imóveis; integração do campo com a cidade; agregação de valor ao produto primário por meio da verticalização da produção; promoção da imagem e revigoramento do interior; integração das propriedades rurais e comunidade; valorização das práticas rurais, tanto sociais quanto de trabalho e resgate da autoestima do produtor rural (CADERNO DE ORIENTAÇÕES BÁSICAS DE SEGMENTOS TURÍSTICOS 2ª EDIÇÃO – 2010, p. 33-34).

O turismo rural, por vezes, faz ressurgir “as artes, as crenças, os cerimoniais, a linguagem e o patrimônio arquitetônico, que normalmente são restituídos ao cotidiano, mas que, a partir do implemento da atividade turística, são transformados em atrativos típicos usados como marcas locais interessantes para o turismo” (GOERCK, 2017, p. 78).

O turismo rural também pode trazer várias vantagens para a comunidade receptora, como por exemplo, o desembolso para pagamento de novas despesas como salários e insumos, resultando na movimentação da economia local, devido a atividade turística. Outro aspecto diz respeito ao desenvolvimento de inúmeras atividades produtivas, tanto na propriedade recebedora como nas da proximidade, afinal estas conseguem operar como fornecedoras na produção de alimentos e no artesanato (MOLETTA, 2002).

Por outro lado, o desenvolvimento do turismo rural também se depara com grandes dificuldades, conforme Portuguese (1999) destaca, tais como:

- Descapitalização do empreendedor: baixa capacidade de investimento;
- A mentalidade dos empresários pode trazer uma lógica onde o lucro é a prioridade;
- Sazonalidade da oferta: existem épocas em que não há muitos atrativos para serem apresentados nas propriedades rurais, decorrentes dos próprios ciclos de produção;
- Mão-de-obra: em sua grande maioria é despreparada e desqualificada;
- Dificuldade de planejamento e organização por parte dos empreendedores;

- Os habitantes têm dificuldades para crer nas potencialidades turísticas da sua própria região, podendo ocorrer reações de desconfiança ou até rejeição aos visitantes;
- Impactos negativos podem ocorrer sobre o ambiente natural e seus componentes básicos (ar, água, vegetação, vida selvagem) bem como sobre o ambiente construído pelo homem (monumentos) e podem ser causados pelas atividades e comportamentos do turista ou decorrente da implantação da infraestrutura para servir o turismo;
- Há insuficiência de investimentos públicos e privados;
- Legislação inadequada: alguns desses problemas legais identificados são: a caracterização de dupla jornada de trabalho do funcionário rural quando passa a conduzir os hóspedes pela fazenda ou, também, pelas atividades relacionadas ao turismo; e a mudança de classe empregatícia, em decorrência da não harmonia das atividades com as de trabalhador rural, o que acaba elevando o piso salarial e, muitas vezes, inviabilizando a atividade. No entanto, é importante salientar que a participação ativa dos funcionários na recepção dos turistas é fundamental para que seja possível ao visitante a vivência real do cotidiano da propriedade e da cultura local (PORTUGUEZ, 1999, p. 21).

Outra dificuldade é o encaixe de uma pousada, hotel ou mesmo um restaurante rural em todos os regulamentos e tributos de uma pousada, hotel ou restaurante tradicional. Este fato, muitas vezes impossibilita a organização de uma infraestrutura turística apropriada, o que demanda investimentos destinados aos benefícios fundamentais para a consolidação de empreendimentos dessa natureza (SILVA *et al.*, 2010).

Como é um setor ainda recente, pode haver algumas restrições gerais, como as apontadas por Portuguese (1999), tais como:

- ausência de linhas de crédito específicas para a atividade;
- desorganização dos órgãos públicos;
- sazonalidade da demanda: os turistas viajam, normalmente, em algumas épocas específicas (finais de semana e férias escolares), o que gera um grande fluxo de pessoas em determinadas épocas, e algumas situações completamente opostas em outras, dificultando a gestão da atividade;
- sinalização e acesso a deficientes, relacionados à falta de integração e envolvimento do Poder Público;
- necessidade de planejamento sustentável: embora essa característica deva ser entendida também como uma das grandes qualidades dessa modalidade turística, o fato de o turismo rural ter que se desenvolver com público reduzido, contrapondo-se ao chamado "turismo de massa", impõe-se a necessidade de limitação do crescimento dos empreendimentos, que não podem ampliar demasiadamente suas estruturas, sob pena de descaracterizar a própria atividade e, assim, não mais atenderem os desejos da demanda (PORTUGUEZ, 1999, p. 23).

De acordo com Aguiar (2007, p. 25), a(s) modalidade(s) turística(s) que poderá(ão) ser desenvolvidas nas propriedades rurais, devem ser avaliadas, entre outros, pelos seguintes

aspectos: “a) capacidade de gestão do produtor; b) capacidade de carga do local; c) capacidade financeira do interessado para promover as adequações necessárias; d) sustentabilidade ambiental; e) e a avaliação mercadológica/localização sua viabilidade econômica”.

Para Almeida (2004), em cada propriedade rural o turista deve ser atendido e acolhido pelo responsável do estabelecimento ou algum representante da família, que irá narrar sobre a história da família, suas raízes, da propriedade e dos produtos que são cultivados, tais como:

[...] adegas de vinho artesanal e licores; produção de compotas e geleias de frutas de época; fazenda histórica de café; apiários e orquidários; fazendas pousadas; criação de avestruzes; pesqueiros e haras; fazenda escola de agropecuária; alambiques de pinga; restaurantes de comida típica regional; nas safras das frutas a opção do colha e pague; espaços para eventos, confraternizações, *day camping*, cursos e treinamentos (ALMEIDA, 2004, p. 17).

Silva *et al.*, (2010) reforçam o que o autor supracitado expõe, pois, um dos aspectos fundamentais na atividade de turismo rural é a recepção do turista pelo proprietário. Nesse sentido, é de suma importância o responsável pela propriedade transmitir carisma e oferecer hospitalidade, tais fatores são de grande destaque na atividade. Portanto, o contato direto entre a família do proprietário e o visitante/turista é um fato marcante na relação profissional.

Dessa forma, o desenvolvimento e comercialização do turismo rural resulta no contato direto do turista com o produtor que passa a vender serviços de estadia, alimentação, lazer e produtos *in natura* (frutas, ovos, verduras) ou artesanais (compotas, queijos, vinhos). Deste modo, consegue um reconhecimento do produto, enaltece a marca, melhora o custo e a qualidade dos produtos para o turista e há o aumento da renda para o produtor (SILVA *et al.*, 2010).

Portuguez (1999) acrescenta que:

[...] o turista sente necessidade de acordar cedo com o cantar do galo, tomar leite fresco da vaca ou cabra e se deliciar com os quitutes preparados em um fogão à lenha, de andar descalço sentindo o cheiro da terra molhada, tomar um refrescante banho de cachoeira, descansar sob a sombra de uma árvore e provar aquela comidinha típica caseira ou ainda bebericar uma aguardente dos alambiques da roça (PORTUGUEZ, 1999, p. 30).

De acordo com Talavera (2001), o turismo rural pode ser praticado em propriedades rurais, ranchos, hotéis-fazenda, pousadas e pesque-pague para todos os gostos e desejos. As pessoas dos centros urbanos procuram se afastar das conturbações da cidade, do estresse e correria do dia a dia que esta ocasiona, deste modo, encontram nas áreas rurais esse refúgio, e

se encantam ao entrar em contato direto com a natureza. “Andar a cavalo ou charrete, tomar leite bem cedinho no curral, correr atrás de galinhas para garantir o almoço, plantar uma horta, além de pescar e depois comer o próprio peixe, são algumas atividades desse tipo de passeio, que trazem as pessoas cada vez mais para o campo” (TALAVERA, 2001, p. 51).

Moletta (2002) expõe que o segmento turismo rural somente sairá

[...] do ponto inerte para o sucesso se os empreendedores conseguirem observar a dimensão de seu envolvimento dentro de uma grande rede de gestão e cooperação. Para isso, é necessário mostrar ao agricultor que o progresso da região e a continuidade da melhora na qualidade de vida da população residente na região rural dependerão da união de todos para tornar-se economicamente viável a formatação do produto turístico (MOLETTA, 2002, p. 28).

Para Silva *et al.*, (2010), muitos produtores rurais modificam suas propriedades, chácaras, sítios, etc., em um produto turístico. Para isso, é de total relevância o preparo e a qualificação da mão-de-obra dos locais de recepção, a qualidade nos serviços ofertados, higienização e limpeza do local, além da própria gastronomia e a identidade cultural. Portanto, adquire importância a oferta de cursos capacitadores que sejam sintonizados com a demanda do mercado.

De acordo com Ruschmann (2004, p. 34), “o produto turístico é um conjunto de bens e serviços, unidos por relações de interação e interdependência, que o torna extremamente complexo”.

Cabe destacar que, a ideia de produto turístico não significa a artificialização da “ruralidade ou a criação de falsas realidades para ‘enganar turista’. Trata-se de tão-somente de formatar uma beleza pura e rústica em algo possível de ser consumido por pessoas com pouca ou nenhuma experiência no ambiente rural, mas ávidas por participar da rotina visitada” (OLIVEIRA, 2002, p. 22).

Ainda, de acordo com Ruschmann (2004), o turismo é um

[...] bem de consumo abstrato, o produto turístico não pode, ao contrário dos bens tangíveis, ser avaliado de acordo com seu tamanho, peso, formato ou cor. Desta forma é apresentado aos consumidores em potenciais por meio de descrições, *folders* e fotos, e o que induz o cliente a sua compra são os compromissos de satisfação. A maneira pela qual o produto é oferecido é retratada nas ações de *marketing*, fundamental na decisão de compra do turista (RUSCHMANN, 2004, p. 35).

Portanto, o turista rural pesquisa o produto turístico e tudo o que está relacionado a ele, desde a saída de sua casa até o seu retorno. Deste modo, vários aspectos podem interferir

na animação e no contentamento da escolha do produto turístico pelo visitante (SILVA *et al.*, 2010).

Para melhor entender o que é o produto turístico, Ruschmann (2004) o divide em 3 itens:

- 1. As atrações:** parte fundamental na decisão de escolha da destinação. Refere-se ao ambiente cultural da propriedade ou região, ambiente natural e, eventualmente, eventos específicos, como as festas do peão;
- 2. As facilidades:** é parte complementar no motivo da viagem, pois a sua ausência pode ser fator negativo na decisão final, principalmente quando existe mais de uma propriedade ou regiões semelhantes;
- 3. Os acessos:** necessariamente são compostos por vias e meios de transporte, para que os turistas possam deslocar-se até o local escolhido. São partes integrantes da infra-estrutura do núcleo receptor e, normalmente, é uma responsabilidade do Poder Público (RUSCHMANN, 2004, p. 35).

De acordo com Silva *et al.* (2010) é primordial uma propriedade possuir recursos turísticos, ou seja, ter uma potencialidade natural para promover o turismo rural, como, por exemplo, uma cachoeira, especialmente que seja de fácil acesso, com sinalização adequada de como chegar ao local e os principais pontos que possam trazer algum tipo de perigo.

Para Beni (2003), os recursos atrativos

[...] naturais são elementos localizados no espaço físico geográfico que constituem a paisagem, ligados à natureza e que muitas vezes são valorizados através de infra-estrutura construída pelo homem, seja visando à proteção ambiental ou à visitação turística. Segundo o autor, os recursos naturais hoje são um produto turístico de suma importância para qualquer localidade receptora, o que exige uma preocupação com o uso irracional desses recursos em função de um possível comprometimento ambiental (BENI, 2003, p. 303).

Muitas propriedades possuem recursos turísticos, ou seja, “têm grande potencial para o desenvolvimento do turismo rural, mas que não poderá ser realmente disponibilizado aos turistas. Para que isso possa ser feito, há necessidade de transformação desses recursos em atrativos, estruturando e organizando a atividade” (OLIVEIRA, 2002, p. 22).

Reforça-se que oferecer infraestrutura a atividade de turismo rural não quer dizer "falsificar" o produto turístico, especialmente modificando a área. Deve-se considerar que as atividades praticadas possibilitem a visita como modo de corresponder às expectativas do turista (SILVA, *et al.*, 2010).

Ruschmann (2004) cita algumas dessas atividades:

- a) Identificar as melhores épocas do ano para o passeio (por exemplo, pode haver meses de seca quando uma cachoeira - alvo da atração - pode estar seca ou com seu fluxo de água reduzido, o que frustraria as expectativas do visitante, caso não fosse avisado do fato);
- b) Identificar o melhor caminho a ser seguido (considerando o grau de dificuldade pretendido) e implantar trilhas de forma a minimizar o impacto na passagem dos visitantes;
- c) Demarcar os locais com grande perigo de acidentes, como pedras soltas ou escorregadias, abismos etc.;
- d) Definir o tipo de público compatível com as características do local;
- e) Definir a forma pela qual os interessados na visita poderão chegar ao local (trilhas demarcadas e auto guiadas, presença de monitores etc.) (RUSCHMANN, 2004, p. 41).

As pessoas que visitam uma propriedade rural querem conhecer o dia-a-dia do local e interagir com a família, ou seja, são atributos significativos da atividade de turismo rural. Esse contato entre o visitante, a família responsável pela propriedade ou até mesmo com funcionários pode contribuir para fortalecer os laços de amizade, fator importante nos empreendimentos rurais (SILVA *et al.*, 2010).

De acordo com Silva *et al.* (2010) nem sempre existe a possibilidade

[...] e implantação de todos os atrativos necessários para o desenvolvimento do turismo rural em uma única propriedade, pois uma nova atividade pode impor a necessidade de absorção de tecnologia e inclusão de novos trabalhos na rotina dos funcionários, acaba por ser mais vantajoso a capacidade de comercializar um roteiro rural envolvendo propriedades vizinhas como atividades de suporte, oferecendo apenas alimentação, visitas a determinada cultura, venda de artesanato etc, faz com que o roteiro se torne mais diverso e criativo e viabiliza ações articuladas que beneficiam e enriquecem oferta ao turista. O envolvimento de vários empreendedores de forma organizada para formatar um produto turístico de credibilidade, fazendo com que os visitantes possam passar mais dias na região, sem perder a motivação pela falta de novidades. Essa associação de empreendedores possibilita redução nas despesas, já que cada envolvido oferece sua especialidade, evitando o alto custo de investimento inicial que normalmente a atividade de turismo rural exige. Tais iniciativas valorizam as peculiaridades de cada empreendimento, auxiliando no debate por soluções e problemas comuns dos proprietários para o desenvolvimento da atividade, buscando a consolidação do produto quanto da comercialização (SILVA *et al.*, 2010, p. 29-30).

A maneira com que é ofertado o produto do turismo rural se torna uma alternativa de diversificação e complementação de renda da pequena propriedade rural. O seu principal objetivo é agregar valor à atividade agropecuária desenvolvida na propriedade e não alterá-la. Desta forma, as propriedades rurais com suas atividades em andamento, passam a receber os turistas, sendo o turismo mais uma atividade econômica rentável para a família (SILVA *et al.*, 2010).

No município de Jundiaí, em parte das propriedades rurais pesquisadas, as famílias passaram a atuar apenas com o turismo se aproveitando das suas tradições familiares em torno do cultivo da uva, agregando valor a atividade através da comercialização de vinhos e derivados nas adegas e restaurantes localizados nas propriedades rurais.

Desse modo, com o desenvolvimento dessa modalidade de turismo (turismo rural), o "ser caipira" ganhou *status* de modismo, "em que as essências da cultura interiorana são valorizadas pela mídia e pelos moradores dos grandes centros urbanos. A busca pelo contato com o homem do campo valoriza a sabedoria popular e incentiva o resgate de tradições já em processo de esquecimento" (SILVA, *et al.*, 2010, p. 32). A nostalgia de quem já morou no campo ou escutou histórias de parentes e amigos sobre a vida "simples e pura" do meio rural valoriza esse modo de vida, que até pouco tempo atrás era visto como símbolo de atraso.

No próximo subitem será abordada as políticas públicas desenvolvidas em prol do turismo rural no Brasil.

1.6.1. As políticas públicas para o turismo rural no Brasil

Como já exposto anteriormente, embora tenha surgido na década de 1980, foi somente a partir da década de 1990 que a temática do turismo rural passou a ser o foco de uma série de discussões no cenário acadêmico e político brasileiro. Esse fato está muito relacionado ao espaço rural ter perdido, em alguns territórios do país, o protagonismo enquanto apenas objeto restrito de produção agrícola, passando a abarcar outras funções, de cunho paisagístico, turístico e ecológico.

A partir disto, o Estado passa a intervir diretamente no segmento de turismo rural através da elaboração de políticas públicas que visem ao fortalecimento e a promoção dessa atividade, buscando o desenvolvimento local e regional (SOUZA; KLEIN, 2019).

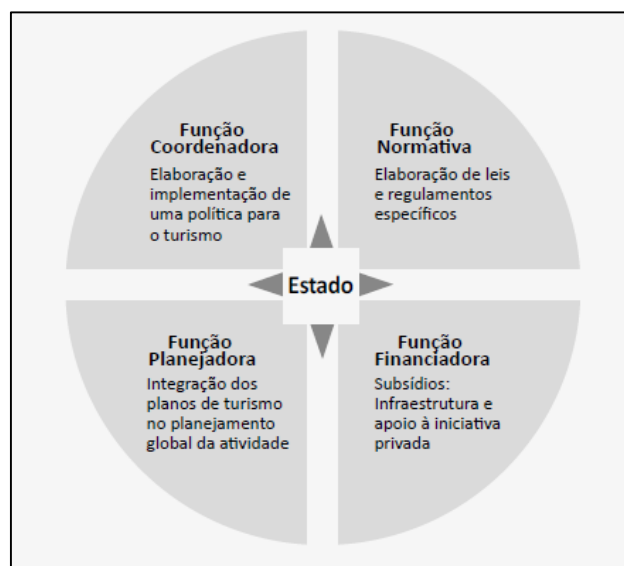
Entretanto, de acordo com Souza e Klein (2019), as políticas públicas para o fomento da atividade de turismo rural ainda estão muito no início. George *et al.*, (2009) afirmam que a política pública é um dos principais elementos para o desenvolvimento do turismo – entretanto, ainda é pouco debatida. Os autores afirmam que a política pública pode ser conceituada da seguinte maneira:

[...] a política pública é muito mais do que os governantes fazem. Uma política é um plano de ação para guiar ou influenciar decisões, ações e outros assuntos. As políticas são desenvolvidas como ferramentas para administradores a fim de alcançar claramente objetivos políticos, gerenciais, financeiros e administrativos identificados. O termo pode ser aplicado a indivíduos, grupos, organizações do setor público e privado. O processo político inclui a

identificação de alternativas e as escolhas daquelas que terão impactos mais positivos (GEORGE *et al.*, 2009, p. 199).

Para Henz (2009), a política pública é o melhor caminho para se projetar o turismo de maneira ideal, devendo-se respeitar o desenvolvimento adequado dos locais e o crescimento econômico dos agentes abrangidos no processo, contanto que estes estejam estruturados com as demais políticas setoriais. A seguir, na Figura 10, são apresentadas de forma esquemática, as funções desempenhadas pelo Estado no contexto das políticas públicas, na qual destaca-se os papéis de coordenar, planejar, financiar e normatizar.

Figura 10. Funções do Estado na atividade turística



Fonte: Henz, 2009, p. 50.

Nesse subitem iremos apresentar essas políticas públicas voltadas especificamente para o turismo rural, as quais foram criadas e implementadas nas últimas décadas. Entretanto, inicialmente é apresentado um breve panorama histórico das principais intervenções governamentais voltadas para o turismo no cenário brasileiro.

Segundo Souza e Klein (2019), o ano de 1996 foi caracterizado como o início da implantação de políticas públicas de turismo no Brasil, através da formação do Conselho Nacional do Turismo e da Empresa Brasileira de Turismo – EMBRATUR, por intermédio do Decreto nº. 55, de 18 de novembro de 1966. Na década de 1970, tendo como referência a promulgação do Decreto-Lei nº. 1.191, de 27 de outubro de 1971, foi fundado o Fundo Geral do Turismo – FUNGETUR, que tinha como objetivo obter incentivos fiscais para a atividade turística.

Na década de 1980, “fortemente marcada pela abertura do regime político e por um exorbitante quadro inflacionário, decorrente da profunda crise econômica pela qual o Brasil passava, a atividade turística não apresentou grandes avanços, sobretudo em termos de incentivos por parte da iniciativa privada e de setores públicos” (SOUZA; KLEIN, 2019, p. 49).

Já no ano de 1988, através da promulgação da Constituição Federal, o turismo é lembrado no artigo 180, que determina que a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios fomentarão e impulsionarão o turismo como agente que proporciona desenvolvimento social e econômico. Este fato só enfatiza que o turismo permanecia em segundo plano em relação as políticas públicas voltadas para o desenvolvimento do país (SOUZA; KLEIN, 2019).

Entretanto, na década de 1990, diferentemente das décadas anteriores,

[...] as várias transformações ocorridas na esfera política, social e econômica brasileira acabaram contribuindo para a valorização da atividade turística. Novas iniciativas de caráter governamental começam a surgir, gerando debates entre governos, iniciativas privadas, instituições de ensino e a sociedade civil, suscitando “novos olhares” sobre o turismo e suas potencialidades enquanto estratégia de desenvolvimento local e regional (SOUZA; KLEIN, 2019, p. 50).

Um dos principais programas implementados nesse período foi o Programa Nacional de Municipalização do Turismo – PNMT. O programa foi criado pela EMBRATUR e tinha como finalidade adotar um modelo descentralizado e participativo para a gestão das atividades turísticas, com assistência técnica e assessoria da Organização Mundial do Turismo. O PNMT passou a enviar aos municípios profissionais qualificados que trabalham na conscientização e capacitação da comunidade, com o propósito de fazê-la reconhecer a importância e a dimensão do turismo como propulsor de aumento de empregos e renda, conciliando o crescimento econômico com a preservação, tendo como resultado final a elaboração do Plano Municipal de Desenvolvimento do Turismo (EMBRATUR, 2002).

Deste modo, o principal objetivo desse programa foi impulsionar o fomento da atividade turística, tendo como referência a descentralização das políticas públicas voltadas para o setor, atribuindo aos municípios o compromisso de desenvolvimento das suas localidades turísticas, ao mesmo tempo em que o governo federal passou a simbolizar um organizador e orientador das tomadas de decisões (HENZ, 2009).

No ano de 1996 foi apresentado o PNT – Plano Nacional de Turismo 1996-1999, que, em sua proposta,

[...] tinha um conjunto de quatro macroestratégias para execução: o ordenamento, o desenvolvimento e a promoção da atividade turística pela articulação entre o governo e a iniciativa privada; a implantação de infraestrutura básica e de infraestrutura turística adequada às potencialidades regionais; a qualificação profissional dos recursos humanos envolvidos no setor; a descentralização da gestão turística por meio do fortalecimento dos órgãos estaduais e municipais e da terceirização de atividades para o setor privado (OLIVEIRA, 2008, p. 184).

Simultaneamente ao processo de desenvolvimento dessas políticas públicas para o turismo, criou-se, no ano de 1996, o PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), instituído pelo Decreto nº. 1.946, de 28 de junho de 1996, com o propósito de proporcionar o desenvolvimento rural sustentável, apoiando e fortificando a agricultura familiar (SANTOS; PIRES, 2010), por meio de crédito de custeio e investimento.

Para Souza e Klein (2019), a linha de crédito direcionada para a atividade de turismo rural foi fundada apenas no ano de 1999, período em que as atividades não-agrícolas começaram a ter importância no PRONAF. Por conseguinte

[...] o turismo rural na agricultura familiar passou então a ser compreendido como sendo uma atividade turística que ocorre na unidade de produção dos agricultores familiares que realizam as atividades econômicas peculiares da agricultura familiar, dispostos a valorizar, respeitar o seu modo de vida, o patrimônio cultural e natural, oferecendo produtos e serviços de qualidade, bem como proporcionando bem-estar aos envolvidos (PEDRON; KLEIN, 2004, p. 96).

Dando continuidade a esse processo, no ano de 1998 foi realizado o I Congresso Internacional de Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável (CITURDES), na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Na ocasião, foi elaborada a Carta de Santa Maria, a qual propunha:

1. Que as instituições governamentais estabeleçam em parceria com a iniciativa privada, políticas e diretrizes voltadas para o segmento do turismo no espaço rural;
2. A criação de associações locais e regionais integradas a uma instituição de representatividade de âmbito nacional;
3. A revisão da legislação existente que interfere direta ou indiretamente no segmento e a sua consequente normatização;
4. O estímulo à capacitação de profissionais por meio de entidades públicas e privadas;
5. O estímulo à pesquisa de turismo no espaço rural de maneira que os registros sigam uma terminologia unificada e venha facilitar a interpretação e análise dos dados (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, 1998, p. 1).

Esse documento se constituiu como elemento importante para o desenvolvimento do turismo rural no Brasil, pois proporcionou o seu reconhecimento frente as esferas públicas e privadas. Segundo Santos e Pires (2010), foi a Carta de Santa Maria que resultou em uma mobilização das instituições para que inúmeros atores e agentes do turismo, através do Ministério do Esporte e Turismo, comesçassem um trabalho exclusivo que tinha como objetivo desenvolver o turismo rural no Brasil.

No ano de 2003 foi fundado o Ministério do Turismo (anteriormente suas atividades eram desempenhadas pelo Ministério do Esporte e Turismo) e com ele, instituiu-se o “Plano Nacional de Turismo: diretrizes, metas e programas (PNT 2003-2007)” o documento foi ordenado em 7 macroprogramas que tinham como principais objetivos, fomentar o turismo em escala nacional, estadual e local, colaborando para desenvolver um produto turístico de qualidade, fundamentado na valorização das especificidades regionais, culturais e naturais (BRASIL, 2003 *apud* SOUZA; KLEIN, 2019).

No conjunto desses macroprogramas, destaca-se o “Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil”,

[...] lançado em 2004, constituindo um aspecto extremamente importante na formatação e no ordenamento do **turismo rural**. Nesse programa, a visão de desenvolvimento está focada na gestão compartilhada, com planejamento nacional, considerando, no entanto, as especificidades regionais e locais. Por conseguinte, o turismo rural enquanto atividade é visto como fornecedor de produtos não industrializados, vindos da agricultura familiar para redes de hotéis e restaurantes (SANTOS; PIRES, 2010, p. 64).

Além disso, no ano de 2003 foi lançado outro documento de suma importância, este tem como objetivo consolidar a agricultura familiar e, sucessivamente, promover a atividade turística nas áreas rurais, procurando através disso fomentar o desenvolvimento sustentável. Trata-se do Programa Nacional de Turismo Rural na Agricultura Familiar, criado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA (SOUZA; KLEIN, 2019). Dentre seus princípios norteadores destacam-se:

2. A prática do Associativismo;
- II. A valorização e resgate do patrimônio cultural (saberes e fazeres) e natural dos agricultores familiares e suas organizações;
- III. A inclusão dos agricultores familiares e suas organizações, respeitando as relações de gênero, geração, raça e etnia, como atores sociais;
- IV. A gestão social da atividade, priorizando a interação dos agricultores familiares e suas organizações;
- V. O estabelecimento das parcerias institucionais;

- VI. A manutenção do caráter complementar dos produtos e serviços do Turismo Rural na agricultura familiar em relação às demais atividades típicas da agricultura familiar;
- VII. O comprometimento com a produção agropecuária de qualidade e com os processos agroecológicos;
- VIII. A compreensão da multifuncionalidade da agricultura familiar em todo o território nacional, respeitando os valores e especificidades regionais;
- IX. A descentralização do planejamento e gestão deste Programa. Para possibilitar a articulação e o intercâmbio de informações através do debate de questões relevantes para o desenvolvimento do Turismo Rural na Agricultura Familiar foi criada a Rede TRAF (BRASIL, 2004, p. 32).

A partir desse programa, conforme ressaltaram Santos e Pires (2010), cria-se uma série de instruções e estratégias, que compreendem: formação e qualificação dos produtores; concessão de crédito para investimento em infraestrutura básica e turística; criação de leis e um ambiente apropriado para inserção dos produtos turísticos rurais.

Essa necessidade de promover o turismo rural e coordenar a estrutura das propriedades rurais que introduziram a atividade turística como elemento do seu dia a dia, favoreceu para a criação de mais um documento oficial, as “Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil 2003-2007”, que foi organizado em 2003 pelo Ministério do Turismo (Mtur) e tinha como objetivo fomentar práticas regulamentadas e articuladas que contribuíssem para a organização e desenvolvimento do segmento de turismo rural (SOUZA; KLEIN, 2019). “Para tal, são apresentadas 7 diretrizes, detalhadas em estratégias específicas: 1) ordenamento; 2) informação e comunicação; 3) articulação; 4) incentivo; 5) capacitação; 6) envolvimento das comunidades; 7) infraestrutura” (SOUZA; KLEIN, 2019, p. 53).

No ano de 2007, devido aos resultados alcançados com o PNT 2003-2007, foi criado um segundo documento como parâmetro, “Turismo no Brasil 2007-2010”, com o objetivo de progredir na consolidação de políticas que levassem o país a posição de um dos principais destinos do mundo (SOUZA; KLEIN, 2019).

Segundo Santos e Pires (2010), esse documento:

[...] não aborda especificamente o segmento turismo rural, assim como nenhum outro segmento. No entanto, no eixo temático que trata da estruturação e diversificação da oferta, o turismo rural aparece como sugestão de segmentação. Posteriormente, em 2010, o Ministério do Turismo publicou um documento com orientações básicas sobre o turismo rural, contemplando aspectos relativos à conceituação das atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, dados e pesquisas sobre o segmento, marco legal e bases para o seu desenvolvimento (SANTOS; PIRES, 2010, p. 110).

Após o Plano Nacional para o quadriênio de 2007-2010, houve o Plano de 2013-2016, que seguia orientações semelhantes ao anterior, ou seja, a busca pelo aperfeiçoamento da

qualidade dos destinos e serviços turísticos, além do crescimento no número de turistas e dos recursos oriundos dessa atividade econômica. Entre os anos de 2011 e 2012, no início do mandato do governo de Dilma Rousseff (gestão 2011 – 2016), e no ano de 2017, referente ao governo de Michel Temer (Maio de 2016 a Dezembro de 2018), não houve lançamento de um novo plano nacional de turismo (SOUZA; KLEIN, 2019).

Atualmente, o PNT está na versão 2018-2022, tendo sido lançado no ano de 2019 no governo de Jair Bolsonaro (gestão 2019 – 2022) e possui como objetivo “ordenar as ações do setor público, orientando o esforço do Estado e a utilização dos recursos públicos para o desenvolvimento do turismo” (BRASIL, 2018, p. 55).

Pensando do ponto de vista de políticas públicas para o turismo no Estado de São Paulo, é preciso falar sobre as Estâncias Turísticas, que deram origem ao modelo paulista de desenvolvimento turístico vigente atualmente (THOMAZ; CAMARGO, 2020).

De acordo com Pupo (1974, p. 3), “o processo de desenvolvimento do turismo no estado de São Paulo, especialmente do turismo interno, teve início através das estâncias, definidas em lei estadual [...]”. O termo estância, de origem europeia, está relacionado às estações hidrominerais, termais, climáticas e balneárias que são frequentemente visitados por turistas que procuram por momentos de lazer, bem-estar e saúde (THOMAZ; CAMARGO, 2020).

Com o fortalecimento e criação do Ministério do Turismo em 2003, ações e políticas

[...] direcionadas para o setor passaram a ser implementadas e o Estado de São Paulo que já possuía algumas medidas voltadas para o desenvolvimento do turismo, principalmente relacionadas as estâncias, passou a se fortalecer. As diretrizes para a criação de estância hidromineral ou balneária foram estabelecidas a partir do Decreto-Lei Complementar nº 9, de 31 de dezembro de 1969 que dispõe sobre a organização dos municípios (THOMAZ; CAMARGO, 2020, p. 189).

Até 1976, apenas municípios com características hidrominerais e balneárias podiam requerer o título de estância, porém, com a promulgação da Lei Nº 1.457/77, as possibilidades foram ampliadas, pois se passou a utilizar o termo estância turística, ou seja, localidades que possuíam atrativos de natureza histórica, artística ou religiosa, ou de recursos naturais e paisagens, podendo ser reconhecidos pelo cumprimento das disposições aplicáveis na lei (FINO; QUEIROZ, 2012).

Essa Lei Nº 1457/77 foi um importante mecanismo que proporcionou a diversificação do turismo no Estado de São Paulo e abrangeu um maior número de municípios na escala do turismo estadual, nacional e internacional (THOMAZ; CAMARGO, 2020).

Entretanto, a política pública de reconhecimento e classificação de municípios turísticos no estado de São Paulo foi reformulada por meio da Lei Nº 1261 do ano de 2015 e têm por objetivo

[...] impulsionar melhorias e desenvolvimento nos locais em que a atividade turística ocorre, com o foco em obras de infraestrutura turísticas no município contemplado. Na presente lei algumas modalidades de turismo se enquadram na proposta: Turismo social, ecoturismo, turismo cultural, turismo religioso, turismo de estudos e de intercâmbio, turismo de esportes, turismo de pesca, turismo náutico, turismo de aventura, turismo de sol e praia, turismo de negócios e eventos, turismo rural e turismo de saúde (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2015).

Além disso, de acordo com Thomaz e Camargo (2020), com a promulgação da Lei Nº 1261/15, um número limite foi estabelecido, atualmente, 70 municípios do Estado podem ser classificados como estância e 140 como Municípios de Interesse Turístico - MIT. Existem algumas diferenças que estabelecem as classificações entre estância e MIT, sendo:

[...] o tempo em que a atividade turística vem se desenvolvendo (destino consolidado), equipamentos e atrativos turísticos já existentes e a receita específica decorrente a atividade no município. Os valores disponibilizados são diferentes, ou seja, enquanto um MIT recebe em média aproximadamente R\$600 mil reais, uma estância pode chegar a R\$ 5 milhões de reais por ano, sendo assim, os destinos com maior fluxo turístico geram um montante maior de impostos e desta forma os valores recebidos serão equivalentes (THOMAZ; CAMARGO, 2020, p. 191-192).

Atualmente (2020), no Estado de São Paulo, 140 municípios possuem o título de MIT e 70 são reconhecidos como estâncias turísticas. Pela primeira vez desde a promulgação da lei em 2015, o número máximo estabelecido foi atingido no ano de 2020. Esses dados podem ser justificados, devido ao tempo de ajuste e análise de projetos antigos, bem como a abertura para novos municípios (THOMAZ; CAMARGO, 2020).

Algumas características são atribuídas aos municípios que possuem interesse em pleitear o reconhecimento de MIT ou estância turística no estado de São Paulo. A seguir são apresentadas as condições indispensáveis e cumulativas para o reconhecimento enquanto MIT. São estas:

I– Ter potencial turístico; II– Dispor de serviços médicos emergenciais e, no mínimo os seguintes equipamentos e serviços turísticos: meios de hospedagem no local ou na região, serviços de alimentação e serviços de informação turística; III– Infraestrutura básica capaz de atender a população fixa e flutuante no que se refere ao abastecimento de água potável e coleta de

resíduos sólidos; IV– Possuir expressivos atrativos turísticos, plano diretor de turismo, conselho municipal de turismo, previstos na Lei (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2015).

O município de Jundiaí tornou-se Município de Interesse Turístico - MIT em 2018 muito devido a vasta diversidade de turismo no município, principalmente relacionados ao setor gastronômico. Além da Festa da Uva, os turistas também podem participar de outras festividades como a Festa Italiana, integrante do calendário oficial de eventos do Estado de São Paulo, a Festa Portuguesa, a Festa do Vinho Artesanal e tantas outras atividades realizadas em vários bairros da cidade que fazem parte das Rotas Turísticas (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

Entretanto, para que as políticas públicas

[...] sejam implementadas com eficiência, é necessário que haja articulação e facilitação. Nem sempre o público ao qual a política se destina consegue sozinho acessá-la, precisando de agentes que facilitem e orientem suas ações. Nessa perspectiva, o papel da extensão rural torna-se essencial para que as políticas consigam atingir os agricultores e empreendedores rurais, promovendo os benefícios almejados (SOUZA; KLEIN, 2019, p. 58).

Pode-se dizer que a extensão rural tem papel fundamental no desenvolvimento do turismo em espaços rurais. A extensão rural e a assistência técnica são um dos aspectos mais importantes para organizar, de fato, o fomento a atividade de turismo rural. Essa pode ser compreendida através de equipes especializadas e/ou informações, por meio de órgãos públicos ou privados, com o objetivo de auxiliar as comunidades em seu desenvolvimento (LONG; NUCKOLLS, 1994).

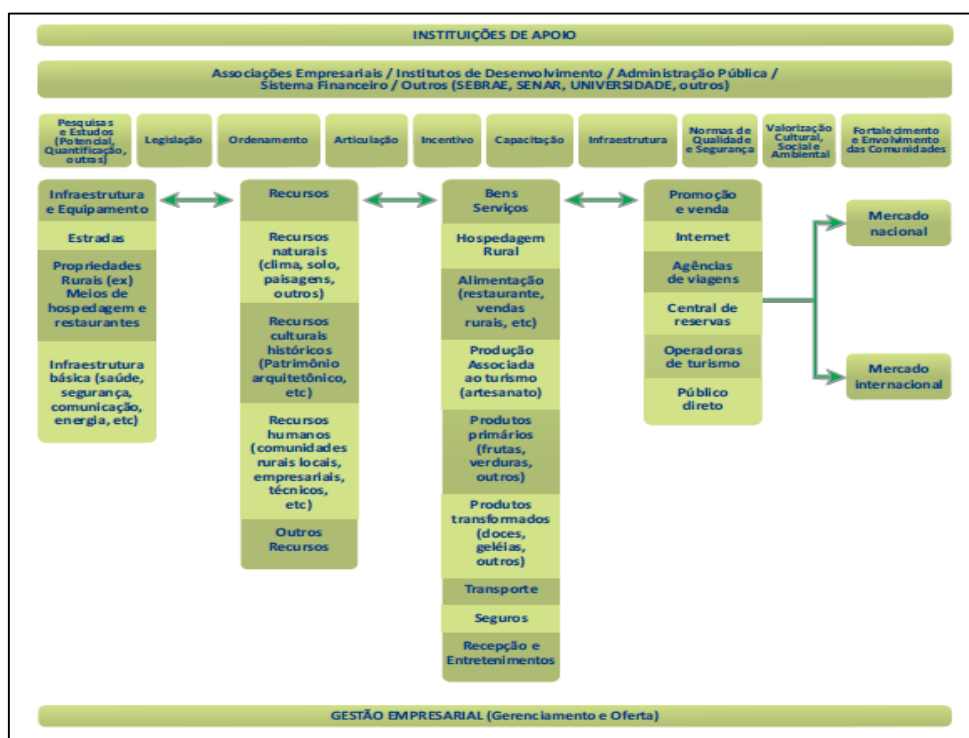
Apesar do papel significativo da assistência técnica e extensão rural, “em muitos casos, os grupos de turismo não são suficientemente conscientes do tipo e da qualidade da assistência a ser prestada, sendo necessário um esforço conjunto por parte dos responsáveis pela assistência técnica para definir e promover os serviços e o suporte adequados às comunidades” (LONG; NUCKOLLS, 1994, p. 29).

As agências públicas e privadas também passam pela mesma situação exposta. Muitas vezes elas deixam de fazer o que poderiam, ou seja, serem provedoras de assistência técnica, pois os grupos de fomento ao turismo se veem na possibilidade de tomar o compromisso em resolver sobre a aplicação e utilidade de inúmeros tipos de recursos e especialistas para a situação. Entretanto, cabe ressaltar que nenhum tipo de agência de assistência técnica, seja pública ou privada, pode atender às exigências de todos os grupos que possuem interesse no turismo rural; porém, a conciliação dos recursos daqueles que fornecem assistência técnica e a

criação de parcerias e vínculos a longo prazo contribuem para que seja feito um progresso visando atender às necessidades locais (SOUZA; KLEIN, 2019).

Na Figura 11 é sistematizada as instituições que deveriam fornecer apoio ao turismo rural no Brasil.

Figura 11. Esquema da Cadeia Produtiva do Turismo Rural no Brasil



Fonte: IICA Brasil - Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, 2013, p. 31.

Conforme a Figura 11, a cadeia produtiva do turismo rural tem distintos atores, que são:

[...] fornecedores (empresários de turismo rural), os distribuidores (agências, operadoras e sistemas de vendas por *internet* e centrais de reserva), consumidores finais e instituições de apoio públicas e privadas, formadas por representantes da administração pública federal governos estaduais e municipais com suas agências locais de promoção turística, as universidades, os institutos de desenvolvimento e pesquisa (IICA BRASIL – INSTITUTO INTERAMERICANO DE COOPERAÇÃO PARA A AGRICULTURA, 2013, p. 32).

Ainda tendo como referência a Figura 11, se constatou que no município de Jundiá, mesmo existindo o apoio do Governo Estadual através de verbas (que serão detalhadas adiante) que promovam fomento a atividade de turismo rural, foi perceptível, durante a entrevista realizada com a Diretora Municipal de Turismo, que a Prefeitura Municipal, em parceria com

instituições públicas e privadas, como o SENAC e o SEBRAE, além das próprias universidades, como a Universidade Paulista (UNIP) e as agências de turismo receptivo, são as que mais se empenham em desenvolver a atividade de turismo rural nessa localidade.

A Prefeitura Municipal de Jundiaí elaborou um Plano Municipal de Turismo, que em sua última versão - no ano de 2019 - teve como um dos seus objetivos atender as necessidades das principais áreas estratégicas para o desenvolvimento do turismo rural, para que assim se pudesse impulsionar a atividade, conforme se ilustra na Figura 12.

Figura 12. Áreas estratégicas de planejamento para o turismo rural



Fonte: Plano Municipal de Jundiaí, 2019, p. 42.

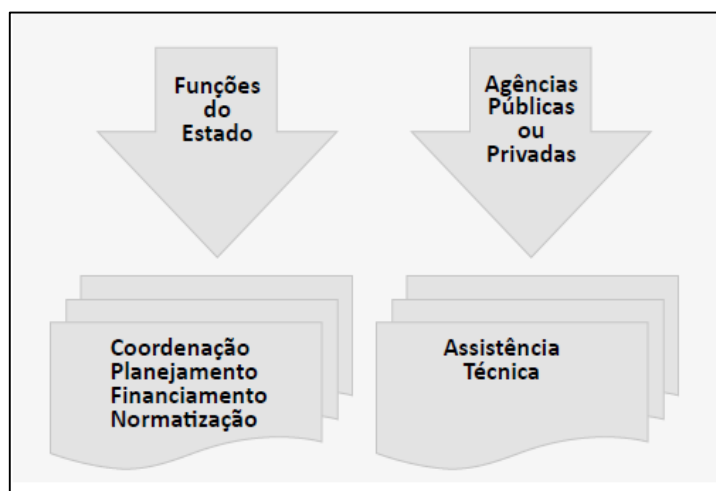
Cada uma das áreas, por sua vez, foi avaliada, analisada e interpretada a partir dos parâmetros expostos na Figura 12 e que estão detalhados.

- **Articulação Institucional:** permeia ações de organização relativa as relações institucionais do município nos diversos níveis, envolvendo articulações junto ao trade local, a parceiros e regionais, municípios da região, ao Governo Estadual, Governo Federal e as entidades do terceiro setor.
- **Infraestrutura Turística:** estrutura implementada na cidade com fins exclusivos de atendimento as necessidades do turista. Esta área estratégica foi trabalhada em dois vieses distintos: identificar as necessidades pertinentes a ações e intervenções de responsabilidade do poder público e fomentar melhorias por meio de intervenções pertinentes e inerentes à iniciativa privada.
- **Desenvolvimento de Produtos Turísticos:** fomento a implantação de novos empreendimentos e novos atrativos turísticos; melhoria nos atrativos já existentes, por meio de assessoria técnica especializada ou implantação de projetos específicos direcionados àqueles atrativos que são de responsabilidade do poder público local.

- **Qualificação Profissional:** mapeamento de necessidades e parcerização, em especial com o terceiro setor e Sistema S, para oferecimento de oportunidades.
- **Comunicação Turística Integrada:** foco específico na divulgação de Jundiaí enquanto destino turístico consolidado (PLANO MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2019, p. 43).

Nesse sentido, a Figura 13 sintetiza, em termos gerais, as principais funções do Estado e das agências públicas e privadas no contexto do desenvolvimento do turismo rural.

Figura 13. Funções das instituições no desenvolvimento do turismo rural



Fonte: Souza; Klein, 2019, p. 59.

Souza e Klein (2019) ressaltam que, mesmo o governo federal repassando recursos para promover o fomento ao turismo compreendendo os estados, a estrutura para que ocorra o desenvolvimento regional e local do turismo na comunidade é, muitas vezes, fragmentado ou inexistente. “Nesse contexto, agências públicas e privadas, associações comunitárias e de empresários locais assumem cada vez mais um papel efetivo no fomento e desenvolvimento do produto turístico nas comunidades” (SOUZA; KLEIN, 2019, p. 59).

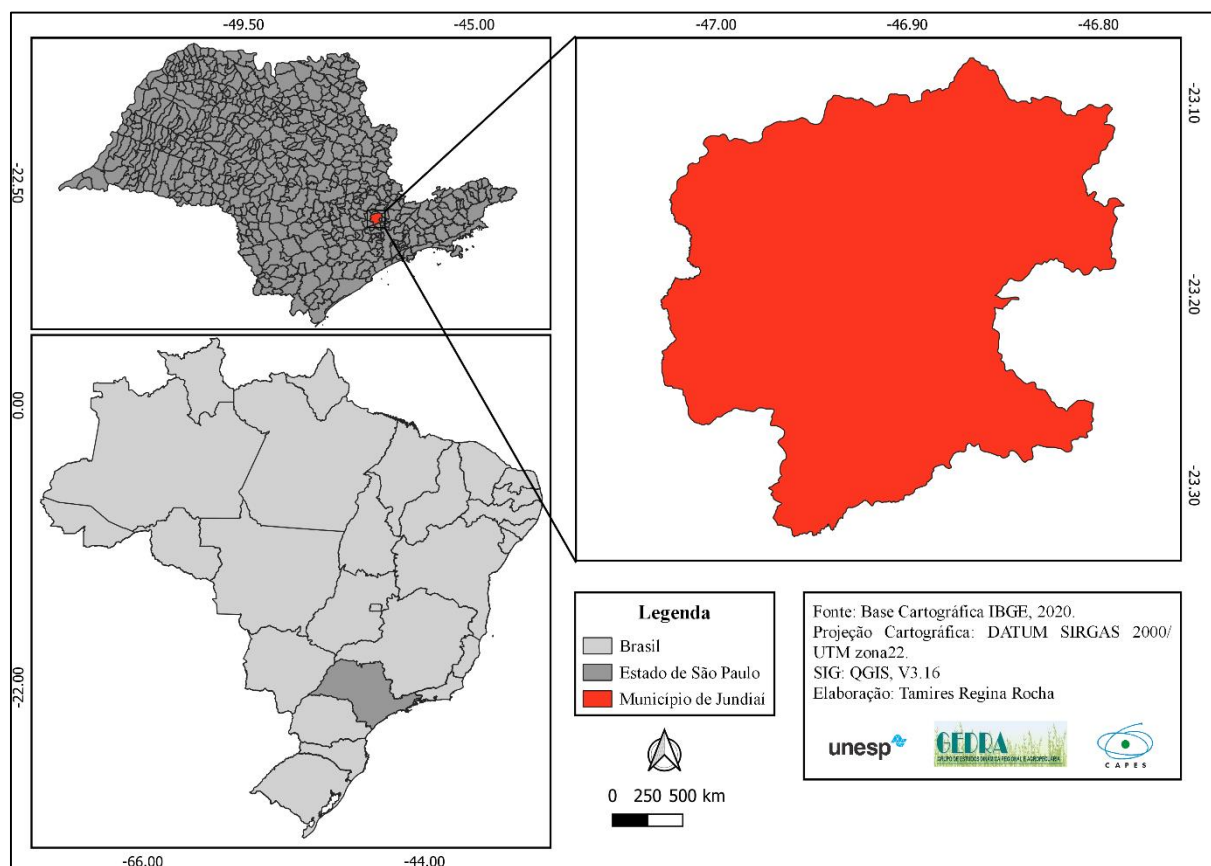
Portanto, conforme foi possível verificar, as políticas públicas do turismo, em especial aquelas voltadas especificamente para o turismo rural no Brasil, são muito recentes e, embora tenham representado um avanço em termos de reconhecimento e valorização da atividade por parte das esferas públicas e privadas, ainda apresentam muitas lacunas e desafios a serem superados.

No próximo capítulo será apresentado o processo de formação do município de Jundiaí - SP (recorte espacial da pesquisa), considerando três principais eventos: o movimento bandeirante, a ferrovia e a imigração italiana.

2. O PROCESSO HISTÓRICO DE FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ – SP: análise a partir de três eventos – o movimento bandeirante, a ferrovia e o imigrante

O município de Jundiaí possui localização privilegiada (Mapa 1), estando situado entre as Regiões Metropolitanas de Campinas e São Paulo, além de ser cortada por duas vias de acesso consideradas como as mais importantes do Estado de São Paulo (Rodovia Anhanguera e Bandeirantes).

Mapa 1. Localização do município de Jundiaí - SP



Atualmente (2021), segundo o IBGE, Jundiaí conta com uma população total estimada de 426.935 habitantes. Em relação à participação dos setores econômicos no Valor Total Adicionado, Jundiaí aparece com 74,99% no setor de comércio e serviços, 24,67% no setor industrial e 0,34% no setor agropecuário (SEADE, 2017).

Para melhor compreender o processo histórico de formação do município de Jundiaí, tomamos como referência Noronha (2008) que, ao pesquisar sobre “O espaço rural no contexto da urbanização difusa: o estudo da pluriatividade nos Bairros Rurais Roseira e Toca no Município de Jundiaí (SP)”, selecionou três eventos que, em combinação com o processo de

formação territorial do Estado de São Paulo, denotam a complexidade espacial em que está situado o referido município: o movimento bandeirante; a ferrovia; e, o imigrante. Em seu conjunto, tais elementos revelam os processos de ocupação, de apropriação e de formação do município.

Para Santos (1996), os eventos são carregados por acontecimentos históricos, deste modo, o espaço, visto como processo e resultado, sempre é reconstituído, afinal está sempre em constante mudança. Para o autor, os eventos consideram a dimensão temporal e são formados por atores, através da ação humana e da transformação das coisas, atribuindo novas características.

Noronha (2008), em sua dissertação de mestrado, optou pelos três eventos citados em virtude do desejo de retratar tais processos sem a necessidade de analisar, através de um período, todos os componentes que constituem a sua trama histórica. A opção dos eventos e sua caracterização têm como objetivo entender as diferentes funções realizadas pelo município de Jundiaí desde o período de sua ocupação, ou seja, numa perspectiva geográfica a partir da dimensão temporal.

A origem do município de Jundiaí está diretamente relacionada ao movimento **bandeirante (primeiro evento)**, principal responsável pela ocupação da antiga Capitania de São Vicente. Anteriormente, a região era habitada por povos indígenas que se dedicavam à produção de milho e mandioca, entretanto, após a chegada dos colonizadores estes foram expulsos da área e se adentram na mata.

Ao longo dos séculos XVI, XVII, XVIII e início do XIX, a economia do município se limitava as pequenas lavouras de subsistência, que abasteciam moradores da vila, tropeiros e bandeirantes (PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 20--).

De acordo com Noronha (2008), a complexidade

[...] do movimento bandeirante, na passagem do século XVI ao XVII, deve-se ao fato de que, ao promover a ocupação efetiva das terras paulistas, foi de fundamental importância para a fundação de vilas e freguesias, como a de São Paulo de Piratininga em 1554 e da Freguesia de Nossa Senhora do Desterro de Jundiahy em 1615. A formação dessas vilas deu origem a importantes cidades, cujas funções e tamanhos também são distintos. Do ponto de vista geográfico, o elemento que chama a atenção é a localização, assim como, o contexto regional em que o município de Jundiaí se encontra inserido. Por sua situação estratégica, a Freguesia de Nossa Senhora do Desterro de Jundiahy logo se tornou o primeiro ponto de parada das expedições que partiam de São Paulo de Piratininga, conformando os primeiros traçados urbanos nas proximidades da capela – Nossa Senhora do Desterro (NORONHA, 2008, p. 38).

De acordo com Souza (1956), na segunda metade do século XVII, a freguesia já realizava as primeiras expedições para o interior do Brasil. Além disso, o desenvolvimento do núcleo urbano e a prática da agricultura da freguesia era caracterizada por um demorado avanço, apresentando por um longo período de tempo, uma atividade agrícola baseada na produção de milho, mandioca, algodão e feijão. Este deslocamento para as regiões mineradoras foi o motivo do limitado progresso da agricultura durante os dois primeiros séculos do município de Jundiaí.

Para Langenbuch (1971) *apud* Noronha (2008), essa característica da freguesia proporcionou para que houvesse uma ligação próxima com a cidade de São Paulo. Primeiro, devido à pequena distância, e, segundo, pela função exercida da atividade agrícola local no fornecimento de alimentos aos que ali chegavam e partiam em direção ao interior do Brasil.

A elevação da freguesia à categoria de vila e de cidade ocorreu em 1655 e em 1865, respectivamente.

[...] o principal aspecto para o desenvolvimento da agricultura nessa porção do Estado de São Paulo foi o esgotamento e a decadência da mineração, o que permitiu o crescimento de núcleos urbanos situados nesse trajeto bandeirante. A decadência da mineração, portanto, representou uma gradativa libertação de Jundiaí do papel até então desempenhado. Com o esgotamento da mineração, a agricultura desenvolveu-se, basicamente, com o crescimento das áreas plantadas com a cultura da cana-de-açúcar. Este fato não foi diferente nas áreas rurais do município de Jundiaí, colocando, pela primeira vez, um papel de destaque à agricultura local (SOUZA, 1956, p. 16).

Cabe destacar que as funções desempenhadas pelo núcleo urbano tinham como propósito satisfazer as demandas externas, já que as funções internas eram inexistentes, devido ser um aglomerado que era caracterizado por pequeno crescimento demográfico e econômico até o final do século XVIII. Foi a partir da expansão do cultivo da cana-de-açúcar, que o município de Jundiaí, no início do século XIX e outras vilas, como a de Mogi Guaçu, Porto Feliz e Piracicaba, passaram a fortalecer as atividades relacionadas ao comércio, distinguindo, portanto, do antigo local de descanso e partida das caravanas (SOUZA, 1956).

Para Noronha (2008), o município de Jundiaí, no início do século XIX, era caracterizado por ser: a) fornecedor de alimentos para a cidade de São Paulo; b) organizador de caravanas; e, c) fornecedor de trabalhadores livres.

Contudo, é essa concentração da atividade comercial, mesmo irrisória que

[...] resultará em uma dinamicidade econômica própria ao núcleo urbano. Ao desenvolver esse tipo de atividade comercial, Jundiaí passa a ser conhecida como Porto Seco, ou seja, como ponto de abastecimento do litoral e interior. Jundiaí fornecia para São Paulo e para Santos mandioca, farinha, milho e

açúcar e para as caravanas que rumavam para o sertão: fazendas, sal, ferro e mantimentos (SOUZA, 1956, p. 18).

As atividades ligadas ao comércio trouxeram dinâmica aos núcleos urbanos, porém, estes não tiveram um relevante crescimento demográfico até os fins do século XVIII (NORONHA, 2008).

Segundo os dados apresentados por Langenbuch (1971), em 1836, a população do município de Jundiaí correspondia a 5.893 habitantes, passando, em 1874 a 7.805. O referido autor contesta que essa população era notadamente rural e que

[...] parte das casas pertenciam a agricultores residentes em suas terras e que afluíam à vila (ou cidade) apenas nos dias de ofícios e festas religiosas, ou nela residiam temporariamente. Trata-se de um fato comum nas cidades paulistas da época. No tocante aos arredores da Capital encontramos referências expressas ao fato com relação a Jundiaí e Santo Amaro (LANGENBUCH, 1971, p. 45).

O baixo crescimento demográfico do município de Jundiaí proporcionou para que houvesse o enfraquecimento econômico do núcleo urbano no momento seguinte ao processo de declínio da cana-de-açúcar, esse fato permaneceu até fins dos anos 1860, quando houve a chegada da **ferrovia** - o segundo evento - no município (NORONHA, 2008).

Para ilustrar esse período, o barão Von Tschudi que visitou a localidade em 1860 expõe que:

[...] a decadência da cidade se relaciona, por um lado, com a perda de importância de sua função de prestação de serviços à circulação e, por outro lado, à decadência da lavoura canavieira, ainda não substituída suficientemente pela cafeeira. Esta circunstância, por sua vez, deve ter afetado as funções de prestação de serviços à população rural e religiosa, intrinsecamente associadas ao desenvolvimento agropecuário circunvizinho. Note-se ainda que na mesma época Campinas [...] conhecia notável desenvolvimento chegando a rivalizar com São Paulo, fato sobejamente conhecido. Ora, é possível que também isso tenha contribuído para a decadência de Jundiaí, pois esta localidade ficava a meio caminho entre duas maiores, em progresso, com eventual captura de oportunidades comerciais (LANGENBUCH, 1971, p. 62).

Deste modo, até aqui é perceptível que o processo de formação do município de Jundiaí está relacionado ao estabelecimento de ciclos econômicos associados à história brasileira, como por exemplo, as iniciativas de ocupar as terras do interior e a mineração. Além de que, o desenvolvimento do núcleo urbano tinha como objetivo atender as necessidades do movimento bandeirante (NORONHA, 2008).

Esse fato corrobora a leitura que vem sendo

[...] proposta nesse exercício de reflexão sobre a formação territorial do município de Jundiaí: o território, como uma realidade histórica e socialmente construída, constitui-se a partir de forças internas e externas. No entanto, a formação de um território, cujo conteúdo social esteja fortemente relacionado às características de um povoamento precedente e de relações, somente veio a ocorrer a partir do século XIX, com a ocupação efetiva das terras e o estabelecimento das primeiras correntes imigratórias em áreas do município (NORONHA, 2008, p. 41).

No século XIX, o município de Jundiaí passou a ser favorecido novamente devido a sua localização estratégica. Ao final do século XVIII, a cafeicultura se disseminava no sentido do interior da Província de São Paulo, impulsionando o surgimento de algumas vilas e difundindo-se, principalmente, no Vale do Paraíba. Esse fato resultou no esgotamento dos solos e favoreceu para a formação de pequenas redes de cidades pelos locais que avançava (NORONHA, 2008).

Como lembra Souza (1956), a lavoura cafeeira

[...] só toma grande incremento na segunda metade do século XIX. O cultivo da cana entrara, então, em declínio, não só pela baixa mundial dos preços, como porque terras mais produtivas foram conquistadas em outras regiões da província pela lavoura açucareira. Como consequência, o algodão juntamente com o café entra a sobressair na agricultura de Jundiaí (SOUZA, 1956, p. 21).

Com a chegada do complexo cafeeiro na Província de São Paulo e, principalmente dos seus investimentos, como por exemplo o estabelecimento da ferrovia, o papel exercido por Jundiaí se altera, incrementando novas funções, tais como a urbana, agrícola e industrial. Percebe-se que, os elementos anteriores não são disseminados no tempo, mas sim, coexistem, antigas e novas funções. O vínculo estabelecido através das funções industriais e agrícolas é um exemplo disto. Ademais, a utilização das antigas rotas que conectam com a cidade de São Paulo para a construção das estradas e rodovias é um exemplo da relevância desse período anterior ao urbano industrial (NORONHA, 2008).

O perfil de cidade industrial que hoje marca o município está

[...] sem dúvida, atrelado ao ciclo de café, à expansão da ferrovia e à urbanização, processos que são simultâneos e se relacionam entre si. A marcha do café para o oeste paulista promoveu o crescimento da cidade; junto com ela, vieram os trilhos e as indústrias. Ao mesmo tempo, naquela segunda metade do século XIX, começaram a chegar os primeiros imigrantes europeus (PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2005, n.p).

Dessa forma, quando consideramos a complexa conjuntura proporcionada por esse segundo elemento histórico, ou seja, a ferrovia e a sua relação com a disseminação da cultura cafeeira é que temos a **constituição de um segundo evento**. Cabe destacar que a expansão da cafeicultura encontrou estímulos da economia gerada pela cultura canavieira (NORONHA, 2008).

Com o advento da economia cafeeira, um novo incentivo é concedido à economia da Província de São Paulo durante o século XIX, a complexidade da economia promovida pela cultura do café está relacionada a dois elementos: a imigração e os investimentos na rede ferroviária nos locais que até o final do século XVIII se transportava o açúcar. No município de Jundiaí, tal circunstância não foi diferente, sendo possível compreender esses dois elementos em combinação com a história da Província de São Paulo (NORONHA, 2008).

Matos (1990, p. 121) destaca que seis são os aspectos intimamente relacionados ao processo de formação econômica e social de São Paulo quando o assunto é a expansão da malha ferroviária: “a) a marcha de povoamento; b) a cultura do café; c) a abertura de diversas frentes pioneiras; d) a captura de outras regiões; e) as migrações internas; e f) a criação de uma consciência ferroviária”.

Segundo Langenbuch (1971) foi na economia cafeeira que

[...] em conformidade com o surgimento e expansão da rede de trilhos, que houve a consolidação de territórios complexos, seja com o crescimento e o aumento do número de cidades, seja com os novos atores sociais trazidos para o trabalho a ser realizado nas fazendas de café. No município de Jundiaí, em particular, o surgimento da ferrovia em 1867 resultou, a partir da segunda metade do século XIX, na consolidação de processos e dinâmicas territoriais complexas. A ferrovia, como resultado dos investimentos ingleses, favoreceu, de maneira intensa, o crescimento do núcleo urbano, que entre 1874 e 1900, dobrou a população total. Nos anos de 1874 e 1900 a população do município de Jundiaí correspondia a 7.805 e 14.990 habitantes, respectivamente (LANGENBUCH, 1971, p. 75).

As Figuras 14 e 15 apresentam a Estação Ferroviária de Jundiaí no ano de 1867 e atualmente (2021).

Figura 14. Estação Ferroviária de Jundiaí inaugurada em 1867



Fonte: Prefeitura Municipal de Jundiaí, 2017.

Figura 15. Estação Ferroviária de Jundiaí atualmente



Fonte: Prefeitura Municipal de Jundiaí, 2021.

Para Monbeig (1984), o período compreendido entre os anos de 1860 e 1880, conforme sistematizado no Quadro 7, foram determinantes para a história da cafeicultura na Província de São Paulo. As transformações técnicas, sociais e econômicas realizadas através da construção

da Ferrovia Santos-Jundiaí se tornaram um dos aspectos essenciais para a economia paulista e para expansão na direção das áreas externas, nomeadas pelo autor como “sertão ocidental”.

Quadro 7. Consolidação da Rede Ferroviária Paulista no final do século XIX

COMPANHIA	LIGAÇÃO	DATA DE INAUGURAÇÃO
São Paulo Railway Co. Limited	Santos-Jundiaí	11 de fevereiro de 1867
Companhia Paulista de Estradas de Ferro e Ligações Fluviais	Jundiaí-Campinas	11 de agosto de 1872
Companhia Ituana	Jundiaí –Itu	17 de abril de 1873
Companhia Bragantina	Campo Limpo-Bragança Paulista	4 de maio de 1884
Companhia Itatibense	Louveira-Itatiba	19 de novembro de 1890

Fonte: Tomanik (2001) *apud* Silva (2007, p. 69). Org. Tamires Regina Rocha, 2020.

Sobre o “complexo cafeeiro” no contexto da Província de São Paulo, Noronha (2008) salienta que:

[...] o favorável intercâmbio proporcionado com a cidade de São Paulo. Esse intercâmbio, acrescido por sua situação estratégica, permitiu ao município de Jundiaí, desenvolver outras funções, como foi o caso da distribuição e conservação da produção de café destinada à exportação via férrea até o porto da cidade de Santos. O processo de formação da Província de São Paulo apresentou dois elementos significativos que, simultaneamente, resultaram na estruturação de uma rede de cidades mais complexa, assim como, dos eixos de transportes e comunicações, portanto, o desenvolvimento dos primeiros capitais industriais (NORONHA, 2008, p. 45).

Nesse sentido, um outro elemento histórico deve ser destacado para a compreensão do complexo processo de formação do município: **a imigração estrangeira (o terceiro evento)**. A imigração estrangeira na Província de São Paulo deve ser analisada a partir da segunda metade do século XIX no campo das mudanças políticas, sociais e econômicas, com ênfase à Lei Eusébio de Queiroz (1850) e a abolição da escravidão (1888). A consequência desses fatos, se fez fundamental para a utilização do trabalho de colonos, principalmente de imigrantes europeus, de origem italiana, portuguesa e espanhola (NORONHA, 2008).

Tavares dos Santos (1984, p. 15), por sua vez, enfatiza que a colonização “deveria ser feita por homens livres, proprietários e brancos, o que representava, em seu conjunto, os

princípios ideológicos difundidos pelo movimento em favor da imigração. Do mesmo modo, a imigração somente foi concretizada por meio da formação dos núcleos de colonização”.

A partir das contribuições de Beiguelman (1981) sobre a crise do escravismo e o auge da imigração estrangeira, é possível destacar os distintos conflitos surgidos entre colonos e fazendeiros, assim como o interesse por parte destes pelos imigrantes, decorrente dos estímulos governamentais. Para a referida autora:

[...] embora, em tese se pudesse considerar vantajosa a introdução de trabalho livre em quaisquer condições, dado o alto preço do escravo, contudo só a garantia de uma relativa estabilidade, que não obrigasse a renovar continuamente essas despesas (proibindo-se, na verdade, a mobilidade do colono entre as fazendas e na direção dos núcleos urbanos), é que permitiria ao lavrador (que podia apelar para a alternativa do braço escravo) encarar o trabalho imigrante como comparativamente interessante, na competição entre ambos os tipos (BELGUELMAN, 1981, p. 33).

Para Martins (1973) *apud* Noronha (2008), os fazendeiros precisavam de trabalhadores livres que atendessem às grandes demandas de falta de mão-de-obra das lavouras paulista. A solução foi identificada nos países europeus que possuíam uma quantidade considerável de mão-de-obra excedente e empobrecida nas áreas rurais. No caso específico do município de Jundiaí, os imigrantes italianos foram a principal corrente imigratória do final do século XIX.

Os núcleos de povoamento foram de suma importância para a estabelecimento da imigração na Província de São Paulo. O processo de consolidação desses núcleos deve ser analisado a partir da instauração do trabalho livre, além da expansão da cultura cafeeira, compondo um capítulo da imigração, especialmente de italianos, no Brasil (FILIPPINI, 1990).

“Em fins do século XIX, o município de Jundiaí passou a ser um polo atrativo de imigrantes, o que resultou na conformação dos primeiros núcleos baseados no regime de colonato, como foi o caso do Núcleo Barão de Jundiaí criado em 1887” (NORONHA, 2008, p. 47). Esse fato caracteriza o **terceiro elemento histórico**, em que a conjuntura política, social e econômica vivenciada o faz ser entendido como um evento, afinal relaciona, conjuntamente, tempos e espaços em diferentes escalas.

A importância dos imigrantes na formação econômica e social do município de Jundiaí, nomeadamente de italianos, é pertinente na medida em que estes introduziram outras lavouras, como a produção de frutas. Do mesmo modo, outra característica herdada do processo de ocupação foi, sem dúvida, a estrutura fundiária, caracterizada pela presença de pequenas propriedades rurais, em que a força de trabalho é centrada na família (PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2005).

Assim, de forma paralela ao crescimento do núcleo urbano,

[...] em virtude do prematuro ciclo industrial – impulsionado pelo complexo cafeeiro –, a agricultura desenvolveu-se a partir de pequenos núcleos rurais, originando os primeiros bairros rurais do município: os bairros rurais do Traviú; do Caxambú e da Colônia. Segundo Mattos (1951), a formação desses bairros, como foi o caso do Traviú, seguiu uma mesma lógica, ou seja, o fracionamento das grandes propriedades rurais produtoras de café. Em fins do século XIX, seguindo essa mesma lógica, ou seja, a partir do fracionamento constante das fazendas situadas nos bairros rurais da Colônia e do Caxambú, originaram-se outros bairros rurais, como é o caso da Roseira, da Toca, do Ivturucuia. Pode-se dizer, portanto, que a formação desses últimos caracteriza uma segunda etapa de ocupação das áreas rurais no município de Jundiaí, mormente com os colonos-imigrantes e suas respectivas famílias (NORONHA, 2008, p. 48).

A relação entre o trabalho do colono-imigrante e a formação dos principais núcleos de povoamento no processo de consolidação das áreas rurais do município de Jundiaí estão intimamente relacionadas. A formação desses bairros possui diferenças, tanto no número de pessoas, quanto em relação à origem das mesmas. O surgimento dos bairros rurais está relacionado a associação de alguns elementos: questão social, econômica e política, entretanto, tal processo foi caracterizado por conflitos em relação a compra da terra e na definição dos limites fundiários das propriedades rurais (NORONHA, 2008).

Portanto, fica evidente que a constituição dos espaços rurais no município de Jundiaí teve origem a partir de uma série de embates que, estão diretamente relacionados a um conjunto de processos que se complementam.

É importante observar que:

[...] o estabelecimento dos colonos-imigrantes em terras do município de Jundiaí representa um segundo momento na vida dessas famílias, uma vez que a primeira etapa foi realizada junto às fazendas de café situadas em distintas localidades no Estado de São Paulo. A título de exemplo, destacam-se as famílias Marquesin e Donati que inicialmente foram estabelecidas na Fazenda Nossa Senhora da Conceição e em fazendas pelo interior de São Paulo, respectivamente e, posteriormente compraram terras nas áreas rurais do Bairro da Toca (NORONHA, 2008, p. 49).

Quando relacionamos o desenvolvimento da agricultura e a colonização estrangeira, que ocasionaram o surgimento dos primeiros territórios rurais no município de Jundiaí, cabe destacar a importância do cultivo da uva. Anteriormente a vinda dos primeiros imigrantes, o cultivo da uva já era realizado (variedade Isabel). Porém, é perceptível que o crescimento das

áreas plantadas com a fruta se deu em virtude do trabalho das famílias dos colonos nas propriedades rurais (NORONHA, 2008).

Para Souza (1956), tais núcleos de início se empenhavam no cultivo do café. Entretanto, progressivamente, os colonos italianos passaram a cultivar a variedade de uva Isabel. Inicialmente o cultivo possuía apenas intenções domésticas, ou seja, plantava-se nas horas de pausa da lavoura cafeeira com o objetivo da produção artesanal do vinho para o consumo próprio, porém, logo se transformou a viticultura numa das riquezas do Núcleo Barão de Jundiaí, resultando dele o surgimento do primeiro bairro vitivinícola de Jundiaí (SOUZA, 1956).

Dois fatos colaboraram, simultaneamente, para o desenvolvimento da viticultura no Estado de São Paulo: “a) a introdução de outras variedades de uvas – principalmente norte-americanas –; e b) a colonização estrangeira, notadamente de italianos. Isso não foi diferente no município de Jundiaí” (MATTOS, 1951 *apud* NORONHA, 2008, p. 51).

Mattos (1951) *apud* Noronha (2008) expõe que o crescente:

[...] desenvolvimento da cidade de São Paulo também pode ser considerado um fenômeno desencadeante do processo de formação dos vinhedos nas regiões de Jundiaí e de São Roque. Essa conjugação de fenômenos históricos, aliadas à crise da economia cafeeira, impulsionou a formação dos vinhedos em Jundiaí. Entretanto, como bem descreveu o autor, a viticultura somente apresentou sintomas de renda econômica a partir dos anos 1930, quando, por meio da substituição dos cafezais, tornou-se uma alternativa econômica aos colonos que, gradativamente, transformavam-se em pequenos proprietários de terras. Do mesmo modo, a cultura da uva desenvolveu-se nessas áreas a partir da decadência das antigas áreas de produção de café: Cunha, Sorocaba e São Paulo (MATTOS, 1951 *apud* NORONHA, 2008, p. 51).

A partir desse conjunto de afirmações apresentadas por Mattos (1951) *apud* Noronha (2008) é possível identificar três pontos:

[...] **a)** o consórcio entre o colono e a uva ocorreu como um ‘equivoco’ da história, uma vez que esses imigrantes, num primeiro momento, estiveram envolvidos com a produção de café em fazendas sob o regime do colonato; **b)** a introdução da uva em base comercial somente passou a ser desenvolvida a partir do lento processo de transformação dos colonos em proprietários de terras; e, **c)** a proximidade com a cidade de São Paulo e as condições naturais favoráveis do município de Jundiaí (MATTOS, 1951 *apud* NORONHA, 2008, p. 52).

No início do século XX, devido à redução das áreas plantadas com a cultura do café, a uva tornou-se a principal cultura agrícola desenvolvida nas áreas rurais do município de Jundiaí (NORONHA, 2008). Para Souza (1956, p. 78-79), “ao lento declínio do café

correspondia o lento despertar da vinha, em áreas em que a vinha se deu bem, a propriedade foi intensamente fracionada”.

De acordo com os dados apresentados por Mattos (1951) *apud* Noronha (2008), do total de 69 vinhedos presentes no município de Jundiá em 1904: 50,7% ou 35 estavam relacionados ao trabalho dos colonos imigrantes nas fazendas de café e 49,3% ou 34 já estavam localizados em pequenas propriedades rurais. Sobre o tamanho das propriedades rurais que cultivavam uva, percebia-se a hegemonia da pequena propriedade rural: 49,3% ou 34 tinham área entre 1 e 3 ha; 30,4% ou 21 entre 3 e 6 ha; e, 20,3% ou 9 possuíam mais que 6 ha com o cultivo da vinha.

Para Noronha (2008), a cultura da uva,

[...] como uma alternativa econômica aos colonos imigrantes, possui técnicas e condições de trabalho específicas. Igualmente, o colono e a vinha se encontraram, formando, portanto, novas relações com a terra e um novo cotidiano de trabalho. Esse encontro casual resultou numa expressão territorial que não anulou a anterior. Em sua nova relação com o território, o colono não se despregou de suas raízes e expressões pretéritas. Entretanto, entende-se que a maior expressão desse novo cotidiano de trabalho e de relação com a terra foi a cultura da uva. Pressupõe-se, assim, que foi o processo de trabalho diferenciado em relação ao exercido nas regiões de origem das famílias dos colonos-imigrantes que resultou na conformação de uma nova relação cotidiana com o território e também de identidade e apego, confirmando também a constituição de lugares. Primeiro, com o trabalho de colonos nas fazendas de café e, posteriormente, já na condição de pequeno proprietário, com a cultura da vinha (NORONHA, 2008, p. 53-54).

De acordo com a Tabela 4 podemos observar a evolução da produção de uvas em quilos no município de Jundiá entre os anos de 1904 e 1956.

Tabela 4. Evolução da produção de uvas nas propriedades vitícolas de Jundiá

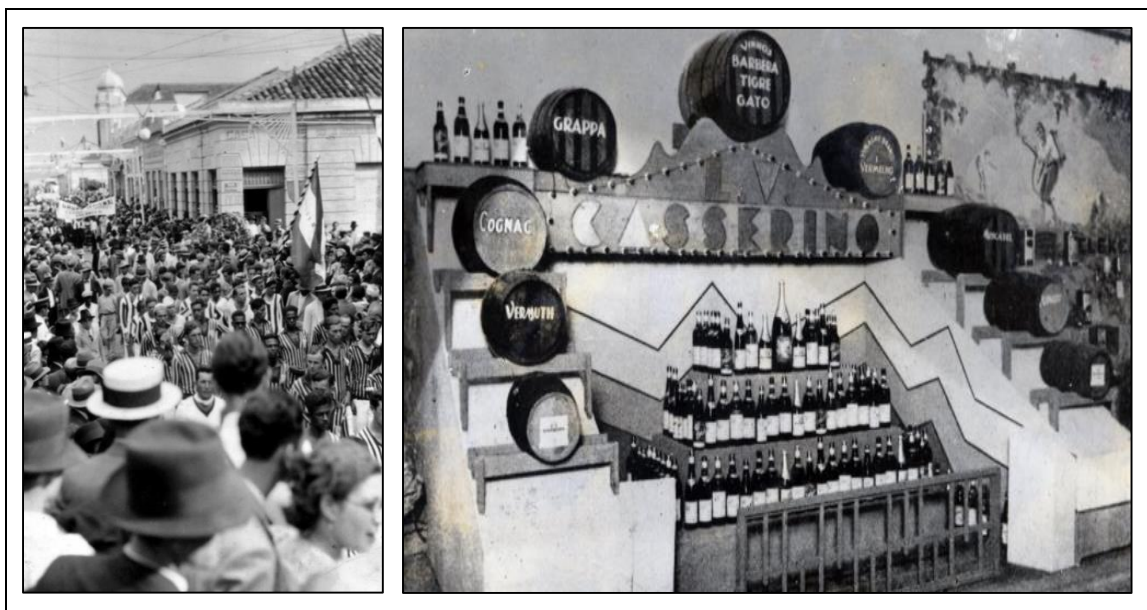
EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE UVAS EM JUNDIAÍ	
Ano	Quantidades de uvas (em quilos)
1904-1905	436.852
1928	2.578.170
1935	3.483.500
1948	10.700.000
1955-1956	16.000.000

Fonte: Romero (2004). Org. Tamires Regina Rocha, 2021.

Ao analisar a Tabela 4 percebe-se uma crescente produção de uvas, principalmente a partir de 1928 (atingindo 2.578.170 kg), que coincide com o fim da cafeicultura de grande escala no Brasil. Entre 1955-1956, a produção de uvas alcançou 16.000.000 kg no município (VICENTE, 2013).

Assim, em 1934 ocorreu a primeira Festa da Uva (Figura 16) do município de Jundiaí que recebeu mais de 100 mil visitantes em sua primeira edição que foi realizada nas ruas do centro da cidade (SITE TURISMO JUNDIAÍ, 20--).

Figura 16. 1ª Festa da Uva de Jundiaí – 1934



Fonte: Site Turismo Jundiaí, 20--.

Devido ao sucesso da primeira festa, foi construído um espaço especialmente para recebê-la: o Parque Comendador Antônio Carbonari, conhecido como Parque da Uva, inaugurado em 1953 (Figura 17) (SITE TURISMO JUNDIAÍ, 20--).

Figura 17. Festa da Uva de 1953 no Parque Comendador Antônio Carbonari (Parque da Uva)



Fonte: *Site Turismo Jundiaí*, 20--.

Caniato (1993), ao descrever sobre o processo de formação do Bairro Rural do Traviú (1893) no município de Jundiaí, destaca que as famílias de origem de duas frações rurais situadas no norte da Itália, preservaram características decorrentes da união de costumes e tradições. Deste modo, esse elemento deve ser considerado, ou seja, a identidade cultural reproduzida nos núcleos de povoamento e, depois de fragmentados, nos bairros rurais.

Portanto, pode-se dizer que há dois processos simultâneos e complementares que ocorreram no município de Jundiaí: primeiro, o de desterritorialização e, segundo o de reterritorialização. A associação desses dois processos favorece para o estabelecimento de novas territorialidades, isto é, novas manifestações e relações com o território. Nesse sentido, pode-se entender que essas manifestações, com princípios sociais e culturais, constituem-se, na perspectiva histórica a ligação de tempos e espaços diferenciados (NORONHA, 2008).

Saquet (2005) adverte que no processo de reterritorialização há,

[...] ao mesmo tempo, a reprodução de aspectos da vida anterior. Essa reprodução, por sua vez, pode ser de elementos e aspectos culturais, assim como de aspectos materiais e também ideológicos. Dito isso, a imigração torna-se um exemplo didático de formação de novas territorialidades. Essa constatação confirma a declaração de Saquet (2003) ao enfatizar que o processo de produção e de apropriação do território não é meramente econômico, mas também por razões políticas e culturais (SAQUET, 2005, p. 13.889).

Com efeito, há a formação “de territórios mais complexos e, sobretudo, a sobreposição de territorialidades. Como exemplo, é destacável o dialeto falado entre pessoas dos bairros rurais constituídos a partir da imigração italiana. Esse exemplo corrobora a existência de uma territorialidade mutilada” (BAGLI, 2005, p. 22).

No município de Jundiaí, o cultivo da uva pelos colonos imigrantes é um bom exemplo do que Saquet (2005) e Bagli (2005) retrataram. O colono imigrante, quando introduz os costumes do seu país de origem na maneira de mexer com a terra, com as tradições, hábitos e expressões utilizadas no Brasil e, principalmente, na região de Jundiaí, constituiu uma nova ligação de identidade com o seu meio e, por conseguinte, um novo território de vida (NORONHA, 2008).

Pode-se dizer que os últimos anos do século XIX,

[...] resultaram na conformação de territórios complexos – campo e cidade –, de territorialidades e também na sobreposição de velhas e novas relações cotidianas com a terra. Por certo, seja no campo, seja na cidade, a constituição desses territórios tem particularidades, influenciando no grau de manifestação dessas representações. A formação dos bairros rurais e também urbanos a partir da colonização italiana corrobora a complexidade territorial do município de Jundiaí já na transição dos séculos XIX e XX (NORONHA, 2008, p. 56).

De acordo com Noronha (2008), é importante destacar a passagem de uma economia especialmente agrária para uma economia em que as atividades secundárias e terciárias passaram a ter maior relevância. De acordo com os dados analisados por Langenbuch (1971), é notório o período de mudança. Na década de 1920, a população economicamente ativa no setor primário equivalia a 52,8% e as dos setores secundário e terciário, conjuntamente, a 47,2%. Já na década de 1940 ocorreu uma inversão dos números: o primeiro grupo - setor primário - passou a corresponder a 42,2% e o segundo - setor secundário e terciário -, a 57,8%.

Cabe destacar que a mudança ocorrida na economia do município de Jundiaí está profundamente relacionada as transformações ocorridas no Estado de São Paulo no início do século XX, dentre elas destacam-se: “primeiro, o intenso processo de industrialização e, segundo os fatores de circulação - abertura de estradas, por exemplo -, promovendo, mais uma vez, repercussões sobre a organização espacial” (NORONHA, 2008, p. 58).

Portanto, caracterizar tal complexidade espacial decorre, fundamentalmente, de uma pergunta: como compreender a dinâmica agropecuária no município de Jundiaí em um contexto em que as atividades industriais, comerciais e de prestação de serviços são predominantes? A

pergunta ainda fica mais complexa, quando se decide acrescentar a dinâmica econômica e social das propriedades rurais e estabelecimentos turísticos localizados na Rota Turística da Uva.

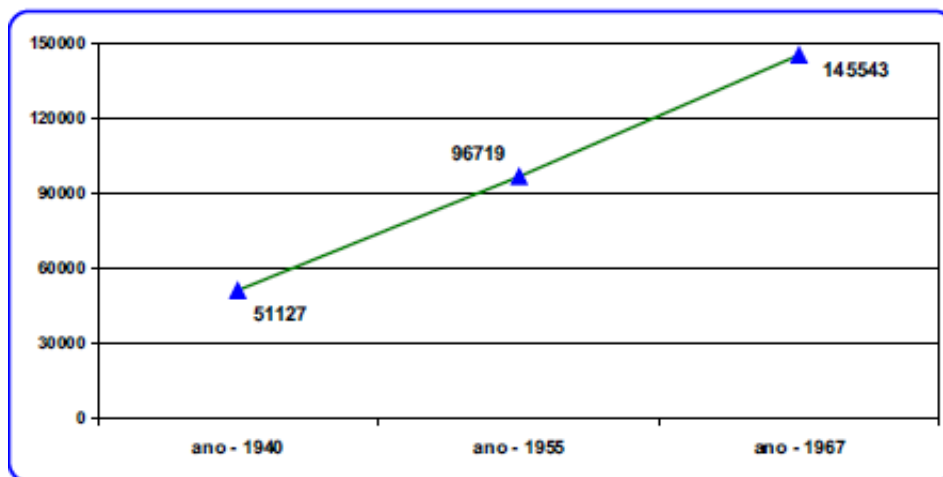
De modo a continuar compreendendo a dinâmica territorial em que o município de Jundiaí está inserido, o próximo subitem terá como foco de análise as mudanças nas estruturas populacionais, econômicas e produtivas agrícolas.

2.1. As transformações nas estruturas populacionais e econômicas e produtivas agrícolas do município de Jundiaí

Considerando o contexto regional em que está situado o município de Jundiaí, percebe-se que as mudanças ocorridas no âmbito da dinâmica populacional, sobretudo no período posterior aos anos 1950, estão intimamente ligadas às transformações ocorridas na estrutura econômica, em especial, em virtude do acentuado processo de industrialização (NORONHA, 2008).

Na Figura 18 são apresentados os dados referentes ao crescimento da população total do município de Jundiaí entre 1940 e 1967, período auge de implantação das principais indústrias e do processo de expansão das áreas periféricas da cidade.

Figura 18. Crescimento da população de Jundiaí no período de 1940 – 1967



Fonte: Anuário Estatístico do Estado de São Paulo, 1940, 1955, 1967. Org. Elias Oliveira Noronha (2008).

Através da análise da Figura 18, se verifica que é evidente o crescimento populacional do município de Jundiaí no período de 1940-1967. No ano de 1940, havia um total de 51.127 habitantes, este número apresenta uma crescente, chegando, em 1955, a 96.719 habitantes e, em 1967, a 145.543 habitantes. De acordo com Noronha (2008), o aumento constante da

população nesse período está associado a atração de trabalhadores devido ao desenvolvimento do processo de industrialização, que resultou na instalação de um parque industrial diversificado no município de Jundiaí, como se pode observar na Tabela 5.

Tabela 5. Indústrias implantadas no município de Jundiaí nos anos de 1950-1960

Setor	Número	%	Setor	Número	%
Abatedouro	4	4,7	Gráfica	4	4,5
Mecânica	8	9,5	Têxtil	7	8,3
Alimentos	6	7,1	Química	3	3,6
Madeira	5	5,9	Elétrica	4	4,7
Cerâmica	11	13,1	Plásticos	5	5,9
Metalúrgica	11	13,1	Calçados	2	2,4
Bebidas	5	5,9	Outros setores	9	10,7
Total de indústrias instaladas no período					84

Fonte: Revista, “Jundiaí 350 anos”; Org. Tamires Regina Rocha, 2020.

Com base nos dados apresentados na Tabela 5 é possível verificar que os principais setores instalados nos anos 1950 e 1960 referem-se aos de metalurgia e de cerâmica que representavam, conjuntamente, 26,2% (22) do total. Outros setores importantes são: têxtil, com 8,3% (7) e o de alimentação, cujo percentual é de 7,1% (6). O equilíbrio percentual entre os diversos setores da indústria instalada nos anos 1950/60 demonstra a existência de um parque industrial diversificado.

Marques (2008) ressalta que a década de 1970 é marcada pela Lei Municipal nº 1945, em emenda à Lei 1598/69, que criou o Distrito Industrial, localizado às margens das rodovias Anhanguera (SP 330) e Bandeirantes (SP 348). O referido autor acrescenta que:

O Distrito Industrial foi instalado em área de propriedade municipal e ficaram por conta da municipalidade suas obras de infraestrutura como arruamento, pavimentação, saneamento básico, energia elétrica, iluminação pública e telecomunicações, lembrando que os incentivos anteriores de isenção de impostos continuaram. A partir da criação do Distrito Industrial todas as indústrias passaram a se instalar nesta área (MARQUES, 2008, p. 106).

Após a criação do Distrito Industrial, as principais indústrias instaladas em Jundiaí no período 1970 – 1990 foram organizadas no Quadro 8:

Quadro 8. Indústrias instaladas em Jundiá no período entre as décadas de 1970 – 1990

INDÚSTRIA	ORIGEM	INICIO DA ATIVIDADE
IMPLEMENTOS YAMASHITA	Brasileira	ABRIL DE 1972
PETRI DO BRASIL S/A	Alemã	ABRIL DE 1973
VINAGRE CASTELO	Brasileira	JULHO DE 1973
APA - Associados de Produtos Alimentícios	Chinesa	SETEMBRO DE 1973
OLINKRAFT - Celulose e Papel	Americana	OUTUBRO DE 1973
ANTENAS JUNDIAÍ	Brasileira	NOVEMBRO DE 1973
Indústrias de Máquinas SOBERANA	Brasileira	FEVEREIRO DE 1973
FANTEX S/A	Japonesa	MAIO DE 1974
KANEBO TEXTIL S/A	Japonesa	JULHO DE 1974
LORD INDUSTRIAL LTDA	Americana	JULHO DE 1974
Indústrias de MEIAS AÇO S/A	Brasileira/Espanhola	JANEIRO DE 1975
WINTER do BRASIL - Ferramentas Ltda.	Alemã	SETEMBRO DE 1975
Caldeiraria YANQUE Ltda.	Brasileira/Americana	MAIO DE 1975
FUNDINOX - Ind. e Com. de Metais Ltda.	Brasileira/Inglesa	JULHO DE 1975
Cia. Brasileira de Caldeiras Mitsubishi - C.B.C	Japonesa	OUTUBRO DE 1976
Revestimentos Industriais FLOCOTÉCNICA	Brasileira	MAIO DE 1976
ERMETO - Equipamentos Industriais Ltda.	Brasileira/Francesa	MARÇO DE 1976
PLASTICOS JUNDIAÍ Ltda.	Brasileira	MAIO DE 1976
Pré Moldados REAGO Ind. e Com. S/A	Brasileira	MARÇO DE 1979
SPUMA-PAC – Grupo Dow Química	Alemã	SETEMBRO DE 1982
AGA S/A - Gases Industriais e Medicinais		OUTUBRO DE 1982
PLACAR S/A – Metalúrgica	Brasileira	NOVEMBRO DE 1984
ITAUTEC Comp. S/A / ADIBORD / ITAUCOM	Brasileira	FEVEREIRO DE 1985
Indústria de Maquinas SIGIMA	Brasileira/Japonesa	NOVEMBRO DE 1986
WHITE MARTINS Gases Industriais S/A		OUTUBRO DE 1989
YOLAT Ind. e Com. de Laticínios (PARMALAT)	Brasileira/ Italiana	JUNHO DE 1991
KLABIN - Papeis e Celulose	Brasileira	SETEMBRO DE 1991
SPAL / COCA COLA Ind. Bras. de Bebidas S/A	Brasileira / Norte americana	NOVEMBRO DE 1991
ELF ATHOCHEM Brasil Química S/A		NOVEMBRO DE 1992
AMBEV - Ind. Bras. de Bebidas S/A	Americana	JULHO DE 1994

Fonte: Coordenadoria Municipal de Planejamento e Meio Ambiente. Org. Tamires Regina Rocha, 2020.

Marques (2008) ressalta que a instação do Distrito Industrial ocorreu em uma área estratégica, ou seja, próximo as rodovias duplicadas, favorecendo para a circulação de matérias-primas e mercadorias de maneira acessível, além do mais, esta área na época se encontrava distante da mancha urbana, pois era necessário haver a separação do uso do solo residencial e industrial, por conta dos problemas de poluição.

As décadas de 1980 e 1990 foram marcadas por uma intensa proliferação de indústrias

no Parque Industrial, a infraestrutura fornecida auxiliava para a atração de novas indústrias.

[...] na década de 1980, veio se instalar em Jundiaí o Grupo Itaútec, unidades de componentes eletrônicos e informática, Jundiaí já contava com empresas do grupo Itaú instaladas na cidade como a Duratex S/A e a Cerâmica Deca que na mesma época expandia duas unidades para o Distrito Industrial. Na década de 1990 instala-se na cidade a indústria da Coca-Cola e a AmBev, atraindo indústrias de insumos como, a instalação da indústria de garrafas plásticas INJEPET, ao lado da Coca-Cola (MARQUES, 2008, p. 111).

O município de Jundiaí se tornou importante para a implantação de grandes empresas do circuito espacial de alimentos e, sobretudo, do segmento de bebidas, que optam por se localizarem no território de Jundiaí, tanto pela infraestrutura de circulação à disposição (as rodovias Anhanguera e Bandeirantes), quanto pela proximidade dos dois maiores mercados consumidores do país, ou seja, as regiões metropolitanas de Campinas e São Paulo (SILVA, 2014).

Portanto, Jundiaí tornou-se um ponto da topologia das grandes empresas,

[...] pois ali estão localizadas as mega unidades produtivas da Coca-Cola e da AmBev por exemplo, instaladas estrategicamente como parte de suas próprias reorganizações produtivas, com fechamento de diversas fábricas em outros pontos da Região Metropolitana de São Paulo, na década de 1990. Estamos, portanto, frente a resultados da reestruturação produtiva do estado de São Paulo, pois afetadas pelas economias de aglomeração da RMSP, ambas as empresas decidem por instalarem-se no entorno metropolitano, próxima a seus mercados consumidores. Na contramão desta reestruturação produtiva, estão as pequenas e microempresas de alimentos e bebidas localizadas em Jundiaí. Instaladas ali por serem ou empresas vindas de grupos familiares (um exemplo são as vitivinícolas) ou por aproveitarem da dinâmica histórica da cidade, atingindo seu mercado consumidor local, estas empresas possuem usos locais do território e ali realizam todas as etapas necessárias para sua “sobrevivência”, ali estabelecem seu circuito espacial da produção (SILVA, 2014, p. 8).

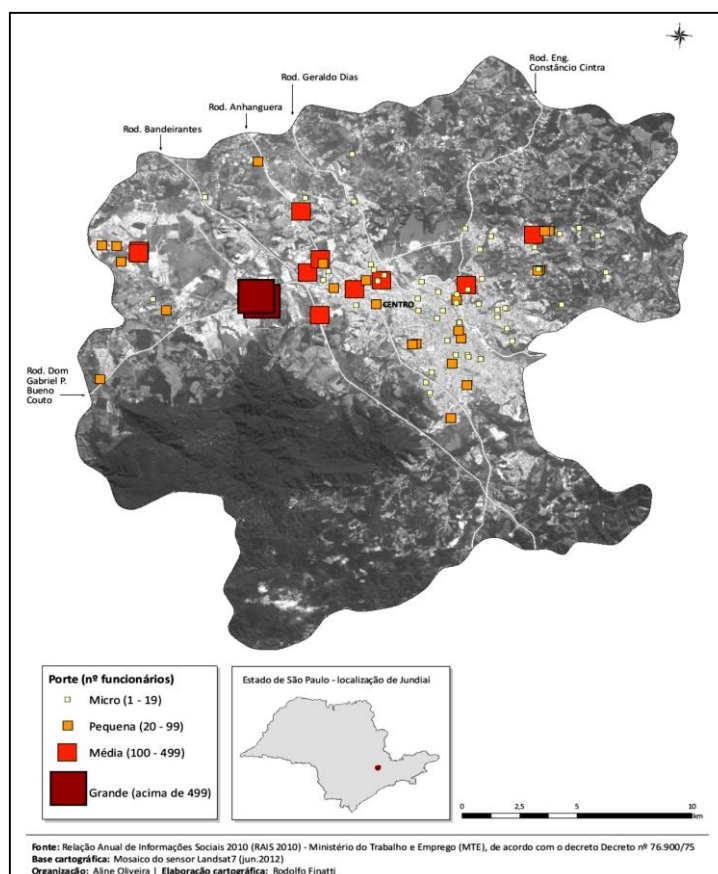
O processo de industrialização de Jundiaí resultou num parque industrial com atividades bem diversificadas e que, atualmente, se encontram dispersas principalmente próximas às rodovias Anhanguera e Bandeirantes, ou seja, nas regiões oeste e centrais do município, conforme se pode observar na Figura 19. Em 2002, segundo dados do IBGE sobre o Produto Interno Bruto dos Municípios, o complexo industrial jundiaense chegou a ocupar o oitavo (8º) maior valor adicionado industrial do Estado de São Paulo e o trigésimo (30º) do Brasil.

De acordo com Noronha (2008), ao considerar os dados disponíveis na Prefeitura Municipal,

[...] o setor industrial, no ano de 2005, representou em 11,15% (830) do total de estabelecimentos cadastrados junto ao Ministério do Trabalho, ocupando, por sua vez, 29,3% (32.831) do total de empregos formais. Os setores de serviços, comércio, construção civil e agropecuária corresponderam, respectivamente em 38,0% (2.835), 45,2% (3.366), 3,4% (250), 2,2% (160), do total de estabelecimentos; e, 40,1% (44.923), 26,4% (29.563), 3,7% (4.225) e 0,5% (607) do total de empregos formais (NORONHA, 2008, p. 65).

Na Figura 19 é possível observar a distribuição das empresas em Jundiaí segundo a RAIS (2010). É evidente que o município é caracterizado por ter em seu território empresas de grandes, médios e pequenos portes, favorecendo para um embate entre o global e o local. Deste modo, ao mesmo tempo que o território é usufruído pelas grandes empresas capitalistas, este também é utilizado pelas empresas locais, que não se “incomodam” com o crescimento de inovações tecnológicas e as diversas redes que se constituem pelo mundo (SILVA, 2014).

Figura 19. Localização dos Estabelecimentos Industriais em Jundiaí - 2010



Em 2014, o governo federal realizou um novo levantamento e classificou os tipos de indústrias e o número de plantas industriais instaladas no município de Jundiaí de acordo com a RAIS, conforme sistematizado no Quadro 9.

Quadro 9. Classificação dos tipos de indústrias e número de unidades em Jundiaí – 2014

ATIVIDADES INDUSTRIAIS	Nº em JUNDIAÍ
Extração Mineral	10
Produtos de Origem Vegetal	30
Indústria de Produtos Minerais não Metálicos	150
Indústria Metalúrgica	500
Indústria Mecânica	60
Indústria de Material Elétrico e de Comunicações	110
Indústria de Material de Transporte	70
Indústria da Madeira	24
Indústria de Mobiliário	30
Indústria do Papel e Papelão	88
Indústria da Borracha	10
Indústria de Couros e Peles e de Produtos Similares	01
Indústria Química	260
Indústria de Produtos Farmacêuticos e Veterinários	140
Indústria de Perfumarias, Sabões e Velas	70
Indústria de Produtos de Matéria Plástica	200
Indústria Têxtil	189
Indústria do Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos	234
Indústria de Produtos Alimentares	100
Indústria de Bebidas e Alcool Etílico	60
Indústria Editorial e Gráfica	72
Indústrias Diversas	230
TOTAL	2.637

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais, 2014. Org. Tamires Regina Rocha, 2020.

Ao analisar o Quadro 9 é possível verificar que em 2014 o município possui um total de 2.637 indústrias, sendo que, entre os principais setores instalados destacavam-se novamente à metalurgia, com aproximadamente 500 ou 18,9% das indústrias, porém outros setores importantes também estão presentes no município, tais como: Indústrias Químicas (260 ou

9,8%); Indústrias de Produtos de Matérias Plásticas (200 ou 7,5%); Indústria do Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos (234 ou 8,8%); e das Indústrias Diversas (230 ou 8,7%).

O município de Jundiaí tem a seu favor a circulação como princípio para que as empresas se instalem em seu território. Deste modo, a prefeitura acaba por investir constantemente em suas vias, bem como, em novas estratégias de promoção (SILVA, 2014).

A partir do amplo abrigo de redes de circulação que Jundiaí estabelece ações de “*Marketing*” próprio, sendo comuns em publicações municipais dizeres como “Excelente local para circulação”, “Logística Invejável”, “Jundiaí, Terra de Gigantes” e afirmações como “o município está localizado no centro da região mais desenvolvida e rica do Estado de São Paulo” (FONSECA, 2010, p. 36).

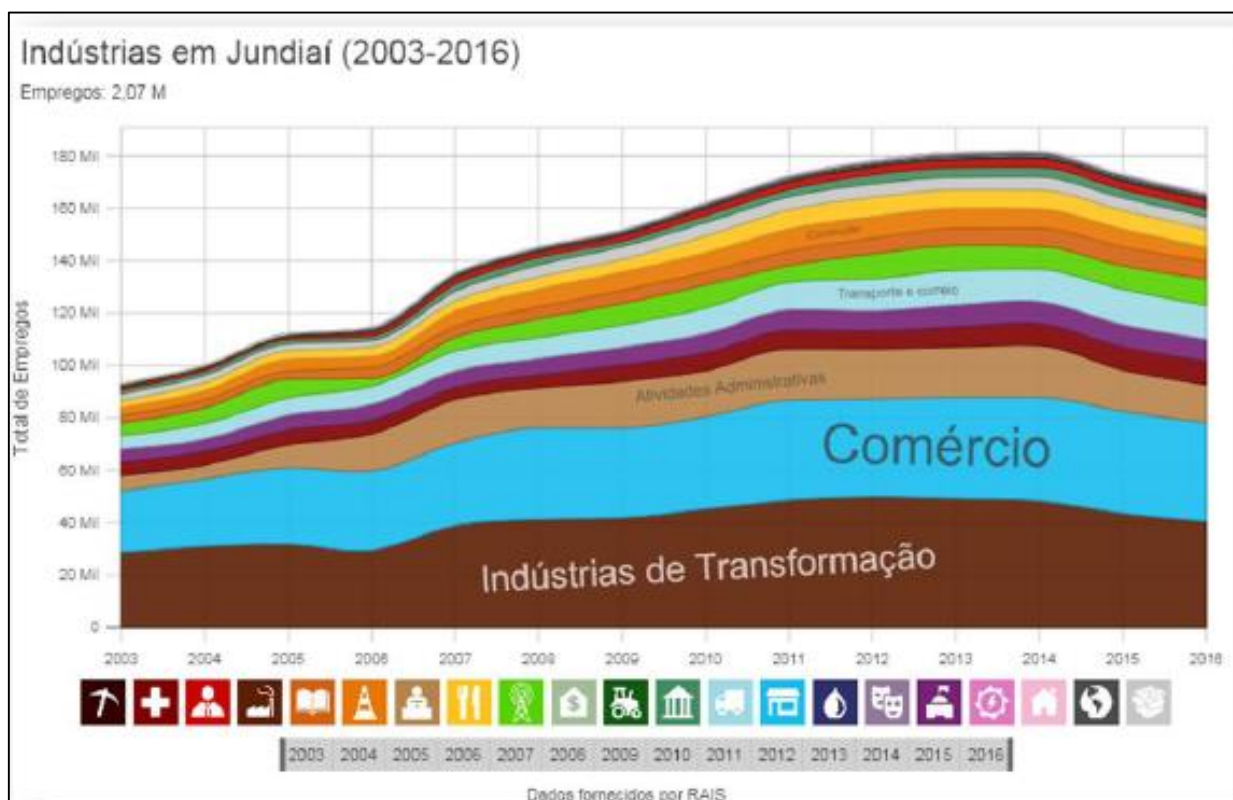
De acordo com a Prefeitura de Jundiaí, o complexo industrial do município foi responsável, em 2013, pelo quinto maior valor adicionado industrial do Estado de São Paulo, segundo os dados do IBGE ao pesquisar o “Produto Interno Bruto dos Municípios 2013”. A indústria, englobando a construção civil, constitui 27,08% na composição do valor adicionado do município (PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2013).

De acordo com dados oficiais do Ministério do Trabalho,

[...] foram criados 1.483 empregos formais em Jundiaí no período de janeiro a abril de 2019. O número representa um crescimento de 124% em relação ao mesmo período do ano passado, quando foram geradas 660 vagas com carteira assinada. O levantamento é do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED). Os setores de maior destaque seguem sendo a indústria e os serviços. Nos quatro primeiros meses de 2019 já foram criados 783 vagas formais em fábricas da cidade, enquanto o setor de serviços contribuiu com 1.297 postos. A construção civil, que dá sinais de recuperação, gerou 128 novas vagas no primeiro quadrimestre (G1 – PORTAL DE NOTÍCIAS, 2019, n.p).

Na Figura 20 são apresentados os setores que mais geraram empregos em Jundiaí entre 2003 - 2016, de acordo com a RAIS. Destacou-se a Indústria de Transformação e o Comércio que, juntos, geraram mais de 40 mil empregos no município no período.

Figura 20. Geração de empregos por setores da economia no município de Jundiaí



Fonte: Prefeitura Municipal de Jundiaí, 2019, p. 17.

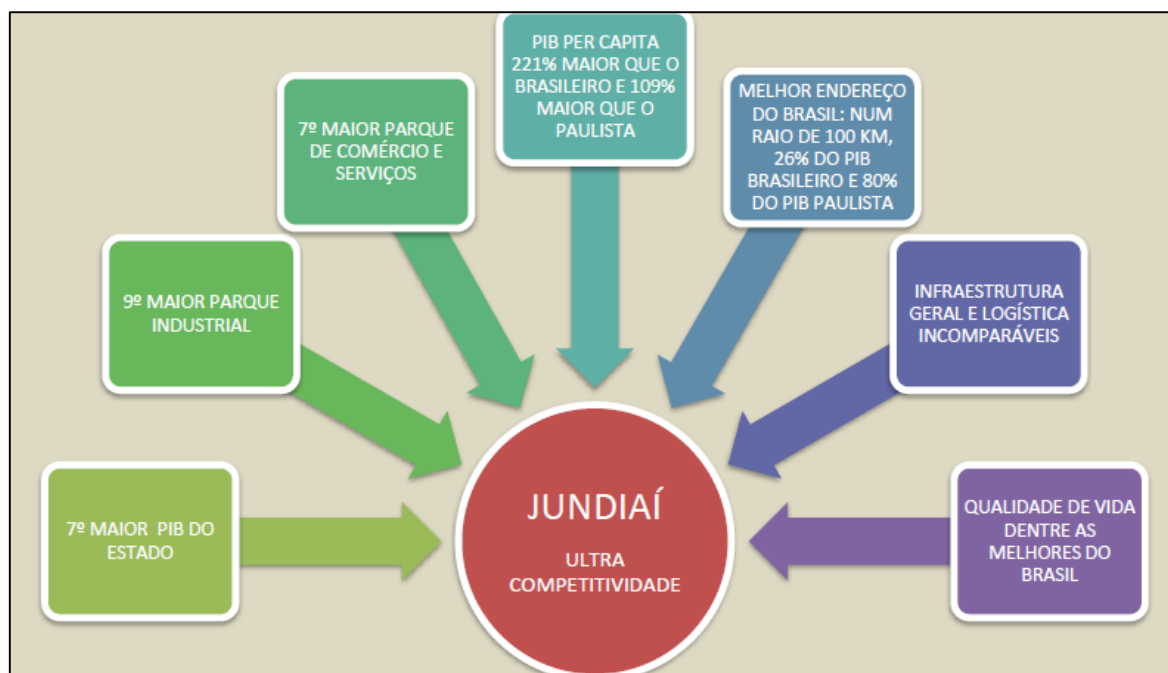
Em 2017, segundo o IBGE, o município possuía o 7º maior PIB (Produto Interno Bruto) do Estado de São Paulo, no valor de R\$ 39,8 bilhões e PIB *per capita* de R\$ 105.187,60, maior que o de todas as capitais do país, e 109% maior que o PIB *per capita* do Estado (IBGE, 2017).

Jundiaí possui um IDH de 0,822, sendo considerado alto para o Estado de São Paulo (IBGE, 2016).

Em 2019, segundo dados da Prefeitura Municipal, Jundiaí possuía o 9º PIB industrial do Estado de São Paulo e o 7º PIB em prestação de serviços e comércio. Apesar dessa importância do setor industrial, do comércio e serviços, a agricultura e o espaço rural tiveram e ainda tem importância fundamental no processo de formação e consolidação do município, sendo conhecido nacionalmente como a “capital da uva e do morango”.

Na Figura 21 é sistematizado as características econômicas do município.

Figura 21. Características econômicas do município de Jundiaí - SP

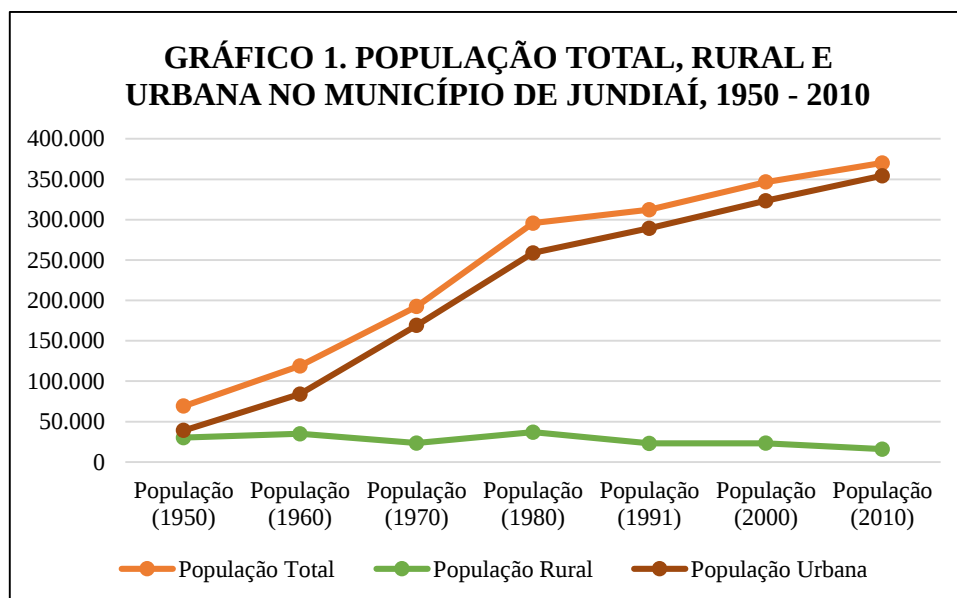


Fonte: Prefeitura Municipal de Jundiaí, 2019, p. 2.

Além da instalação de um parque industrial diversificado, um outro aspecto deve ser considerado que foi o de emancipação política e administrativa em relação à Jundiaí nos anos de 1960. Tal processo não fez com que o município perdesse a função de centralidade exercida no âmbito regional. Sobre isso, Noronha (2008) expõe que:

Nos anos de 1960, movimentos de emancipação política foram concretizados e alguns municípios surgiram, a saber: Jarinu, Várzea Paulista, Itupeva, e Campo Limpo Paulista. Por um lado, tal fato não reduziu o papel atrativo da população migrante desempenhado pelo município de Jundiaí. Por outro, a partir dos anos 1970, o crescimento demográfico – em números relativos – nesses municípios vai ser maior do que no próprio município de Jundiaí. Essa evidência, ainda que parcial, confere a centralidade dos serviços e atividades comerciais desenvolvidas no município, uma vez que os municípios emancipados cresceram na condição de “cidades dormitórios” (NORONHA, 2008, p. 65).

Além das mudanças ocorridas no âmbito da estrutura populacional devido às modificações no quadro econômico, é possível perceber alterações também no perfil da população rural e urbana (Gráfico 1).



Fonte: IBGE (Censos Demográficos: 1950, 1960, 1970, 1980, 1991 2000 e 2010). Org. Tamires Regina Rocha, 2020.

A partir das informações apresentadas no Gráfico 1 é possível chamar a atenção para dois aspectos: **primeiro**, o declínio, em números absolutos e relativos, da população rural entre 1950 e 2010, passando de 33.144 (47,9%) para 15.922 (4,3%) habitantes e, **segundo** o crescimento intenso da população urbana.

No período posterior aos anos 1970 houve o crescimento do número de pessoas vivendo na cidade de Jundiaí. Em 1950, o número de pessoas vivendo na área urbana correspondia a 39.014 (56,4%), com tendência crescente em relação aos anos seguintes. Em 1960, por exemplo, atingiu 84.010 habitantes (70,6%) evidenciando, portanto, uma tendência de expansão quando comparado com os dados de 2000, em que a população urbana correspondeu a um total de 323.397 (93,3%) e em 2010 de 350.000 habitantes (94,5%).

2.1.1. O setor produtivo agropecuário no município de Jundiaí

Em relação às transformações na estrutura produtiva agropecuária, o processo de formação territorial do município está diretamente relacionado ao desenvolvimento das atividades agropecuárias, em especial com o cultivo da uva em pequenas propriedades rurais de base familiar em fins do século XIX que, por sua vez, favoreceu a formação dos bairros rurais (NORONHA, 2008).

Considerando a perspectiva histórica, um dos elementos que é característico do processo de formação territorial do município, em que o principal agente foi o colono imigrante,

refere-se à formação de uma estrutura fundiária marcada pelo predomínio de pequenas propriedades rurais, iniciado devido ao declínio da grande propriedade de café, em que o trabalho empregado está concentrado na família (NORONHA, 2008).

Na Tabela 6 foram organizados os dados referentes à estrutura fundiária no período entre 1904/05 e 1947.

Tabela 6. Evolução do tamanho das propriedades rurais no município de Jundiá (1904/05-1947)

Área em há	1904/05	1947
-1	0	915
1 a 5	44	582
5 a 10	39	427
10 a 15	21	280
15 a 25	45	302
25 a 50	80	282
50 a 100	48	150
100 a 200	57	79
200 a 500	60	41
500 a 1000	15	20
+ 1000	16	6
Total	425	3023

Fonte: Mattos (1951). Org. Tamires Regina Rocha, 2020.

De acordo com os dados apresentados na Tabela 6, destacam-se dois aspectos: o primeiro está relacionado à fragmentação das pequenas propriedades rurais que ocorreu nos estratos de áreas de até 50 hectares e nas médias de 50 a 200 hectares e, o segundo, na manutenção de um regime de grandes propriedades rurais (que vai de 200 a +1000 hectares em termos de área). Vale ressaltar que, após a crise do café em 1929, ocorreu a decadência da grande propriedade cafeeira, originando a pequena propriedade rural, em que, o colono se torna o pequeno proprietário.

Para compreender o surgimento e a expansão da pequena propriedade rural se deve considerar o número de viticultores e, principalmente, a quantidade de uva cultivada na época. Afinal, a união desses dois fatores foi que consolidou e fortificou o pequeno produtor rural, ou o ex-colono imigrante, como proprietário de terra.

Na Tabela 7 é exposto os dados apresentados por Mattos (1951) e transcritos por Noronha (2008), em relação ao número de viticultores em Jundiá nos anos de 1904-1905 e 1947.

Tabela 7. Viticultores em Jundiá (1904/05 – 1947)

Nacionalidade	1904 - 1905		1947	
	Nº	%	Nº	%
Brasileiros	37	53,6	484	36,3
Italiano e descendentes	27	39,1	765	57,4
Portugueses	3	4,4	13	1,0
Espanhóis	-	-	17	1,3
Diversas nacionalidades	2	2,9	53	4,0
Total	69	100	1332	100

Fonte: Mattos (1951) *apud* Noronha (2008, p. 71). Org. Tamires Regina Rocha, 2020.

Ao analisar a Tabela 7 é notório que no ano de 1947, no qual, havia um total de 1.332 viticultores, 57,4% eram considerados italianos ou descendentes. Entretanto, entre 1904-1905 este fato ainda não era consolidado, uma vez que, essa gama de viticultores de nacionalidade italiana ou descendente era representada por apenas 39,1%. Deste modo, estes aspectos reforçam a ligação direta entre ex-colono imigrante, cultivo da uva e a consolidação da pequena propriedade rural no município.

Na Tabela 8 são sistematizados os dados referentes ao cultivo da uva entre os anos de 1904-1905, 1928, 1939 e 1949 conforme Mattos (1951) *apud* Noronha (2008).

Tabela 8. Número de pés de uvas cultivas em Jundiá nos anos de 1904-1905, 1928, 1939 e 1949

Período	Uvas Cultivados (em número de pés)
1904-1905	400.000
1928	885.000
1939	2.800.000
1949	8.500.000

Fonte: Mattos (1951) *apud* Noronha (2008, p. 71). Org. Tamires Regina Rocha, 2020.

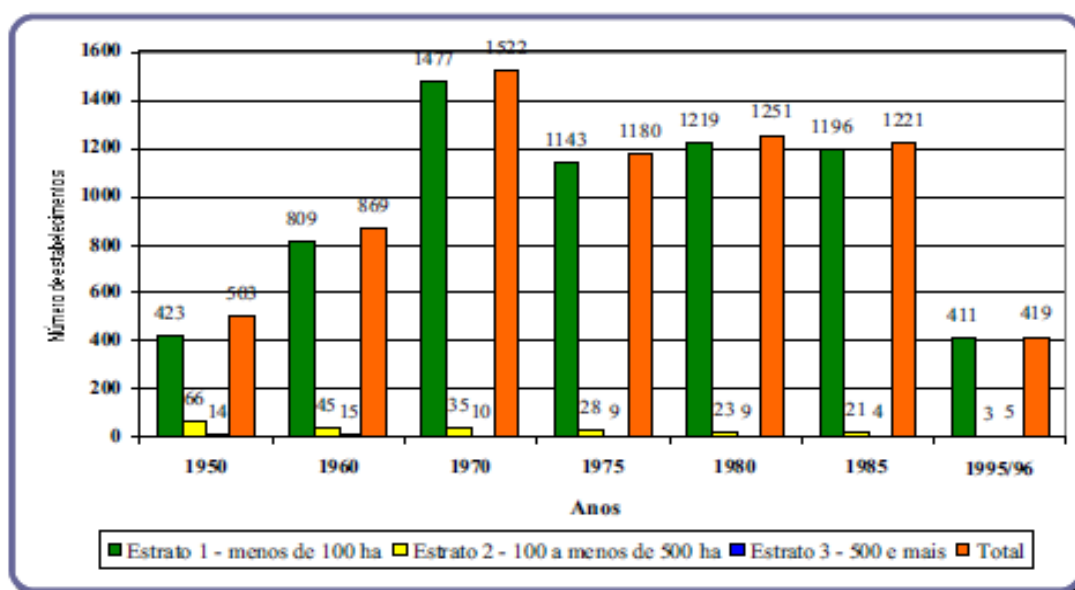
Fica evidente na Tabela 8 que houve um crescimento do cultivo da uva. Nos anos de 1904-1905 havia um total de 400.000 pés da fruta nas terras rurais do município (estas

cultivadas pelos colonos nas fazendas de café). Porém, em 1928, 1939 e 1949 houve um crescimento do cultivo da fruta, atingindo 885.000, 2.800.000, 8.500.000 em número de pés, respectivamente.

Deste modo, o município de Jundiá é marcado por uma complexa realidade agrária já nos fins do século XX, pois, além das mudanças no campo, também se verificou outras duas dinâmicas: a primeira, em virtude do processo de industrialização, com a implantação de uma importante rede de comunicações e transportes ligando os principais centros urbanos regionais e os próprios distritos industriais, e a segunda, a urbanização a partir dos anos de 1950 (NORONHA, 2008).

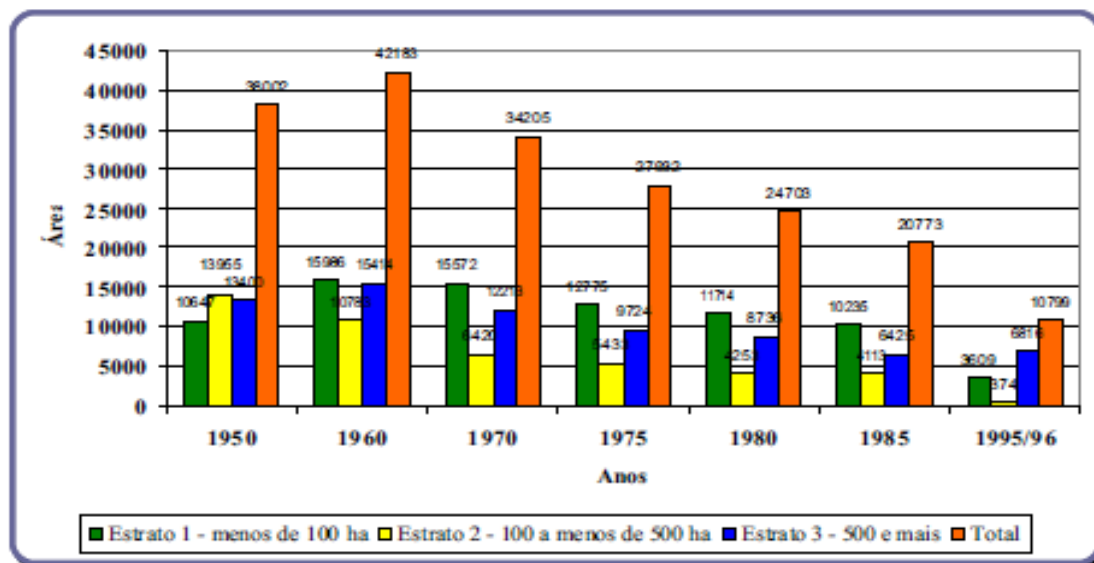
Em relação às mudanças no espaço rural, serão apresentados alguns dados nas Figuras 22 e 23, sobre a estrutura fundiária do município no período de 1950 a 1995/96.

Figura 22. Número de estabelecimentos agropecuários no município de Jundiá segundo grupos de área total (1950 - 1995/96)



Fonte: IBGE (Censos Agrícolas e Agropecuários: 1950; 1960; 1970; 1975; 1980; 1985; 1995/96). Org. Elias Oliveira Noronha, 2008.

Figura 23. Área ocupada pelos estabelecimentos agropecuários no município de Jundiáí segundo grupos de área total (1950 - 1995/96)



Fonte: IBGE (Censo Agrícolas e Agropecuários: 1950; 1960; 1970; 1975; 1980; 1985; 1995/96). Org. Elias Oliveira Noronha, 2008.

Ao analisar as Figuras 22 e 23, com base em Noronha (2008), alguns pontos em relação à estrutura fundiária do município de Jundiáí devem ser considerados: primeiro, ocorreu uma redução no número total de estabelecimentos agropecuários e da área ocupada por estes; segundo, a concentração fundiária e o processo de minifundiarização coexistindo no município; e, por fim, a predominância de pequenos estabelecimentos agropecuários com área menor de 100 hectares.

No ano de 1950, Jundiáí possui um total de 503 estabelecimentos agropecuários, sendo que em 1995/96 esse total teve uma queda, contabilizando 419 estabelecimentos, entretanto, essa conjuntura ainda não esclarece o principal processo que ocorreu no município, isto é, o processo de minifundiarização (NORONHA, 2008).

Sendo assim, entende-se que um caminho interpretativo é a identificação de dois ritmos distintos, “um primeiro que vai até 1970, em que há um aumento significativo do número de estabelecimentos agropecuários e, um segundo, pós 1970, que ocorre ao contrário, ou seja, a diminuição do número de estabelecimentos. Entre 1970 e 1995/96 houve uma diminuição de 1.103 estabelecimentos agropecuários” (NORONHA, 2008, p. 75).

De acordo com o Censo Agropecuário do IBGE (2006), Jundiáí possuía 747 estabelecimentos agropecuários ocupando área total de 21.212 ha, já em relação aos dados do Censo Agropecuário do IBGE de 2017, o município possuía 399 estabelecimentos, ocupando uma área total de 8.182 ha, ficando visível um ritmo acelerado de diminuição de estabelecimentos agropecuários no período mais recente.

A diminuição do número de estabelecimentos agropecuários pode ser entendida como a principal característica da estrutura fundiária do município de Jundiáí. Porém, cabe destacar que tal ação foi conduzida pelo processo de desconcentração fundiária que não eliminou os grandes estabelecimentos agropecuários. De modo geral, tal processo, contribuiu para revelar dois aspectos: primeiro, a diminuição de área dos grandes estabelecimentos; e, segundo o fracionamento, que ocasionou no desenvolvimento do processo de minifundiarização, principalmente entre os estabelecimentos com área até 10 hectares (NORONHA, 2008).

É evidente que o processo de minifundiarização é elemento característico do município de Jundiáí a partir dos anos de 1950. Entretanto, a concentração de terras, demonstrou permanência, isto é, os grandes estabelecimentos sempre estiveram presentes na estrutura agropecuária do município de Jundiáí. Em 1995/96, os estabelecimentos com área superior a 100 hectares ocupavam 7.192 hectares do total de terras ocupadas, com apenas 8 do total de estabelecimentos; já no Censo Agropecuário do IBGE de 2006, esses estabelecimentos ocupavam uma área de 11.733,0 hectares com um total de 28 estabelecimentos; e, por fim, no Censo Agropecuário do IBGE de 2017, esses estabelecimentos com área superior a 100 hectares ocupavam 9.448,3 hectares com um total de 21 estabelecimentos agropecuários.

Portanto, entende-se que as transformações ocorridas na estrutura fundiária do município de Jundiáí tiveram como principal peculiaridade o processo de minifundiarização, porém, isso não eliminou o processo de concentração da terra (NORONHA, 2008).

Na Tabela 9 foram organizados os dados referentes às áreas ocupadas com lavouras permanentes, lavouras temporárias, pastagens e matas e reservas naturais, considerando os anos de 1950, 1975, 1995, 2006 e 2017 no município de Jundiáí.

Tabela 9. Utilização das Terras nos Estabelecimentos Agropecuários (em hectares) 1950, 1975, 1996, 2006 e 2017

Tipos de Uso	1950 Área	1975 Área	1996 Área	2006 Área	2017 Área
Lavouras Permanentes	2.935	3.716	1.876	3.451	1.675
Lavouras Temporárias	3.021	1.774	877	864	850
Pastagens	9.760	7.458	3.084	2.728	3.909
Matas e Reservas Naturais	3.373	3.460	2.260	7.756	6.304
Subtotais por período	19.089	16.408	8.097	14.799	12.738

Fonte: IBGE (Censos Agropecuário: 1950; 1975; 1996; 2006 e 2017). Org. Tamires Regina Rocha, 2020.

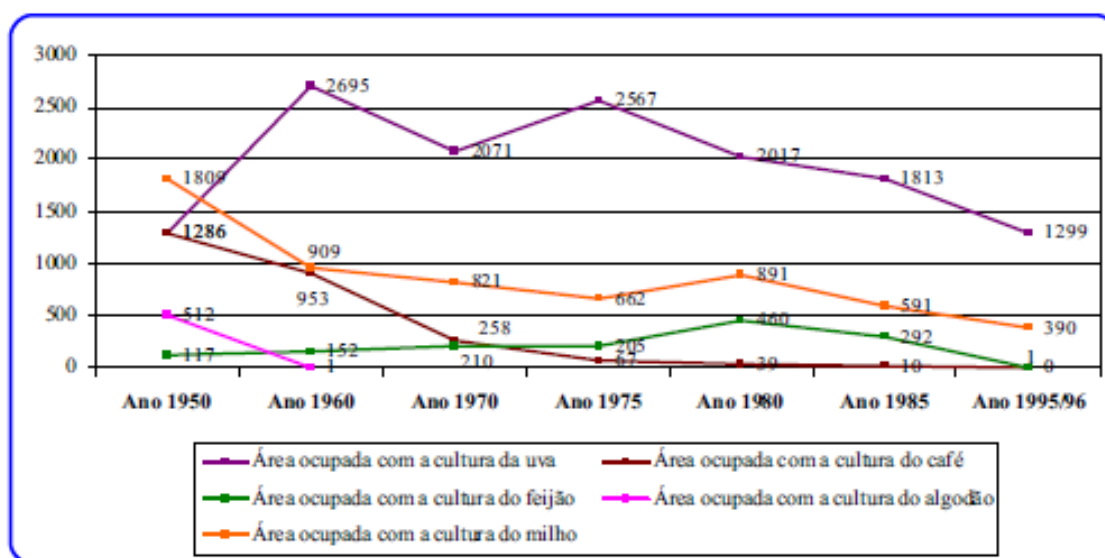
Ao analisar a Tabela 9, é notório que o ano de 1950 é o que contabiliza a maior área (em hectares) ocupada com os diferentes tipos de uso da terra, somando 19.089 hectares, enquanto que, o ano de 1996 é o que registra a menor área ocupada, contabilizando 8.097 hectares. Quando analisamos detalhadamente, percebemos que a participação de lavouras permanentes (que são representadas no município pelo café, laranja, uva e banana) é relativamente maior se comparada aos outros tipos de utilização da terra, com exceção das pastagens e das matas e reservas naturais em 2006 e 2017. O mesmo não ocorre com as lavouras temporárias (cana de açúcar, feijão, milho, algodão, arroz) que desde a década de 1950 vêm sofrendo declínio. A mesma tendência apresentada com as áreas de lavouras temporárias ocorreu com as áreas ocupadas com as pastagens, pois estas áreas em 1950 ocupavam 9.760 hectares, passando em 2017 a ocupar 3.909 hectares. Por fim, a utilização das terras com as matas e reservas naturais teve um aumento significativo: em 1950 estas áreas ocupavam 3.373 hectares, passando em 2017 a ocupar 6.304 hectares.

De acordo com a Secretaria de Agricultura e Abastecimento do município de Jundiáí, as principais áreas agrícolas estão situadas, sobretudo na região norte do perímetro urbano, ou seja, nos locais em que se concentram a maior parte dos bairros rurais, com a presença de pequenas propriedades, enquanto que, nos demais setores do município se localizam as grandes explorações que se dedicam as atividades voltadas ao reflorestamento.

Os bairros rurais tiveram sua origem devido ao processo de fracionamento das fazendas que cultivavam café e estão localizados “nas encostas de pequenas bacias hidrográficas e, por isso, são reconhecidos a partir do codinome geográfico. A título de exemplo tem-se: Bairro do Caxambú em virtude da presença do Córrego do Caxambú; Bairro da Roseira em virtude da presença do Córrego da Roseira, dentre outros” (NORONHA, 2008, p. 82).

Na Figura 24 é possível observar a redução das áreas plantadas com as culturas do café, milho e algodão. O feijão, apesar de ter apresentado crescimento nos anos 1980, também apresentou diminuição da área plantada no período analisado. A uva passa a adquirir relevância devido estar intimamente relacionada à presença de uma produção agrícola familiar realizada em pequenos estabelecimentos agropecuários. Assim, no ano de 1950, a área plantada com essa cultura era de 1.809 ha, já no ano de 1995/96, mesmo com uma redução significativa, apresenta um total de 1.299 ha. de área ocupada (NORONHA, 2008).

Figura 24. Área ocupada com as culturas tradicionais (1950-1995/96, hectares)



Fonte: IBGE (Censos Agrícolas e Agropecuários: 1950; 1960; 1970; 1975; 1980; 1985; 1995/96). Org. Elias Oliveira Noronha, 2008, p. 85.

O declínio das áreas plantadas com a uva, como demonstra a Figura 24, promoveu o processo de diversificação produtiva ocorrido nos anos 1990, devido à busca de estratégias de reprodução social e econômica da produção agrícola familiar, resultando no cultivo de outras frutas – caqui, pêssego, tangerina, morango, etc.

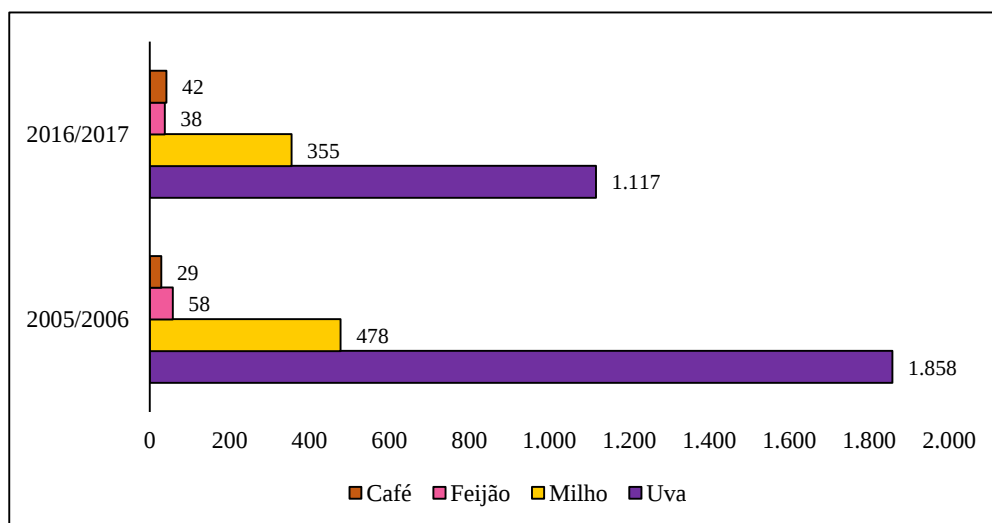
Somente a partir dos anos 1990 que

[...] o quadro produtivo se tornou heterogêneo, decorrente, principalmente, do declínio da área plantada com a uva. Todavia, foi a partir do final dos anos

1990, que as tidas culturas ‘novas’ começaram a apresentar um crescimento das áreas plantadas, a saber: o limão, a tangerina, o maracujá, o caqui e o pêssgo. Todas essas culturas não ultrapassam de 20 ha. de área cultivada no município, conquanto, de acordo com o Secretário de Agricultura e Abastecimento, apresentam indícios de crescimento, tendo em vista os bons resultados obtidos junto às famílias rurais (NORONHA, 2008, p. 88-89).

Para fins de comparação e análise, no Gráfico 2 são apresentados os dados do LUPA de 2005/2006 e 2016/2017 referente à área ocupada com as lavouras de café, feijão, milho e uva no município. Ao analisarmos os dados observa-se que houve redução das áreas plantadas com a culturas do feijão, do milho e da uva entre os anos analisados. Porém, principalmente no caso específico da uva, esta ainda é representada por números significativos, ocupando 1.117 hectares no ano de 2016/2017. Apenas a cultura do café que houve aumento na área plantada, passando de 29 hectares em 2005/2006 para 42 hectares em 2016/2017.

Gráfico 2. Área ocupada (em hectare) com as culturas de café, feijão, milho e uva (em hectares) nos anos de 2005/2006 e 2016/2017



Fonte: Projeto LUPA (2005/2006 e 2016/2017). Org. Tamires Regina Rocha, 2021.

Como se pode constatar, a cultura da uva tem importância histórica

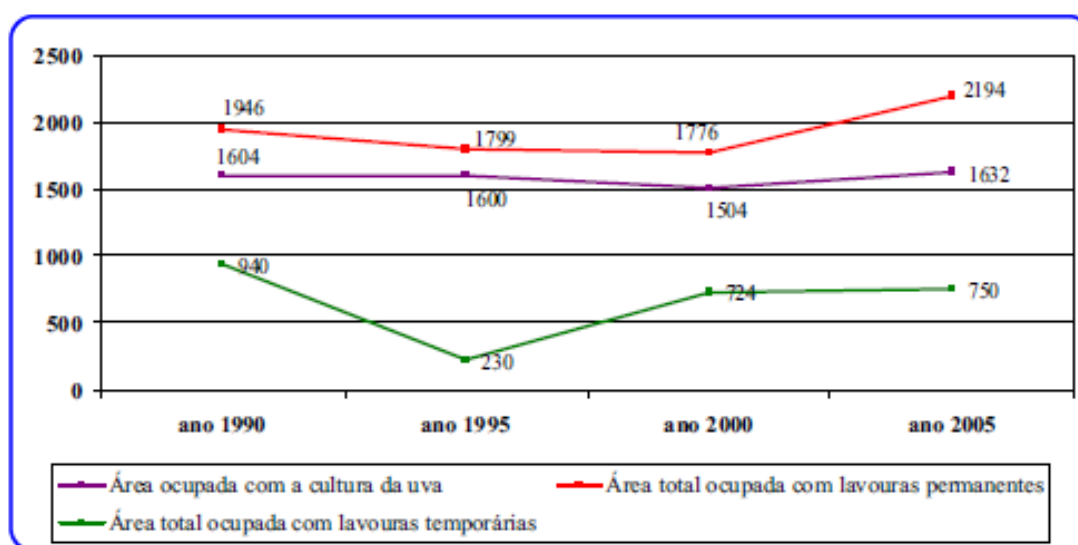
[...] no processo de formação dos primeiros bairros rurais no município de Jundiaí. Notadamente, essa importância está intimamente relacionada à presença de uma produção agrícola familiar realizada em pequenas propriedades. Outros fatores essenciais ao desenvolvimento das videiras referem-se às condições do solo, predomínio de latossolos – vermelho/amarelo – e do clima – tropical de altitude –. Assim, se os terrenos acidentados se constituíram num obstáculo ao desenvolvimento das culturas tradicionais, o mesmo não se pode dizer da uva e das outras frutas. No município de Jundiaí, como bem descreveu Mattos (1951), o consórcio entre pequeno produtor, ex-colono, e a cultura da uva encontrou condições favoráveis,

sobretudo em relação às proximidades de centros consumidores da fruta (NORONHA, 2008, p. 85-86).

De acordo com o Levantamento de Unidades Produtivas Agropecuárias - LUPA, da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, a área cultivada com uva de mesa em Jundiaí chegou a 1.843 hectares no começo da década, mais precisamente nos anos de 2007/08; seguido por Indaiatuba (812 ha), São Miguel Arcanjo (779 ha) e Porto Feliz (561 ha). Jundiaí também se destaca em comparação com outros municípios na escala regional (Itupeva 518 há), Louveira (328 ha), Jarinu (274 ha), Itatiba (185 ha) e Atibaia (164 ha), municípios estes que fazem parte da MRG de Jundiaí. Apenas nesta região havia uma área ocupada pela viticultura em 2007/2008 de 3.312 hectares ou 33 milhões de metros quadrados (LUPA, 2010).

Na Figura 25 é apresentado os dados das lavouras permanentes e temporárias e da área ocupada com a cultura da uva no período de 1990 a 2005.

Figura 25. Área ocupada com as lavouras permanentes, lavouras temporárias e com a uva (1990 – 2005)

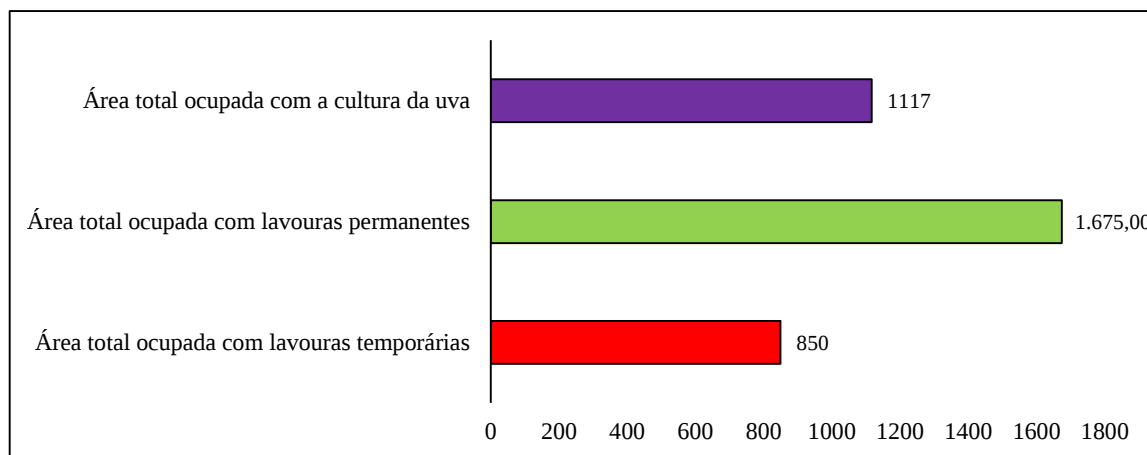


Fonte: PAM (1990; 1995; 2000; 2005). Org: Elias Oliveira Noronha (2008, p. 87).

De acordo com a Figura 25 nota-se que o quadro produtivo no período de análise (1990 – 2005) se tornou mais diversificado, através da presença, mesmo que em menor escala, das culturas tradicionais como o feijão, a laranja, a uva e o milho, além de começar a ocorrer o cultivo de outras lavouras, principalmente aquelas voltadas para a produção de frutas (NORONHA, 2008).

No Gráfico 3 são apresentados os dados das lavouras permanentes e temporárias e da área ocupada com a cultura da uva de acordo com os dados do LUPA de 2016/2017.

Gráfico 3. Área ocupada (em hectare) com as lavouras permanentes, lavouras temporárias e com a uva em 2017



Fonte: Projeto LUPA (2016/2017). Org. Tamires Regina Rocha, 2021.

Ao compararmos os dados do Gráfico 3 com a Figura 25, é evidente que houve uma redução da área ocupada com as lavouras permanentes (em 2005 a área ocupada equivalia a 2.164 hectares, passando em 2017 para 1.625 hectares) e com a cultura da uva (em 2005 a área ocupada com a fruta correspondia a 1.623 hectares, enquanto que em 2017 equivale a 1.117 hectares). Entretanto, a área ocupada com lavouras temporárias obteve crescimento, em 2005 era de 750 hectares e em 2017 passou a equivaler a 850 hectares.

Outra cultura tradicional, mas que já não representa tanta relevância nos dados estatísticos do município, é o morango. Jundiaí já foi conhecida como a “capital do morango” além de capital da uva. De acordo com a Casa da Agricultura, em 2007, o município de Jundiaí possuía apenas 600 mil pés de morango e o declínio com a área plantada com a fruta ocorreu de maneira repentina (NORONHA, 2008).

Entretanto, mesmo com o desenvolvimento do processo de diversificação produtiva, a uva permanece sendo o importante e principal produto agrícola cultivado no município devido ao seu cunho familiar e cultural. A realização da Festa de Uva é um bom indicador, pois além de reunir os produtores rurais para exporem e comercializarem sua produção da vinha e seus derivados, também favorece para a divulgação comercial da cultura, o que resulta no fortalecimento do título de “terra da uva de mesa” no Estado de São Paulo (NORONHA, 2008).

Na Figura 26 é possível observar o *slogan* de divulgação da Festa da Uva no município no ano de 2020¹⁰.

Figura 26. Folder da 37ª Festa da Uva e 8ª Expo Vinhos de Jundiaí de 2020



Fonte: Prefeitura de Jundiaí, 2020.

Existem atualmente no município de Jundiaí seis (6) rotas turísticas consolidadas: Rota Turística do Castanho; Rota Turística do Centro Histórico; Rota Turística da Cultura Italiana; Rota Turística Terra Nova; Rota Turística da Uva e Rota Turística do Vinho. Com roteiros que mesclam cultura, história e contato com o campo, o turismo rural ganha força e destaque no município que integra o Circuito das Frutas, que será trabalhado no próximo subitem.

2.2. Polo Turístico do Circuito das Frutas do Estado de São Paulo

O Circuito das Frutas (Figura 27) é composto por 10 municípios com presença marcante da agricultura familiar, pois, num total de 3.595 estabelecimentos agropecuários participantes do circuito, 2.162 foram identificados como sendo de agricultura familiar, representando 60,14% do total de estabelecimentos (SOUZA-ESQUERDO; BERGAMASCO, 2015).

¹⁰ A Festa da Uva de 2020 no município de Jundiaí ocorreu normalmente de maneira presencial, pois, como foi realizada no mês de janeiro e início de fevereiro daquele ano, a pandemia de COVID-19 ainda não havia se alastrado pelo país, não havendo protocolos de segurança para serem seguidos.

Figura 27. Logotipo do Circuito das Frutas



Fonte: Site Turismo Jundiaí, 2015.

Essa região possui como característica a produção de frutas e a prática do turismo rural, consistindo-se como um dos mais importantes circuitos turísticos do estado de São Paulo. Os municípios que integram o Circuito das Frutas são: Atibaia, Indaiatuba, Itatiba, Itupeva, Jarinu, Jundiaí, Louveira, Morungaba, Valinhos e Vinhedo, conforme se pode verificar na Figura 28. Esses dez municípios possuem como peculiaridades em suas economias a expressiva importância do setor rural, principalmente através do cultivo de frutas, como uva, morango, pêssgo, goiaba, ameixa, caqui, acerola e figo (SOUZA-ESQUERDO; BERGAMASCO, 2015).

Figura 28. Municípios que fazem parte do Circuito das Frutas, Estado de São Paulo



Fonte: SOUZA-ESQUERDO; BERGAMASCO, 2015, p. 208.

A formação territorial dos municípios pertencentes ao Circuito das Frutas está ligada

[...] à chegada de imigrantes, europeus, para a região de Campinas, que foram responsáveis pela inserção de diversas culturas na região, através da introdução de seus costumes. A constituição do Circuito das Frutas é decorrente da cultura e tradições desses imigrantes, levando-se em consideração fatores que vão desde o cultivo das frutas até a formação de uma política de desenvolvimento do agroturismo (BERNARDI, 2009, p. 81).

Os avanços políticos, culturais, econômicos e sociais destes municípios estão relacionados ao trabalho dos diversos imigrantes europeus (a maioria constituída de italianos) e japoneses. Os imigrantes chegaram a essa região no início do século XX à procura de oportunidades de trabalho nas fazendas de café, com algumas economias que já possuíam, mais aquelas obtidas com o trabalho na lavoura, conseguindo dessa forma comprar o seu próprio pedaço de terra (SOUZA-ESQUERDO; BERGAMASCO, 2015).

Os imigrantes, majoritariamente italianos, buscaram a região desde o início do século XX pela ampla oferta de trabalhos ligados à agricultura. Os imigrantes eram assalariados e logo conseguiram adquirir suas próprias terras, iniciando o cultivo de frutas como o figo, a goiaba e a uva na região. Houve também a preservação de seus costumes, destacando-se a crença religiosa, a realização de festas, a fabricação de vinhos, etc (BERNARDI, 2009, p. 90).

Deste modo, a presença e a permanência dos imigrantes nestes municípios é um fator de extrema importância para entender a atual estrutura do Polo Turístico do Circuito das Frutas, afinal, foram estes que tornaram os municípios como referências na produção de frutas e na organização de festas que estivessem relacionadas ao cultivo das mesmas. O aspecto religioso foi um outro elemento significativo, pois foram construídas várias igrejas, crescendo o número de celebrações e festas religiosas. Essas festas religiosas que aconteciam nos municípios foram as principais responsáveis pelas origens de algumas festas das frutas, visto que, com a comercialização das frutas, o valor arrecadado era cedido para a igreja, portanto, das festas religiosas ocorreu a mudança para as festas do figo e da uva (BERNARDI, 2009).

Porém, a partir da década de 1980 devido a crescente valorização das terras e, principalmente, a especulação imobiliária, associada as dificuldades financeiras dos produtores rurais dessa região, muitos tiveram que vender suas propriedades. As circunstâncias para os produtores de frutas da região se tornavam complexa em virtude dos poucos investimentos realizados no setor pela esfera pública (BERNARDI, 2009).

Na década de 1980, no período presidencial do governo José Sarney houve a crise de financiamento

[...] externo da dívida pública e a incapacidade de obter um financiamento interno estável, mergulharam o país em 15 anos de hiperinflação, limitando a transferência de recursos do Estado para o setor agrícola. O programa de crédito rural subsidiado e a política de garantia de preços mínimos perderam a capacidade de coordenação da estabilização de ingresso no setor. As sucessivas tentativas frustradas de estabilização da economia provocaram instabilidade nos preços relativos e rupturas nos contratos de financiamento, com uma consequente redução drástica dos mercados de crédito para o setor privado da economia. Conjuntamente com a exposição aos mercados internacionais e com a ausência da proteção governamental, produz-se uma elevada transferência de riscos para os agricultores, que passam a ser discriminados pelo mercado financeiro interno (DIAS; AMARAL, 2001, p. 12).

Além disso, na década de 1990 foi lançado o Plano Brasil Novo, mais conhecido como Plano Collor, que tinha como objetivo controlar a hiperinflação que assolava o país naquela época, porém, o Plano bloqueou as contas de poupança e aplicações financeiras que tinham a remuneração atreladas à taxa *overnight* (CARVALHO, 2006).

O bloqueio da liquidez da maior parte dos haveres financeiros em março de 1990, o Plano Collor, uma das mais drásticas intervenções do Estado na economia no Brasil, teve origens no debate sobre o fracasso das políticas de estabilização dos anos anteriores, em especial os choques heterodoxos do governo Sarney (CARVALHO, 2006, p. 101).

Entretanto, houve uma outra medida do Plano Collor que prejudicou diretamente os agricultores e empresas do setor agrícola e fez com que houvesse um “desinteresse” pela agricultura. Os índices dos contratos de financiamento e de crédito rural entre o Banco do Brasil e os agricultores tiveram um reajuste que aumentou de 41,28% para 84,32%, fazendo com que, ao pagarem uma dívida era quase o dobro do valor originalmente obtido junto ao Banco. Desse modo, as dívidas acumuladas pelos agricultores e empresas do setor agrícola, acabaram com os seus meios de sobrevivência, pois tiveram seus animais, máquinas e também suas propriedades rurais tomadas pelo Banco do Brasil por não terem dinheiro para pagar (CARVALHO, 2006).

Desta forma, muitas famílias da região e que, atualmente, compõem o Circuito das Frutas, que

[...] ainda mantinham as plantações, tiveram que vender suas terras e buscar novas formas de obtenção de renda na cidade [...] os atuais produtores de frutas podem ser considerados vitoriosos por ainda conseguirem manter vivas as tradições rurais de seus antepassados em momentos com uma geração de renda tão baixa como a que ocorre recentemente [...] mesmo que uma parcela dos imigrantes tenha ido trabalhar nos setores secundário e terciário, o marcante para os municípios, sem dúvida alguma, o trabalho dos imigrantes no setor primário, em especial com a fruticultura (BERNARDI, 2009, p. 92).

Com o propósito de estimular a região na produção de frutas se pensou no Circuito das Frutas como forma de incentivo para aumentar o cultivo e a renda através do turismo e das tradições culturais herdadas dos imigrantes (SOUZA-ESQUERDO; BERGAMASCO, 2015).

Com a necessidade de superar a crise que

[...] atingia principalmente os pequenos produtores, teve início um processo de diversificação das atividades. Com isso, o setor primário passou a dividir espaço com a prestação de serviços, que surgiu como alternativa capaz de possibilitar ao produtor uma renda extra, utilizando não somente a terra, o ar e a água, mas também as paisagens e os espaços existentes para o lazer e para o turismo (ARAÚJO, 2000, p. 22).

E foi exatamente isto que ocorreu no município de Jundiá e com os produtores rurais entrevistados da Rota Turística da Uva. A partir de então, o turismo rural começou a ser enxergado como um elemento propulsor do desenvolvimento rural, propiciando melhoria na qualidade de vida dos proprietários e demais envolvidos com a atividade turística rural.

De acordo com um dos entrevistados, da família Brunholi:

[...] com a implantação do Plano Collor, que retirou o dinheiro, a agricultura começou a decair e meu pai começou a ficar desesperado, aí começamos a vender vinhos e alguns doces, biscoitos comprados em Minas Gerais na beira de uma estrada que levava a um restaurante de grande movimento, com isso, vinha se desenvolvendo o Circuito das Frutas que vinha justamente pra incentivar o turismo rural. Em pouco tempo, a barraquinha não dava mais conta e aí resolvemos abrir a adega, depois disso fomos só aprimorando mais e mais, investindo no turismo rural e hoje praticamente é do que a nossa família vive (ENTREVISTA REALIZADA COM P.B NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BRUNHOLI EM FEVEREIRO DE 2021).

É notório os aspectos positivos relacionados a prática do turismo rural no Brasil a partir da década de 1990, dentre elas destacam-se: “a diversificação da economia regional, melhorias das condições de vida das famílias rurais, diminuição do êxodo rural, integração do campo com a cidade, resgate da autoestima do agricultor, dentre outros” (ARAÚJO, 2000, p. 23) A atividade foi amplamente difundida, e fez com que um número significativo de empreendedores investisse nesse segmento, e em muitos casos de maneira pouco profissional ou sem o fundamento técnico necessário.

O início do Circuito das Frutas ocorreu justamente nos anos de 1990, através dos produtores rurais que procuravam com o desenvolvimento da atividade de turismo rural, opções para a viabilização econômica de suas propriedades rurais. Entretanto, foi apenas nos anos 2000 que um grupo coordenado por 27 produtores rurais se uniram para a consolidação da Associação de Turismo Rural do Circuito das Frutas, sem fins lucrativos, e que tinha como propósito

desenvolver, planejar, organizar e divulgar o turismo rural nos municípios integrantes do Circuito (SOUZA-ESQUERDO; BERGAMASCO, 2015).

No final da década de 1990, nascia, em nossa região, uma nova alternativa de geração de renda para o meio rural: o Turismo Rural. Como fator de agregação de valor aos produtos rurais, bem como as próprias propriedades, esta modalidade de turismo tem sido vista, desde então, como uma interessante forma de fortalecer nosso meio rural, nossas propriedades e nossos proprietários. Da união de vários proprietários rurais que passaram a discutir a profissionalização e a organização do turismo rural na região de Jundiaí, nasceu, em outubro de 2000, a Associação de Turismo Rural do Circuito das Frutas (CIRCUITO DAS FRUTAS, 2012, n.p).

As Figuras 29 e 30 apresentam o logotipo da Associação e o *slogan* de divulgação dos municípios que participam do Circuito das Frutas.

Figura 29. Logotipo da Associação de Turismo Rural do Circuito das Frutas



Fonte: Facebook - Associação de Turismo Rural Circuito das Frutas, 2020.

Figura 30. Slogan de divulgação da Associação de Turismo Rural do Circuito das Frutas dos municípios participantes do Circuito



Fonte: Facebook - Associação de Turismo Rural Circuito das Frutas, 2020.

Com a consolidação da associação, as prefeituras dos municípios que compõem o circuito, juntamente com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE/SP e o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo – SESCOOP/SP, passaram a apoiar a iniciativa dos produtores rurais. Neste mesmo período, o governo estadual se interessou pelo desenvolvimento de roteiros turísticos, o que propiciou o contexto necessário para que, em 2 de outubro de 2002, fosse oficialmente reconhecido o Polo Turístico do Circuito das Frutas (PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2009).

Na Tabela 10 são apresentados dados sobre a produção (em toneladas) de frutas que são cultivadas nos municípios que compõem o Circuito das Frutas, tendo como referência os dados do IBGE - Pesquisa Agrícola Municipal (PAM) de 2017. Ao analisar a Tabela 10 percebe-se que os municípios que compõem o Circuito produzem 58,5% da produção paulista de figo, 32% de uva, 20% de pêssego, cerca de 14% de morango e caqui e 10,9% da quantidade produzida de goiaba no Estado de São Paulo. Percebe-se que o município de Jundiaí se destaca na produção de uva e de caqui (19.500 e 6.200 toneladas das frutas em 2017), quantidade superior a todos os outros municípios que integram o Circuito e que realizam o cultivo das frutas.

Tabela 10. Produção em toneladas de frutas selecionadas no Circuito das Frutas, 2017

Municípios	Caqui	Figo	Goiaba	Morango	Pêssego	Uva	Outras	Total
Atibaia	184	-	242	399	3.200	1.050	1.585	6.660
Indaiatuba	300	-	250	-	-	6.720	200	7.470
Itatiba	5.220	348	32	-	163	3.125	3.005	11.893
Itupeva	60	-	5	-	210	1.600	15	1.890
Jarinu	100	-	-	194	692	2.700	1.432	5.118
Jundiaí	6.200	-	1.300	-	1.298	19.500	11.105	39.403
Louveira	1.394	528	476	4	30	5.777	320	8.529
Morungaba	96	63	44	-	25	-	987	1.215
Valinhos	1.080	5.401	15.800	-	1.260	845	1.357	25.743
Vinhedo	36	40	800	-	30	1.320	235	2.461
Circuito das Frutas (A)	14.670	6.380	18.949	597	6.908	42.637	20.241	110.382
São Paulo (B)	101.204	10.903	173.926	4.337	34.592	133.261	16.470.291	16.928.514
(A/B) %	14,5	58,5	10,9	13,8	20,0	32,0	0,1	0,7

Fonte: IBGE - Pesquisa Agrícola Municipal (PAM, 2017) *apud* Fredo *et al.*, (2019, p. 19.236).

De acordo com Fredo *et al.*, (2019), esses números, muitas vezes elevados, está relacionado à concentração da produção dessas frutas em apenas dez municípios, porém, ao considerar o volume total de de frutas no Estado de São Paulo, o Circuito das Frutas possui colaboração de apenas 0,7% (110.382 toneladas) da produção frutícola paulista.

Na Tabela 11 são apresentados os valores da produção de frutíferas nos municípios do Circuito das Frutas, tendo como referência o IBGE, Pesquisa Agrícola Municipal (PAM) de 2017. Ao analisarmos a tabela, percebemos que o valor da produção de frutíferas no Circuito equivaleu a R\$ 248,4 milhões em 2017, sendo que as que tiveram valores mais elevados foram a uva (R\$ 98,9 milhões), com predomínio no município de Jundiaí, e a goiaba (R\$ 47,3 milhões), com produção mais elevada no município de Valinhos.

Tabela 11. Valor da Produção de Frutas Seleccionadas(*), Circuito das Frutas, 2017 (em mil reais)

Municípios	Caqui	Figo	Goiaba	Pêssego	Uva	Outras	Total
Atibaia	442	-	547	15.840	2.662	3.099	22.590
Indaiatuba	390	-	375	-	15.120	250	16.135
Itatiba	11.484	1.357	83	619	11.875	4.367	29.785
Itupeva	36	-	6	417	2.880	13	3.352
Jarinu	60	-	-	1.370	4.995	1.698	8.123
Jundiaí	7.440	-	1.820	2.570	35.100	13.178	60.108
Louveira	3.067	2.006	1.238	114	20.220	523	27.168
Morungaba	117	234	89	48	-	758	1.246
Valinhos	2.376	21.064	41.080	4.536	2.366	2.052	73.474
Vinhedo	79	156	2.080	114	3.696	351	6.476
Circuito das Frutas (A)	25.491	24.817	47.318	25.628	98.914	26.289	248.457
São Paulo (B)	135.301	36.549	171.947	132.920	387.867	9.688.669	10.553.253
(A/B) %	18,8	67,9	27,5	19,3	25,5	0,3	2,4

Fonte: (*) O IBGE ainda não disponibilizou o valor da produção de morango

Fonte: IBGE - Pesquisa Agrícola Municipal (PAM, 2017) *apud* Fredo *et al.*, (2019, p. 19.237).

De acordo com Otani *et al.*, (2011), os municípios que integram o Circuito das Frutas foram selecionados tendo como referência os parâmetros do Decreto e da Resolução Conjunta do ano de 2004, organizado através das Secretarias de Estado da Agricultura e Abastecimento e a da Ciência, Tecnologia, Desenvolvimento Econômico e Turismo. Assim, tendo como apoio a Resolução, a inclusão dos municípios deve respeitar as seguintes exigências: “existência de plantio de frutas no município com comprovada relevância na produção da agropecuária municipal; existência de plantio de frutas com comprovada relevância no valor da produção estadual de frutas; e o município deve ser limítrofe com os constantes do Projeto Circuito das Frutas” (OTANI *et al.*, 2011, p. 51).

A gastronomia regional é uma das características mais marcantes do Polo Turístico do Circuito das Frutas, muito relacionada às tradições e aos variados grupos étnicos que se estabeleceram na região no decorrer dos séculos, permitindo assim, que o turista possa apreciar diferentes opções de culinária, que vão desde a comida típica de fazenda a restaurantes italianos, japoneses, chineses, mexicanos e alemães. Ou seja, inúmeras alternativas para todos os

paladares, situados em uma mesma região, na qual, ainda se destaca o artesanato local e as festas tradicionais que ocorrem ao longo do ano (CIRCUITO DAS FRUTAS, 20--).

Portanto, a rotina do campo, os hábitos/costumes, a culinária e as frutas frescas colhidas diretamente do pé, além da hospitalidade característica da roça, são elementos que podem ser observados nos roteiros de turismo rural do Circuito das Frutas, que se complementam com as adegas de produção de vinho artesanal e seus derivados e a cultura italiana tão enraizada em todos os municípios. Além disso, as paisagens, os doces, os pães e o café feitos na hora são outros atrativos que complementam essa viagem pelo interior do Estado de São Paulo (CIRCUITO DAS FRUTAS, 20--).

Para Souza-Esquerdo e Bergamasco (2015), o turismo rural só se destaca como atividade que permite

[...] o desenvolvimento econômico quando se localiza em áreas próximas às grandes cidades ou em locais especiais. Esta constatação permite vislumbrar um futuro promissor aos integrantes do Projeto “Circuito das Frutas”, visto que estão inseridos bem próximos da região metropolitana de São Paulo, embora sejam locais que guardam a tradição de seus antepassados imigrantes italianos. Apesar de reconhecerem problemas resultantes da proliferação do turismo rural, autores como Labat e Perez (1994) reconhecem que, na Espanha, esta atividade econômica tem futuro como motor de desenvolvimento rural (SOUZA-ESQUERDO; BERGAMASCO, 2015, p. 209).

No próximo capítulo será analisada a formação, as características e a importância das Rotas Turísticas do município de Jundiaí, destacando-se a Rota Turística da Uva. Para tanto, será considerada como referência a entrevista realizada com a Diretora Municipal de Turismo de Jundiaí, os dados de fontes secundárias levantados e sistematizados e material diverso coletado nessa localidade (*folders*, imagens etc.) de modo a compreender como estas rotas podem fortalecer o turismo rural no município.

3. FORMAÇÃO DE ROTAS DE TURISMO RURAL NO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ: ANÁLISE A PARTIR DA ROTA TURÍSTICA DA UVA

Para analisarmos o porquê e em que contexto ocorreu o processo de formação das seis (6) Rotas Turísticas no município de Jundiaí, alguns aspectos históricos relacionados a produção da uva e do vinho artesanal devem ser considerados.

As produções de uva (viticultura) e do vinho (vinicultura) quando relacionadas constituem a vitivinicultura, entretanto, ainda são pouco expressivas na constituição da economia do Estado de São Paulo. Porém, devido a sua concentração espacial, as atividades vitivinícolas possuem grande relevância para alguns municípios paulistas, em razão da importância na formação cultural de parte da população local e ao turismo rural e ao enoturismo (OTANI, *et al.*, 2011).

A tradicional concentração vitivinícola do município de Jundiaí se destaca pela

[...] presença de grandes envasadores e de pequenos produtores de vinho. Segundo pesquisa recente, o pequeno vinicultor de Jundiaí tem a peculiaridade de utilizar basicamente uva cultivada na propriedade, elaborar e comercializar o vinho nas próprias dependências do imóvel rural. Além dessas características, as atividades vitivinícolas e os serviços relacionados à comercialização são desenvolvidos pelos membros da própria família, portanto, trata-se de agroindústria familiar. O produto resultante dessa categoria de produtores vitivinícolas é comumente denominado de vinho artesanal (OTANI, *et al.*, 2011, p. 25).

O município de Jundiaí possui um meio rural caracterizado pela produção da uva e do vinho “artesanal”, em pequena escala na propriedade rural. Assim, a vitivinicultura assume considerável relevância social, pois detém a capacidade de fixar o trabalhador no campo, em seu espaço vivido e portador de grande significado (OTANI, *et al.*, 2011).

Nesse sentido, para Otani *et al.*, (2011), Jundiaí pode ser considerada como uma das áreas pioneiras no cultivo de uvas de mesa e, no período entre 1930 a 1950, o setor obteve um suporte importante das organizações públicas e privadas para melhorar a qualidade e aumentar a produtividade, o que propiciou a consolidação da produção de uva.

Dentre os principais agentes envolvidos e articulados no ambiente institucional favorável ao desenvolvimento da vitivinicultura de Jundiaí na época, destacam-se

[...] a Escola Agrícola de Piracicaba, o Instituto Agrônomo, o Instituto Biológico e as Estações de Citricultura de Campinas, Sorocaba e São Roque que desenvolviam pesquisas e apresentavam trabalhos técnicos para melhorar o manejo e a produtividade da cultura. O setor privado, por sua vez, estava

organizado em associações setoriais, cujos grupos eram constituídos de produtores agrícolas e funcionários de órgãos públicos, o que mostra a forte interação entre todas as organizações locais envolvidas na cadeia vitivinícola (ROMERO, 2004; OTANI, 2010 *apud* OTANI *et al.*, 2011, p. 28).

A consolidação de um ambiente institucional propiciou para o estabelecimento das primeiras indústrias de vinho e resultou no fortalecimento das atividades vitivinícolas no município de Jundiaí. Em 1926, as indústrias pioneiras Cereser e Borin se instalaram no bairro do Caxambú, em que há a maior concentração de produtores vitivinícolas do município atualmente (OTANI *et al.*, 2011).

A produção de uva de mesa possibilitou que os agricultores familiares do município de Jundiaí tivessem, historicamente, boas condições de vida, e garantissem a sua reprodução social através desta forma de agricultura. Nesse período (anos 1930 a 1950), a produção de vinho ainda era elaborada para ser usufruída pela própria família ou comercializada com amigos e vizinhos (SOUZA *et al.*, 2010).

Entretanto, a partir da década de 1980,

[...] essa situação começa a se alterar, em relação aos benefícios econômicos e sociais, os produtores rurais passaram a enfrentar uma série de dificuldades como a falta de articulação entre os produtores e demais organizações envolvidas com a cadeia de produção do vinho, além da informalidade e a multiplicação de grandes projetos imobiliários que promovem maior concorrência pela terra e pela mão de obra agrícola (SOUZA *et al.*, 2010, p. 62).

Em meio a toda essa problemática, “a igreja católica, bastante presente nos bairros rurais do município de Jundiaí, passaram a realizar festas para divulgar a uva e o vinho artesanal do município” (OTANI, *et al.*, 2011, p. 61). Devido ao sucesso desses eventos, os pequenos vinicultores artesanais, que realizavam a produção do vinho ainda seguindo as tradições e a receita da família, sem haver um registro legal dos produtos, começaram a receber visitas da fiscalização da Vigilância Sanitária do município. Os fiscais não tinham apenas o objetivo de penalizar os produtores, mas sim, tinham um papel educativo, passando orientações para a realização dos procedimentos necessários para a obtenção do registro e formalização da atividade (SOUZA *et al.*, 2010).

Essas fiscalizações começaram a ocorrer, pois, a partir de 2006 o movimento em prol da vitivinicultura paulista

[...] se consolida mediante desenvolvimento de ações voltadas para a construção de um ambiente institucional favorável ao desenvolvimento do setor. Dentre os principais resultados desse movimento, destacam-se a criação

do Instituto Paulista de Vitivinicultura (SPVINHO), a Câmara Setorial de Uva e Vinho do Estado de São Paulo (CSUV) e a organização de eventos para divulgação do vinho paulista. A criação da câmara, ação da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, constitui um marco para o setor e representa um espaço de interação e articulação entre os agentes do setor voltado para a maior representatividade no âmbito federal e para a solução coletiva dos entraves (OTANI *et al.*, 2011, p. 30).

Portanto, a venda informal do vinho executada sem seguir as exigências da vigilância sanitária e de recolhimento de impostos passou a sofrer uma série de imposições de ordem legal. Entre os anos de 2005 e 2006 foram realizadas inúmeras denúncias ao Ministério da Agricultura e, mais uma vez, as adegas do município, que já haviam passado por fiscalização, se viram obrigadas a seguir às regras definidas pelas autoridades legais, através do pagamento de impostos e o cumprimento de parâmetros oficiais de sanidade e qualidade. A legalização da atividade passa a ser obrigatória para que pudesse dar seguimento ao desenvolvimento e fortalecimento da vinicultura artesanal no município. Para os agricultores, a tradição e o conhecimento de produzir uva e vinho é considerado patrimônio social e cultural das famílias (OTANI *et al.*, 2011).

Muitos dos produtores, que geralmente têm idade superior a 70 anos,

[...] e sempre elaboraram vinho – seguindo as tradições da família -, perceberam a pressão para se legalizar esta nova situação é motivo de tensão entre os agricultores familiares, que relutam em mudar alguns procedimentos técnicos já cristalizados e encaram a legalização da atividade também como uma burocracia cara e difícil de ser vencida. Entretanto, a condição da informalidade das atividades vinícolas influencia negativamente o acesso ao mercado, a competitividade e a sustentabilidade destes num contexto marcado por conflitos gerados pela crescente concorrência entre os diversos usos do solo rural e da emergência de novas demandas de emprego da mão de obra local (SOUZA *et al.*, 2010, p. 61-62).

Para Vicente (2013), a venda do vinho feita de forma informal, atrapalha e restringe a divulgação do produto, o que faz com que ele apresente pequeno valor agregado. Segundo a autora, neste período (entre 2007-2008) havia cerca de 284 Unidades Produtivas Agropecuárias (UPAs) com o cultivo de uvas em Jundiaí, e muitas delas vendiam seu vinho, caracterizando assim uma atividade econômica importante.

Na Tabela 12 é exposto alguns dos produtores que comercializavam ou não seus vinhos e a quantidade de litros produzidas, segundo Verdi *et al.* (2010). Percebe-se que no ano de 2007/08, o número de produtores que comercializavam seus vinhos é menor (36,8%) se comparado com aqueles que produziam apenas para consumo próprio (63,2%). Entretanto, quando analisamos a quantidade de litros produzidos há uma inversão dos números: aqueles

produtores que comercializavam se sobressaem com 94,6% da produção de vinho se comparados com aqueles que produziam apenas para consumo próprio (5,4%).

Tabela 12. Produtores e Produção de Vinho Artesanal em Jundiaí - Ano Agrícola 2007/08.

PRODUTOR DE VINHO	NÚMERO DE PRODUTORES	%
Comercializam	35	36,8
Consumo Próprio	60	63,2
Total	95	100
PRODUTOR DE VINHO	PRODUÇÃO DE VINHO (LITROS)	%
Comercializam	319.414.00	94,6
Consumo Próprio	18.246.00	5,4
Total	337.660.00	100

Fonte: Verdi *et al.*, (2010). Org. Tamires Regina Rocha, 2021.

A necessidade de alternativas de renda, a mobilização, a maior divulgação “da produção e as denúncias de venda ilegal da bebida artesanal ocasionaram uma reação dos produtores de vinho, que detonou um processo de mudança no ambiente institucional que norteia a atividade e demandou transformações por parte dos produtores” (SOUZA *et al.*, 2010, p. 62).

Em 2007, um grupo de produtores do bairro do Caxambu fundou a Cooperativa Agrícola dos Produtores de Vinho de Jundiaí – AVA, inicialmente com 15 cooperados. O principal propósito para a criação da cooperativa foi a oportunidade de saída da informalidade, além de adequar os produtos às exigências do Ministério da Agricultura (OTANI, *et al.*, 2011).

A cooperativa tinha também como objetivo manter e fomentar a divulgação dos produtos e comprar de forma coletiva aos cooperados bens de produção e insumos necessários ao desenvolvimento de suas atividades. Foi neste período que os produtores rurais passaram a apostar em cultivar outras variedades de uvas em suas propriedades rurais, destacando-se até mesmo as variedades viníferas e não apenas as uvas de mesa (SOUZA *et al.*, 2010).

Esta ação de empreendedorismo em favor

[...] da formalidade das atividades vinícolas, constitui um indicador que as lideranças desse processo demonstram ter o que Fligstein (2001) chama de “habilidades sociais”, ao assumir um papel importante no fortalecimento da atividade vinícola local, considerando-se a necessidade de atender à demanda pela legalização e oferta de produtos de melhor qualidade ao consumidor (OTANI, *et al.*, 2011, p. 31).

Em relação ao suporte das organizações governamentais locais que atuam no município, de maneira geral, demonstram pouca conexão entre si. Mesmo aquelas que estão relacionadas com a produção da uva e do vinho focam em efetuar ações que já estão firmadas, como a realização e organização de festas no município. Percebe-se que a articulação somente acontece de modo pontual e, principalmente, quando há alguma demanda de iniciativa externa. Não ocorre uma relação de colaboração e união entre as diversas organizações que estão direta ou indiretamente relacionadas ao setor agrícola local (OTANI, *et al.*, 2011).

Otani *et al.*, (2011) ainda ressaltam que,

[...] quando se indagam os vitivinicultores sobre o papel das organizações municipais para dar suporte às atividades vitivinícolas no município, é quase unânime a declaração de que eles não são assistidos por aquelas que dependem de recursos governamentais. Isso se deve ao fato de elas implementarem ações de forma pontual e esporádica, sem aderência com um plano maior de desenvolvimento do setor (OTANI *et al.*, 2011, p. 31-32).

Da mesma maneira, as organizações estaduais que tiveram uma função primordial para a consolidação da viticultura de mesa até meados do século passado, agiram de forma pouco articulada de acordo com as atuais demandas do setor vitivinícola (OTANI *et al.*, 2011).

O Quadro 10 apresenta uma síntese das principais ações organizacionais responsáveis pela caracterização do movimento de revitalização da vitivinicultura de Jundiaí.

Quadro 10. Principais Organizações Participantes do Processo de Revitalização da Vitivinicultura de Jundiaí

ORGANIZAÇÃO	PRINCIPAIS AÇÕES
<u>PRODUTORES</u>	
Cooperativa Agrícola dos Produtores de Vinho (AVA)	Coordena a organização e a formalização dos vinicultores artesanais de Jundiaí (promoção de festas, divulgação, parceria em pesquisa).
Sindicato da Indústria do Vinho de Jundiaí (SINDVINHO)	Organiza a atuação da indústria do vinho no município de Jundiaí (representação na Câmara Federal do Vinho e parceria em pesquisas).
Sindicato da Indústria do Vinho de São Roque (SINDUSVINHO)	Organiza a atuação da indústria do vinho no município de São Roque (promoção de festas, rótulos, roteiro turístico e parceria em pesquisas).
Sindicato Rural de Jundiaí	Atua em parcerias esporádicas para a promoção do setor.
Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jundiaí e Região	Disponibiliza área para experimento de pesquisa direcionada aos vinicultores familiares.
<u>GOVERNOS</u>	
Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento de Jundiaí	Atua em parcerias esporádicas para a promoção do setor.
Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico de Jundiaí	Atua em parcerias esporádicas para a promoção do setor.
Polo Turístico Circuito das Frutas	Atua em parcerias esporádicas para a promoção do setor.
Associação de Turismo Rural do Circuito das Frutas	Pequena participação dos produtores de Jundiaí no projeto.
Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (SAA/SP)	Atua em parcerias esporádicas para a promoção do setor.
Casa da Agricultura de Jundiaí (CA/Jundiaí), SAA/SP - Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA), Instituto de Economia Agrícola (IEA), Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) e Instituto de Tecnologia de Alimentos (ITAL)	Equipe multidisciplinar para desenvolvimento de projetos pontuais.
SAA/SP - Fundo de Expansão do Agronegócio Paulista (FEAP)	Políticas de financiamento e seguro para o setor.
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)	Procura orientar os vinicultores artesanais quanto às normas vigentes.
<u>COLETIVOS</u>	
Instituto Paulista de Vitivinicultura - SP VINHO	Organizou o início do processo de mobilização e articulação do movimento em prol da revitalização da vitivinicultura paulista.
SAA/SP - Coordenadoria de Desenvolvimento dos Agronegócios (CODEAGRO), Câmara Setorial de Uva e Vinho do Estado de São Paulo (CSUV)	Coordena as discussões e reivindicações da cadeia produtiva da uva e vinho industrial e artesanal do Estado de São Paulo.

Fonte: Otani *et al.*, (2011, p. 33). Org. Tamires Regina Rocha, 2021.

Ao analisar o Quadro 10 é evidente que existem diversas ações para revitalização da vitivinicultura de Jundiaí. Entretanto, como já ressaltou Otani, *et al.*, (2011), revela-se um forte envolvimento das lideranças do elo central da cadeia de produção, ou seja, os sindicatos e as cooperativas de produtores de vinho, sendo que, a participação das organizações governamentais e dos próprios coletivos, ainda se encontram muito aquém em relação aos investimentos no setor.

Deste modo, Otani, *et al.*, (2011) acrescentam que

[...] como resultado desse processo de revitalização e como estruturas que permitem a interação social em todos os níveis, no campo político, econômico e social, o Instituto Paulista de Vitivinicultura e a Câmara Setorial de Uva e Vinho do Estado, ainda carecem de maior representatividade de alguns elos da cadeia de produção para deterem maior eficiência democrática como esfera de articulação coletiva. Apesar de constituir avanço importante para a organização e desenvolvimento do setor vitivinícola, a câmara é passível de críticas principalmente por manter defasagem temporal entre as demandas dos segmentos produtivos e as respostas, muitas vezes dependentes da convergência de interesses econômicos e políticos e de pesquisas de médio e longo prazo (OTANI *et al.*, 2011, p. 33).

Portanto, de acordo com Otani, *et al.*, (2011) em Jundiaí se observa que, após um período de ausência de políticas públicas focadas na produção de uva e vinho, está ocorrendo uma movimentação para que aconteça o desenvolvimento do setor. Porém, ainda não se verifica uma articulação concreta entre as organizações governamentais para se efetivar o processo de desenvolvimento da vitivinicultura, conduzido por organizações externas.

No município ainda prevalece o perfil

[...] de lideranças de organizações pouco articuladas entre si, o que dificulta o diálogo com outras organizações da sociedade civil, e mesmo com órgãos governamentais, para formular políticas públicas, tendo em vista o desenvolvimento do setor e suas formas de integração com a cidade. Esta realidade é resultado, apesar da existência de várias organizações de produtores, da ainda fraca articulação política do segmento agrícola do município, que tem dificuldade em se organizar em torno de interesses comuns, o que fragiliza o poder de negociação junto aos governos e outros setores econômicos (OTANI *et al.*, 2011, p. 34).

Para tanto, sanadas as questões de qualidade, sanidade e legalidade, se faz necessário o apoio institucional para a valorização da tradição e na estruturação de roteiros turísticos no município. Foi nesse sentido que, a partir de 2013, a Prefeitura Municipal de Jundiaí passou a intervir diretamente no setor, desenvolvendo as seis (6) Rotas Turísticas.

De acordo com a entrevista realizada com a Diretora de Turismo Municipal de Jundiaí¹¹, Marcela Moro, antes de haver a consolidação das Rotas Turísticas no município, as propriedades rurais e empreendimentos turísticos - que atualmente compõem as rotas -, já recebiam visitantes, porém, tudo acontecia de maneira muito isolada e desarticulada, destacando principalmente as ações realizadas pelos produtores rurais, como a formação da Cooperativa Agrícola dos Produtores de Vinho de Jundiaí – AVA.

Deste modo, era necessária uma articulação institucional, principalmente através da atuação do poder público municipal, auxiliando de maneira efetiva os produtores rurais e empresários desse segmento turístico no município, investindo principalmente na divulgação dessas propriedades rurais e/ou empreendimentos; em infraestrutura turística nos setores do município que possuem potencial para o desenvolvimento da atividade, além de consolidar a participação destes em feiras e eventos de turismo no município. Assim, esses fatos contribuíram para a formação das Rotas Turísticas.

Segundo a entrevistada:

[...] a ideia era construir um cenário participativo e democrático entre os envolvidos, obtendo um produto turístico fortalecido, sustentável e de expressão. Nos estudos realizados em outros municípios, os empreendimentos que atuam por meio da união entre os produtores, empresários e o poder público na formatação integrada de roteiros, rotas, é perceptível o sucesso do trabalho em conjunto (ENTREVISTA REALIZADA COM A DIRETORA DE TURISMO MUNICIPAL DE JUNDIAÍ EM FEVEREIRO DE 2021).

As rotas turísticas variam consideravelmente em duração, escala (local, regional ou internacional), bem como

[...] atraem diferentes tipos e números de turistas. Muitas rotas, que são desenvolvidas com o mercado interno/nacional em mente, são frequentemente localizadas em áreas que não são de particular interesse para os turistas internacionais, mas apelam aos visitantes nacionais ansiosos por aprender mais sobre a sua própria cultura. As rotas têm, assim, uma variedade de funções e atraem diferentes públicos com uma variedade de motivações de lazer, o que é geralmente refletido no tema das rotas (MEYER, 2004 *apud* ARAÚJO, 2017, p. 21).

Os circuitos de vinho ou gastronomia da Europa, América do Norte e Australásia são alguns exemplos clássicos e bem sucedidos destas rotas. A Rota do Vinho do Niágara, no

¹¹ A entrevista com a Diretora de Turismo Municipal foi realizada presencialmente, sendo que todos os protocolos de segurança contra a COVID-19 foram tomados – distanciamento social, uso de máscara e álcool em gel.

Canadá, é um bom exemplo, a região reúne mais de 50 vinícolas e é o suporte para o desenvolvimento do enoturismo (MEYER, 2004 *apud* ARAÚJO, 2017).

Meyer (2004) *apud* Araújo (2017) destaca vários fatores que sustentam o desenvolvimento de iniciativas de turismo por meio de rotas, tais como:

[...] difundir os visitantes e dispersar as receitas provenientes do turismo; trazer atrações e características menos conhecidas para o negócio/produto turístico; aumentar o apelo geral de um destino; aumentar a duração da estada e os gastos dos turistas; atrair novos turistas e aumentar a sustentabilidade dos produtos turísticos. De importância crucial para a atratividade de qualquer rota é a sua distância, em particular, em termos da distância espacial ou da distância de viagem real entre a região onde a rota é gerada e o destino turístico, bem como o tempo de viagem necessário para cobrir a distância geográfica (MEYER, 2004 *apud* ARAÚJO, 2017, p. 21).

Se bem desenvolvidas e planejadas, as rotas turísticas podem gerar várias vantagens positivas. Como destaca Araújo (2017), expandir as vantagens econômicas é um dos elementos mais importantes, como atuar no desenvolvimento de instalações turísticas (restaurantes, lojas, quiosques, etc.) no decorrer das rotas, de modo, a favorecer para que ocorra gastos turísticos nestes pontos ou paradas; criar empregos de forma direta ou indireta, através de instalações e serviços locais necessários; expandir os mercados turísticos, além de prorrogar o tempo médio de estadia dos turistas, ofertando diversas opções de atrações e atividades.

Deste modo, a Diretora de Turismo Municipal de Jundiaí ressaltou que, a gestão do prefeito Pedro Bigardi (2013-2016), passou a investir fortemente no setor de turismo. Segundo ela:

[...] uma das metas de seu mandato foi o fortalecimento do turismo, com foco no turismo rural e no fortalecimento da zona rural. Foram várias ações implantadas aqui no município, ele investiu na profissionalização e criou projetos como, o Sabores de Jundiaí, Jundiaí Feito à Mão e as Rotas Turísticas, além de valorizar a identidade local em eventos, como no caso da Festa da Uva (ENTREVISTA REALIZADA COM A DIRETORA DE TURISMO MUNICIPAL DE JUNDIAÍ EM FEVEREIRO DE 2021).

Nesse sentido, as ações passaram pelo resgate da Festa da Uva de Jundiaí. Em 2013, a festa recebeu 71 mil visitantes, passando a receber 153 mil visitantes no ano de 2015, mesmo optando por um cenário de não acontecimento de grandes *shows*, mas sim, com foco na valorização da cultura local e da própria uva (Niágara Rosada) consolidada no município em 1933. Outras dessas ações estão relacionadas ao desenvolvimento do festival gastronômico Sabores de Jundiaí, com a participação de mais de 300 restaurantes do município - que em sua

primeira edição realizada no ano de 2013 contou com a venda de 7 mil pratos, passando para mais de 13 mil pratos em sua terceira edição no ano de 2015 -; o programa Jundiaí Feito à Mão, que obteve mais de 200 cadastrados e valorizou o artesanato criativo em 120 eventos; e, por fim, o projeto Rotas Turísticas (organizando bairros do município, inicialmente nos bairros do Caxambú e da Terra Nova) (PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2015).

Entre os anos de 2013 e 2014, o crescimento do número de turistas em Jundiaí

[...] avançou 19% e atingiu 120 mil turistas de negócios e, na maioria, 339 mil turistas de lazer rural. A pesquisa feita em parceria com faculdades como a UNIP mostrou também que os empregos diretos e indiretos do setor já somaram 32 mil postos (ou 8% da população total). Ao contrário de outros municípios, a atual gestão (2013-2016) priorizou a presença de turismólogos no setor, e isso propiciou novos programas, além de aumentar a interação com as demais instituições e com o Conselho Municipal de Turismo (PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2015, n.p).

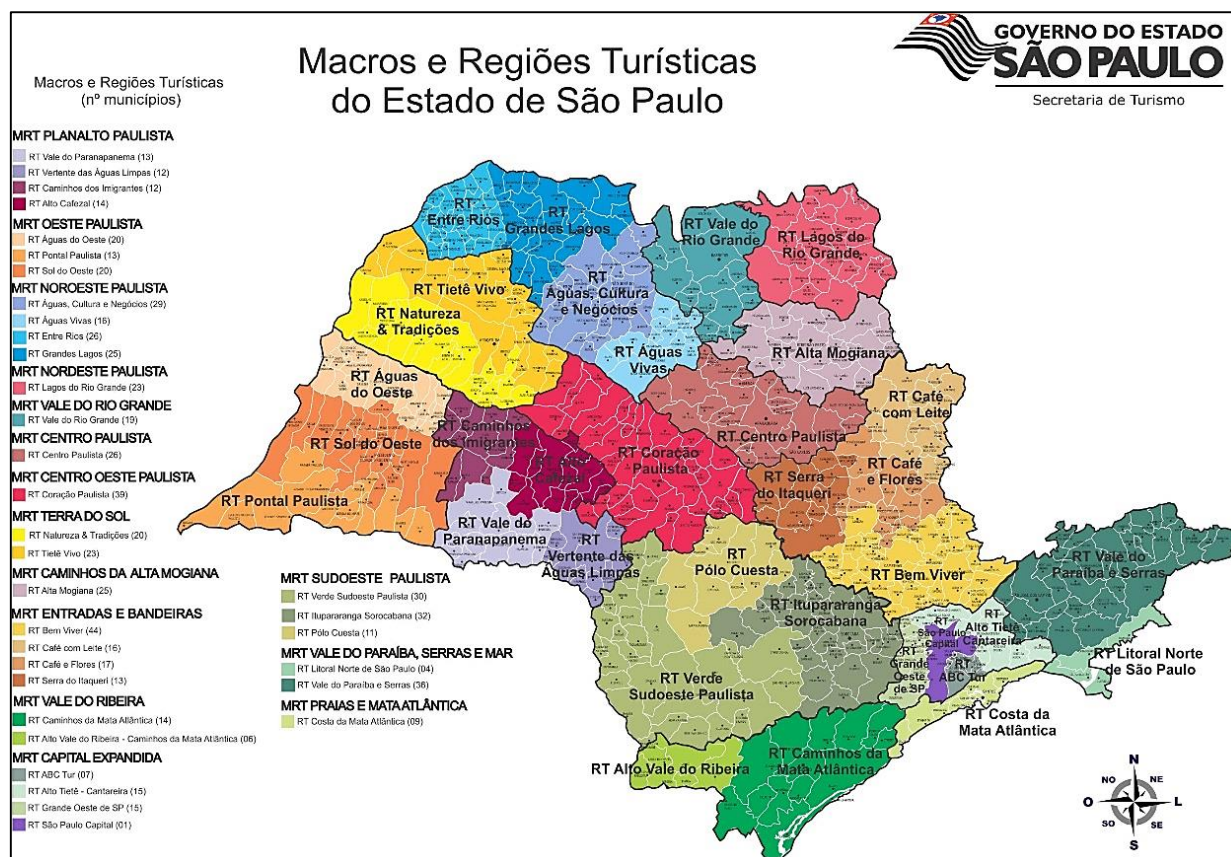
Atualmente, o município de Jundiaí é reconhecido no Mapa Turístico do Estado de São Paulo¹² como categoria B (ao lado das dez estâncias apontadas na categoria A):

[...] como um dos principais municípios de visitas de lazer (ao lado de negócios), Jundiaí possui as rotas turísticas consolidadas como um dos mecanismos de valorização, com áreas rurais, paisagens, adegas, restaurantes campestres, museus do vinho e produtos típicos. E são atrações tanto para turistas quanto para moradores da própria cidade e região nos feriados e nos finais de semana (PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2016, n.p).

A Figura 31 apresenta o Mapa Turístico do Estado de São Paulo que está dividido em 34 regiões turísticas que, por sua vez, estão inseridas em 15 macrorregiões conforme a proximidade geográfica e afinidades dos seus pontos de interesse turístico, histórico e outras características.

¹² O Mapa Turístico do Estado de São Paulo é dividido por categorias, 147 municípios do estado estão nas categorias A, B e C, que contemplam aqueles que concentram o fluxo de turistas domésticos e internacionais. Como exemplo, temos cidades como a capital São Paulo, Aparecida (um dos principais destinos de turismo religioso do país); Campos do Jordão, Santos, Guarujá, Embu das Artes. Os demais 285 municípios figuram nas categorias D e E. Esses destinos não possuem fluxo turístico nacional e internacional expressivo, no entanto alguns possuem papel importante no fluxo turístico regional e precisam de apoio para a geração e formalização de empregos e estabelecimentos de hospedagem. Disponível em < <http://www.turismo.gov.br/assuntos/8160-novo-mapa-tur%C3%ADstico-de-s%C3%A3o-paulo-tem-432-munic%C3%ADpios.html> > Acesso em: 03/11/2020.

Figura 31. Mapa Turístico do Estado de São Paulo



Fonte: Biblioteca Virtual do Estado de São Paulo.

Ao observamos a Figura 31, constatamos que o município de Jundiaí está inserido na Região Turística “Bem Viver”, que inclui também Águas de Lindoia, Americana, Bom Jesus dos Perdões, Bragança Paulista, Campinas, Capivari, Hortolândia, Jaguariúna, Joanópolis, Limeira, Monte Alegre do Sul, Nazaré Paulista, Pedreira, Pinhalzinho, Piracaia, Santa Bárbara d’Oeste, Serra Negra e Socorro. Esta região possui rotas voltadas ao Turismo Rural, de Pesca, Cultural, Ecológico e de Trilhas, Turismo Tecnológico e de Negócios.

O turismo rural é o principal segmento do turismo no município de Jundiaí,

[...] responsável por quase 70% do fluxo turístico e vem crescendo significativamente. A administração do atual prefeito Luiz Fernando Machado (2017-2020 / 2021-2024) tem trabalhado inclusive para incentivar o setor, investindo em legislação específica. A implantação das rotas aumentou o fluxo de turistas em cerca de 15%, segundo a diretora do Departamento de Turismo da Unidade de Gestão de Agronegócio, Abastecimento e Turismo (UGAAT), Marcela Moro (G1 – PORTAL DE NOTÍCIAS, 2019, n.p).

O município de Jundiaí conta com vários atrativos que podem ser observados no Quadro 11.

Quadro 11. Atrativos Turístico do município de Jundiaí - SP

Atrativos Turísticos	Total
Adegas	22
Museus	10
Parques	7
Fazendas (com estrutura para recepção turística)	5
Sítios Produtivos/Empreendimentos com atividades de turismo rural	86
Total	130

Fonte: Unidade de Gestão Agronegócio, Abastecimento e Turismo - UGAAT, 2019. Org. Tamires Regina Rocha, 2020.

De acordo com o Quadro 11, ficou evidente que o município de Jundiaí possui uma grande variedade de atrativos turísticos, totalizando cento e trinta (130), sendo que deste total, cento e treze (113 – 86,9%) podem ser considerados como atrativos voltados ao turismo rural - Sítios Produtivos/Empreendimentos com atividades de turismo rural, Fazendas (com estrutura para recepção turística) e Adegas -. Além disso, destaca-se a presença dos Museus, num total de dez (10) e, por fim, os parques, contabilizando sete (7) no município.

No ano de 2019, Jundiaí recebeu mais de 1 milhão de turistas conforme os dados sistematizados na Tabela 13, na qual, se destaca os segmentos de turismo rural e turismo de negócios. O turismo de negócios registrou 366.805 turistas, enquanto que, o turismo rural alcançou 706.387, conforme levantamento realizado pela Diretoria de Turismo, com base no fluxo turístico identificado na Festa da Uva 2019 (UGAAT, 2019).

Tabela 13. Fluxo de Turistas em Jundiaí – 2013-2019

Segmentos	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Turismo de Negócios	148.892	120.830	130.496	145.372	189.045	195.355	366.805
Turismo Rural	238.422	339.000	401.000	510.000	535.000	592.203	706.387
Total	387.314	459.830	531.496	657.388	724.045	787.558	1.073.192

Fonte: Unidade de Gestão Agronegócio, Abastecimento e Turismo - UGAAT, 2019. Org. Tamires Regina Rocha, 2020.

Ao observar a Tabela 13, se destaca que entre os anos de 2013 e 2016, quando houve a reestruturação e maiores investimentos no turismo rural do município de Jundiaí, percebe-se

que o número de turistas desse segmento aumentou gradativamente neste período, alcançando em 2019 - já com as seis (6) rotas turísticas consolidadas - 706.387 visitantes.

Em relação ao turismo de negócios, a Diretora de Turismo expôs que esse segmento ainda é considerado muito recente, já que no ramo de atividade das viagens, as pessoas que viajam a trabalho não são consideradas turistas. Entretanto, a atividade vem sendo expandida a cada dia, recebendo um olhar diferenciado dos pesquisadores. No caso de Jundiaí, a entrevistada expôs que:

[...] muitas pessoas que vem para Jundiaí, apesar de estarem viajando a trabalho, acabam fazendo uso dos mesmos serviços daqueles que vem a passeio, até porque em seus momentos livres, acabam indo visitar algum ponto turístico do município [...] Jundiaí sendo a terra da uva e com Rotas Turísticas que são muitos divulgadas, nós entregamos panfletos na rede hotelaria da cidade para ser distribuídos aos visitantes, então, muitos vão atrás nem que seja pra comprar um vinho para levar pra casa, almoça em um restaurante das rotas e com isso, acaba gerando um bom retorno para os produtores rurais ou empresários do ramo (ENTREVISTA REALIZADA COM A DIRETORA DE TURISMO MUNICIPAL DE JUNDIAÍ EM FEVEREIRO DE 2021).

De acordo com o Plano Municipal de Turismo do município de Jundiaí

[...] o fluxo de turistas que visita o município, em especial aos finais de semana, vem crescendo de forma significativa. Muitos turistas provenientes da cidade de São Paulo, Grande São Paulo, Campinas, ABC Paulista e Litoral Paulista deslocam-se para Jundiaí, predominantemente para as áreas rurais, em busca dos atrativos como adegas tradicionais e o vinho produzido na cidade, compra de frutas direto do produtor e restaurantes diferenciados (PLANO MUNICIPAL DE TURISMO DE JUNDIAÍ, 2019, p. 12).

No ano de 2019, Jundiaí venceu por voto popular e escolha de um júri, como o melhor destino turístico rural do Estado de São Paulo no prêmio Top Destinos Turísticos¹³. A equipe da UGAAT do município de Jundiaí foi responsável pelo recebimento do prêmio. O evento, realizado no Palácio dos Bandeirantes, em São Paulo, contou com a presença do governador João Dória e do secretário estadual de Turismo de São Paulo, Vinícius Lummertz.

¹³ A 2ª edição da premiação, fruto da iniciativa conjunta do *Skal Internacional* São Paulo e da ADVB – Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil – reuniu representantes de 70 cidades paulistas que concorreram em 16 categorias. O objetivo foi identificar e selecionar os melhores destinos turísticos do Estado de São Paulo, em categorias que incluíam desde turismo de compras e negócios até turismo religioso, cultural e esportivo. Jundiaí concorreu, na categoria Turismo Rural, com as cidades de Agudos, Jacupiranga e Registro. Disponível em < <https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2019/11/26/jundiai-vence-premio-de-melhor-destino-turistico-rural-no-estado/> > Acesso em: 05/11/2020.

Para a Diretora de Turismo Municipal, o prêmio é um motivo de orgulho, “é gratificante ver o turismo rural de nosso município ser valorizado em âmbito estadual, ainda mais que, não é o município que se inscreve no prêmio, e sim há uma indicação popular, quando formos informados, Jundiaí já era finalista” (ENTREVISTA REALIZADA COM A DIRETORA DE TURISMO MUNICIPAL DE JUNDIAÍ EM FEVEREIRO DE 2021).

No mês de dezembro de 2021 ocorreu a 3ª edição do Prêmio Top Destinos Turísticos e o município de Jundiaí novamente foi o grande vencedor da categoria Turismo Rural - concorrendo com os municípios de Charqueada e Torre de Pedra -, o prêmio foi entregue em cerimônia realizada no Palácio dos Bandeirantes. O Circuito das Frutas também foi premiado como Região Turística, categoria criada nesta edição (PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2021).

Na Figura 32 é apresentada a equipe da UGAAT recebendo o prêmio Top Destinos Turísticos de 2021.

Figura 32. Equipe da UGAAT recebendo o prêmio da 3ª edição do Top Destinos Turísticos



Fonte: Prefeitura Municipal de Jundiaí, 2021.

De acordo com o vice-prefeito do município, Gustavo Martinelli, presente na premiação:

O nosso turismo vem se destacando no cenário nacional e valoriza a cidade e as Rotas Turísticas, ou seja, valoriza a nossa tradição. Hoje, Jundiaí é conhecida como a cidade da logística, mas sempre será a Terra da Uva. O prêmio mostra que a cidade desenvolve um bom trabalho com políticas públicas para o turismo (PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2021, n.p).

De acordo com os dados do Ministério do Turismo, em média, um turista de negócios “tem um gasto diário de R\$ 120,00 enquanto que os turistas lazer/rural possuem um gasto de R\$ 70,53. Ainda conforme dados do Ministério do Turismo, o turista de negócios tem permanência média de 3 dias no destino, enquanto o turista de lazer/rural permanece 1 dia” (UNIDADE DE GESTÃO AGRONEGÓCIO, ABASTECIMENTO E TURISMO - UGAAT, 2019, p. 15).

Levando em consideração estas informações, ao observarmos os dados da Tabela 14 é possível projetar que somente em 2019, foram injetados R\$ 181.871.275,11 na economia do município de Jundiá, a partir dos gastos dos turistas que estiveram nessa localidade ao longo do ano.

Tabela 14. Renda Direta Gerada pelo Turismo no município de Jundiá, 2019

Tipo de Turista	Permanência	Gasto médio/dia	Renda Gerada
Turista de Negócios	1.100.445 diárias	R\$ 120,00	R\$ 132.049.800,00
Turista de Lazer/Rural	706.387 diárias	R\$ 70,53	R\$ 49.821.475,11
Total			R\$ 181.871.275,11

Fonte: Unidade de Gestão Agronegócio, Abastecimento e Turismo - UGAAT, 2019. Org. Tamires Regina Rocha, 2020.

Ao analisar a Tabela 14 percebe-se que o turismo de negócios gerou maiores retornos econômicos para o município de Jundiá no ano de 2019. Para Andrade (1997), as atividades ligadas ao turismo de negócios são preponderantemente urbanas em cidades com características como Jundiá, por exemplo, que são diferenciadas em termos de desenvolvimento econômico, com a presença de indústrias.

Entretanto, o investimento no turismo rural não deve ser deixado de lado, afinal, o município tem condições de investir nesse setor - que também traz um alto retorno de renda – em virtude de possuir um espaço rural multifuncional e marcado por uma rica história, que passa desde a imigração italiana e a produção de uvas e de vinhos.

Atualmente (2020), o município de Jundiá possui,

[...] um fluxo de turistas já consolidado, com um conjunto expressivo de atrativos turísticos das mais diversas naturezas e equipamentos turísticos, que incluem meios de hospedagem, serviços de alimentação e Centro de Informações Turísticas consolidados, além de atendimento médico emergencial qualificado, abastecimento de água e coleta de resíduos, inclusive com um dos modelos referenciais de coleta seletiva do país. Os principais

segmentos de turismo em atividade na cidade são os de Turismo Rural, Gastronômico, Eventos, Cultural e o Ecoturismo, além do Turismo de Negócios (UNIDADE DE GESTÃO AGRONEGÓCIO, ABASTECIMENTO E TURISMO - UGAAT, 2020, p. 10).

Além disso, no município existem três (3) Agências de Turismo Receptivo: a Mania de Trilha, Rizzatour Turismo e Tour Jundiahy

[...] a **Mania de Trilha** tem como objetivo executar de maneira sustentável roteiros/eventos utilizando todo o potencial turístico que envolve o município de Jundiaí – SP e seu entorno, desenvolvendo e fortalecendo o turismo como uma atividade econômica e crescente. Buscando sempre demonstrar a importância da cultura e da história local, resgatando as origens e suas essências. A **Rizzatour Turismo** está desde 2001 no mercado e é a pioneira na formatação e operação de roteiros no Turismo Rural, atendendo Jundiaí e região (Circuito das Frutas), com roteiros temáticos rural e cultural e a **Tour Jundiahy** é localizada no município de Jundiaí desde 2013 vem proporcionando serviços de qualidade e especializados a seus clientes através do ecoturismo e turismo de aventura no interior paulista (*SITE TURISMO JUNDIAÍ*, 20-- , n.p).

Deste modo, foram realizadas ações focadas no fomento da atividade turística, principalmente vinculadas ao turismo rural no município, e, dentre estas, destacam-se projetos direcionados ao incentivo à produção artesanal local, desenvolvimento de novos produtos turísticos e a constituição de seis rotas turísticas (PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2019).

Como já mencionado anteriormente, existem atualmente no município de Jundiaí seis (6) rotas turísticas consolidadas: Rota Turística do Castanho; Rota Turística do Centro Histórico; Rota Turística da Cultura Italiana; Rota Turística Terra Nova; Rota Turística da Uva e Rota Turística do Vinho, conforme se pode verificar na Figura 33.

Para a Diretora de Turismo Municipal, as motivações para que houvesse a formação das Rotas Turísticas no município estão relacionadas ao propósito de:

[...] transformar Jundiaí em um polo reconhecido de turismo, trabalhamos para que houvesse o fortalecimento organizacional e depois pelo reconhecimento de que o turismo não é apenas de negócios, mas sim, era necessário ampliar atrativos turísticos mais qualificados, foi aí que surgiu a ideia das rotas turísticas como forma de valorizar o conteúdo histórico e cultural da nossa cidade que abriga várias propriedades rurais, adegas, fazendas históricas e restaurantes rurais (ENTREVISTA REALIZADA COM A DIRETORA DE TURISMO MUNICIPAL DE JUNDIAÍ EM FEVEREIRO DE 2021).

Figura 33. Rotas Turísticas consolidadas no Município de Jundiaí - SP



Fonte: Prefeitura Municipal de Jundiaí, 2020.

Além disso, a Diretora Municipal de Turismo ressaltou que a iniciativa para implantação das rotas surgiu pela própria Prefeitura Municipal com a cooperação da Unidade de Gestão de Agronegócio, Abastecimento e Turismo (UGAAT) com a Secretaria de Comunicação Social e dos produtores rurais e proprietários de estabelecimentos, que acabaram por “abraçar” essa ideia, já pensando na repercussão positiva, que a formação dessas rotas poderiam proporcionar em suas propriedades ou estabelecimentos, atraindo um maior número de visitantes e resultando em uma melhor divulgação.

Em relação às instituições que contribuíram para que houvesse a identificação das Rotas Turísticas no município, a Diretora Municipal destacou o trabalho da Unidade de Gestão de Agronegócio, Abastecimento e Turismo (UGAAT), do Centro de Informações ao Turista (CIT) e do Conselho Municipal de Turismo (COMTUR).

[...] foi um trabalho árduo, as equipes da UGAAT, CIT e COMTUR trabalharam juntas entre 2013 e 2014 principalmente na região dos bairros do Caxambú, Toca e Roseira para a consolidação das duas primeiras rotas turísticas, a Rota da Uva e posteriormente a Rota do Vinho. Bom, de maneira geral e objetiva, para identificar em que região do município cada rota ia se localizar, nós dividimos o município por setores (área central, norte, sul, leste, oeste, nordeste e noroeste) e tivemos o auxílio do Plano Municipal de Turismo e das pesquisas que já foram realizadas aqui no município em parceria com universidades, inclusive. Então, como todo o material disponível e pessoas qualificadas, identificamos em cada um desses setores as características em comum dos bairros, por exemplo, as maiores concentrações das plantações de uva no município estão na porção Nordeste e Leste, próximo ao Caxambú e seus arredores, então foi aí que surgiu a ideia de formação de um aglomerado de bairros próximos para a formação da **Rota da Uva**. A **Rota do Vinho**

corresponde praticamente as mesmas localizações, pois, onde há as maiores concentrações de plantações de uvas, é onde estão as maiores produções do vinho artesanal no município. No caso da **Rota da Cultura Italiana**, que está localizada no Noroeste do município, nós pensamos em fortalecer e confirmar a cultura italiana aqui em Jundiaí, e não teria um local melhor que no Traviú onde a cultura italiana é fortemente enraizada, lá se reúne as tradições das famílias que formaram aquele bairro, a gastronomia, os vinhos e, principalmente, a hospitalidade e o charme dos descendentes de italianos (ENTREVISTA REALIZADA COM A DIRETORA DE TURISMO MUNICIPAL DE JUNDIAÍ EM FEVEREIRO DE 2021, *grifos nossos*).

A entrevistada ainda ressaltou sobre o processo de identificação de outras três rotas: Rota do Centro Histórico, Rota da Terra Nova e a Rota do Castanho

[...] na **Rota do Centro Histórico** nós tivemos o apoio do diretor de Patrimônio Histórico e a identificamos na área central de Jundiaí, que é onde se localiza os espaços com enorme riqueza arquitetônica e cultural e são uma forma de contar por si só, a história de Jundiaí. A **Rota da Terra Nova**, que está localizada na porção sul do município, é onde se localizavam as grandes produções cafeeiras de Jundiaí, com o passar do tempo, chegaram as uvas, pêssegos, hortaliças e outras variedades. A região, inclusive, foi bastante conhecida pela produção de morangos até meados da década de 1980, então a ideia foi valorizar esses aspectos, principalmente porque ainda existem produtores de café localizados ali, em um espaço que está localizado as margens da Serra do Japi. E por fim né, a **Rota do Castanho**, que também está localizada na porção sul do município, e lá é muito interessante, pois se localiza uma propriedade pioneira aqui em Jundiaí na produção de café, eles recebem os visitantes para acompanhar a produção e o seu processamento, e claro, existem outras propriedades, inclusive, é a porção do município que se encontra mais produtores de produtos orgânicos, além da presença de vinícolas tradicionais que comercializam vinhos, cachaças e diversos produtos regionais (ENTREVISTA REALIZADA COM A DIRETORA DE TURISMO MUNICIPAL DE JUNDIAÍ EM FEVEREIRO DE 2021, *grifos nossos*).

Em 2018, na sessão realizada na Câmara Municipal de Jundiaí, foi aprovado projeto de Lei N.º 9.100, que instituiu as rotas turísticas municipais. Legal e constitucional, o texto oficializa em lei as rotas já existentes no município e que trazem retorno à economia e ao turismo locais.

[...] de autoria do vereador Faouaz Taha (PSDB), durante a votação, o projeto contou com a explanação da turismóloga e diretora do Departamento de Fomento ao Turismo, Marcela Moro, que informou sobre o atual cenário do turismo na cidade e sua evolução nos últimos anos. Segundo ela, a vocação de turismo rural foi reforçada na cidade, além do turismo de negócios. Sendo assim, foram criadas seis rotas, as quais passam a ter respaldo pela lei do vereador (JORNAL TRIBUNA DE JUNDIAÍ, 2018, n.p).

Com a promulgação da Lei N.º 9.100, de 28 de novembro de 2018, as rotas devem ser mantidas independentemente da alternância de governos e outras novas rotas podem ser criadas de acordo com os critérios técnicos orientados por essa legislação, como sinalização e mobilidade. Essa lei prevê também segurança aqueles que querem investir no turismo local (JORNAL TRIBUNA DE JUNDIAÍ, 2018).

Quando perguntada como ocorre a participação dos proprietários dos estabelecimentos – daqueles que compõem as rotas – frente as decisões tomadas pelo poder público para fomentar o turismo rural nas rotas, a Diretora de Turismo Municipal expos que,

[...] um diferencial do nosso trabalho, acredito que seja a equipe, todo investimento que é realizado nas rotas, antes de ser feito, é repassado para os participantes [...] nós realizamos uma reunião no ano, geralmente entre janeiro e fevereiro, com todos os participantes das seis rotas, é praticamente uma convocação, é nesse encontro que decidimos quais as metas, propostas e o que é necessário melhorar para desenvolver durante o ano. Geralmente, nessa reunião eu estou presente, além de outros funcionários da prefeitura, o gestor de Agronegócio, Abastecimento e Turismo e o diretor de Patrimônio Histórico [...] bem, além disso, em junho é realizado um encontro com os participantes de cada rota individualmente, lá eles expõem suas dificuldades e demandas, e nos debatemos o que é possível ser feito tendo como referência a verba ainda existente (ENTREVISTA REALIZADA COM A DIRETORA DE TURISMO MUNICIPAL DE JUNDIAÍ EM FEVEREIRO DE 2021).

Em relação a algum programa, ação ou verba repassada pelo Governo do Estado de São Paulo para investimento no turismo rural do município, a entrevistada ressaltou que desde o ano 2016 quando foi consolidada a primeira Rota Turística e em 2018 quando o município passou a ser reconhecido como MIT (Município de Interesse Turístico) foi assinado um convênio entre a Prefeitura Municipal e o Governo do Estado em parceria com o DATETUR¹⁴ para que todos os anos se receba o valor de R\$ 600 mil.

De acordo com a Diretora esse orçamento é utilizado para investimentos na sinalização das seis rotas, na sua divulgação, modernização dos museus e para atender as demandas dos responsáveis pelos estabelecimentos, restaurantes, fazendas históricas e propriedades rurais das rotas e, inclusive, com essa verba, está em finalização, a criação do memorial do bairro do

¹⁴ Organizada pelo governador Geraldo Alckmin em primeiro de janeiro de 2011, por intermédio do decreto **56.638**, a Secretaria de Turismo dispõe em sua estrutura básica do Departamento de Apoio ao Desenvolvimento dos Municípios Turísticos – DADETUR, que, atualmente congrega 70 municípios denominados estâncias turísticas. Foi criado pela **Lei nº 6.470**, em junho de 1989 para, entre outras atribuições, transferir recursos diretos para a execução de obras e programas ligados ao desenvolvimento do turismo nas cidades reconhecidas como **estâncias**. Disponível em < <https://www.turismo.sp.gov.br/publico/noticia.php?codigo=50> > Acesso em 25/02/2021.

Caxambú, devido a pedidos dos participantes da rota (ENTREVISTA REALIZADA COM A DIRETORA DE TURISMO MUNICIPAL DE JUNDIAÍ EM FEVEREIRO DE 2021).

Cabe destacar que, em 2020, Jundiaí e outros três municípios vizinhos (Itupeva, Louveira e Vinhedo) passaram a compor o primeiro Distrito Turístico do Estado de São Paulo. Este foi apresentado de maneira oficial pelo governador João Dória, em um evento realizado no município de Itupeva, conforme a Figura 34. O prefeito de Jundiaí, Luiz Fernando Machado (de camisa azul clara), esteve na cerimônia, além dos chefes do Executivo dos outros municípios e secretários municipais e estaduais de diversas áreas. A região passará a ganhar vantagens competitivas, através de investimentos, atrações e visitantes (PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2020).

Figura 34. Prefeito de Jundiaí (de camisa azul clara) acompanha o discurso do governador João Dória anunciando o 1º Distrito Turístico do Estado de São Paulo



Fonte: Prefeitura Municipal de Jundiaí, 2020.

O município de Jundiaí já tem um grande potencial turístico,

[...] valorizado pelo trabalho das 10 cidades que integram o Circuito das Frutas, economia próspera e a melhor rede rodoviária do Brasil, além de destinos interessantes, como as seis Rotas Turísticas e políticas de preservação ambiental. Agora, como parte do primeiro Distrito Turístico do Estado, pode atrair ainda mais interessados em construir hotéis, parques temáticos e outras atrações, o que vai impulsionar a geração de emprego e renda. As quatro cidades do Distrito, também poderão oferecer aos investidores mais vantagens fiscais para a abertura de empreendimentos, celeridade no processo burocrático, apoio jurídico e facilidade na oferta de crédito aos investidores a juros baixos (PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2020, n.p).

Sobre como o turismo rural pode contribuir para a permanência dos agricultores familiares nas áreas rurais, para a Diretora de Turismo,

[...] é uma forma de preservação e valorização das potencialidades, da história, da comunidade, além de agregar valor aos produtos e serviços e gerar novas oportunidades de trabalho. Além disso, a própria assistência por parte da Prefeitura Municipal com as verbas do Governo do Estado, passa a investir mais nessas áreas que possuem um bom potencial turístico, melhorando as vias de circulação, a sinalização turística e investindo nas demandas propostas pelos produtores, que estão a todo momento tentando diversificar a sua oferta turística. Acredito, que não só os agricultores são beneficiados com essa atividade, mas toda a comunidade no entorno, que busca nesses locais, o contato com a natureza, com o modo de vida, as tradições e costumes dessa população (ENTREVISTA REALIZADA COM A DIRETORA DE TURISMO MUNICIPAL DE JUNDIAÍ EM FEVEREIRO DE 2021).

A entrevistada também ressaltou a importância do turismo rural para a preservação dos valores, costumes e do patrimônio cultural do município:

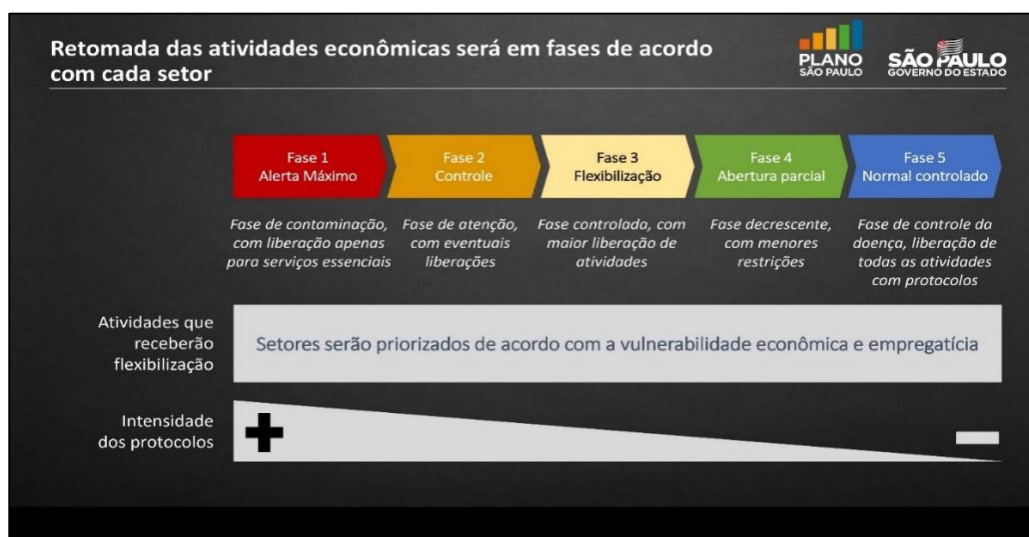
[...] o turismo rural é uma atividade que promove a valorização e a preservação da história, da gastronomia, das crenças, das festas, aqui em Jundiaí e as Rotas Turísticas têm importante papel na preservação e resgate desse legado cultural, utilizando o patrimônio material e imaterial como importante atrativo turístico, contribuem para a valorização das atividades rurais, do cotidiano e as tradições dos imigrantes italianos que se estabeleceram no município, além de aproximar comunidade local e turistas, de forma mais harmoniosa. Nas propriedades rurais, os descendentes trabalham com a história oral e contam um pouco da história da sua família e da tradição desse povo, é muito interessante. Por isso, eu sempre digo que essa cultura sempre esteja fortalecida em Jundiaí e claro, fortaleça ainda mais o nosso turismo rural local (ENTREVISTA REALIZADA COM A DIRETORA DE TURISMO MUNICIPAL DE JUNDIAÍ EM FEVEREIRO DE 2021).

Em relação aos problemas que o turismo rural trouxe ou agravou nas Rotas ou no município, a Diretora de Turismo ressaltou o intenso fluxo veicular, pois, como o município recebe um grande número de turistas, principalmente aos finais de semana, muitas vezes é possível encontrar congestionamento nas vias que dão acesso as rotas.

Mesmo com esse problema, segundo a entrevistada, “na Pesquisa de Perfil da Demanda Turística de Jundiaí que realizamos em 2019, 80% dos entrevistados apontaram que suas expectativas com relação a Jundiaí foram correspondidas e 85% dos entrevistados, ao serem questionados se retornariam à cidade, afirmaram que retornariam” (ENTREVISTA REALIZADA COM A DIRETORA DE TURISMO MUNICIPAL DE JUNDIAÍ EM FEVEREIRO DE 2021).

Entretanto, com a pandemia do novo coronavírus (COVID-19), tendo início com a decretação pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em março de 2020, o setor de turismo foi fortemente afetado no mundo e, particularmente, no município de Jundiáí, pois, devido as medidas de restrições estabelecidas pelo Governo do Estado de São Paulo, os estabelecimentos de comércio e serviços não essenciais foram fechados, iniciando um longo período de quarentena. Posteriormente, essas atividades foram retomadas de maneira gradual, através das fases do Plano São Paulo (Figura 36).

Figura 36. Plano São Paulo para a flexibilização das atividades



Fonte: Governo do Estado de São Paulo - Plano São Paulo, 2020.

Tendo como referência a Figura 36, as atividades no Plano São Paulo funcionaram da seguinte forma:

Fase vermelha: ficam liberadas apenas as atividades consideradas essenciais. **Fase laranja:** abertura de shoppings centers (com proibição de abertura das praças de alimentação), comércio de rua e serviços em geral podem funcionar com capacidade limitada a 20%, horário reduzido para quatro horas seguidas e adoção dos protocolos padrão e setoriais específicos. Fica proibida a abertura de bares e restaurantes para consumo local, salões de beleza e barbearias, academias de esportes em todas as modalidades e outras atividades que gerem aglomeração. **Fase amarela:** abertura de shoppings centers (com proibição de abertura das praças de alimentação), comércio de rua e serviços em geral podem funcionar com capacidade limitada a 40%, horário reduzido para seis horas seguidas e adoção dos protocolos padrão e setoriais específicos. Adiciona-se à lista salões e barbearias, além de bares e restaurantes que estarão liberados apenas para atendimento ao ar livre. Academias e eventos que gerem aglomeração continuam com abertura suspensa. **Fase verde:** fica liberado o funcionamento de todos os estabelecimentos comerciais e de serviços, incluindo academias e praças de alimentação dos shoppings, desde que com capacidade limitada a 60% e adoção dos protocolos padrão e setoriais

específicos. Ficam proibidos eventos que gerem aglomeração. **Fase azul:** Retomada da economia dentro do chamado “novo normal” (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2020, n.p).

O município de Jundiaí, entre os anos de 2020 e início de 2021, esteve nas fases vermelha, laranja, amarela e verde – apenas por 15 dias no mês de outubro de 2020 –, tendo que, posteriormente retornar a fase amarela do Plano São Paulo. No mês de abril de 2021, o Governador do Estado, João Dória criou uma nova fase do Plano São Paulo, a “fase de transição” em que, novas regras foram estabelecidas, entre elas destaca-se o toque de recolher em todo o território paulista. Atualmente (janeiro de 2022) todos os serviços voltaram a funcionar normalmente no Estado de São Paulo, devido ao relativo controle da pandemia de COVID-19 por meio da vacinação, mas com a disseminação de uma nova variante (Ômicron).

Na Figura 37 é exposto as novas regras estabelecidas na fase de transição do Plano São Paulo.

Figura 37. Fase de Transição do Plano São Paulo

FASE DE TRANSIÇÃO ATÉ 31 DE MAIO E NOVAS REGRAS A PARTIR DE 01 DE JUNHO	
24 DE MAIO A 31 DE MAIO	A PARTIR DE 01 DE JUNHO
ATIVIDADES COMERCIAIS <i>Atendimento presencial entre 6h e 21h</i>	ATIVIDADES COMERCIAIS <i>Atendimento presencial entre 6h e 22h</i>
ATIVIDADES RELIGIOSAS <i>Atividades presenciais individuais e coletivas</i>	ATIVIDADES RELIGIOSAS <i>Atividades presenciais individuais e coletivas</i>
SERVIÇOS GERAIS	SERVIÇOS GERAIS
RESTAURANTES E SIMILARES: <i>Consumo local entre 6h e 21h</i>	RESTAURANTES E SIMILARES: <i>Consumo local entre 6h e 22h</i>
SALÃO DE BELEZA E BARBEARIA: <i>Atendimento presencial entre 6h e 21h</i>	SALÃO DE BELEZA E BARBEARIA: <i>Atendimento presencial entre 6h e 22h</i>
ATIVIDADES CULTURAIS: <i>Atendimento presencial entre 6h e 21h</i>	ATIVIDADES CULTURAIS: <i>Atendimento presencial entre 6h e 22h</i>
ACADEMIAS DE ESPORTE: <i>Atendimento presencial entre 6h e 21h</i>	ACADEMIAS DE ESPORTE: <i>Atendimento presencial entre 6h e 22h</i>
ATÉ 40% DA CAPACIDADE DE OCUPAÇÃO DO ESTABELECIMENTO	ATÉ 60% DA CAPACIDADE DE OCUPAÇÃO DO ESTABELECIMENTO
TOQUE DE RECOLHER: 21H ÀS 5H	TOQUE DE RECOLHER: 22H ÀS 5H
TELETRABALHO PARA ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS NÃO ESSENCIAIS	
ESCALONAMENTO DO HORÁRIO DE ENTRADA E SAÍDA DE ATIVIDADES DO COMÉRCIO, SERVIÇOS E INDÚSTRIAS	

Fonte: Governo do Estado de São Paulo – Fase de Transição do Plano São Paulo 2021.

De acordo com a Diretora de Turismo Municipal, a pandemia de COVID-19 afetou diretamente o setor:

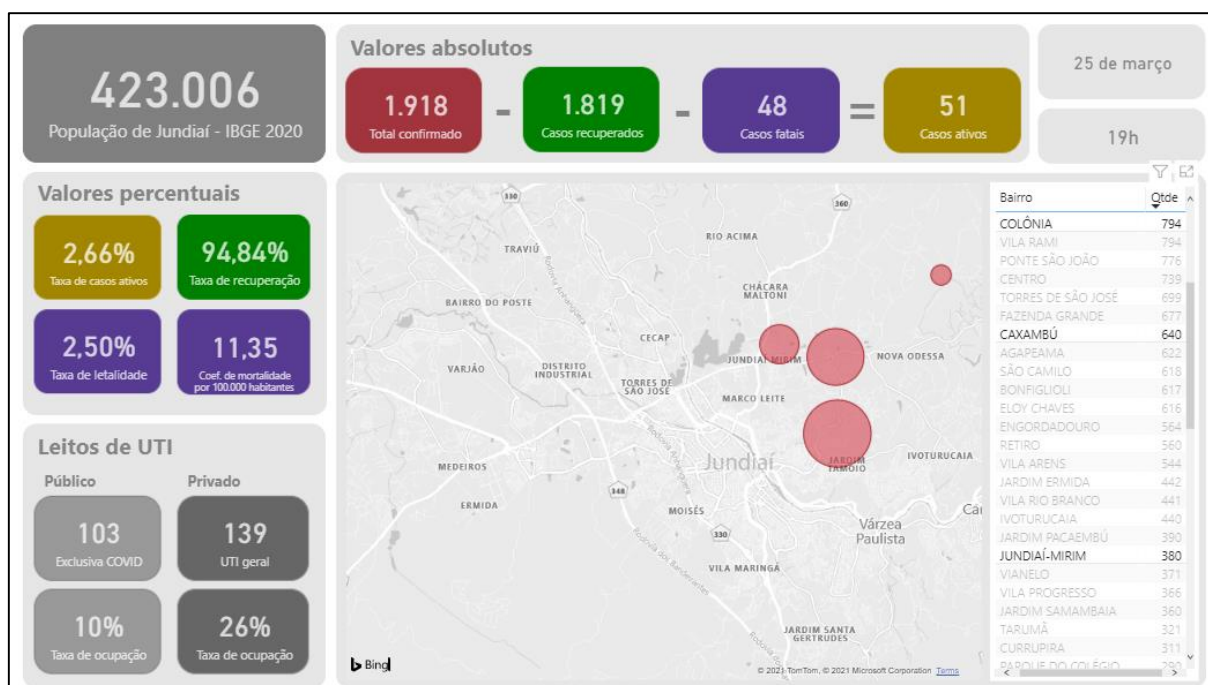
[...] o turismo foi o primeiro segmento afetado pelo Novo Coronavírus, impactou diretamente no fluxo de turistas que vinham para Jundiaí e visitavam as Rotas Turísticas, ainda não há números exatos, até porque a pandemia ainda não chegou ao fim, mas, sabe-se que, a venda de vinhos, frutas e itens derivados dos produtores locais também foi fortemente impactada

(ENTREVISTA REALIZADA COM A DIRETORA DE TURISMO MUNICIPAL DE JUNDIAÍ EM FEVEREIRO DE 2021).

No mês de março de 2021, ainda com a pandemia de COVID-19, se verificou, por meio da Figura 38, a conjuntura da pandemia nos bairros em que está localizada a Rota Turística da Uva. Observa-se que, somando os casos confirmados - desde o início da pandemia em março de 2020 - foram registrados 1.918 casos de coronavírus.

O bairro da Colônia foi o que registrou o maior número de casos (794 ou 41,4%), seguido pelo bairro do Caxambú (640 ou 33,4%), Jundiaí-Mirim (380 ou 19,8%), Roseira (104 ou 5,4%) e o bairro da Toca não houve confirmações.

Figura 38. Boletim Coronavírus no município de Jundiaí – março de 2021



Fonte: Prefeitura Municipal de Jundiaí, 2021.

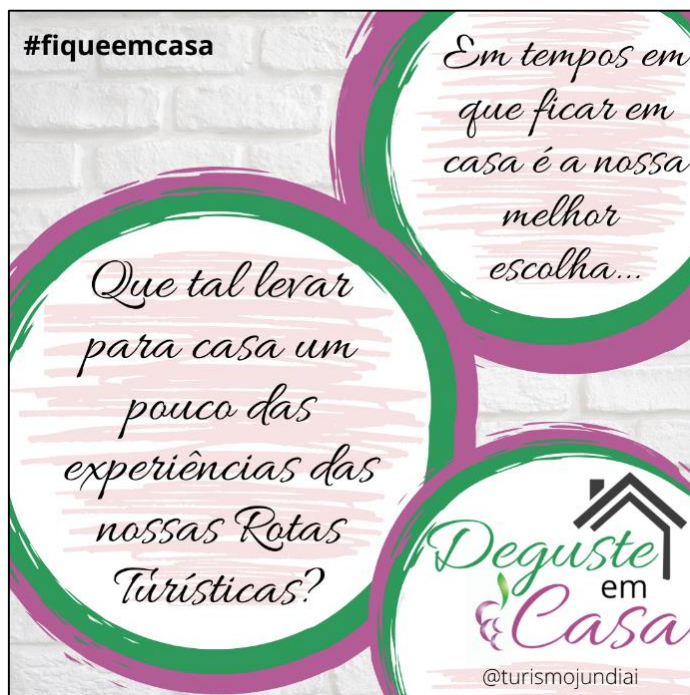
Como forma de amenizar os danos causados ao setor de turismo,

[...] aos proprietários rurais e estabelecimentos, a Prefeitura de Jundiaí, por meio da Unidade de Gestão de Agronegócio, Abastecimento e Turismo (UGAAT) criou em abril de 2020 o projeto Deguste em Casa, que cadastra restaurantes e empreendimentos de turismo rural para fornecer seus produtos via *delivery* ou por sistema de retirada no local (PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2020, n.p).

O projeto desenvolvido pelo Departamento de Turismo da UGAAT chegou a contar com mais de 50 cadastrados – como adegas, vinícolas, restaurantes e cervejarias – cujos nomes

podem ser consultados no *site* do Turismo e na página do Facebook. Na Figura 39 é exposto o *slogan* de divulgação do projeto.

Figura 39. Slogan de divulgação do projeto Deguste em Casa



Fonte: Site Turismo Jundiá, 2020.

A divulgação para cadastro foi realizada entre grupos de turismo e do Conselho Municipal de Turismo (COMTUR). “Por meio de formulário específico, os empreendimentos interessados ou produtores rurais realizaram seu cadastro gratuitamente, e as informações fornecidas embasam o material promocional a ser utilizado nas redes sociais, para divulgação do projeto e dos empreendimentos” (PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2020, n.p).

A Figura 40 demonstra a divulgação por meio das redes sociais de alguns empreendimentos localizados nas Rotas Turísticas que participaram do projeto Deguste em Casa. Na referida Figura é destacado o nome do estabelecimento, as suas especialidades (vinhos, sucos, massas etc.) e o telefone para realização dos pedidos, seguido por sua rede social.

Figura 40. Divulgação por meio de redes sociais de empreendimentos que participaram do projeto Deguste em Casa



Fonte: Facebook - Jundiaí Turismo, 2021.

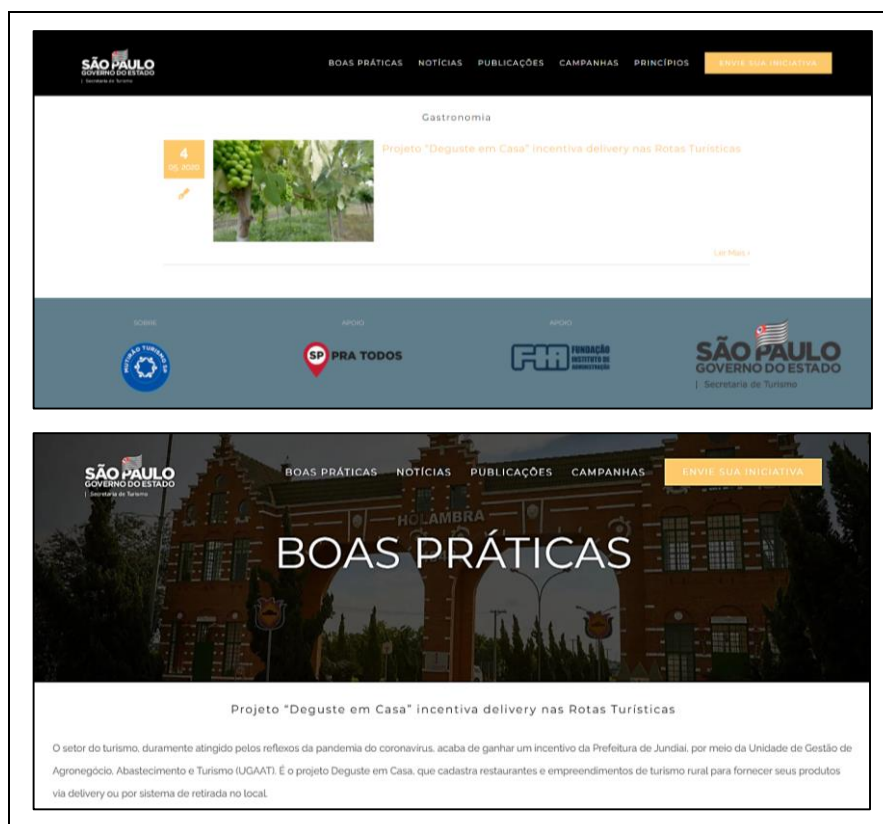
Segundo a Diretora de Turismo, o objetivo do projeto foi também de manter as pessoas em casa durante a quarentena,

[...] além de, estimular os empreendedores a encontrar uma forma de rentabilizar seus negócios em meio a uma pandemia. A proposta é fazer com que os empreendimentos turísticos, muito prejudicados pelo COVID-19, visto que o deslocamento não é incentivado, mantenham suas marcas em evidência, para que possam retomar seus negócios no pós-crise. Como o turismo estrutura-se, essencialmente, na experiência, a ideia é que moradores de Jundiaí e turistas possam ter, em suas casas, um pouco das experiências vivenciadas nestes atrativos turísticos em outros momentos, adquirindo produtos que poderão ser entregues, via *delivery*, ou ainda por meio do sistema de retirada, nos próprios empreendimentos. Os artesãos do Programa Jundiaí Feito à Mão também foram convidados a participar do projeto, visto a possibilidade de comercializarem seus produtos sob encomenda

(ENTREVISTA REALIZADA COM A DIRETORA DE TURISMO MUNICIPAL DE JUNDIAÍ EM FEVEREIRO DE 2021).

Devido a esta iniciativa da Prefeitura Municipal em parceria com a UGAAT, o projeto “Deguste em Casa” foi indicado como exemplo de “boas práticas em turismo rural¹⁵” (Figura 41) pelo Governo do Estado de São Paulo. A notícia foi divulgada no Boletim da Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo.

Figura 41. Projeto Deguste em Casa é indicado como boas práticas de turismo rural em meio a pandemia da COVID-19



Fonte: Mutirão do Turismo, 2020.

A entrevistada ressaltou que a atualização do Plano Municipal de Turismo¹⁶ foi aprovada pela Câmara de Vereadores de Jundiaí. E entre as principais novidades estão as novas metas para 2021, que visam ao aumento do fluxo de turistas em Jundiaí e, consequentemente, fortalecer as empresas voltadas ao setor como a rede hoteleira da cidade.

¹⁵ A página é painel de boas notícias em meio à crise. Dicas inspiradoras, boas práticas e motivos para sorrir e multiplicar as boas ações para ajudar essa fase a passar mais rápido. Disponível em < <https://mutiraodoturismo.com.br/boas-praticas/> > Acesso em 25/01/2021.

¹⁶ O Plano Municipal de Turismo é o instrumento de planejamento mais completo, abrangente e direcionador das atividades em Jundiaí. Ele engloba a análise de todas as variáveis envolvidas com o fenômeno turístico, como a ordenação geopolítica, os recursos naturais e o perfil socioeconômico do município. Disponível em < <https://www.jj.com.br/politica/2020/11/108420-novo-plano-2021.html> > Acesso em 26/01/2021.

[...] atualização precisa ser feita a cada três anos e o plano anterior estava baseado em um cenário bastante diferente deste que vivemos hoje. As mudanças foram feitas principalmente baseadas em reuniões e oficinas com a participação de todos os membros do Conselho Municipal de Turismo da cidade. Entre as metas estão a ampliação de no mínimo 5% no fluxo anual de turismo em Jundiaí, implantar pelo menos duas novas rotas turísticas no município e aumentar em 10% as taxas dos hotéis nos finais de semana. Esse último é o nosso maior desafio para este ano, devido a pandemia, mas com essa vacina agora, estamos confiantes, além de impulsionar nossa presença nas redes sociais (ENTREVISTA REALIZADA COM A DIRETORA DE TURISMO MUNICIPAL DE JUNDIAÍ EM FEVEREIRO DE 2021).

De acordo com a Diretora, o plano já havia sido formulado antes da pandemia, mas nos últimos meses foram desenvolvidas ações que se mantêm nesse momento de retomada.

[...] agimos no sentido de organizar o setor e manter o nome de Jundiaí na mídia para que o município seja um destino desejado e escolhido pelos turistas. A maior publicidade nas mídias sociais é fundamental para o cumprimento das metas de aumento pela demanda no setor. Nosso objetivo é que o município seja ainda mais uma referência como destino para as famílias e as crianças, e um destino turístico inteligente (ENTREVISTA REALIZADA COM A DIRETORA DE TURISMO MUNICIPAL DE JUNDIAÍ EM FEVEREIRO DE 2021).

Expostas as características gerais das seis (6) Rotas Turísticas, os efeitos da pandemia e as ações para tentar minimizar seus efeitos no turismo rural do município de Jundiaí, no próximo subitem será abordada a formação, as características e os atrativos turísticos da Rota Turística da Uva.

3.1. Formação e as características da Rota Turística da Uva no município de Jundiaí

A Rota Turística da Uva (Figura 42) é um circuito turístico no município de Jundiaí que percorre belas paisagens e reúne inúmeros pontos de visitação entre sítios produtivos, adegas e restaurantes. Esses locais possuem histórias interessantes relacionadas à cultura da uva na região, além de oferecer algumas opções gastron micas tais como, vinhos, doces, geleias, pães caseiros e massas tipicamente italianas (SITE TURISMO JUNDIAÍ, 20--).

Figura 42. Slogan da Rota Turística da Uva



Fonte: Prefeitura Municipal de Jundiaí, 2019.

Essa rota possui uma história marcada pela:

[...] imigração italiana e pelo charme das videiras – esta região concentra grande parte da produção de uvas e de vinhos de Jundiaí realizada pelos descendentes de italianos que ali se instalaram. As famílias tradicionais italianas trouxeram consigo não somente a vontade de desbravar um novo país, mas também de plantar aqui suas raízes e reconstruir suas tradições. Com isso, a cultura da uva foi quase uma consequência e, com ela, a produção do vinho. Para a gastronomia tradicional compor as atrações da região foi só mais um passo. A Rota da Uva é uma rota de cores, paisagens e sabores indescritíveis (ROTAS TURÍSTICAS JUNDIAÍ, 2016, n.p).

A capacidade histórica desses produtores,

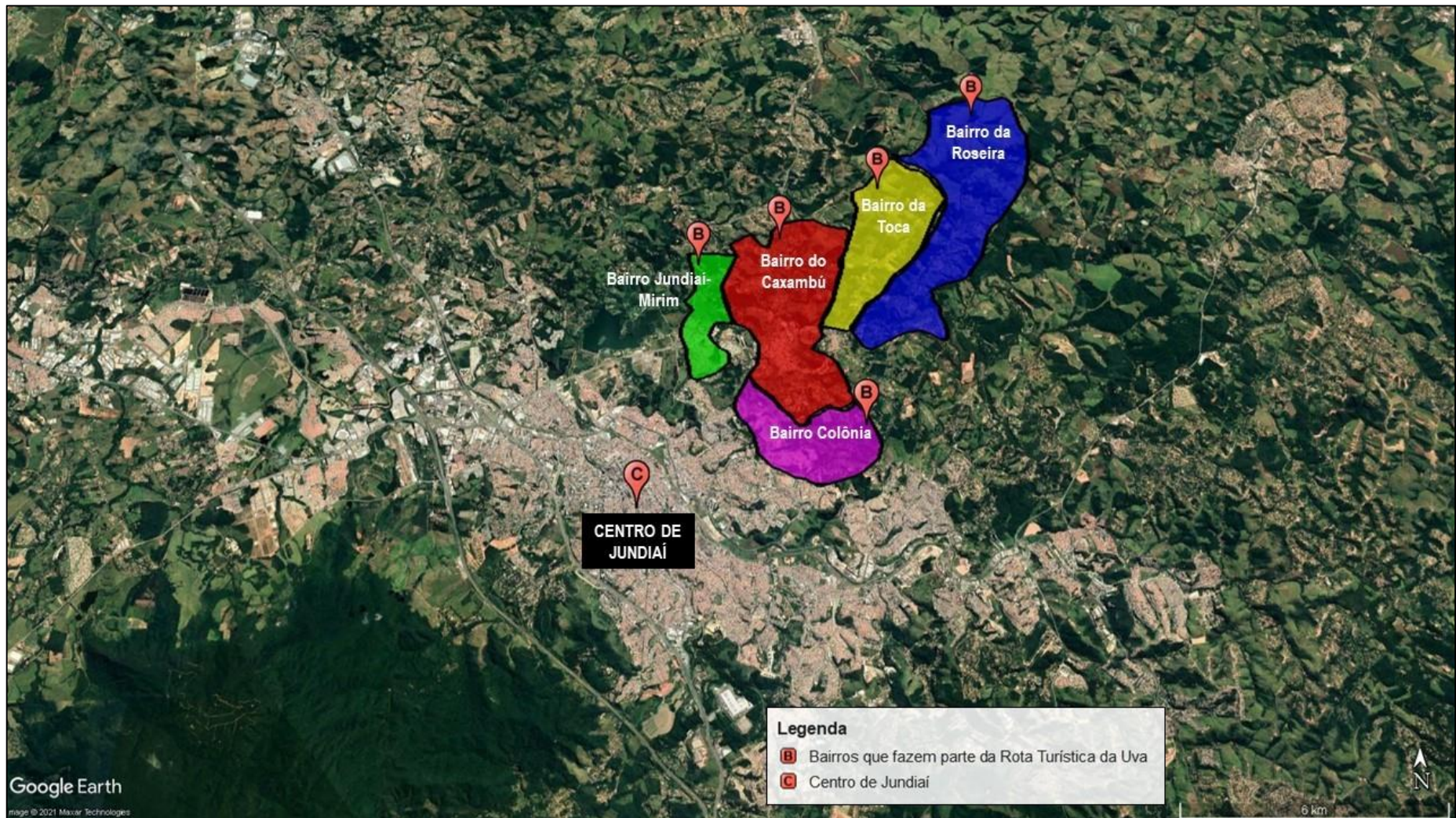
[...] descendentes dos colonizadores italianos do final do século XIX, inspira iniciativas que têm sido muito bem sucedidas. Entre as estratégias dos viticultores da região está a difusão do agrocomércio de produtos derivados da uva (vinho, doces, geleias, etc) e do turismo rural. No agrocomércio, destaca-se o vinho artesanal, que é vendido dentro das propriedades rurais, agregando um caráter de produto típico do campo e enfatizando a tradição e os costumes italianos (SILVA; MENDES, 2005, p. 14.584).

De acordo com o IBGE (2010), a população de Jundiaí é composta por 75% de descendentes de italianos, formando uma das maiores colônias no Brasil. Há décadas são comemoradas/representadas as festas da comunidade como a Festa da Uva e a Festa da Colônia Italiana. Atualmente (2022) esta colônia italiana pode ser revisitada por meio das rotas turísticas, principalmente por meio da Rota Turística da Uva, através das inúmeras adegas

artesanais ainda existentes, propriedades rurais com cultivo de frutas, principalmente da uva, e da produção do vinho ao longo da rota (RIBEIRO, 2019).

Na Figura 43 é possível observar a localização e a extensão territorial dos bairros que compõem a Rota Turística da Uva: Jundiaí-Mirim (distância até a área central da cidade de Jundiaí: 5,4 km) Caxambú (distância até a área central: 8,0 km), Colônia (distância até a área central: 5,0 km), Toca (distância até a área central: 11,0 km) e Roseira (distância até a área central: 13,0 km).

Figura 43. Localização dos bairros que integram a Rota Turística da Uva



Fonte: Google Earth. Elaborado por Tamires Regina Rocha, 2021.

Este setor (norte) do município em que está situada a Rota Turística da Uva é conhecida como “região do Caxambú” que incluiu os bairros Jundiaí-Mirim, Caxambú, Toca, Roseira e Colônia.

Esses bairros, mesmo sendo apontados como rurais, apresentam um alto grau de urbanização e de estabelecimentos no setor de serviços, o que contribui ainda mais para o desenvolvimento do turismo. Os produtores rurais situados nesses bairros têm diversificado suas atividades econômicas para enfrentarem um novo cenário econômico (SILVA; MENDES, 2005).

De acordo com Junqueira Filho (2008), observa-se que em Jundiaí

[...] ao se perguntar sobre o vinho local, devido a denominação “Terra da Uva e do Vinho”, haverá possivelmente a resposta “Você já foi na região do Caxambú? Lá as adegas de italianos fazem vinho”. De forma generalizada, constata-se o reconhecimento de que a “região do Caxambú” é caracterizada, dentre outras formas, pelo ambiente rural, por suas adegas e produção de vinho; o que lhe confere identidade própria e distinta dos demais bairros da cidade (JUNQUEIRA FILHO, 2008, p. 31).

Cabe destacar que algumas propriedades rurais e empreendimentos que participam da Rota Turística da Uva, também fazem parte da Rota Turística do Vinho presente no município, porém, o que prevalece são propriedades e empreendimentos distintos entre as rotas.

A Figura 44 demonstra o caminho que deve ser percorrido para se chegar nesses bairros rurais que fazem parte da Rota Turística da Uva, bem como é apresentada algumas características presentes nestes. Partimos da região central do município de Jundiaí, passando pela rodovia SPA 067/360 até a Avenida Humberto Cereser, principal via que dá acesso aos cinco (5) bairros analisados na rota. Ao longo dessa avenida, que totaliza 14 km, é possível observar diferentes aspectos que serão detalhados.

Figura 44. Características dos bairros rurais localizados na Rota Turística da Uva



Fonte: Google Maps. Org. Tamires Regina Rocha, 2022.

A Avenida Humberto Cereser possui um grande fluxo veicular, pois, dá acesso a diversos serviços que se instalaram nesse setor norte do município, como bancos, lotéricas, mercados, restaurantes, postos de gasolina, padarias, correio, lojas de várias categorias (roupas, calçados, serviços automotivos etc.) e até mesmo indústrias, como por exemplo, a CRS *Brands* Indústria e Comércio LTDA (Cereser)¹⁷. Além disso, é possível encontrar ao longo da avenida adegas de vinho e barracas de comercialização de frutas. Deste modo, a população que reside nesses bairros não precisa se deslocar até a região central para buscar este tipo de serviço. Cabe destacar que nesta avenida há uma grande concentração de condomínios residenciais fechados de classe média e alta.

Conforme já foi enfatizado por Silva e Mendes (2005), esse setor do município de Jundiá possui um alto grau de urbanização, sendo que, as ruas paralelas do lado direito da avenida Humberto Cereser (sentido Centro de Jundiá – Bairros), conforme mostrado na Figura 44, são as que concentram os condomínios fechados de população de classe média desses bairros.

As ruas paralelas do lado esquerdo da avenida Humberto Cereser (sentido Centro de Jundiá – Bairros) são as que dão acesso a grande parte de propriedades rurais dedicadas principalmente ao cultivo da uva, adegas, restaurantes rurais e chácaras de recreio localizadas na Rota Turística da Uva, ainda, percebe-se na Figura 44 que tanto a avenida Humberto Cereser, quanto, as ruas paralelas desta parte da avenida são asfaltadas.

Conforme a Avenida Humberto Cereser vai chegando ao fim, no bairro rural da Roseira e próximo ao município de Jarinu, outros aspectos passam a ganhar relevância neste trecho da avenida: ocorre o predomínio de propriedades rurais que se dedicam principalmente ao cultivo de hortaliças, além de possuir ruas paralelas – que nem sempre são asfaltadas – que dão acessos a loteamentos de moradias popular e chácaras de recreio.

Observa-se que, mesmo ocorrendo a permanência do espaço rural no município, em particular, nos bairros que compõem a Rota Turística da Uva, estes estão em frequente modificação. Os espaços rurais que foram estabelecidos no final do século XIX, por meio da fragmentação da terra e a constituição de uma produção agrícola familiar em pequena propriedade, retratam novos conteúdos espaciais conseguinte de uma expansão urbana que se espalha de maneira acelerada, resultando, em novas relações e novos processos no campo (NORONHA, 2008).

¹⁷ Fundada em 1926, a CRS é hoje uma das maiores empresas de bebidas da América Latina, e líder no mercado de sidras. Os produtos são distribuídos em todo Brasil e estão presentes em mais de 40 países. Disponível em < <https://www.crsbrands.com.br/2020/> > Acesso em: 11/01/2022.

De acordo com Otani; Arraes; Verdi (2007), o município de Jundiaí tem apresentado crescimento das áreas de transição rural-urbana, ou seja, de espaços periurbanos. Para os autores tal fato ocorre principalmente, pois, o município possui sua localização nas proximidades de eixos viários que conectam duas regiões metropolitanas.

As áreas situadas entre a RM de São Paulo e de Campinas estão ligadas por excelentes vias de transporte e infra-estrutura, facilitando a locomoção da população nessas regiões. Em alguns dos municípios da RMSP ainda resistem áreas de parques e de atividade agrícola que compõem uma paisagem bucólica e rural, atrativos que aliados à infra-estrutura estimulam a demanda por moradia nas vizinhanças e aquece o mercado de construção, principalmente de grandes condomínios (OTANI; ARRAES; VERDI, 2007, p. 08).

Portanto, o espaço rural no município de Jundiaí tem se mostrado complexo em razão de sua diversidade em relação ao uso do solo e as atividades que são desenvolvidas. A formação de espaços periurbanos composto por uma complexidade espacial reforça tal fato (NORONHA, 2008).

De um lado, há a permanência de territórios rurais tradicionais constituídos historicamente a partir do trabalho do colono-imigrante e, certamente, pela presença significativa da produção agrícola em regime de pequena propriedade. De outro lado, essas áreas rurais passam a combinar conteúdos e expressões tidos como urbanos. A propriedade privada da terra, as redes de circulação e de acesso às áreas rurais, os distintos usos do solo, em conjunto, traduzem um ‘novo significado de rural’ para além de um modo de vida e de um espaço em que a agricultura seja uma atividade exclusiva (NORONHA, 2008, p. 95).

Deste modo, os cinco (5) bairros que compõem a Rota Turística da Uva possuem características periurbanas, pois mesclam elementos da cultura urbana com a rural. Nessa perspectiva, “reitera-se a atualização do conceito de bairro rural aos estudos geográficos contemporâneos, uma vez que as áreas rurais situadas nas proximidades de centros urbanos resguardam aspectos tipicamente tradicionais que se mesclam com a aceleração da cidade” (OTANI; ARRAES; VERDI, 2007, p. 10).

A Rota Turística da Uva foi a primeira a ser implantada oficialmente no município em janeiro de 2016. Em maio de 2015 um encontro foi realizado em que, foram reunidos quarenta (40) produtores rurais, responsáveis por estabelecimentos (restaurantes rurais, quiosques, etc.) e autoridades públicas, para que se realizasse os passos necessários para a implantação da primeira rota (Rota da Uva) das seis rotas turísticas que já eram previstas para Jundiaí que

visavam valorizar a memória e a identidade de suas comunidades nas diversas atividades que recebem visitantes (PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2015).

Na Figura 45 é apresentado os representantes (produtores rurais, responsáveis por estabelecimentos e autoridades públicas) que estiveram presentes na reunião realizada para formalizar a implantação da Rota Turística da Uva.

Figura 45. Participantes da reunião para a consolidação da Rota da Uva



Fonte: Prefeitura Municipal de Jundiaí, 2015.

No mês de novembro de 2015 foi apresentado o primeiro mapa do projeto de Rotas Turísticas de Jundiaí, que teve sua entrega oficial aos empreendimentos que se organizaram na Rota Turística da Uva. O material orienta o portal eletrônico do roteiro, além de poder ser encontrado no Centro de Informações Turísticas (CIT) do município (PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2015).

Na Figura 46 é possível observar o mapa da Rota Turística da Uva de maneira detalhada. Esse material é essencial para orientar os visitantes que vão até o município de Jundiaí e buscam realizar um *tour* nos pontos turísticos ao longo da rota. Entre os atrativos destacam-se principalmente as adegas e os restaurantes rurais.

Figura 47. Integrantes da Rota da Uva recebendo o mapa e os *folders* referente a rota



Fonte: Prefeitura Municipal de Jundiáí, 2015.

Para conhecer o roteiro, o visitante pode ir por conta própria ou realizar um *tour* guiado pelas empresas de turismo do município. Cabe destacar a empresa Mania de Jundiáí que realiza o passeio com um ônibus modelo retrô de 1978 da empresa São João Turismo. Desde o ano de 2018, nos finais de semana em que é realizada a Festa da Uva no município, essa empresa utiliza o ônibus para levar os visitantes (passagem de R\$ 35,00 por pessoa) que vão até Jundiáí nos pontos do roteiro (propriedades rurais, adegas, restaurantes rurais, barracas de frutas, etc.), tendo saída do Parque Comendador Antônio Carbonari - Parque da Uva (PREFEITURA DE JUNDIAÍ, 2018).

Na Figura 48 é exposto um dos *slogans* de divulgação do passeio realizado pela empresa de turismo Mania de Jundiáí, onde é possível observar o preço e os elementos inclusos no pacote, tais como: transporte, guia de turismo e lanche de bordo.

Figura 48. Slogan de divulgação do passeio realizado pela empresa Mania de Jundiáí

**DOMINGO TURÍSTICO
EM JUNDIAÍ 17/01**

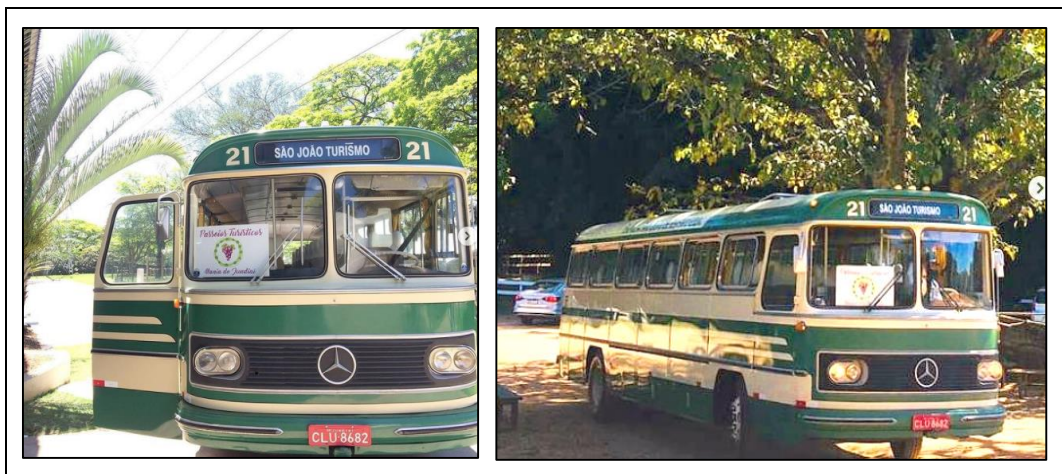
- SAÍDA DE JUNDIAÍ
- 01 pessoa: R\$65,00
- 02 pessoas: R\$120,00
- 03 pessoas: R\$165,00
- Incluso: transporte, guia de turismo, lanche de bordo.
- ✓ Crianças de 0 a 5 não pagam.
- ✓ de 6 a 10 anos, R\$40,00
- ✓ Reservas somente até 05/01.
- ✓ Para grupos com 04 ou mais pessoas, consulte valores.
- ✓ Horário: das 10h às 16h.

ENTRE EM CONTATO:
 (11) 98673-4020
 @maniadejundiai
 Mania de Jundiáí

Fonte: Instagram - Mania de Jundiáí, 2020.

Na Figura 49 é exposto algumas fotos do ônibus retrô da empresa São João Turismo utilizado para realizar os passeios da Rota Turística da Uva.

Figura 49. Ônibus retrô utilizada para passeios no roteiro da Rota Turística da Uva



Fonte: Instagram - Mania de Jundiaí, 2020.

Deste modo, percebe-se que a Rota Turística da Uva apresenta especificidades que, se bem conduzidas e administradas, serão capazes de promover um desenvolvimento integrado e participativo. Entretanto, se faz importante o papel do poder público neste meio cada vez mais valorizado, oferecendo suporte técnico e logístico, além de investir na divulgação de propriedades rurais e empreendimentos situados ao longo da rota, realizando um resgate histórico do lugar como forma de valorização cultural e da vivência da população, resultando assim, no desenvolvimento local e no bem-estar tanto dos participantes da rota, quanto dos visitantes.

A Rota da Uva é composta por **12 adegas, 15 restaurantes rurais e 8 locais especiais** (Quadro 12) com informações constantes no verso do mapa, que apresenta, de maneira clara, os acessos para quem chega da área urbana ou de outros municípios para os bairros que fazem parte da rota.

Quadro 12. Estabelecimentos que fazem parte da Rota Turística da Uva

ESTABELECIMENTOS QUE FAZEM PARTE DA ROTA TURÍSTICA DA UVA		
Adegas	Restaurantes	Locais Especiais
Adega Beraldo di Cali	A Taverna	Fazenda Nossa Senhora da Conceição
Adega Brunholi	Restaurante Família Galvão	Barraca Roseira (Frutas)
Adega do Português	Bar do Mingo Fontebasso	Casa Cereser (Loja de Fábrica)
Adega Fontebasso	Bistecão	Casa da Fazenda (Selaria)
Adega Juca Galvão	Don Martê	Espaço Valsanglau (Cachaçaria e Chocolate)
Adega Marquezin	Estação Fazenda	Por Falar em Uva (Frutas de Época)
Adega Martins	Família Brunholi Restaurante	Sítio Maneco (Frutas e Linguça)
Adega Maziero	O Italianão Bar e Restaurante	Açougue Vera Cruz
Adega Mingotti	Piatti Belli	-----
Adega Negrini	Recanto Marquezin	-----
Adega Sibinel	Restaurante Beraldo di Cale	-----
Adega Vendramin	Restaurantes Carpas	-----
-----	Restaurante Spiandorello	-----
-----	Restaurante Família Fontebasso	-----
-----	Restaurante Vendinha do Alto	-----

Fonte: Prefeitura Municipal de Jundiaí, 2015 – Rotas Turísticas. Org. Tamires Regina Rocha, 2020.

De acordo com o Jornal “Tribuna de Jundiaí” (2018), “semanalmente, cerca de 9 mil pessoas fazem a Rota Turística da Uva, principalmente paulistanos fugindo da correria e estresse da capital e buscando o contato com a natureza e tranquilidade” (JORNAL TRIBUNA DE JUNDIAÍ, 2018, n.p).

Para Kageyama (2008), na atualidade, no meio rural

[...] de praticamente todos os países, há uma grande diversidade de ocupações, serviços e atividades produtivas (residência, paisagem, esportes e lazer), maior interação com o entorno urbano e uma revalorização do rural (pelo turismo, artesanato, etc.) que podem inverter o movimento de uma fração da população em direção às áreas rurais (KAGEYAMA, 2008, p. 12).

O espaço rural passa a ser visto como sinônimo de natureza, tranquilidade, ar puro, alimentos saudáveis, entre outros aspectos, que simbolizam uma melhor qualidade de vida. Nesse contexto, de acordo com Biazzo (2008, p. 28), “nas últimas décadas tem se destacado uma nova percepção do campo, relativo a um modo de vida alternativo e ambientalmente sustentável, correspondente a um resgate da natureza pelos habitantes da cidade que se dirigem ao campo”.

No *site* para a divulgação da Rota Turística da Uva é possível encontrar informações de como se consolidou a rota, fotos dos estabelecimentos que a compõem e informações para contato. Além do *site* oficial de divulgação da Rota Turística da Uva, a Diretora de Turismo Municipal destacou outros meios de divulgação das seis (6) rotas:

[...] logo no processo de implementação das Rotas Turísticas entre 2016-2017 recebemos uma verba em torno de 400 mil [reais] do Governo do Estado de São Paulo, por meio do DATETUR para elaboração de vídeos para promover as rotas turísticas, estes vídeos circulam pelas redes sociais, nos comerciais da TV TEM, ou em festas que ocorrem aqui em Jundiaí, como a Festa da Uva e a Festa Italiana, que também são uma forma de divulgação dessas rotas. Bom, além disso, houve a implantação de sinalização turística, aquelas placas marrons que indicam a localização da rota e o que é possível encontrar por lá, como restaurantes e fazendas históricas [...] E claro, realizamos a divulgação das rotas por meio das redes sociais (Facebook e Instagram) nós temos o Centro de Informações Turísticas - CIT que são um dos responsáveis por ir atualizando as redes sociais com informações sobre as rotas e também realizam atendimento presencial, divulgando materiais dos atrativos que são possíveis desfrutar por lá [...] os próprios responsáveis de seus estabelecimentos ou propriedades rurais também realizam essa divulgação em seus perfis particulares, e é um sucesso, estamos cada vez mais conseguindo atrair um grande número de visitantes em nosso município (ENTREVISTA REALIZADA COM A DIRETORA DE TURISMO MUNICIPAL DE JUNDIAÍ EM FEVEREIRO DE 2021).

Ainda quando perguntada sobre a importância da Rota Turística da Uva para fortalecer o turismo rural no município, a Diretora Marcela Moro destacou

[...] então, aqui destaco não só a Rota da Uva, mas destaco as seis rotas como um todo, o turismo rural é um importante agente na geração de emprego e renda e, é essa visão com a qual tratamos o turismo aqui em Jundiaí, como um setor estratégico para impulsionar a economia e oferecer oportunidades para as pessoas. Esse setor movimenta mais de R\$ 160 milhões por ano aqui no município, recebemos por ano visitantes de 150 cidades, de 16 estados e 14 países. São pessoas que chegam atraídas pelo clima da roça e que ajudam a movimentar o setor. Tudo isto, é uma forma de valorização das atividades rurais, como as adegas, restaurantes e produtos artesanais, além de proporcionar a conservação do cinturão verde da cidade (ENTREVISTA REALIZADA COM A DIRETORA DE TURISMO MUNICIPAL DE JUNDIAÍ EM FEVEREIRO DE 2021).

A Diretora de Turismo Municipal finaliza dizendo que, “a equipe trabalha em quatro frentes. Articulação institucional, gestão técnica e planejamento turístico, desenvolvimento de novos produtos e rotas, e promoção e comunicação” (ENTREVISTA REALIZADA COM A DIRETORA DE TURISMO MUNICIPAL DE JUNDIAÍ EM FEVEREIRO DE 2021).

Portanto, por todas estas características tão peculiares, as Rotas Turísticas de Jundiaí, em particular a Rota Turística da Uva, possuem como característica uma comunidade ítalo-brasileira, sua gastronomia, seu saber-fazer, seu dia-a-dia, seu idioma e toda a sua tradição de mais de 100 anos de história.

No próximo subitem será analisada as estratégias, principalmente aquelas voltadas para o turismo rural, adotadas pelos produtores rurais da Rota Turística da Uva, afim de compreender a pluriatividade das famílias. Também será analisado alguns estabelecimentos (restaurantes rurais, Museu do Vinho e a Fazenda Nossa Senhora da Conceição) que se localizam ao longo da rota, de modo a entender a importância destes estabelecimentos para o fortalecimento do turismo rural no município e para a reprodução social e permanência dos produtores rurais na área de estudo.

3.2. Propriedades rurais localizadas na Rota Turística da Uva: Perfil das famílias

O exercício de caracterizar o perfil das famílias estudadas é de suma importância ao estudo da pluriatividade. Entende-se que a família, como uma instituição social dinâmica, seja capaz de sofrer adaptações e, simultaneamente, desenvolver estratégias individuais e coletivas com vistas à reprodução social e econômica no campo.

Sendo assim, o trabalho empírico foi de fundamental importância para estabelecer o primeiro contato com as famílias rurais. Portanto, será analisada as famílias responsáveis pelas propriedades rurais localizadas na Rota Turística da Uva. Foram visitados e entrevistados os responsáveis por sete (7) propriedades rurais (Tabela 15) que se localizam ao longo dessa rota.

Tabela 15. Propriedades visitadas na Rota Turística da Uva, nome do entrevistado e seu respectivo bairro de localização

Propriedades Rurais Visitadas na Rota Turística da Uva	Nome do Entrevistado	Bairro Localizado
Propriedade Rural da Família Maziero	C.M	Bairro Caxambú
Propriedade Rural da Família Brunholi	P.B	Bairro Caxambú
Propriedade Rural da Família Vendramin	A.V	Bairro Caxambú
Propriedade Rural da Família Beraldo di Cale	S.S	Bairro Colônia
Propriedade Rural da Família Fontebasso	R.F	Bairro Jundiá-Mirim
Propriedade Rural da Família Marquezin	A.M	Bairro da Roseira
Propriedade Rural da Família Galvão	F.G	Bairro da Toca

Fonte: Pesquisa de Campo. Org. Tamires Regina Rocha, 2021.

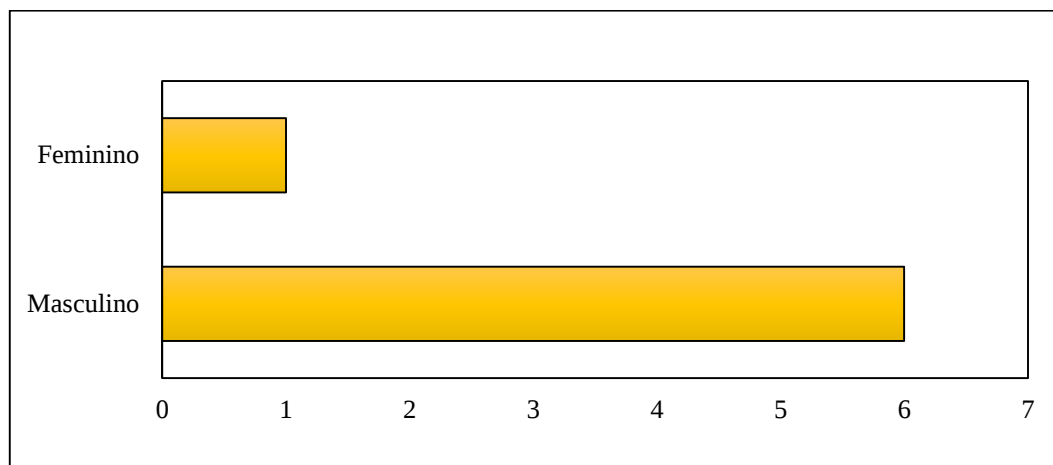
Para uma melhor organização, procurou-se aplicar o questionário¹⁸ diretamente aos responsáveis pela propriedade rural ou com seus filhos(as), devido a pandemia da COVID-19 e as medidas de distanciamento social, pois alguns dos responsáveis pelas propriedades que são de idade mais avançada, preferiram não se expor. Assim, em 67% (4) do total de famílias estudadas, o questionário foi aplicado diretamente com o filho(a), e em 33% (3) a aplicação ocorreu diretamente com o responsável pela propriedade rural.

Verifica-se no Gráfico 4 o predomínio de entrevistados do gênero masculino na Rota Turística da Uva. Dos sete (7) entrevistados, seis (6) foram do gênero masculino, enquanto que, apenas um (1) dos entrevistados foi do gênero feminino, sendo a responsável pela família Beraldo di Cali.

As mulheres sempre desempenharam “um papel fundamental no processo de desenvolvimento sociocultural e econômico do território rural. Sua importância não se limita a participação nas atividades agrícolas ou não-agrícolas, mas sim, está intimamente ligada aos costumes, tradições e valores” (CARNEIRO, 2001, p.1). No caso da entrevistada da família Beraldo di Cale, esta optou por dar continuidade as atividades que a família desenvolvia em épocas passadas, mantendo a tradição familiar em torno da produção da uva e do vinho.

¹⁸ A aplicação do questionário com os filhos ou responsáveis pelas propriedades rurais ocorreu presencialmente, respeitando todos os protocolos de saúde da pandemia de COVID-19: distanciamento social, uso de máscara e álcool em gel.

Gráfico 4. Gênero dos entrevistados nas propriedades rurais da Rota Turística da Uva (em números absolutos)

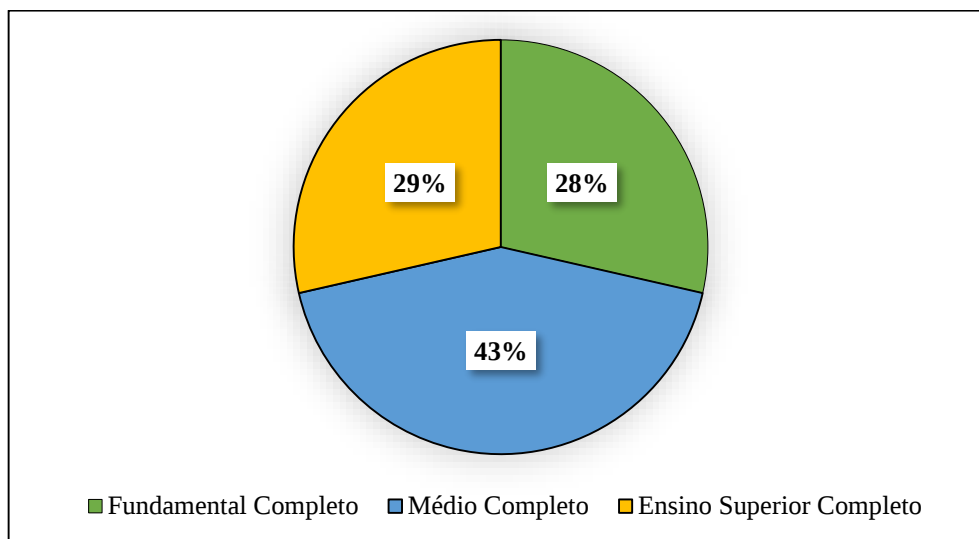


Fonte: Pesquisa de Campo. Org. Tamires Regina Rocha, 2021.

Em relação ao grau de escolaridade, observamos que dois (2) ou 28% do total de entrevistados na Rota da Uva possuem ensino fundamental completo; três (3), ou seja, 43% possuem ensino médio completo; e dois (2) dos entrevistados, ou seja, 29% possuem ensino superior completo (Gráfico 5).

Cabe destacar que os dois (2) entrevistados que possuem ensino superior completo são os filhos dos responsáveis pela propriedade rural da família Brunholi (graduado em administração) e da família Galvão (graduado em agronomia). Os dois (2) entrevistados que possuem ensino fundamental completo são os responsáveis pelas propriedades rurais da família Vendramin e Fontessabo. Enquanto que, os três (3) entrevistados que possuem ensino médio completo, dois (2) são os filhos dos responsáveis pela propriedade rural da família Maziero e Marquezin, e um (1) dos entrevistados é o responsável pela propriedade da família Beraldo di Cale.

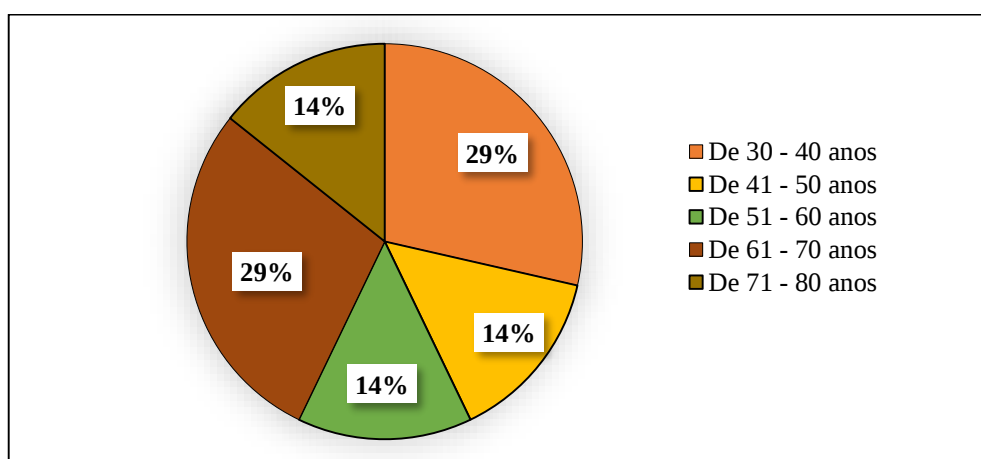
Gráfico 5. Grau de escolaridade dos entrevistados nas propriedades rurais da Rota Turística da Uva



Fonte: Pesquisa de Campo. Org. Tamires Regina Rocha, 2021.

No quesito faixa etária, é possível observar no Gráfico 6 que ocorre o predomínio de entrevistados com idade entre 30-40 anos (29% - entrevistados das famílias Maziero e Galvão) e de 61-70 anos (29% - entrevistados das famílias Fontebasso e Marquezin), além disso, há entrevistados de 41-50 anos (14% - entrevistado da família Brunholi), entre 51-60 anos (14% entrevistada da família Beraldo di Cale) e entre 71-80 anos (14% - entrevistado da família Vendramin).

Gráfico 6. Faixa etária dos entrevistados da Rota Turística da Uva



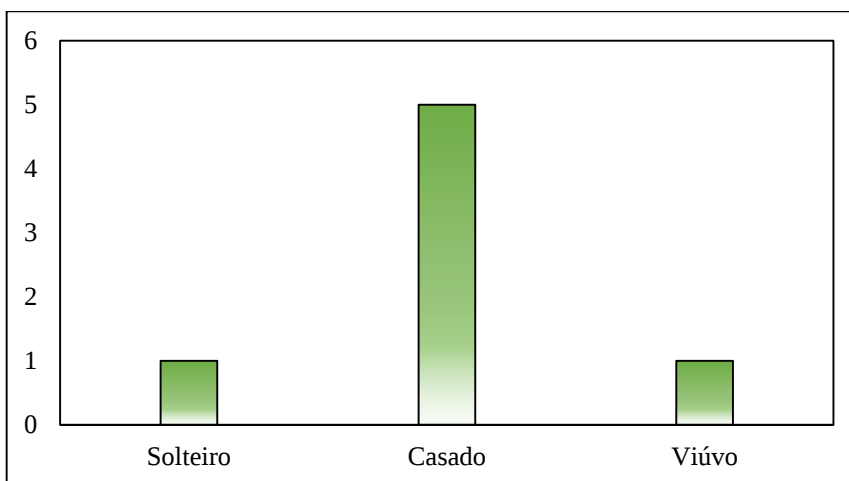
Fonte: Pesquisa de Campo. Org. Tamires Regina Rocha, 2021.

É possível observar o predomínio de entrevistados com faixa etária superior a 51 anos de idade (representando 57%). Esse fato está intimamente associado ao fator herança, uma vez

que se constituem na terceira ou quarta geração familiar em relação ao patriarca. Aqueles entrevistados com faixa etária entre trinta e quarenta anos referem-se aos filhos dos responsáveis pela propriedade rural, sendo que durante a realização da entrevista F.G ressaltou que “o futuro da agricultura depende do envolvimento dessa geração com a prática agrícola, mesmo nos casos em que, membros da família passam a trabalhar fora da propriedade, a agricultura deve ser sempre levada em consideração” (ENTREVISTA REALIZADA COM F.G NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA GALVÃO EM FEVEREIRO DE 2021).

Em relação ao estado civil (Gráfico 7), percebeu-se o predomínio de casais, sendo que cinco (5) ou 71,4% do total de entrevistados são casados; um (1) ou 14,2% dos entrevistados é solteiro (família Galvão); e um (1) ou 14,2% dos entrevistados é viúvo (família Vendramin).

Gráfico 7. Estado civil dos entrevistados da Rota Turística da Uva



Fonte: Pesquisa de Campo. Org. Tamires Regina Rocha, 2021.

Dentre os sete (7) entrevistados, se verificou que nas sete famílias analisadas há familiares aposentados em que, o valor da aposentadoria equivale a um salário mínimo (Base fevereiro de 2021 - R\$ 1.100,00), o que é explicado pela proporção de pessoas com mais de 60 anos. Para os entrevistados, a aposentadoria também é importante no orçamento mensal familiar, mesmo sendo um valor inferior se comparado com as demais rendas da família advindas das atividades agrícolas e do próprio turismo rural. Para a entrevistada, a senhora S.S da família Beraldo di Cale:

[...] com certeza a aposentadoria nos auxilia bastante, **além da minha aposentadoria tem a da minha mãe, e do meu marido**, claro, que o que ganhamos com as atividades aqui na propriedade, tanto nas atividades agrícolas, quanto na adega e no restaurante, é muito maior, mas não podemos desmerecer né, mesmo sendo um valor menor é o que nos sustenta também no nosso dia a dia (ENTREVISTA REALIZADA COM S.S NA

PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BERALDO DI CALE EM FEVEREIRO DE 2021).

Na propriedade rural da família Fontebasso, o entrevistado e a sua mãe são aposentados, enquanto que, na família Marquezin além do entrevistado, os pais responsáveis pela propriedade também são aposentados e a renda auxilia no orçamento familiar; na família Vendramin, apenas o entrevistado é aposentado na propriedade rural; e nas famílias Maziero, Galvão e Brunholi apenas os pais (responsáveis pela propriedade) dos entrevistados são aposentados, porém a renda também complementa o orçamento familiar mensal. O entrevistado da propriedade da família Maziero (C.M) expos que:

[...] eu não sou aposentado, mas tem a aposentadoria dos meus pais que conta bastaste pra gente aqui sim, claro, que a adega compensa muito mais e é uma das nossas principais fontes de renda, mas a aposentadoria deles também é importante (ENTREVISTA REALIZADA COM C.M NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA MAZIERO EM FEVEREIRO DE 2021).

Em relação à renda monetária total familiar (combinação entre a renda advinda com a agricultura e o turismo rural), do total de entrevistados, seis (6 ou 85,7%) ressaltaram que gira acima de 4 salários mínimos (Base R\$ 1.100,00 – janeiro de 2021). Apenas um (1 ou 14,2%) dos entrevistados, da família Vendramin expos que a renda familiar gira em torno de 3 a 4 salários mínimos.

Na Tabela 16 encontra-se sistematizado o número médio de pessoas por família que residem nas propriedades pesquisadas.

Tabela 16. Número médio de pessoas que residem nas propriedades pesquisadas

Nome das Famílias	Número médio de pessoas que residem na propriedade
Família Maziero	5
Família Brunholi	5
Família Vendramin	7
Família Beraldi di Cale	4
Família Fontebasso	7
Família Marquezin	5
Família Galvão	4

Fonte: Pesquisa de Campo. Tamires Regina Rocha, 2021.

De acordo com a Tabela 16 e informações obtidas por meio do questionário aplicado, observa-se que há o predomínio de famílias com 4, 5 e 7 pessoas residindo nas propriedades rurais da Rota Turística da Uva. As famílias Maziero e Brunholi são compostas pelos entrevistados (com idade de 40 e 49 anos, respectivamente), as esposas, os irmãos(as) e os pais que são os responsáveis pela propriedade; a família Vendramin é composta pelo entrevistado que é o responsável pela propriedade (com idade de 75 anos), três filhas, dois genros e uma neta.

Na propriedade da família Beraldo di Cale residem a entrevistada (com idade de 60 anos) responsável pela propriedade, o marido, a filha e a mãe; a família Fontebasso é composta pelo entrevistado (com idade de 67 anos) responsável pela propriedade, a mãe, a esposa, o filho, a nora e dois netos; na família Marquezin residem na propriedade, o entrevistado (com idade de 63 anos), a esposa, o filho e os pais que são os responsáveis pela propriedade rural e, por fim, na família Galvão residem na propriedade o entrevistado (com idade de 37 anos), a irmã e os pais responsáveis pela propriedade.

O entrevistado da família Vendramin ressaltou ter um outro filho, porém, este não reside na propriedade e nem no município de Jundiaí. Essa mesma informação foi fornecida pela entrevistada da família Beraldo di Cale, que possui mais um filho que não reside na propriedade e não se interessa pelas atividades desenvolvidas na área rural; na família Marquezin, o entrevistado ressaltou que possui um outro filho que decidiu por não residir na propriedade, mas sim, por exercer sua profissão (engenheiro civil) e, por fim, o entrevistado da família Galvão expos que possui uma outra irmã, que não reside na propriedade, pois optou por estudar em outro município.

Para o entrevistado da família Vendramin (A.V), a saída dos filhos com o objetivo de trabalhar/estudar fora da propriedade rural tem sido uma tendência crescente nas famílias rurais desde os anos 1980, quando as crises consecutivas com a cultura da uva levaram muitos produtores a reduzirem a área plantada ou mesmo a erradicarem todo o cultivo.

Na Tabela 17 é apresentado os dados sobre o número de pessoas das famílias envolvidas com o processo de trabalho na agricultura.

Tabela 17. Número de pessoas da família envolvidas com o trabalho na agricultura nas propriedades rurais pesquisadas

Nome das Famílias	Número de pessoas envolvidas com o trabalho na agricultura
Família Maziero	3
Família Brunholi	3
Família Vendramin	5
Família Beraldi di Cale	2
Família Fontebasso	4
Família Marquezin	3
Família Galvão	3

Fonte: Pesquisa de Campo. Org. Tamires Regina Rocha, 2021.

Tendo como base as informações da Tabela 17, fica evidente o predomínio de três pessoas envolvidas com o processo de trabalho na agricultura, tratando-se geralmente do responsável pela propriedade, os filhos e os netos. Vale ressaltar que, apenas quatro (4) mulheres (a entrevistada da família Beraldo di Cale, duas filhas do responsável pela propriedade da família Vendramin e a filha do responsável pela propriedade da família Galvão) das sete (7) famílias pesquisadas que participam dos trabalhos na agricultura.

A senhora S.S da família Beraldo di Cale entrevistada ressaltou que:

[...] eu desde pequena ajudava meu pai na parte de agricultura, depois que ele morreu eu fiquei responsável pela propriedade, porque a minha mãe é muito de idade e tem a saúde debilitada, então a gente preferiu por nem envolver mais ela com as atividades aqui da propriedade, claro, eu fico mais aqui na adega e no restaurante e meu marido ajuda mais lá nas uvas, mas sempre que eu posso, gosto de dar uma força (ENTREVISTA REALIZADA COM S.S NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BERALDO DI CALE EM FEVEREIRO DE 2021).

Ficou evidente durante a pesquisa de campo que, enquanto a maioria dos homens realiza os trabalhos voltados para a agricultura, as mulheres ficam encarregadas de realizar os trabalhos na adega e no restaurante da propriedade rural.

No próximo subitem é analisado o perfil das propriedades rurais pesquisadas, bem como a importância da Rota da Uva para os produtores rurais situados nesta localidade.

3.3. Perfil das propriedades rurais e a importância da Rota Turística da Uva para os produtores rurais que fazem parte da rota

Na Tabela 18 são apresentadas os tamanhos (extensão territorial), a área cultivada e as principais lavouras realizadas nas propriedades rurais das famílias localizadas na Rota Turística da Uva.

De acordo com as informações da Tabela 18 é possível observar que ocorre o predomínio de pequenas propriedades rurais na Rota Turística da Uva, principalmente se destacando no cultivo da uva, de modo a realizar a produção do chamado vinho artesanal. Este vinho é produzido conforme as tradições das famílias italianas e sem a utilização de conservantes químicos. Esta vem sendo uma das alternativas encontradas pelos produtores para complementar a renda familiar, além do turismo.

De acordo com Silva (2007), os veículos de comunicação como,

[...] jornais, revistas e *internet* apontam o consumo de vinho como benéfico para a saúde, relacionando-o à longevidade, diminuição do estresse e à redução de problemas cardiovasculares além de associar o consumo de vinho à sofisticação e bom gosto. A valorização da cultura italiana e o resgate de tradições é outro fator importante, visto que aproximadamente 80% da população do município [de Jundiáí] possui ascendência italiana (SILVA, 2007, p. 94).

Tabela 18. Tamanho das propriedades rurais visitadas, área cultivada e as lavouras

Propriedades Rurais Visitadas na Rota Turística da Uva	Tamanho da propriedade	Área da propriedade cultivada (em hectare)	Lavouras
Propriedade Rural da Família Maziero	15 hectares	10 hectares	Uva Niágara Branca/Rosada, Isabél, Corvina, Moscato, Bordô, Malbec
Propriedade Rural da Família Brunholi	13 hectares	8 hectares	Uva Niágara Branca/Rosada, Isabél, Corvina, Merlot, Bordô, Syrah
Propriedade Rural da Família Vendramin	17 hectares	14 hectares	Uva Niágara Branca/Rosada, Isabél, Corvina, Bordô, Banana, Goiaba, Pêssego
Propriedade Rural da Família Beraldo di Cale	13 hectares	9 hectares	Uva Niágara Branca/Rosada, Isabél, Cabernet, Malbec, Mexerica
Propriedade Rural da Família Fontebasso	10 hectares	6 hectares	Uva Niágara Branca/Rosada, Isabél, Cabernet, Corvina
Propriedade Rural da Família Marquezin	12 hectares	8 hectares	Uva Niágara Branca/Rosada, Isabél, Cabernet, Corvina
Propriedade Rural da Família Galvão	10 hectares	2 hectares	Uva Niágara Branca/Rosada, Isabél, Cabernet ¹⁹

Fonte: Pesquisa de Campo. Org. Tamires Regina Rocha, 2021.

¹⁹ **Uva Niágara:** *Vitis labrusca*; **Uva Isabél:** *Vitis labrusca 'Isabella'*; **Uva Corvina:** *Vitis vinifera 'Corvina'*; **Uva Moscato:** *Vitis vinifera 'Muscat'*; **Uva Bordô:** *Ives*; **Uva Malbec:** *Vitis vinifera 'Malbec'*; **Uva Syrah:** *Vitis vinifera 'Syrah'*; **Uva Merlot:** *Vitis vinifera 'Merlot'*; **Uva Cabernet:** *Vitis vinifera 'Cabernet Sauvignon'*. Disponível em < <https://www.arteblog.net/2008/04/12/nomes-cientificos-de-frutas/> > Acesso em 12/05/2021.

Para Verdi *et al.*, (2010), durante muitos anos, a principal variedade de videira e a mais plantada na região foi a *Isabél*, depois foi substituída pela *Seibel2*, e esta foi substituída pela cultivar *Niagara Branca* e depois pela *Niagara Rosada*. No ano de 2010 havia o predomínio do cultivar *Niagara Rosada*, como podemos perceber na Tabela 19, entretanto, outras variedades também já haviam apresentado expansão.

Tabela 19. Principais variedades uvas cultivadas no município de Jundiáí no ano de 2010

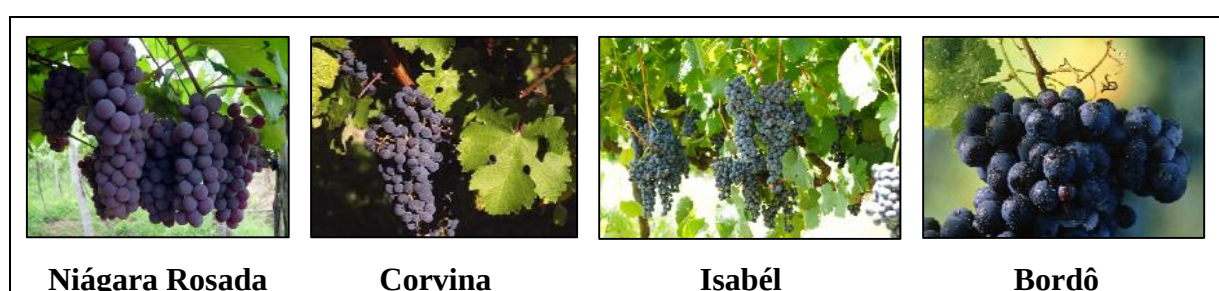
CULTIVAR	NÚMERO DE CASOS	CULTIVAR	NÚMERO DE CASOS
Niagara	280	Barbera	1
Corvina (Seibel2)	39	Brasil	1
Isabél	35	Jacquez	1
Bordô	21	Juliana	1
Máximo	17	Maria	1
Moscatel	5	Merlot	1
Cabernet	2	Paulistinha	1
Moscato	2	Rainha	1
Patrícia	2	Sanchez	1
Syrah	2	Violeta	1

Fonte: Verdi *et al.*, (2010). Org. Tamires Regina Rocha, 2021.

Atualmente (2022) é perceptível que há o cultivo de algumas das variedades de uvas destacadas por Verdi *et al.* (2010) nas propriedades rurais da Rota Turística da Uva (Tabela 18). Destaca-se também uma nova variedade que passou a ser cultivada e não foi mencionada pela autora, a variedade *Malbec* na propriedade rural da família Maziero.

Na Figura 50 é exposto as quatro (4) principais variedades de uvas cultivadas no município de Jundiáí.

Figura 50. Principais variedades de uvas cultivadas no município de Jundiáí



Fonte: Vicente, 2013, p. 69.

Destaca-se que a principal forma de acesso à terra pelas famílias estudadas na Rota da Uva se deu por meio da herança, tendo em vista que a propriedade pertencia à gerações anteriores da família.

Em relação ao processo de adesão das propriedades rurais à Rota Turística da Uva, dos sete (7) entrevistados, seis (6) (família Maziero, Brunholi, Vendramin, Beraldo di Cale, Marquezin e Galvão) ressaltaram que ocorreu por iniciativa do poder público municipal, através de convites para participarem de reuniões realizadas pela equipe da UGAAT que abordava as vantagens que teriam de participar da rota. Apenas um (1) entrevistado ressaltou que ocorreu por iniciativa da própria (família Fontebasso) pois, de acordo com o entrevistado, a família não tinha interesse em participar da rota e não compareceu as reuniões, entretanto, após o incentivo (de vários produtores rurais) e eles perceberam a importância – principalmente no quesito divulgação – que a participação na rota traria para a propriedade rural, resolveram entrar em contato com a Prefeitura Municipal para a sua inserção.

Sobre a participação dos produtores rurais nas decisões tomadas pelo poder público municipal para fomentar o turismo nas rotas, os entrevistados ressaltaram que ocorrem duas reuniões durante o ano: geralmente uma em janeiro, na qual, os participantes das seis (6) Rotas Turísticas estão presentes; e outra em junho, com os participantes de cada rota individualmente. Nessas reuniões são realizados debates sobre os investimentos que a Prefeitura Municipal pretende realizar nas rotas, tendo como base a verba recebida pelo Governo do Estado de São Paulo, além de que, os produtores rurais também expõem suas demandas e, após várias discussões, decide-se o que se pode ser feito.

De acordo com as entrevistas realizadas, ficou nítido o incômodo dos produtores rurais com essa dinâmica, considerando ser necessário a criação de uma associação para que se tenha uma melhor organização e um representante que possa levar as demandas até a prefeitura de maneira mais organizada em outros períodos do ano, não apenas durante a realização dessas duas reuniões. Porém, percebeu-se durante a realização das entrevistas por meio do questionário, que mesmo os entrevistados sabendo da necessidade de criação da associação, ainda se faz necessário que um desses produtores rurais ou responsáveis pelos estabelecimentos, “lidere” este movimento para que possa organizar reuniões entre os possíveis associados e, assim, realizar os passos necessários para a criação e consolidação da associação.

Entretanto, mesmo com este fato, para os entrevistados a rota vem atendendo as expectativas, principalmente no quesito divulgação dos atrativos turísticos e dos produtos comercializados nas propriedades rurais e restaurantes.

Quando perguntamos se o poder público ofereceu algum curso voltado para o turismo, os entrevistados ressaltaram que, em 2016, a Prefeitura Municipal, em parceria com o SENAC²⁰ do município de Jundiaí, ofereceu um curso com duração de quatro (4) meses para os participantes das Rotas Turísticas voltado para o gerenciamento e recepção de turistas. Em 2017 foi ofertado um novo curso, este com uma duração de três (3) meses, em parceria com o SEBRAE²¹ do município de Jundiaí, voltado para o empreendedorismo em pequenos negócios. De acordo com o entrevistado da família Brunholi:

[...] foi muito bom os cursos, principalmente pra quem nunca tinha tido contato com esse assunto em um jeito tão específico, no meu caso e do meu irmão, eu fiz faculdade de administração e ele de contabilidade então já tínhamos tido contato com algumas coisas, mas tinha muita gente que faz parte das rotas que não, então foi bem proveitoso, eu e meu irmão sempre que aparece algo diferente de curso a gente tenta fazer nem que for online, principalmente voltado pro turismo mesmo e eu sempre ouço o pessoal falando que quando aparece algum curso eles também estão fazendo (ENTREVISTA REALIZADA COM P.B NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BRUNHOLI EM FEVEREIRO DE 2021).

Em relação aos problemas que o turismo rural trouxe para o bairro e/ou município, os entrevistados, assim como a Diretora de Turismo Municipal, ressaltaram o fluxo veicular, que durante a semana já é bem presente no município, porém, com a intensificação das atividades voltadas para o turismo rural e com as Rotas Turísticas, há um intenso fluxo de veículos aos finais de semana, principalmente nos bairros em que se localizam as rotas. O entrevistado da família Maziero expôs que:

[...] essa região do Caxambú creio eu que é umas das mais movimentadas, porque aqui estão duas rotas né, a Rota da Uva e a Rota do Vinho e é onde estão um número grande de adegas e restaurantes, por isso de final de semana é um pouco mais complicado de andar porque é o dia que o pessoal mais vem, antigamente o Caxambú não tinha nada, hoje em dia aqui tem de tudo e é umas das principais regiões de Jundiaí por isso o movimento é maior também (ENTREVISTA REALIZADA COM C.M NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA MAZIERO EM FEVEREIRO DE 2021).

²⁰ Desde 1946, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC é o principal agente de educação profissional voltado para o Comércio de Bens, Serviços e Turismo do País. Disponível em < http://www.uel.br/projetos/minhacarreira/?page_id=33#:~:text=O%20Servi%C3%A7o%20Nacional%20de%20Aprendizagem,j%C3%A1%20foram%20prestados%20pelo%20Senac > Acesso em 08/03/2021.

²¹ O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) é uma entidade privada sem fins lucrativos. É um agente de capacitação e de promoção do desenvolvimento, criado para dar apoio aos pequenos negócios de todo o país. Desde 1972, trabalha para estimular o empreendedorismo e possibilitar a competitividade e a sustentabilidade dos empreendimentos de micro e pequeno porte. Disponível em < https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/canais_adicionais/o_que_fazemos > Acesso em 08/03/2021.

Por fim, quando perguntamos se o turismo rural ajudou a valorizar a cultura local, os sete (7) entrevistados ressaltaram que o desenvolvimento desta atividade foi sim uma maneira de criar possibilidades para a revalorização da identidade cultural, da preservação de patrimônios, bens culturais, tradições e costumes. Essa revalorização pode ser evidenciada a partir da gastronomia e das festividades que normalmente se ressaltam como atrativos da atividade turística no meio rural, por remeterem às peculiaridades locais. Muitas vezes esses elementos estavam perdidos no tempo, não eram tão valorizados ou praticados e, em função do fortalecimento do turismo rural e com as Rotas Turísticas, acabam sendo retomados.

No próximo subitem será analisada as atividades praticadas no interior e no exterior das (7) sete propriedades rurais localizadas na Rota Turística da Uva, e as rendas não-agrícolas obtidas, caracterizando as famílias como pluriativas.

3.4. Atividades e rendas agrícolas e não-agrícolas no exterior e interior das propriedades rurais na Rota Turística da Uva

A primeira propriedade rural visitada na Rota Turística da Uva foi a da família Maziero localizada no bairro rural do Caxambú. Verificou-se que, além das plantações e da comercialização da uva, a família diversifica a obtenção de renda mensal com a comercialização de produtos em uma adega localizada na propriedade da família. Na Figura 51 é apresentada a localização da adega na propriedade rural da família.

Figura 51. Localização da adega Maziero na propriedade rural da família



Fonte: Google Earth. Elaborado por Tamires Regina Rocha, 2021.

De acordo com o entrevistado (filho do responsável pela propriedade), a propriedade rural foi incluída na Rota Turística da Uva desde a sua implementação em 2016 e a opção por participar da rota ocorreu pois traria maior visibilidade à propriedade devido aos meios de divulgação que são utilizados pela Prefeitura Municipal e pelos investimentos que são realizados nos locais em que se localizam as rotas. O entrevistado ainda ressaltou que:

[...] não vejo desvantagem que a rota tenha trazido pra gente, pra mim foi só vantagem, com as rotas percebi que muita gente que nunca tinha vindo aqui porque não conhecia, passou a conhecer, a prefeitura faz um trabalho muito bom, nós participamos de duas rotas, da uva e do vinho, e tudo é divulgado, tanto as rotas, quanto os sítios de todo mundo que participa, é na internet por meio de páginas que foram criadas, *facebook*, *instagram*, em festa que ocorre aqui da região, principalmente a Festa da Uva, até ao andar pela cidade a gente percebe a divulgação com placas de publicidade e na televisão que aparece comercial divulgando as rotas, os sítios, restaurantes, já vieram gravar comigo e com meu pai algumas vezes (ENTREVISTA REALIZADA COM C.M NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA MAZIERO EM FEVEREIRO DE 2021).

De acordo com as informações relatadas pelo entrevistado C.M, um dos herdeiros da propriedade rural da família Maziero, o cultivo da uva é realizado pela família há mais de 70 anos e ainda representa uma das principais fontes de renda familiar.

[...] a família Maziero chegou aqui no Brasil em 1888, com os meus bisavôs e eles se instalaram na cidade de Araras e trabalhavam em várias fazendas de café da região. Após alguns meses, ainda morando em Araras, o meu bisavô recebeu a visita do então amigo Leopoldo Mingoti, inclusive a família Mingoti está por aqui até hoje também, mas então, o seu Leopoldo comentou que havia sido encaminhado para trabalhar nos cafezais aqui de Jundiaí e ofereceu ao meu bisavô terras aqui no bairro do Caxambú, foi aí que ele começou o plantio de uvas e a produção do vinho para consumo próprio (ENTREVISTA REALIZADA COM C.M NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA MAZIERO EM FEVEREIRO DE 2021).

A renda obtida com as atividades agrícolas equivale a 25% da renda total familiar mensal, enquanto que 60% da renda equivale a prática do turismo rural através da adega da família, 10% equivale ao trabalho de dois familiares (irmão e esposa do entrevistado) no exterior da propriedade rural e 5% é representado pela aposentadoria dos responsáveis pela propriedade rural.

Em relação à comercialização da fruta cultivada (Foto 1), o principal destino é o CEASA²² de Campinas e São Paulo, sendo que, há a atuação do intermediário. A propriedade de 15 hectares possui cerca de 80 mil pés de uvas.

Foto 1. Plantação de uva na propriedade rural da família Maziero



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Quando perguntado em relação à mão de obra utilizada na propriedade, C.M ressaltou a familiar na administração da propriedade e dos negócios, principalmente dele, do irmão e do pai (responsável pela propriedade). Além disso, ressaltou que existem dez (10) trabalhadores mensalistas (que recebem um salário mínimo - Base fevereiro de 2022 - R\$ 1.212,00) que auxiliam em todo processo produtivo, desde o plantio e colheita da uva até a seleção e distribuição nas caixas. Na Foto 2 é possível observar empregados mensalistas que trabalham na propriedade da família.

Entretanto, o entrevistado reforçou que sempre que necessário ou possível auxilia nas atividades da agricultura, juntamente com o irmão e o seu pai (responsável pela propriedade) que mesmo de idade faz questão de sempre estar presente e auxiliando nas plantações de uva, além do mais, destacou o auxílio da esposa e da sua mãe no processo de seleção e distribuição da fruta nas caixas.

²² CEASA é a sigla para Centrais Estaduais de Abastecimento. As Ceasas são empresas estatais ou de capital misto (público e privado), destinadas a aprimorar a comercialização e distribuição de produtos hortifrutigranjeiros. Hoje, a grande parte das frutas, legumes e flores comercializadas em feiras, supermercados, restaurantes e sacolões foram por eles compradas através das Ceasas. Disponível em < <https://www.ceasa-ce.com.br/acesso-a-informacao/perguntas-frequentes/> > Acesso em: 15 de março de 2021.

Foto 2. Trabalhadores mensalistas da propriedade da família Maziero



Fonte: Pesquisa de Campo. Foto fornecida pela família Maziero, 2021.

Em relação às atividades não-agrícolas praticadas no interior da propriedade, o entrevistado destacou a produção e comercialização do vinho na adega da família também localizada na propriedade rural.

[...] a produção de vinho já é antiga e começou lá com meu bisavô e depois com o meu vô, tudo em pequenas quantidades só pra consumo próprio mesmo sabe, naquele método tradicional ainda de se amassar a uva com pés, naquela época tinha só uns 300 pés de uva. Depois passou pro meu pai, que também no início fazia só pra consumo próprio mesmo e pra vender aqui pelo bairro, aí aos poucos fomos abrindo para o público e hoje praticamente a gente vive disso [...] foi o meu pai ainda criança que decidiu vender os vinhos produzidos na propriedade, o meu pai começou a fazer e vender alguns garrafões, bem pouco mesmo com 13 anos, o meu avô ensinou e ele fez sozinho, a partir daí ele seguiu e não parou mais. Hoje, é eu, meu pai e meu irmão que fica mais responsável pelo preparo do vinho [...] mas quem fica mais aqui na adega é eu e meu pai, meu irmão fica as vezes até porque ele trabalha fora, a minha esposa e a minha mãe também as vezes dá uma força principalmente em dias de muito movimento (ENTREVISTA REALIZADA COM C.M NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA MAZIERO EM FEVEREIRO DE 2021).

Entretanto, de acordo com que foi relatado pelo entrevistado, após a criação da Cooperativa Agrícola dos Produtores de Vinho - AVA, que realmente o seu pai se propôs a intensificar a produção de uva, pois tinha o interesse de produzir o vinho artesanal com mais qualidade. Desta maneira, por meio da cooperativa passou a contar com um químico responsável pela análise dos produtos, com os custos divididos entre os produtores cooperados, favorecendo para otimizar custos com matéria prima, transporte e divulgação de seus produtos em nível local e nas feiras da região (Foto 3). Assim, a produção de uva e o vinho passaram a abastecer as tradicionais festas locais.

Foto 3. Algumas das variedades de vinhos que são comercializados na adega Maziero



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

A família Maziero exerce grande influência no direcionamento das estratégias produtivas, servindo como referência para outros produtores locais. C.M ressaltou que:

[...] a nossa família foi uma das primeiras a assumirem os riscos de aumentar a produção de uva e investir na produção de vinho, resolvemos investir pesado no turismo rural, até porque o momento exigia, não dava mais para se acomodar só com a renda que vinha da agricultura, então, melhoramos a estrutura da nossa adega e depois disso os outros produtores também começaram a arriscar mais, investir mais sabe, e com ações desenvolvidas pela prefeitura para aumentar o turismo rural aqui em Jundiá nos incentivou a cair de cabeça mesmo, como eu já comentei, hoje a gente vive disso, 60% da nossa renda vem do turismo rural, da nossa adega (ENTREVISTA REALIZADA COM C.M NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA MAZIERO EM FEVEREIRO DE 2021).

O entrevistado afirmou que o seu pai (responsável pela propriedade) possui uma pequena plantação de uva na Região Sul do país para garantir sua produção, em caso de algum evento climático:

[...] é uma pequena plantação lá no sul, ele tem uma parceria lá, metade é do meu pai e metade é da outra pessoa, mas é mais por emergência mesmo, porque por exemplo, se tiver uma perda aqui de uva, não tem como fazer o vinho para o outro ano, e aí não dá né, imagina deixar a freguesia um ano sem vinho, então temos de prevenir e não remediar muito (ENTREVISTA REALIZADA COM C.M NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA MAZIERO EM FEVEREIRO DE 2021).

A família produz cerca de 90 mil litros anualmente de vinho e a produção sempre é destinada para o ano seguinte, pois o processo é demorado. Além dos vinhos, a família produz licores, cachaças e sucos de uvas e os comercializa na adega da família (os produtos variam de

R\$ 25,00 a R\$ 35,00), cabe a destacar que, os vinhos são distribuídos para mais de 20 igrejas católicas da região.

A produção de vinho da família ficou mundialmente conhecida após o Papa Bento XVI celebrar a missa em sua vinda ao Brasil em 2007 e consumir o vinho (Foto 4). O vinho servido para a celebração foi o rosê suave.

De acordo com o entrevistado C.M

[...] pra gente foi um orgulho, uma satisfação servir o vinho do Papa [...] uma imensa comissão de bispos e padres do Brasil inteiro fizeram uma seleção de 23 vinhos em 23 adegas, depois das análises que fizeram, ficou só 3, e o nosso foi escolhido como o que tinha mais pureza (ENTREVISTA REALIZADA COM C.M NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA MAZIERO EM FEVEREIRO DE 2021).

Foto 4. Matéria de um jornal local sobre a vinda do Papa Bento XVI ao Brasil exposta na Adega Maziero



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Em 2013, ele voltou a fornecer o vinho que foi servido no almoço do Papa Francisco em sua primeira vinda ao país. A indicação foi feita por padres que levaram o vinho até a cidade de Aparecida do Norte, onde a missa seria celebrada pelo Papa Francisco, e o vinho foi novamente selecionado, sendo da variedade moscato seco e bordô seco.

Os clientes que chegavam ao local ficavam à vontade para degustar os vinhos²³ e então fazer a melhor escolha. Há uma grande variedade de vinhos e o ambiente é bastante agradável.

²³ Devido aos protocolos de saúde da COVID-19, as degustações em todas as adegas de vinho do município de Jundiá estão suspensas.

No interior da adega (Foto 5) há enormes máquinas e tambores para o armazenamento dos vinhos e ainda oferece espaço para pequenos eventos.

O entrevistado C.M. ainda expôs que:

[...] a ideia de o espaço estar aberto para degustação sempre existiu, meu pai sempre dizia e nos ensinou, que nunca fui miserável para dar vinho e isso já veio de casa, quando chegava visita na casa do meu avô a primeira coisa que ele fazia era colocar um garrafão de vinho em cima da mesa e copos para tomarem [...] e o pessoal adora isso aqui, estar aqui sabe, conversar com a gente, degustar os produtos, sobe lá na uva tira foto, acho que a tranquilidade, o sossego que o lugar trás isso que encanta as pessoas (ENTREVISTA REALIZADA COM C.M. NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA MAZIERO EM FEVEREIRO DE 2021).

Foto 5. Interior da adega Maziero, os toneis para armazenamento do vinho e os vinhos para comercialização



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

No interior da adega existem algumas máquinas antigas de mais de 100 anos, entre elas destaca-se um rolhadeira que era empregada para colocar a rolha nas garrafas de vinhos e uma prensa que era utilizada para espremer o bagaço da uva e retirar o restante do suco. Atualmente as máquinas não são mais utilizadas, estando apenas para exposição (Foto 6). O entrevistado não informou com que recursos a adega foi iniciada.

Foto 6. Rolhadeira e Prensa antiga na adega Maziero



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Há também na adega, uma área reservada para a venda de outros produtos adquiridos em municípios de Minas Gerais – MG. Entre eles destacam-se os pães, queijos e doces (Foto 7) (que variam de R\$ 10,00 à R\$ 30,00).

Foto 7. Produtos comercializados na adega Maziero



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Na Foto 8 é exposta o exterior da adega da Maziero e ao fundo está localizada a residência da família. A adega funciona de segunda-feira à sábado, das 08:00 às 17:00 horas e aos domingos e feriados, das 08:00 às 15:00 horas.

Foto 8. Exterior da adega Maziero e a residência da família



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Em relação às atividades não-agrícolas desenvolvidas no exterior da propriedade rural, o entrevistado ressaltou o trabalho do irmão e da esposa no setor industrial durante a semana, porém, nos finais de semana, os dois auxiliam nas atividades da propriedade.

[...] o meu irmão e a minha esposa não gostam de ficar parado em um lugar só, eles gostam de estar o tempo todo fazendo algo, então foi mais uma opção própria mesmo deles irem trabalhar fora, meu irmão faz 12 anos que trabalha na mesma empresa e minha esposa faz 7, por um lado é bom né, que é mais uma renda que nos ajuda aqui, mas se eles não trabalhassem, acredito que também conseguiríamos viver tranquilos com venda da uva e do vinho (ENTREVISTA REALIZADA COM C.M NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA MAZIERO EM FEVEREIRO DE 2021).

A segunda propriedade rural visitada na Rota Turística da Uva foi a da família Brunholi, também localizada no bairro rural do Caxambú. A família é um exemplo clássico de expansão do pequeno agricultor, pois transformou as terras que abrigavam apenas plantações de uva para fabricação de vinhos e sucos em algo maior - um complexo turístico - a Villa Brunholi (Foto 9) - que reúne adega (para vender os produtos fabricadas no local: vinhos,

licores, geleias, sucos, doces, massas, etc.), restaurante, Museu do Vinho (esses dois últimos serão analisados detalhadamente, como já foi destacado no início do relatório), pomar de frutas, criação de animais e plantação de uva. De acordo com o entrevistado, o complexo foi construído através de recursos provindos de 50% por meio de financiamento bancário e 50% com recursos próprios.

Foto 9. Entrada do complexo turístico Villa Brunholi



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Na Figura 52 é apresentada a localização da adega, do Museu do Vinho e do restaurante da família na propriedade rural.

Figura 52. Localização da adega, do Museu do Vinho e do restaurante na propriedade rural da família Brunholi



Fonte: Google Earth. Elaborado por Tamires Regina Rocha, 2021.

A propriedade rural também foi incluída na Rota Turística da Uva desde a sua implementação em 2016 e a opção da família por participar da rota ocorreu por ser uma das propriedades mais tradicionais de Jundiaí que oferece uma grande gama de atrativos turísticos para os visitantes, além de que, a participação na rota, contribuiu para uma maior divulgação da propriedade. O entrevistado P.B destacou que

[...] pra nossa família a formação das rotas foi sensacional em todos os sentidos, principalmente no quesito investimentos aqui na região do Caxambú em sinalização turística, a prefeitura vem trabalhando bastante pra atender as demandas de todos, mas pra mim o principal é a divulgação que tomou uma proporção muito grande, principalmente pelas redes sociais, tudo é divulgado, adega, restaurante, museu, nas festas e tem a parceria com a TV TEM, já gravaram programa com a gente duas vezes, fora que sempre passa algum comercial divulgando [...] de desvantagem, não é bem uma desvantagem, mas o que podia melhorar, nos participantes das rotas estamos querendo formar uma associação sabe, sem fins lucrativos nada, mas sim, pra ter um responsável mesmo eu consiga levar as demandas e as dificuldades para a prefeitura durante todo o ano, acreditamos que seria bem mais fácil pra organizar (ENTREVISTA REALIZADA COM P.B NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BRUNHOLI EM FEVEREIRO DE 2021).

De acordo com o entrevistado P.B. ele faz parte da quarta geração da família e a produção da uva vem desde a época do seu bisavô:

[...] o meu bisavô Antônio Brunholi veio da Itália para o Brasil em 1889 junto com a maioria dos imigrantes italianos, quando ele chegou aqui no Brasil ele foi para a cidade de Itatiba na plantação de café e conheceu a minha bisavó e tiveram 11 filhos. Depois de alguns anos conseguiu comprar um pedaço de terra em Jundiaí aqui no Caxambú onde começou com a sua plantação de uva, porém, só o meu vô e depois o meu pai seguiu aí na plantação da uva (Foto 10) no sítio (ENTREVISTA REALIZADA COM P.B NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BRUNHOLI EM MARÇO DE 2021).

Foto 10. Plantação de uva na propriedade rural da família Brunholi



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

De acordo com o entrevistado, a renda obtida com as atividades agrícolas é muito inferior (equivale a 20% da renda total familiar mensal) se comparada com a renda advinda das atividades relacionadas ao turismo rural desenvolvidas na propriedade que representam 70% da renda total e 10% da renda refere-se à aposentadoria dos pais responsáveis pela propriedade. Segundo o entrevistado, a comercialização da fruta (uva) só ocorre com uma barraca de frutas localizada na cidade de Jundiaí (Barraca da Nilce – Por Falar em Uva) que pode ser observada na Foto 11.

[...] então, como nós resolvemos investir muito na nossa propriedade, no turismo rural em si né, com o restaurante, adega, a gente utiliza mais a uva hoje para a produção do vinho, o nosso foco não é mais tanto a comercialização da fruta, então nós reduzimos a área plantada, antigamente tínhamos uns 80 mil pés, hoje só estamos com uns 50 mil, então o que dá pra comercializar só vendemos pra barraca da Nilce que também vende produtos de outros produtores e do próprio sítio dela (ENTREVISTA REALIZADA COM P.B NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BRUNHOLI EM FEVEREIRO DE 2021).

Foto 11. Barraca de Frutas da Nilce (Por Falar em Uva) em que a família Brunholi comercializa suas uvas



Fonte: Pesquisa de Campo. Tamires Regina Rocha, 2021.

Na propriedade rural é possível encontrar um espaço destinado à criação de animais, conhecido como “mini fazendinha” (Foto 12). Neste espaço, encontra-se a criação de cavalos, do cavalo *miniature horse*²⁴, além de porcos, cabras, bodes, coelhos, galinhas, entre outros, que podem ser visitados pelos turistas que vão até a propriedade rural.

Foto 12. Mini fazendinha da propriedade rural da família Brunholi



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

De acordo com o entrevistado P.B:

[...] durante a semana, todos ficam soltos no sítio. Aos finais de semana, eles vêm nos visitar e, para isso, preparamos uma estrutura pensada no bem-estar animal, com bebedouros automáticos para garantir água fresca, alimentação

²⁴ O Mini horse é uma raça de tripla aptidão, serve tanto para sela, para tração ou simplesmente como animal de estimação. Suas principais peculiaridades são: pequenos espaços para mantê-los, seu baixo custo de criação, seu porte diminuto, resistência e rusticidade. Sua conformação é a de um cavalo em miniatura, que deve ser bem estruturado, musculoso e proporcional ao seu tamanho. Deve sempre mostrar leveza, ter bom equilíbrio e muita elegância. Disponível < <http://www.minihorse.com.br/> > Acesso em: 09/05/2021.

em horários fixos, além de acompanhamento veterinário constante. O pessoal que vem aqui gosta bastante, eles são muito carinhosos (ENTREVISTA REALIZADA COM P.B NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BRUNHOLI EM FEVEREIRO DE 2021).

Na Foto 13 é possível observar alguns dos animais da mini fazendinha da propriedade rural da família.

Foto 13. Criação de animais na mini fazendinha da família Brunholi



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Quando perguntado em relação à mão de obra utilizada na propriedade, P.B ressaltou o trabalho dele, do irmão e do pai (responsável pela propriedade) na administração da propriedade, além de auxiliarem no processo de plantio e colheita da uva. Também, destacou que existem oito (8) trabalhadores mensalistas (que recebem um salário mínimo e meio - Base fevereiro de 2022 - R\$ 1.212,00) que são responsáveis por todo o processo produtivo, desde o plantio e colheita até a seleção e distribuição da uva nas caixas, sendo também os responsáveis pelos cuidados com os animais. Em relação às mulheres que residem na propriedade, foi ressaltado que estas não se envolvem com as atividades agropecuárias, mas se dedicam aos cuidados da adega e do restaurante.

Em relação as atividades não-agrícolas praticadas no interior da propriedade, o entrevistado destacou a comercialização do vinho na adega da família, o restaurante e o Museu do Vinho.

Em relação à produção e comercialização do vinho, o entrevistado expôs que:

[...] a produção de vinho vinha dessa parte muito caseira da época do meu avô, até a década de 1990 nossa família viveu exclusivamente do plantio de uva e produzia poucas garrafas de vinho para consumo próprio [...] o preparo do vinho, o principal responsável ainda é o meu pai, porém, eu e meu irmão também sempre auxiliamos, damos uma força, hoje em dia facilitou muito né, são muitas as tecnologias que temos a disposição, principalmente depois da criação da cooperativa, as coisas de tornaram mais práticas [...] Na adega sempre está a minha esposa, a minha mãe e meu irmão, eu e meu pai sempre estamos circulando em toda propriedade, conversando com o pessoal e auxiliando nas demais atividades (ENTREVISTA REALIZADA COM P.B NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BRUNHOLI EM FEVEREIRO DE 2021).

Para o entrevistado, o sucesso da propriedade está relacionado a todo empenho do seu pai (responsável pela propriedade):

[...] o diferencial do meu pai é sempre estar querendo inovar, procurando novas tecnologias, novas variedades de uvas, vinhos e de outros produtos [...] também destaco a participação dele na Cooperativa AVA que compensa muito, principalmente na compra de defensivos e insumos que sai em um preço mais acessível, além claro, dos equipamentos que oferece para os cooperados, como no caso do caminhão de envase móvel, que nos ajuda muito (ENTREVISTA REALIZADA COM P.B NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BRUNHOLI EM FEVEREIRO DE 2021).

A família produz cerca de 50 mil litros anuais de vinho, sendo que a maior parte da produção é comercializada na adega da família e uma pequena parte no restaurante da família para o consumo no local. Além disso, a família possui um *site* (Villa Brunholi)²⁵ para divulgação e comercialização dos seus produtos, sendo que as entregas ocorrem em todo o país.

Na Foto 14 é possível observar algumas das variedades de vinhos comercializados pela família, tanto na adega, quanto no *site* oficial Villa Brunholi. A adega funciona de terça-feira aos domingos e nos feriados das 09:00 às 17:30 horas.

²⁵ O *site* Villa Brunholi já existia antes da pandemia de COVID-19.

Foto 14. Variedades de vinhos na adega da família Brunholi



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Além da comercialização dos vinhos artesanais, a família também produz licores, cachaças, caipirinhas e sucos de uva que são comercializados na adega. Apesar da tradição do local estar ligada aos vinhos, a família Brunholi tem uma linha de cachaças premiadas, como é o caso da Cachaça Premium Envelhecida que recebeu medalha de ouro no Festival de Bruxelas e no Concurso Nacional de Destilados do Brasil em 2018. Destaca-se também a Cachaça Premium Repousada, medalha de prata na Expo Cachaça 2017 (Foto 15). As duas cachaças são produzidas pela própria família.

Foto 15. Cachaça Premium Envelhecida e a Cachaça Premium Repousada sendo comercializadas na adega da família Brunholi



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

O portfólio de bebidas também ganha destaque com o gin Decreto 89 e a estrela da adega: a Caipirinha Brunholi (Foto 16) (ambas produzidas pela própria família), que é 100% natural e conquista turistas de todas as partes, sendo a primeira caipirinha engarrafada que leva apenas três ingredientes: cachaça, limão e açúcar. De acordo com o entrevistado, o produto é exportado para o Reino Unido, República Dominicana e Portugal.

[...] tudo começou em 2015, após uma mutação do licor de cachaça com o limão, os consumidores adoraram o resultado e compararam com o sabor da caipirinha. Após algumas adaptações, surgiu a Caipirinha Pronta Brunholi, em 2019 também criamos a geleia de caipirinha (Foto 16) que também faz muito sucesso com os nossos turistas. Em relação a exportação foi o seguinte, o pessoal que vinha na adega e experimentava, falava, você tem exportar isso, você tem que exportar, foi aí que começou a ideia de trabalhar com exportação, primeiramente fui atrás do SEBRAE e do FIESP e aí conheci o pessoal do CECIEx²⁶, eles me indicaram algumas empresas que faziam parte da associação e que atendiam a parte de bebidas alcoólicas, depois de algumas análises percebemos que lá fora tinha uma demanda interessante pra caipirinha [...] com quatro meses fizemos nossa primeira exportação para a República Dominicana, foi muito gratificante, pra gente foi uma novidade, depois de seis meses, fizemos um outro lote pro Reino Unido e Portugal, o nível de aceitação é ótimo, principalmente no Reino Unido e Portugal. Quem sabe mais pra frente podemos exportar outros produtos (risos). Pra esse ano (2021) estamos pra fechar uma parceria com a rede de hotéis Ibis, acredito que será bem legal, tanto pra quem é brasileiro, que pode beber a caipirinha ali no quarto, quanto para o estrangeiro, que além de beber pode levar embora como presente, nos ajudando a difundir ainda mais nossa bebida nacional (ENTREVISTA REALIZADA COM P.B NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BRUNHOLI EM FEVEREIRO DE 2021).

Foto 16. Caipirinha e geleia Brunholi comercializados na adega da família e exportadas para Republica Dominicana, Reino Unido e Portugal



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

²⁶ O CECIEx é o Conselho Brasileiro das Empresas Comerciais Importadoras e Exportadoras, cuja missão é defender e representar os interesses das empresas comerciais exportadoras, importadoras, *traders*, e prestadores de serviços de comércio exterior, assumindo o papel de coordenar as reivindicações desta categoria e levar suas propostas aos órgãos competentes. Disponível em < <http://www.cecix.com.br/sobre-o-cecix> > Acesso em 17/06/2021.

Os clientes que chegam ao local (adeega) ficam à vontade para degustar os vinhos e outros produtos para realizar a melhor escolha. Na Foto 17 é apresentada o interior e o exterior da adeega da família Brunholi. A adeega possui um leque bem extenso quando o assunto é bebidas artesanais, que vão desde os vinhos, cachaças, licores, sucos de uva etc. (que variam de R\$ 30,00 à R\$ 35,00) da marca Brunholi. Há também uma boa variedade de pães, massas, molhos, queijos, biscoitos, salames, doces, etc, que são, em parte, produzidos no local e parte adquiridos em Minas Gerais – MG (que variam de R\$ 10,00 à R\$ 40,00).

Foto 17. Interior e exterior da adeega da família Brunholi



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Outra atividade não-agrícola desenvolvida no interior da propriedade é o restaurante. De acordo com o entrevistado P.B, o restaurante funciona no local desde o ano de 1999. A ideia de abri-lo surgiu porque:

[...] o pessoal que vinha na adega, chegava aqui e falava, a gente quer comer, onde a gente come por aqui, então, começou a ter essa demanda muito grande por procura de comida, aí resolvemos montar o restaurante [...] foi com o restaurante que o negócio começou a ficar mais profissional, eu resolvi fazer administração e meu irmão fez contabilidade para conseguir administrar todas essas atividades da melhor maneira aqui no sítio [...] hoje a gente vive praticamente disso, com a renda adquirida com os produtos da adega e com restaurante, até porque a comercialização da uva *in natura* pra gente não traz tanto retorno (ENTREVISTA REALIZADA COM P.B NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BRUNHOLI EM FEVEREIRO DE 2021).

Na Foto 18 é apresentada a área interna e externa do restaurante da família Brunholi. O restaurante leva o nome da família como forma de homenagear o patriarca.

Foto 18. Área interna e externa do Restaurante Brunholi



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

De acordo com P.B, atualmente (2021), o restaurante possui vinte (20) funcionários permanentes²⁷ considerando os que trabalham na cozinha, garçons e atendentes de caixa. O entrevistado ressaltou que sempre está auxiliando junto com seu pai no restaurante,

²⁷ O salário dos funcionários não foi informado pelo entrevistado.

principalmente na recepção de turistas e atendimento do caixa. Ele também enfatizou a importância da sua esposa e da sua mãe que sempre estão circulando pelo restaurante, conversando com os visitantes e monitorando as atividades da cozinha.

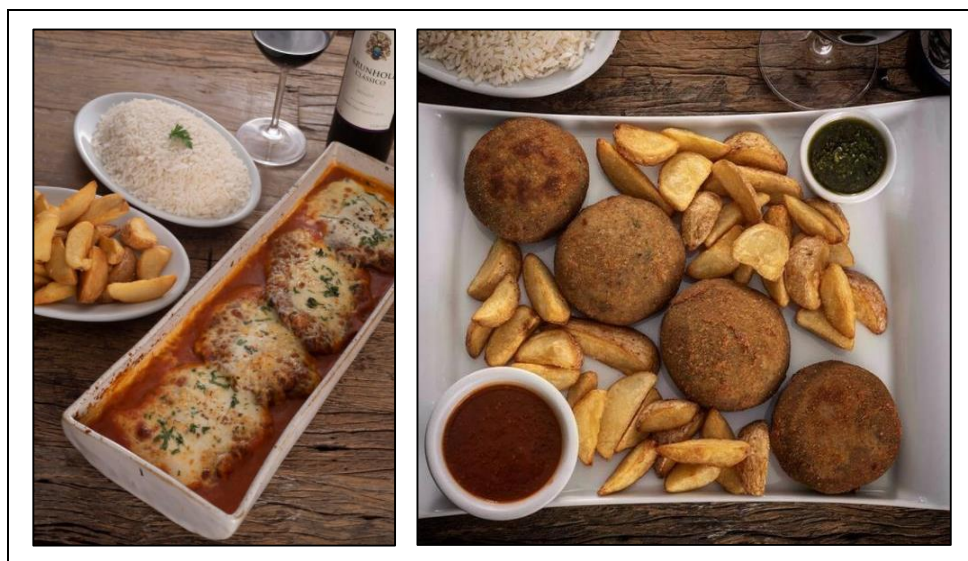
O restaurante funciona de terça-feira a domingo, no almoço serve à *la carte* e executivo das 11:30 às 15:30 horas e jantar à *la carte* as sextas-feiras das 19:00 às 23:00 horas e sábado das 19:00 às 23:00 horas. Ainda as sextas-feiras a noite, os clientes podem aproveitar o Festival de Massas, que com um valor único de R\$ 60,00 por pessoa, é possível provar vários pratos do *menu* que semanalmente se altera. Além disso, aos sábados (R\$ 35,00) e domingos (R\$ 40,00) é servido o café da manhã (café colonial) das 08:00 às 11:30 horas.

De acordo com o entrevistado - antes do período pandêmico - cerca de 20 mil visitantes frequentavam a propriedade mensalmente, e grande parte acabava optando por consumir no restaurante:

[...] o pessoal chega vai na adega, compra algum produto, passeia pela propriedade e aí a fome chega né [...] então, grande parte das pessoas que visitam aqui acabam optando por ir no restaurante. De sexta-feira e finais de semana o movimento é maior, nós chegamos a receber cerca de 2000 mil pessoas por final de semana, recebemos muito aquele morador de São Paulo, cansado e estressado da correria da cidade, que procura e aprecia aqui no sítio a terra batida, a natureza e uma comida diferente, mas claro, tem o pessoal aqui de Jundiaí e região, Campinas e Sorocaba que vem procurando descansar, desligar um pouco da correia do dia a dia (ENTREVISTA REALIZADA COM P.B NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BRUNHOLI EM FEVEREIRO DE 2021).

O restaurante é todo dedicado à gastronomia italiana, pertencente as raízes da família. No cardápio há diversas opções de massas frescas que são preparadas artesanalmente. O prato carro chefe da casa é o Filet Mignon à Parmegiana e o Polpetone recheado com muçarela (Foto 19). Além desses, é possível ainda experimentar outras opções de carnes, frangos, peixes, risotos, pizzas, saladas, sobremesas e entre muitos outros pratos que retratam a moderna e criativa gastronomia italiana, proporcionando uma viagem de aromas e sabores. O restaurante acomoda até 300 pessoas em ambiente familiar, porém, com a pandemia de COVID-19 – quando permitido a abertura dos restaurantes – passou a acomodar 200 pessoas, devido as medidas de restrições de combate a pandemia.

Foto 19. Pratos carro chefes do restaurante Brunholi

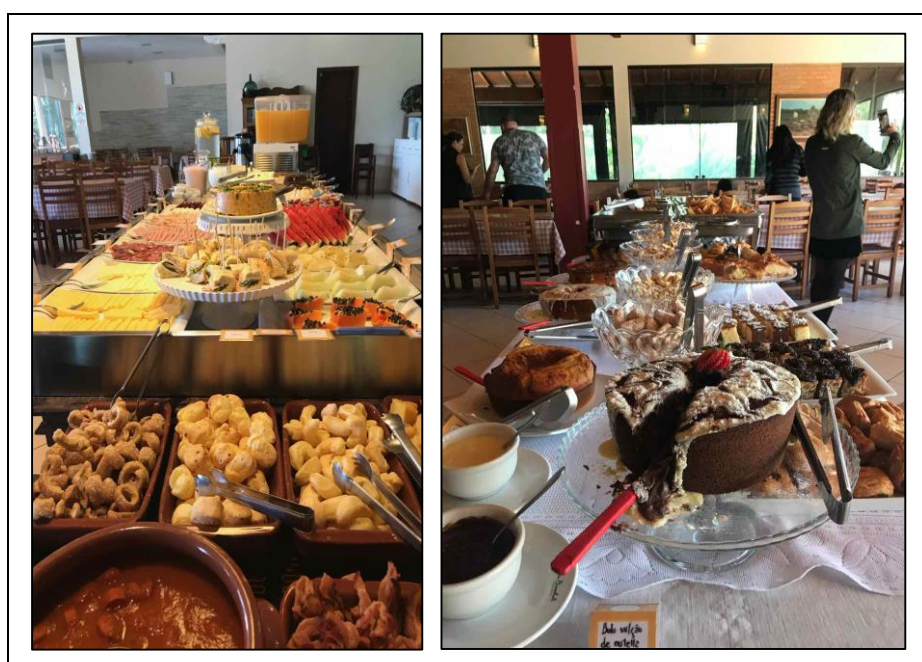


Fonte: Fotos fornecidas pela família Brunholi, 2021.

Em relação ao Café Colonial (Foto 20), o entrevistado ressaltou que:

[...] muitos clientes começaram a pedir porque a região carecia desse tipo de serviço, então resolvemos acrescentá-lo ao cardápio do restaurante em 2017. Os carros-chefes são o bolo vulcão, a polenta frita de fubá diferenciado e o capuccino frio, também temos um bacon bem sequinho que não vencemos colocar na mesa (ENTREVISTA REALIZADA COM P.B NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BRUNHOLI EM FEVEREIRO DE 2021).

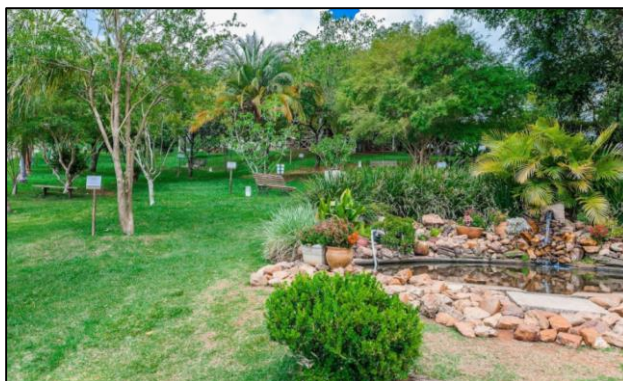
Foto 20. Café Colonial servido aos finais de semana no restaurante da família Brunholi



Fonte: Fotos fornecidas pela família Brunholi, 2021.

O bufê é composto por 80 itens. Além destas opções que o entrevistado ressaltou também é possível encontrar bolo de Nutella e leite ninho, pudim de uva, bolinho de chuva, croquetes, bolo de ervas, bolo de cenoura, tapioca e, claro, iogurtes, sucos, chás, café, entre outros alimentos. Após a refeição é possível caminhar pela propriedade, inclusive, por um pomar com árvores frutíferas (Foto 21) que podem ser consumidas no local.

Foto 21. Pomar com árvores frutíferas na propriedade rural da família Brunholi



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

O entrevistado ressaltou que a família realiza orçamentos para eventos familiares e corporativos no restaurante, com infraestrutura completa e cardápios personalizados, para qualquer ocasião, tanto de *coffe break* como casamentos.

O entrevistado ressaltou que possui uma horta com produtos orgânicos (Foto 22) na propriedade. P.B expos que as hortaliças são consumidas pela família, pelos trabalhadores mensalistas e também são utilizadas no restaurante. Dentre as variedades cultivadas destacam-se: alface lisa, crespa e roxa; couve, rúcula, salsinha e cebolinha. As demais hortaliças e legumes que são utilizadas no restaurante, a família adquire no CEASA do município de Jundiaí.

Foto 22. Horta na propriedade rural da família Brunholi



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Em relação aos demais produtos/ingredientes adquiridos, o entrevistado ressaltou que

[...] a gente compra aqui nos mercados atacadistas de Jundiaí mesmo, geralmente é meu irmão que é responsável por essa parte, ele vai umas duas vezes por semana e faz as compras [...] já tem o contato do pessoal dos mercados, então, geralmente o lote do produto já até está separado. Na parte de bebidas, o fornecimento é da Cola-Cola e da Ambev (ENTREVISTA REALIZADA COM P.B NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BRUNHOLI EM FEVEREIRO DE 2021).

Outra atividade não-agrícola desenvolvida na propriedade é o Espaço Cultural Museu do Vinho, porém a renda não é contabilizada no orçamento familiar, mas sim, é utilizada para manutenção do Museu e destinada a responsável dos cuidados do mesmo. De acordo com o entrevistado, o Museu foi montado em 2002 por iniciativa da família Brunholi com a colaboração de outras famílias tradicionais da cidade – Fontebasso, Bronzeri, Marquezin, Spiandorelo e Cereser. Segundo o entrevistado:

[...] o museu veio pra trazer um pouco mais de cultura, pra gente conseguir manter a história da família e da migração italiana aqui no município de Jundiaí, não fala só da família Brunholi, fala de outras famílias, que tem a mesma história e seguiram pra mesma cidade, então a gente queria resgatar um pouco disso [...] uma coisa foi puxando a outra, não foi muito pensado, primeiro veio a adega, depois o restaurante e depois o museu (ENTREVISTA REALIZADA COM P.B NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BRUNHOLI EM FEVEREIRO DE 2021).

O Museu do Vinho (Foto 23) está situado próximo a adega da família, sendo montado dentro de um tonel de barril de carvalho de seis metros de altura, com capacidade para 110 mil litros. No seu interior praticamente é realizada uma viagem no tempo, na qual se conhece a história da família Brunholi e das outras famílias tradicionais (citadas acima) de origem italiana que se alocaram em Jundiaí no século passado.

Foto 23. Museu do Vinho localizado na propriedade rural da família Brunholi



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Além de trazer toda a história dessas famílias, o museu tem também utensílios antigos utilizados no cultivo da uva, na produção de vinho e alguns objetos que foram trazidos da Itália e fizeram parte do dia a dia da família. Ao caminhar pelo seu interior, uma narração acompanha cada objeto ali exposto (Fotos 24 e 25).

Foto 24. Parte interna do Museu do Vinho na propriedade rural da família Brunholi



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Foto 25. Alguns dos utensílios e objetos encontrados no interior do Museu do Vinho



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

De acordo com o entrevistado, o Museu possui apenas um funcionário, que inclusive é membro da família Bronzeri:

[...] então, a ideia aqui foi contratar alguém que já tivesse o conhecimento da história dessas famílias italianas, até porque quando o pessoal entra aqui no museu eles sempre querem saber um pouco mais, além do que já está exposto nos cartazes e dos próprios objetos, então pensamos que tinha que ser alguém de alguma família, pra gente aqui não dava, já temos o restaurante e a adega então a demanda já era muito grande, aí a Fernanda se ofereceu pra trabalhar aqui, ela conhece bem a história da migração italiana, até porque a família dela também faz parte, os Bronzeri [...] e deu tudo certo, desde 2002 ela está aqui com a gente (ENTREVISTA REALIZADA COM P.B NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BRUNHOLI EM FEVEREIRO DE 2021).

O Museu é aberto nos mesmos dias da adega e segue o mesmo horário, ou seja, de terça-feira a domingo e aos feriados das 09:00 às 17:30 horas. De acordo com o entrevistado, aos finais de semana o museu recebe um maior número de visitantes, cerca de 300 pessoas, a entrada é no valor de R\$ 5,00 por pessoa.

[...] de final de semana que o pessoal mais visita o museu, até porque já aproveita o passeio né, almoça, vai na adega, anda pela propriedade e aí dá aquela passada no museu [...] tem gente que mesmo que já visitou outras vezes que veio, resolve pagar de novo e visitar, é bem interessante, sempre tem algo novo pra descobrir sobre as famílias, sobre a uva, o vinho, a Fernanda faz um trabalho bem legal [...] nos membros das famílias que organizamos o museu combinamos desde o início que não estávamos preocupados com a renda que poderia gerar dali, mas sim, é algo voltado pra cultura, para o e pessoal conhecer um pouco mais, tanto é que, a renda adquirida ali é utilizada apenas para manutenção do museu e o restante é para a Fernanda que se dispôs a nos ajudar ficando ali, então, nada mais justo que a renda ser destinada pra ela (ENTREVISTA REALIZADA COM P.B NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BRUNHOLI EM FEVEREIRO DE 2021).

Em relação às atividades não-agrícolas desenvolvidas pelos membros da família no exterior da propriedade, o entrevistado ressaltou que não ocorrem, pois, todas as atividades são desenvolvidas no interior da propriedade rural, sempre buscando aprimorar ainda mais o turismo rural.

Outra propriedade rural visitada foi a da família Vendramin no bairro rural do Caxambú. De acordo com o entrevistado e responsável pela propriedade A.V, o seu avô adquiriu a propriedade (Foto 26) há mais de 100 anos.

[...] o meu avô veio da Itália em 1887, mas não veio direto pra Jundiaí, primeiro ele foi pra região de Campinas e trabalhou nas fazendas de café, naquela época tava tendo a abolição dos escravos né, e eles veio pra trabalhar no lugar deles, aí o meu vô juntou um dinheiro e conseguiu comprar um pedaço de terra aqui em Jundiaí e veio pra cá, no início a propriedade era bem maior, ele começou plantando café mesmo, milho, cuidavam de vacas essas coisas, depois que veio a plantação de uva (ENTREVISTA REALIZADA COM A.V NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA VENDRAMIN EM FEVEREIRO DE 2021).

Foto 26. Entrada da propriedade Rural da família Vendramin



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

A propriedade rural foi incluída da Rota Turística da Uva em 2017. Segundo o entrevistado, o interesse maior de fazer parte da rota foi das filhas ao frequentarem as reuniões que a Prefeitura Municipal vinha realizando. Segundo o entrevistado, a família depende quase que totalmente das rendas advindas das atividades desenvolvidas na propriedade rural e, por isso, optaram por participar das Rotas Turísticas da Uva e do Vinho, com o objetivo de conseguir um maior número de visitantes devido as vantagens que as rotas oferecem, como no caso da divulgação das propriedades rurais. O entrevistado ainda ressaltou que:

[...] as meninas que foi atrás disso, eu no começo não entendi muito, mas elas falaram que ia ser bom pra nós, como confio nelas falei que podia entrar

nessas rotas, hoje já entendo mais e vejo a diferença, depois que entramos veio muito mais gente aqui no sítio, aumento muito o movimento, os passeios em grupos sabe moça, o pessoal vem com o ônibus e fica a tarde aqui no sítio e compra nossos produtos, passa na televisão também propaganda, na internet minhas filhas falam que sempre que estão colocando coisas das rotas, do nosso sítio e dos outros, como se tivesse convidando o pessoal pra vim, acho que as rotas só veio pra ajudar a gente, no momento não tenho nenhuma reclamação não (ENTREVISTA REALIZADA COM A.V NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA VENDRAMIN EM FEVEREIRO DE 2021).

De acordo com as informações expostas pelo pesquisado, a produção agropecuária ainda representa a maior fonte de renda da família (equivalendo a 60% da renda total familiar mensal), 25% da renda equivale a prática do turismo rural na propriedade, 10% da aposentadoria do entrevistado e 5% do trabalho de um dos membros da família (genro do entrevistado) no exterior da propriedade rural. Em relação à comercialização da fruta (uva), o principal destino é o CEASA dos municípios de Jundiaí e Campinas, sendo que, há a atuação do intermediário, além disso, o entrevistado ressaltou que comercializa a fruta na própria propriedade, principalmente na adega da família. A propriedade rural de 17 hectares possui cerca de 60 mil pés de uvas (Foto 27).

Foto 27. Plantação de uva na propriedade rural da família Vendramin



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Além do cultivo da uva, a propriedade é altamente produtiva com a produção diversificada de frutas, como goiaba, pêssago, banana, manga (Foto 28), entre outras. Há também na propriedade uma horta (Foto 29) com produtos 100% orgânicos. A família decidiu investir na produção de orgânicos, devido esta ser uma forma de evitar prejuízos, uma vez que o consumo de produtos orgânicos tem aumentado. Entre os produtos destacam-se a alface, almeirão, cheiro-verde, agrião, couve, coentro, couve-flor, entre outros, que são

comercializados na própria propriedade. O entrevistado ainda destacou que é possível realizar o “colhe e pague” para aqueles visitantes que optarem.

[...] o pessoal vem aqui no sítio pode colher as frutas e verduras cultivados para levar para casa, eles vão ali no armazém pega a cesta e a tesoura e vai no pomar ou na horta e colhe o que quiser, mas se a pessoa não quiser ir não tem problema, alguém aqui do sítio vai lá e colhe (ENTREVISTA REALIZADA COM A.V NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA VENDRAMIN EM FEVEREIRO DE 2021).

Foto 28. Algumas das frutas plantadas e comercializadas na propriedade rural da família Vendramin



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Foto 29. Horta 100% orgânica na propriedade rural da família Vendramin

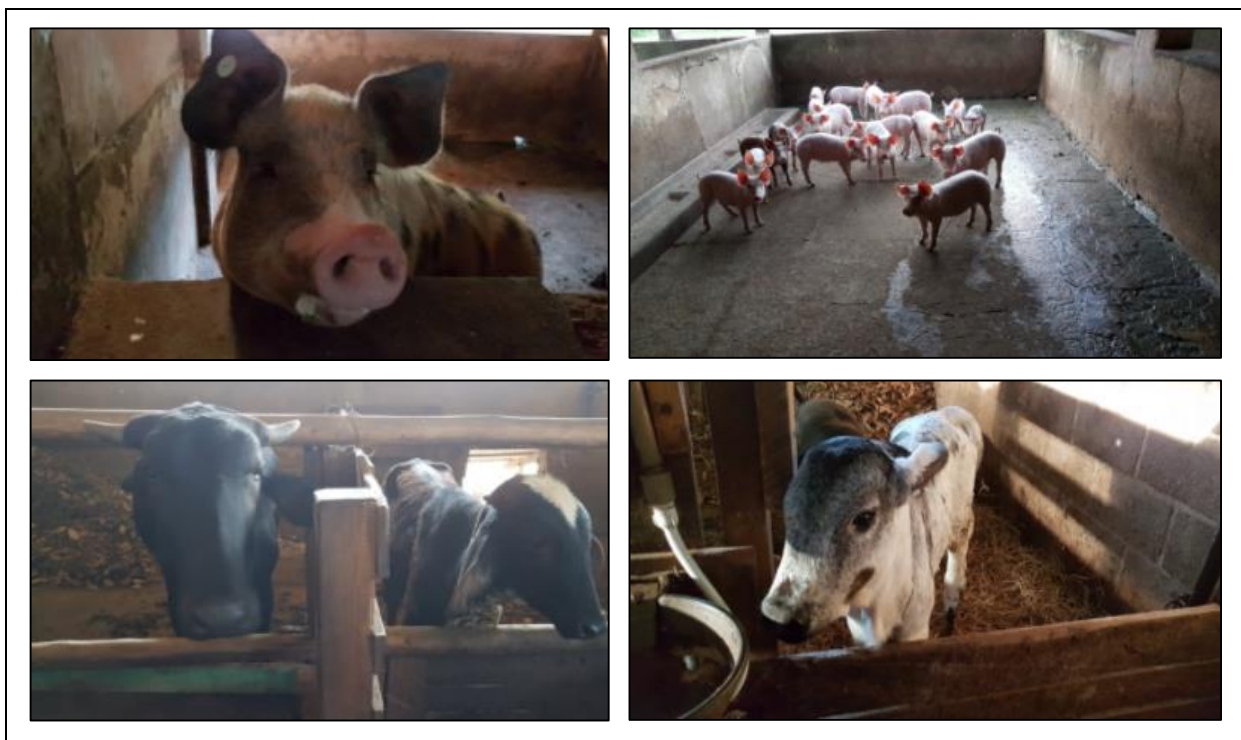


Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

O entrevistado ressaltou que também realiza a criação de suínos e bovinos (Foto 30) na propriedade rural da família, sendo que, ocorre a comercialização dos suínos com pessoas que vão a propriedade e estão interessadas na sua aquisição e também do leite de vaca, que possui valor fixo de R\$ 12,00 a garrafa de dois litros. Em relação aos cuidados com os animais, a própria família os realiza.

[...] eu sempre gostei de ter a minha vaquinha, tomar o leite puro da vaca mesmo, por isso, a gente tem esses bichos desde sempre, aí vendemos o leite a R\$ 12,00 reais a garrafa, os porquinhos também, a gente vende eles, mas é bem pouco, temos muita dó dos coitadinhos, a gente gosta de ter mesmo e cuidar e o pessoal que vem aqui se diverte também (ENTREVISTA REALIZADA COM A.V NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA VENDRAMIN EM FEVEREIRO DE 2021).

Foto 30. Criação de animais na propriedade rural da família Vendramin



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Quando perguntado em relação a mão de obra utilizada na propriedade, A.V ressaltou que é familiar, principalmente a dele (responsável pela propriedade), das três filhas e de dois genros. Além disso, ressaltou o apoio de oito (8) pessoas (vizinhos e conhecidos) que auxiliam principalmente na época de plantio e de colheita da uva. O entrevistado ressaltou que:

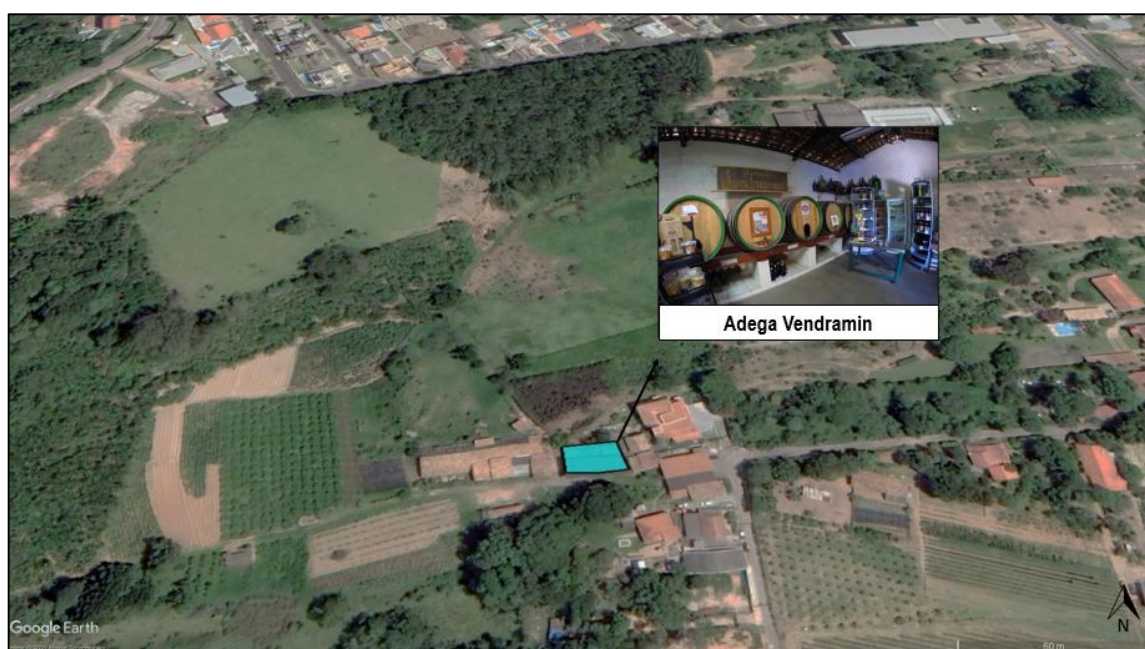
[...] a moça, eu já sou muito de idade né não aguento muito ficar mais lá no meio da uva, eu vou lá as vezes de enxerido (risos) minhas filha não gosta que eu vou lá, eu fico mais na produção do vinho e ajeito as uvas nas caixas. As meninas ajuda muito, elas tem saúde né, então elas que toma mais conta junto com os meus genros, duas delas até planta e colhe uva a outra fica mais aqui comigo ajudando arrumar as caixas [...] geralmente nessa época vem uns conhecido nossos aqui de perto que mora em sítio também e ajuda a colher e plantar, aí dou um dinheiro pra eles pra ajudar (ENTREVISTA REALIZADA COM A.V NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA VENDRAMIN EM FEVEREIRO DE 2021).

Em relação as atividades não-agrícolas praticadas no interior da propriedade, o entrevistado destacou a produção e comercialização do vinho na adega da família localizada na própria propriedade rural (Figura 53).

[...] a produção de vinho começou com meu vô, mas era muito pouco, depois com o meu pai que aumentou mais, mas era só pra consumir em casa mesmo, aí meu pai começou a me ensinar, com 12 anos eu já sabia fazer o meu próprio

vinho [...] a gente começou vender uns garrafões pros vizinhos e eles começou falar abre uma adega, abre, que vocês vão vender bem, ai resolvemos abrir pro pessoal ali anos 1990, foi daí que entramos de vez no turismo rural [...] hoje em dia é uma boa renda pra nós porque além do vinho vendemos outros produtos, mas a agricultura ainda é o principal pra gente [...] aqui na adega fica eu e uma das minhas filhas, é mais nós dois que toma conta da adega, os outros também ficam, mas é mais nós dois, eu tenho muito orgulho delas, as três já sabem fazer vinho e amam o que fazem, tenho certeza que depois que eu morrer isso aqui não vai acabar (ENTREVISTA REALIZADA COM A.V NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA VENDRAMIN EM FEVEREIRO DE 2021).

Figura 53. Localização da adega Vendramin na propriedade rural da família



Fonte: Google Earth. Elaborado por Tamires Regina Rocha, 2021.

O produtor entrevistado ressaltou que a família participa da Cooperativa Agrícola dos Produtores de Vinho - AVA, que ele considera como uma ótima estratégia, devido a divulgação de seus produtos em festas e feiras da região e isso faz com que atraia mais visitantes com o objetivo de conhecer a propriedade e adquirir seus produtos artesanais. Na Foto 31 é exposto algumas das variedades de vinhos produzidos pela família, cujos preços variam de R\$ 15,00 a R\$ 25,00. A família produz cerca de 20 mil litros anuais de vinhos.

Foto 31. Variedades de vinhos comercializados na adega da família Vendramin



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Na Foto 32 é apresentado o interior e o exterior da adega da família Vendramin. A adega é bem simples, porém, tudo é organizado para receber os visitantes da melhor maneira possível. Os recursos para abertura da adega ocorreram por meio de empréstimo bancário no Banco do Brasil.

Foto 32. Adega localizada na propriedade rural da família Vendramin



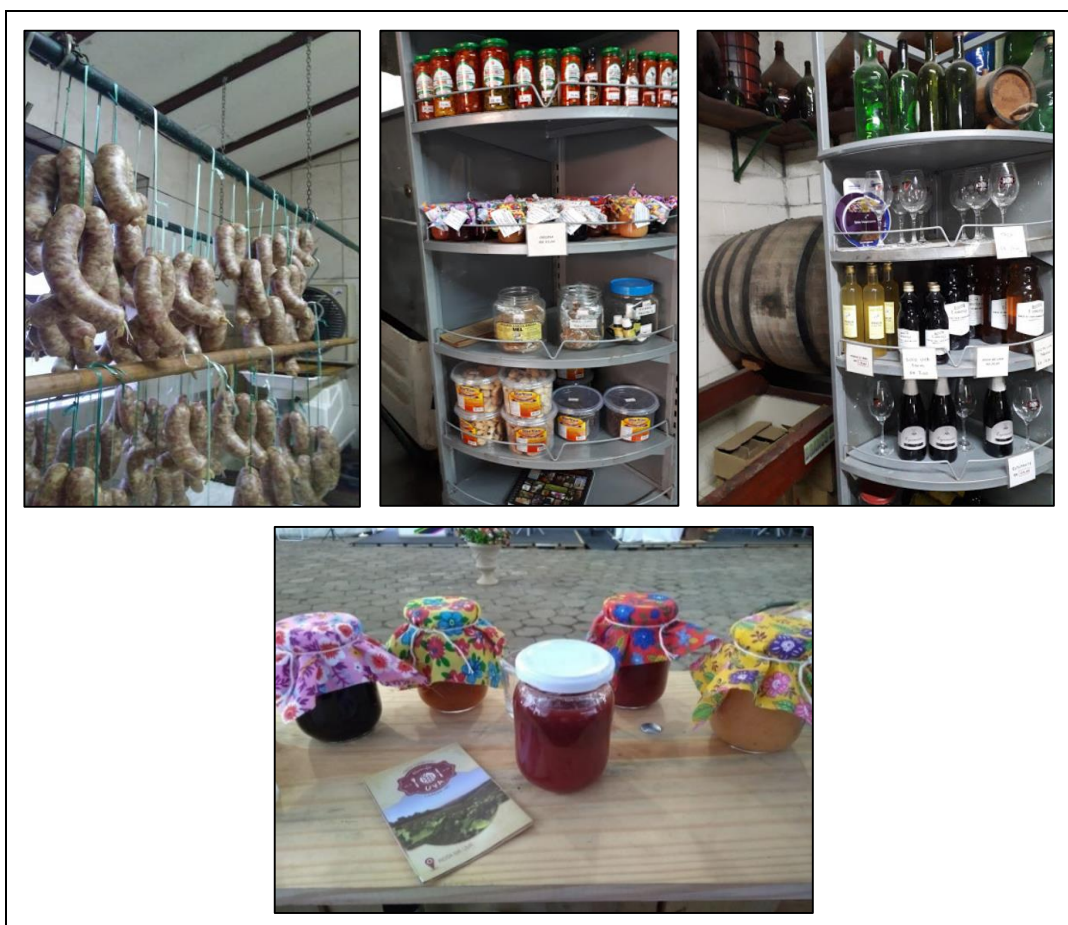
Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Além da venda do vinho artesanal, a família também realiza a produção de linguiça caseira, geleias (sabores: maçã com pimenta, manga, uva, vinho, banana com laranja, goiaba e morango), vinagre, doces, sucos, pimenta, entre outros produtos, cujos preços para a comercialização variam de R\$ 10,00 a R\$ 30,00 e também são comercializados na adega da família (Foto 33).

O entrevistado A.V ressaltou que:

[...] como temos uma grande variedade de cultivos de frutas, então surgiu a ideia de produzir geleia, as minhas três filhas que faz, vendemos de 20 a 30 potes por mês, cada pode custa R\$ 18,00 reais. Muitas pessoas procuram a nossa geleia pela forma que é produzida, é uma opção de geleia saudável, é a fruta pura mesmo, não é adicionado açúcar, estamos pensando em criar uma marca e vender em outros pontos de venda. As meninas estão sempre realizando cursos para melhorar ainda mais a produção, quem sabe logo logo a geleia vai estar à venda em outros lugar (ENTREVISTA REALIZADA COM A.V NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA VENDRAMIN EM FEVEREIRO DE 2021).

Foto 33. Produtos comercializados na adega da família Vendramin

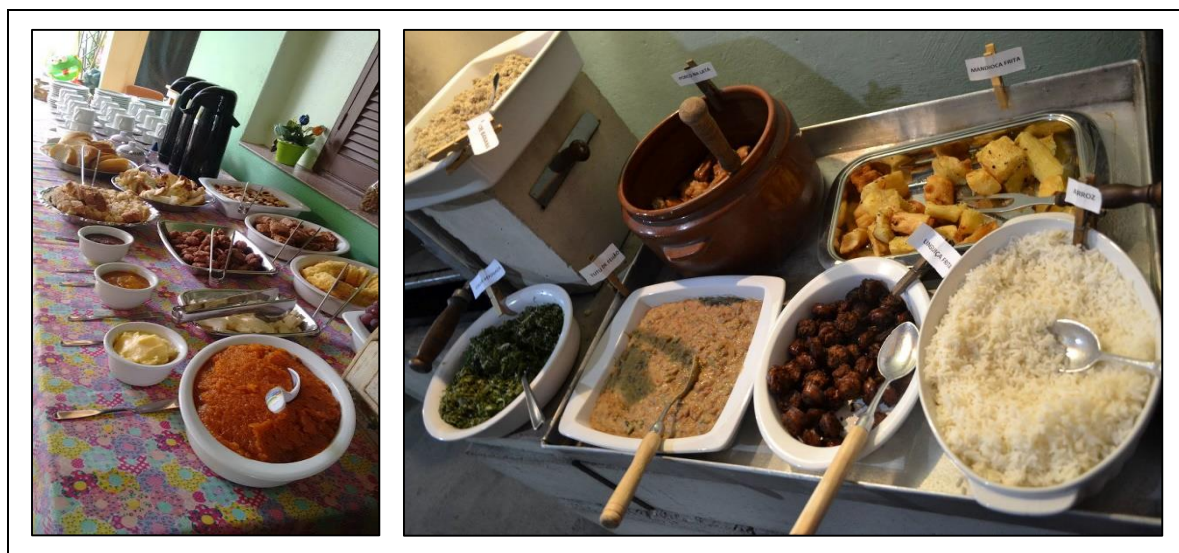


Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

A propriedade rural e a adega são abertas todos os dias da semana para visitação das 08:00 às 18:00 horas. De acordo com o entrevistado, os dias em que a propriedade rural recebe um maior número de visitantes são aos finais de semana. Isso está muito relacionado aos passeios em grupos por meio das agências de turismo que ocorrem geralmente nos finais de semana, já que nesses dias as pessoas estão em casa e aproveitam para ir nessas áreas com muita natureza, em busca de descanso e para aquisição de produtos.

É possível combinar previamente (4 dias de antecedência) um café da manhã ou almoço para grupos de mais de 15 pessoas na propriedade rural. As filhas do entrevistado que realizam todo o preparo dos alimentos, com produtos da própria propriedade: bolachas, leite, suco de goiaba e geleias caseiras fazem parte dos quitutes servidos. Tanto pelo café, quanto pelo almoço, são cobrados R\$ 30,00 por pessoa (Foto 34).

Foto 34. Café da manhã e almoço servido na propriedade rural da família Vendramin



Fonte: Fotos fornecidas pela família Vendramin, 2021.

Além disso, na propriedade há um museu bastante pitoresco com diversas peças antigas, tais como máquina de escrever, telefone, calculadoras, tênis e outras relíquias pertencentes à família. A visitação ao museu é gratuita (Foto 35).

Foto 35. Pequeno museu localizado na propriedade rural da família Vendramin



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

De acordo com o entrevistado, o ambiente simples e o acolhimento da família são o que mais encantam os visitantes que vão até a propriedade rural, além disso, é uma oportunidade das pessoas realizarem algumas das atividades que a família desempenha quase que todos os dias, como por exemplo, colher os produtos cultivados na horta e ter contato com outros elementos característicos das áreas rurais, como conhecer a criação de suínos e bovinos e descansar em meio a área verde da propriedade.

Em relação as atividades não-agrícolas desenvolvidas no exterior da propriedade, o entrevistado ressaltou o trabalho de um dos genros no restaurante Travitália no bairro do Traviú que participa da Rota Turística da Cultura Italiana:

[...] o meu genro trabalha de sexta, sábado e domingo de segurança em um restaurante, não sei se você conhece, mas é lá no Travitália no Traviú, agora com a pandemia ta mais fraco, mas quando abre chama ele, a gente tem amizade com o pessoal lá sabe, aí chamou ele pra trabalhar lá só nesses dias, porque na semana ele ajuda aqui a gente no sítio, é bom que ajuda aqui em casa né, já que fora isso e a minha aposentadoria, a renda nossa vem tudo aqui do sítio (ENTREVISTA REALIZADA COM A.V NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA VENDRAMIN EM FEVEREIRO DE 2021).

Outra propriedade rural visitada na Rota Turística da Uva foi a da família Beraldo di Cale no bairro rural da Colônia. Essa propriedade (Foto 36) além de ter as plantações de uva e a adega da família, também é composta por um restaurante rural.

Segundo a entrevistada, ambos os empreendimentos (adega e restaurante) foram iniciados por meio de empréstimo bancário através do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social).

Foto 36. Entrada da propriedade rural da família Beraldo di Cale



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Na Figura 54 é apresentada a localização da adega e do restaurante na propriedade rural da família.

Figura 54. Localização da adega e do restaurante Beraldo di Cale na propriedade rural da família



Fonte: Google Earth. Elaborado por Tamires Regina Rocha, 2021.

A propriedade rural foi incluída na Rota Turística da Uva desde a sua implementação em 2016 de acordo com a entrevistada S.S. A inclusão da propriedade rural na Rota Turística

da Uva só trouxe vantagens e atraiu um maior número de visitantes, segundo nos informou a entrevistada:

[...] na hora que fui convidada para as reuniões que iam ter sobre a criação das rotas eu já estava super animada, era uma forma de estar divulgando nosso serviço né, o pequeno agricultor que ainda vive no campo e vem achando meios pra se manter, depois que foi desenvolvendo mesmo aí tive a certeza de participar, a proporção que ia se tornar ia ser grande e não deu outra, ajudou demais a gente sabe, a principal vantagem, acho que todo mundo deve tá te falando né da divulgação que estamos tendo, é uma valorização muito grande, na Festa da Uva os passeios são direcionados a nós das rotas, então imagina o tanto de gente que vem, até mesmo os panfletos que recebemos pra entregar aqui para os visitantes que acabam divulgando os sítios, restaurantes dos meus colegas também, na televisão com os comerciais, na internet então nem se fala, além de termos nossas páginas no facebook, instgram e o nosso site né pra divulgação, tem a página do Circuito das Frutas que divulga, Turismo Jundiá, a página de cada rota em específico que o pessoal do CIT vai atualizando, até agora não tenho que reclamar não, só agradecer a prefeitura que desenvolveu esse projeto (ENTREVISTA REALIZADA COM S.S NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BERALDO DI CALE EM FEVEREIRO DE 2021).

Nessa propriedade rural, diferente das demais visitadas, a entrevista foi realizada com uma mulher (S.S), que atualmente (2021) é a responsável. A entrevistada ressaltou que o cultivo da uva vem desde a época do seu avô:

[...] o meu avô que é o Beraldi di Cali, ele é o patriarca da nossa família aqui no Brasil, ele chegou no Brasil com 12 anos, se casou as 17 e teve 10 filhos, primeiro ele foi pra Guaxupé em Minas, depois pra Ribeirão Preto e aí depois conseguiu comprar um pedaço de terra aqui na Colônia e começou a cultivar uva, estamos aqui desde 1927 [...] mas meu vô morreu muito cedo com 54 anos e passou para o meu pai e para mais um tio meu, que era os mais velhos naquela época o gosto pelo vinho e pelas uvas, então eles começaram a tomar conta e fazer os vinhos, mas não tinha nenhum comércio aberto, era só pra consumo próprio mesmo e pra quem conhecia que vinha buscar e trabalhava na roça né, no caso na uva (ENTREVISTA REALIZADA COM S.S NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BERALDO DI CALE EM FEVEREIRO DE 2021).

Na Foto 37 é possível observar a plantação de uva da propriedade rural da família Beraldo di Cale. A propriedade rural tem 13 hectares e possui 40 mil pés de uva plantados.

Foto 37. Plantação de Uva da família Beraldo di Cale



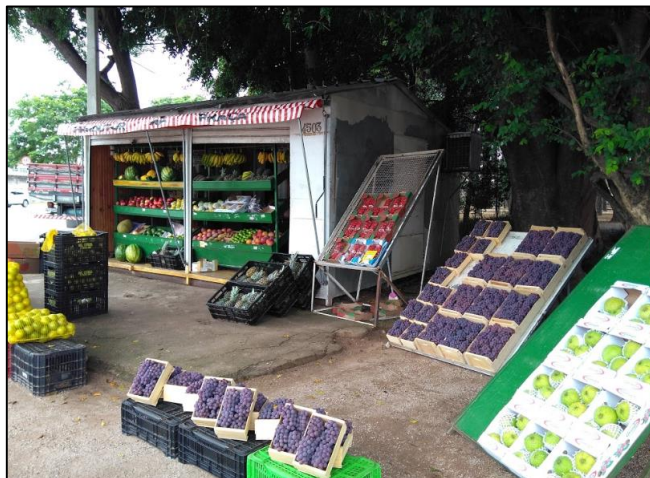
Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

De acordo com a entrevistada a renda adquirida com as atividades agrícolas equivale à 10% da renda total familiar mensal, sendo muito inferior se comparada com as rendas adquiridas com o turismo rural na propriedade através da adega e do restaurante que representam 60% da renda e com uma “franquia” da adega no Maxi *Shopping* de Jundiaí, que contabiliza 20% da renda total familiar. Além disso, as aposentadorias da entrevistada, do marido e da mãe contabilizam 10% da renda.

A comercialização da fruta *in natura* ocorre com algumas barracas de frutas dos municípios de Jundiaí, Itupeva e Jarinu.

[...] se fosse antigamente, eu ia te falar que as atividades agrícolas eram mais importantes pra nós, no caso a venda da uva *in natura*, mas hoje em dia, acredito que o turismo rural supriu essa atividade, hoje ganhamos muito mais com a adega e o restaurante, então a uva é mais forte pra fazer o vinho mesmo, pra comercializar a uva *in natura*, só em algumas barracas de frutas de Jundiaí, Itupeva e Jarinu que o pessoal pega aqui com gente, tem a do Mineiro, da Nilce, Freire Frutas (Foto 38), no total são 8 barracas (ENTREVISTA REALIZADA COM S.S NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BERALDO DI CALE EM FEVEREIRO DE 2021).

Foto 38. Barraca Freire de frutas em Jundiá, que comercializa uvas da propriedade rural da família Beraldo di Cale



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor Tamires Regina Rocha, 2021.

Quando perguntada em relação à mão de obra utilizada na propriedade, S.S ressaltou a dela (responsável pela propriedade) e do marido no processo de plantio e colheita da uva. Além disso, ressaltou que existem seis (6) trabalhadores mensalistas (que recebem um salário mínimo - Base fevereiro de 2022 - R\$ 1.212,00) que auxiliam em todo processo produtivo, desde o plantio e colheita até o processo de seleção e distribuição nas caixas.

De acordo com a entrevistada, a sua mãe que já é idosa e possui saúde debilitada não é mais responsável pela propriedade, portanto, não participa de nenhuma atividade desenvolvida. A entrevistada ressaltou o papel desempenhado pela sua filha que, mesmo não auxiliando nas atividades agrícolas, é umas das responsáveis pelos trabalhos na adega.

Em relação às atividades não-agrícolas praticadas no interior da propriedade, a entrevistada destacou a comercialização do vinho na adega da família e o restaurante.

Sobre a produção e comercialização do vinho, S.S expos que:

[...] a produção do vinho começou lá com meu avô né, depois passou pro meu pai que fazia só pra beber em casa mesmo e para o pessoal mais próximo que vinha buscar, com o tempo eu fui me interessando por tudo aquilo e fui falando pro meu pai que queria aprender fazer vinho também, aí ele foi me ensinando, me ensinando, até que eu aprendi, depois que eu sabia fazer muito bem o vinho a responsabilidade era toda minha [...] ai ali pela década de 1990 que veio mesmo a ideia da adega, porque a gente percebeu que o pessoal tava elogiando bastante, começou a indicar o vinho para outras pessoas que vinha aqui buscar também, aí eu e meu pai tivemos essa ideia, arriscamos tudo ou nada mesmo de abrir a adega e investir de vez no turismo rural e graças a Deus deu certo (ENTREVISTA REALIZADA COM S.S NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BERALDO DI CALE EM FEVEREIRO DE 2021).

Sobre o preparo do vinho e os cuidados com a adega, a entrevista ressaltou que:

[...] então, a principal responsável por fazer o vinho hoje é a minha filha, ela quis fazer enologia, falou que também queria fazer vinho e ajudar a gente aqui, pra mim foi um orgulho muito grande, ta repassando a minha história para as mãos da minha filha [...] Então, quem fica mais aqui na adega é minha filha, mas eu também dou uma força, meu marido circula em todo lugar da propriedade e conversa bastante com o pessoal [...] quando meu pai era vivo ele amava ficar só na adega, ele falava que podia deixar tudo pra ele que dava conta (risos), mas hoje somos mais nós duas mesmo (ENTREVISTA REALIZADA COM S.S NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BERALDO DI CALE EM FEVEREIRO DE 2021).

A família produz cerca de 40 mil litros anualmente de vinho. Todos os produtos são comercializados na adega da família e alguns no restaurante para consumo no local, além disso, a família criou um *site* (Beraldo di Cale) para divulgação dos atrativos que oferece a propriedade, no caso, a adega e o restaurante, informações para contato e ainda é possível realizar reservas de mesas no restaurante.

Na Foto 39 é possível observar algumas das variedades de vinhos comercializados pela família na adega, o local funciona de terça-feira aos domingos e feriados, das 09:00 às 17:00 horas.

Foto 39. Variedades de vinhos produzidos e comercializados pela família Beraldo di Cale



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Além da comercialização dos vinhos artesanais na adega da família, também ocorre a produção de licores, cachaças, espumantes e sucos de uva (cujos preços variam de R\$ 15,00 à R\$ 50,00). Entretanto, um dos principais carros chefes da adega é a mexeriquinha (Foto 40) -

coquetel alcoólico artesanal de cachaça curtida na mexerica e livre de conservantes e aromatizantes químicos ou artificiais -, o preço da bebida é R\$ 30,00.

[...] nós temos um pomar de ponkan né, de mexerica, e a gente perdia muito, aí nós pensamos vamos fazer alguma bebida que aproveite essas mexericas e aí surgiu a cachaça né que aceita todas as frutas e fomos lá com a mexerica, mas assim, foi uma experiência com um galão, sei lá acho que tinha uns 30 litros, mas deu tão certo, tão certo, que bombou, aí precisamos fazer mais né porque vendeu tudo, aí foi indo, indo e tomou uma proporção bem legal, hoje é nosso xodó aqui na adega (ENTREVISTA REALIZADA COM S.S NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BERALDO DI CALE EM FEVEREIRO DE 2021).

Foto 40. Mexeriquinha comercializada na adega da família Beraldo di Cale



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Os visitantes que chegam no local podem realizar a degustação dos produtos e a compra de sua preferência.

[...] nossa maior renda vem aqui da adega e do restaurante, tem a minha aposentadoria, do meu marido e da minha mãe, fora o que entra das vendas da uva para as barracas de fruta, e da adega lá no Maxi Shopping, mas nem compara, 60% da nossa renda vem dessas atividades, o investimento no turismo rural foi a melhor coisa que fizemos (ENTREVISTA REALIZADA COM S.S NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BERALDO DI CALE EM FEVEREIRO DE 2021).

Na Foto 41 é apresentado o interior e o exterior da adega da família, além de possuir uma grande diversificação de bebidas artesanais, há também uma boa variedade de pães,

queijos, biscoitos, azeite, salames, doces, etc, que são produzidos no local e alguns adquiridos em lojas do município de Caldas - MG (cujos preços variam de R\$ 10,00 à R\$ 40,00).

Foto 41. Adega na propriedade rural da família Beraldo di Cale



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Outra atividade não-agrícola desenvolvida no interior da propriedade é o restaurante. De acordo com a entrevistada S.S, o restaurante funciona no local desde 2004. A ideia de abri-lo surgiu porque:

[...] o restaurante veio acompanhando a história da adega, a gente não é de família de restaurante, mas foi uma coisa assim, que o momento exigia, a gente viu essa necessidade porque aqui no sítio é um lugar muito gostoso, é um lugar que as pessoas gostam de chegar e não só comprar o vinho e ir embora, as pessoas gostam de estar aqui, é muita natureza, sossegado, traz uma paz mesmo, então o pessoal queria comer, chega aqui cedo e sai tarde, e aí a fome vem né, então a gente foi se adaptando a essa realidade e surgiu o restaurante (ENTREVISTA REALIZADA COM S.S NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BERALDO DI CALE EM FEVEREIRO DE 2021).

Na Foto 42 é apresentado o restaurante da família Beraldo di Cali, que possui um espaço ao ar livre em que as mesas se localizam embaixo de guarda-sóis e um outro espaço coberto, o restaurante leva o nome da família, como forma de homenagear o patriarca.

Foto 42. Restaurante localizado na propriedade rural da família Beraldo di Cale



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

De acordo com S.S, atualmente (2021) o restaurante possui dezoito (18) funcionários permanentes²⁸, considerando os que trabalham na cozinha, garçons e atendentes de caixa. A entrevistada ressaltou que sempre está auxiliando no restaurante junto com o seu marido, principalmente na recepção de turistas e atendimento do caixa, além disso, a filha também está sempre disposta a auxiliar no que for preciso, entretanto, o seu trabalho principal é na adega. A responsável pela propriedade rural enfatizou a importância de circular pelo restaurante e conversar com os visitantes, pois considera uma maneira de receber uma avaliação e críticas sobre o atendimento e da própria qualidade dos alimentos servidos, para que sempre possa estar aprimorando.

O restaurante funciona aos sábados, domingos e feriados, servindo almoço à *la carte* ou pratos executivos das 11:30 às 16:30 horas. Os pratos têm preços que variam de R\$ 50,00 à R\$ 120,00, enquanto que as bebidas variam de R\$ 5,00 à R\$ 40,00.

Assim como no restaurante Brunholi, o Beraldo di Cale é dedicado à gastronomia italiana, pertencente as raízes da família, mas também diversifica o *menu* com outros alimentos, como porções de frango a passarinho, fraldinha assada ao molho de cerveja, fritas com *bacon*, etc. No cardápio há diversas opções de massas frescas que são preparadas artesanalmente. O prato principal da casa é o macarrão preparado artesanalmente com almôndegas e o contrafilé acompanhado de arroz cremoso com palmito (Foto 43). Além desses, é possível ainda experimentar outras opções de carnes, frangos, risotos, saladas, sobremesas e entre muitos outros pratos. O restaurante acomoda até 200 pessoas em ambiente familiar.

Foto 43. Pratos carros chefes do restaurante Beraldo di Cale



Fonte: Fotos fornecidas pela família Beraldo di Cale, 2021.

²⁸ O salário dos funcionários não foi informado pela entrevistada.

De acordo com a entrevistada, aproximadamente 6 mil visitantes - antes da pandemia de COVID-19 - frequentavam a propriedade mensalmente:

[...] como é já havia dito, aqui é um lugar muito gostoso, muita natureza e o rio Jundiá-Mirim (Foto 44) passa aqui dentro da propriedade, é um ambiente muito agradável, então o pessoal vem mesmo, tem gente que vem fazer *book* de fotos de casamento, de gravidez, e tem o pessoal que vem mesmo pra descansar a cabeça, pessoal da região de São Paulo, Campinas e até aqui de Jundiá mesmo e região, passa a tarde aqui com a gente, compra nossos produtos artesanais, e claro, aproveita pra almoçar, tem final de semana que fechamos mais de 18:00 porque a pessoa fica mesmo sabe (ENTREVISTA REALIZADA COM S.S NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BERALDO DI CALE EM FEVEREIRO DE 2021).

Foto 44. Rio Jundiá-Mirim que corta a propriedade rural da família Beraldo di Cale e os atrativos naturais que se encontra na propriedade

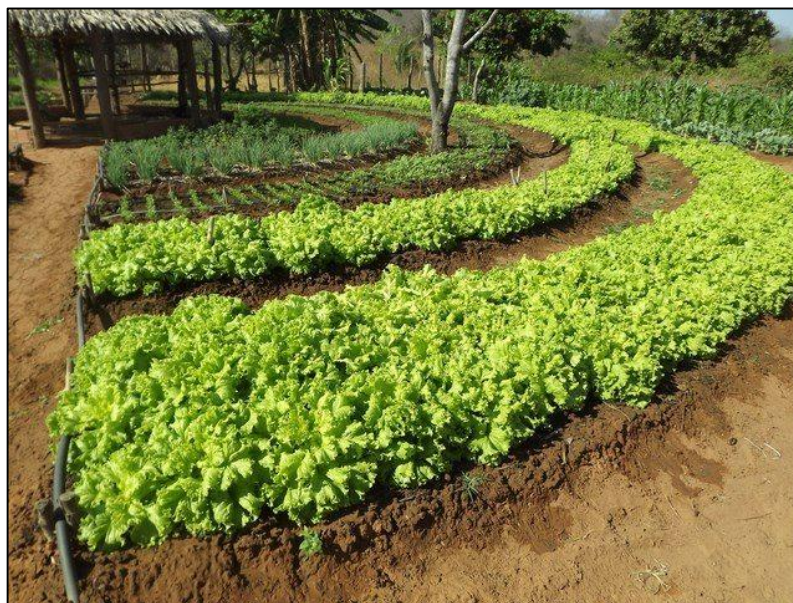


Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Na propriedade da família existe uma horta (Foto 45). As hortaliças são utilizadas para o consumo no restaurante, entretanto, de acordo com a entrevista, são poucos os produtos cultivados devido à falta de tempo e de pessoas para realizar os tratos culturais. Assim, os principais focos são as alfaces da modalidade crespa, salsinha e cebolinha, sendo que, os demais produtos são adquiridos no CEASA do município de Jundiá.

[...] então, a gente tem essa horta e tudo daí é consumido no restaurante, mas é muito pouco como você vê, porque a gente aqui de casa não tem tempo de cuidar, é muita correria, então é o pessoal contratado lá da uva que cuida pra gente, mas também não gosto de atrapalhar o serviço deles, então o restante que falta a gente pega lá o CEASA em caixa fechada, sai em preço ótimo e compensa né (ENTREVISTA REALIZADA COM S.S NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BERALDO DI CALE EM FEVEREIRO DE 2021).

Foto 45. Horta na propriedade rural da família Beraldo di Cale



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Em relação aos demais produtos/ingredientes adquiridos, a entrevistada ressaltou que:

[...] no geral compramos aqui nos mercados atacadistas de Jundiaí, como tem vários mercados sempre achamos um preço legal, claro, que de uns tempos pra cá as coisas subiram muito né, mas não tem escolha né [...] aí tem umas empresas que entregam diretamente aqui, a Perdigão, Ambev, Coca-Cola (ENTREVISTA REALIZADA COM P.B NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BERALDO DI CALE EM FEVEREIRO DE 2021).

Em relação às atividades não-agrícolas desenvolvidas pelos membros da família no exterior da propriedade, a entrevistada ressaltou que não ocorrem, entretanto, há uma renda não-agrícola que vem do exterior da propriedade e que passou a complementar o orçamento familiar, trata-se da inauguração da adega da família no Maxi *Shopping* Jundiaí (Foto 46).

Lá encontra-se os vinhos e demais produtos da marca Beraldo di Cale, tais como: espumantes, cachaças, sucos de uva e claro, a mexeriquinha.

Foto 46. Adega da família Beraldo di Cale no Maxi Shopping Jundiaí



Fonte: Foto fornecida pela família Beraldo di Cale, 2021.

A entrevistada ressaltou que o sucesso da adega no Maxi Shopping:

[...] a gente fica muito feliz com isso à proporção que o nosso negócio está se tornando, surgiu o espaço lá no *shopping* e nós nos interessamos, minha filha incentivou bastante, até porque ninguém havia pensado nisso, de abrir, vamos dizer uma “franquia” de uma adega (risos) em um shopping. Inauguramos lá em 2018 e é sucesso, vendemos os mesmos produtos que tem aqui na adega, vinhos, cachaças, doces, biscoitos, salame, enfim, agora estamos pensando em até vender algumas caixas de uva por lá, é uma renda a mais né, aqui pra gente [...] são duas funcionárias contratadas que são as responsáveis pela loja que são conhecidas da minha filha, elas também fizeram enologia, então deu muito certo, de vez em quando eu apareço por lá pra ver como estão as coisas, mas confio muito nas meninas, com a pandemia ficou mais difícil, geralmente o shopping sempre tá fechado, mas não mandei elas embora não, quero manter, estou fazendo o que posso (ENTREVISTA REALIZADA COM S.S NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA BERHALDO DI CALE EM FEVEREIRO DE 2021).

A próxima propriedade rural visitada foi a da família Fontebasso no bairro Jundiaí-Mirim. Nessa propriedade (Foto 47), além das plantações de uvas e a adega da família é possível encontrar um restaurante rural, em que, as rendas são contabilizadas no orçamento familiar mensal. De acordo com o entrevistado, os empreendimentos foram iniciados através de 90% empréstimo bancário e 10% por meio de recursos próprios.

Foto 47. Entrada da propriedade rural da família Fontebasso



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Na Figura 55 é apresentada a localização da adega e do restaurante na propriedade rural da família.

Figura 55. Localização da adega e do restaurante Fontebasso na propriedade rural da família



Fonte: Google Earth. Elaborado por Tamires Regina Rocha, 2021.

De acordo com o entrevistado, a propriedade rural foi incluída na Rota Turística da Uva em 2018 buscando maior visibilidade e, com isso, desenvolver novos atrativos na propriedade:

[...] então, a gente que acabou indo atrás da prefeitura pra inserir nós na rota, eles chamaram nós pra participar das reuniões no início aí acabamos não indo, aí depois o momento pedia né, praticamente todos dessa região do Caxambú estavam participando aí estávamos ficando pra trás, quando entramos só tinha a adega, mas fui bem sincero que estava pensando em abrir um restaurante, eles deram total apoio, tanto é que a Diretora de Turismo me prometeu uma placa de publicidade aqui na região do Caxambú divulgando o restaurante, e realmente cumpriu [...] hoje vejo a importância da rota, a visibilidade que temos é muito grande, vem gente de São Paulo que fala que descobriu a gente pela facebook na página do Circuito das Frutas, ou das Rotas mesmo, a publicidade trabalha muito bem, tem comercial de tv e claro, os investimentos da prefeitura em infraestrutura aqui nessa região é altíssimo, parte de asfalto, sinalização turística e limpeza principalmente, até agora só foram coisas que rotas nos trouxe (ENTREVISTA REALIZADA COM R.F NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA FONTEBASSO EM FEVEREIRO DE 2021).

De acordo com o entrevistado R.F, ele faz parte da quarta geração da família e a produção agrícola da uva vem desde a época do seu bisavô:

[...] tudo começou com o meu bisavô que veio em 1887 da Itália, na época ele tinha 19 anos, ele veio de Veneza, a situação naquela época era muito difícil tava passando fome lá na Itália, quando ele chegou no Brasil ele foi pra Itatiba e trabalhava de marceneiro, aí em cinco anos ele conseguiu guardar um pouco de dinheiro e na cabeça dele ele queria voltar pra Itália, aí quando ele tava em Jundiaí na estação ele encontrou um conhecido dele, italiano também, e ele contou pra esse amigo que ia voltar pra Itália, nisso esse amigo falou pra ele que tinha um sítio lá no Caxambú, pra ele dar uma olhada as vezes gostava né, até porque voltar pra Itália com a dificuldade que tava lá [...] ele veio olhou gostou do terreno e acabou comprando [...] aí depois de uns cinco anos que ele estava aqui, já tinha plantado a uva, ele pegou uma cepa da uva Isabel e fez uma quantidade de vinho, em torno de 80 litros de vinho e ele já achava que tava rico porque tinha vinho pra tomar (risos), aí depois passou pro meu avô, pro meu pai e hoje a gente dá continuidade à tudo isso aí com muito orgulho (ENTREVISTA REALIZADA COM R.F NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA FONTEBASSO EM FEVEREIRO DE 2021).

Na Foto 48 é possível observar a plantação de uva na propriedade rural da família Fontebasso.

Foto 48. Plantação de uva na propriedade rural da família Fontebasso



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

A renda obtida com as atividades agrícolas equivale a 15% da renda total familiar mensal, enquanto que, a renda obtida com o desenvolvimento da atividade de turismo rural na propriedade equivale a 65%, 10% representa a renda das aposentadorias do entrevistado e da sua mãe e 10% é equivalente do trabalho de um membro da família (nora do entrevistado) no exterior da propriedade rural.

De acordo com o entrevistado, a família apenas comercializa a uva *in natura* na própria propriedade e com duas (2) barracas de frutas de Jundiaí e dois (2) quiosques:

[...] então, hoje em dia a gente não tem tanta uva mais igual era no início, hoje estamos com uns 18 mil pés só, até porque pra cuidar é complicado, e a gente não tem condições de contratar tanta gente pra ajudar aqui, então é nós aqui mesmo e mais 4 pessoas que ajuda a gente, os vizinhos aqui sabe, aí dou um pouco de dinheiro pra eles [...] boa parte da uva uso pra fazer o vinho e vendo a uva *in natura* mesmo pra duas barracas de frutas aqui de Jundiaí mesmo, e pra dois quiosques, o Estação das Frutas e o Frutas Rondon, os quiosques geralmente pegam menos, porque a diversificação de frutas é muito grande (ENTREVISTA REALIZADA COM R.F NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA FONTEBASSO EM FEVEREIRO DE 2021).

Quando perguntado em relação a mão de obra utilizada na propriedade, R.F ressaltou a familiar, principalmente dele (responsável pela propriedade), do filho e de dois netos no processo de plantio e colheita da uva. Há também, quatro (4) vizinhos que auxiliam em todo processo produtivo, desde o plantio e colheita até o processo de seleção e distribuição nas caixas, porém o valor pago a eles não foi informado na entrevista. Em relação as mulheres que

residem na propriedade, foi destacado o papel da sua esposa e da nora, que auxiliam nos atendimentos da adega e no restaurante. O entrevistado ressaltou que:

[...] a minha mãe gostava muito de ficar aqui na adega também, conversando com o pessoal e vendendo, mas depois que meu pai morreu em 2019 ela ficou sentida sabe, foram 70 anos de casados, ela diz que se ela vem aqui pra adega ela lembra muito dele, as vezes ela vem, mas fica muito pouco, prefere ficar mais em casa com meu neto menor de 13 anos (ENTREVISTA REALIZADA COM R.F NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA FONTEBASSO EM FEVEREIRO DE 2021).

Em relação às atividades não-agrícolas praticadas no interior da propriedade, o entrevistado destacou a comercialização do vinho na adega da família e o restaurante.

Em relação à produção e comercialização do vinho, o entrevistado expôs que:

[...] como eu disse o meu bisavô que começou a produzir o vinho, no início era só pra ele mesmo, mas aí foi pegando gosto pela coisa e chegou até comercializar ali pela década de 1950, o vinho produzido era levado de carroça para a estação de trem e ia pra São Paulo, onde era vendido, quem era responsável por tudo isso da venda era meu avô, aí começou ficar muito complicado e caro, e começaram a vender as uvas mesmo e vender o vinho só pros vizinhos mais próximos e pro próprio consumo [...] depois veio meu pai, seguiu o mesmo caminho né de cuidar da uva e fazer vinho, e depois chegou em mim, então, nunca paramos de fazer vinho, eu com 18 anos já sabia fazer, a adega foi uma consequência de tudo né, naquela época o pessoal estava realmente investindo no turismo rural, já havia o apoio da prefeitura nesse setor e aí resolvemos abrir também, foi assim, tudo arriscado, se desse errado voltaríamos pra o que a gente sempre fez, a agricultura (ENTREVISTA REALIZADA COM R.F NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA FONTEBASSO EM FEVEREIRO DE 2021).

Além disso, R.F ressaltou que:

[...] hoje os principais responsáveis pelo preparo do vinho é eu e meu filho, mas um dos meus netos já tá começando a aprender e o de 13 anos também já querendo começar, o menino é danado; a gente fala que ele é nosso mascote aqui do sítio (risos) ele quer ajudar a plantar, colher, atender o pessoal, ele ajuda muito a gente aqui [...] na adega quem fica é minha esposa e a minha nora, a minha nora ajuda mais de final de semana porque ela trabalha fora, aí fica revezando né, as vezes estou eu, meu filho ou meu neto, a gente tenta estar em todo lugar pra atender o pessoal da melhor forma (ENTREVISTA REALIZADA COM R.F NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA FONTEBASSO EM FEVEREIRO DE 2021).

A família produz cerca de 8 a 15 mil litros anualmente de vinhos e todos os produtos são comercializados na adega da família e alguns no restaurante para consumo no local. Com tradição centenária na produção de vinhos, a família produz oito (8) tipos de vinhos, entre secos,

suaves, tintos, brancos e rosés, utilizando as uvas Corbina e Máximo. Na Foto 49 é possível observar algumas das variedades produzidas.

A adega funciona de segundas-feiras às sextas-feiras das 9:00 às 17:00 horas e de sábado e domingo das 9:00 às 16:00 horas.

Foto 49. Variedades de vinhos produzidos pela família Fontebasso



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Além da produção e da comercialização dos vinhos artesanais na adega da família, também ocorre a venda de licores, cachaças doces, cervejas artesanais, sucos de uva, queijos, salames, vinagre de vinho e pimentas, que são produzidos pela própria família ou adquiridos de produtores da região, os produtos variam de R\$ 15,00 à R\$ 35,00. A adega aceita pagamento em cartão e dinheiro.

Um dos destaques de venda na adega e para quem vai ao restaurante é a cerveja artesanal Kassy Beer – American Pale Ale (Foto 50), o valor da bebida é R\$ 30,00.

Foto 50. Cerveja Artesanal preparada pela própria família Fontebasso e comercializada na adega e no restaurante



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

De acordo com o entrevistado R.F:

[...] então foi um pedido do pessoal, tem gente que não gosta de tomar vinho com porções ou mesmo com comida, então pedia, não tem uma cerveja artesanal, aí meu filho teve essa ideia, tanto é que ele é o responsável pelo preparo, ele fez uns cursos, depois começou fazendo bem pouco pra ver como ficava, aí foi oferecendo pro pessoal degustar, aí estourou, começaram a pedir faz em garrafa, faz em garrafa e vende, aí que começamos mesmo (ENTREVISTA REALIZADA COM R.F NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA FONTEBASSO EM FEVEREIRO DE 2021).

Os clientes que chegam ao local (adega) ficam à vontade para degustar os vinhos e outros produtos para realizar a melhor escolha. Na Foto 51 é demonstrado o interior e o exterior da adega da família Fontebasso.

Foto 51. Adega na propriedade rural da família Fontebasso



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Outra atividade não-agrícola desenvolvida no interior da propriedade é o restaurante. De acordo com o entrevistado R.F, o restaurante foi inaugurado em janeiro de 2019 e a ideia de abri-lo surgiu porque:

[...] eu acho que as pessoas tem que sempre buscar melhorar e conseguir mais rendas, até porque do jeito que esse país, a adega dá um dinheiro muito bom, mas a gente tinha esse espaço aqui no sítio que não tinha nada era vazio, aí o pessoal aqui de casa começou falar e se a gente abrir um restaurante com comidas italianas pelo menos ocupa o espaço e é uma renda pra nós, a gente sabia que divulgação não ia faltar tem muito apoio da Prefeitura né com as Rotas Turísticas e nós já tínhamos um público que vinha na adega (ENTREVISTA REALIZADA COM R.F NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA FONTEBASSO EM FEVEREIRO DE 2021).

Na Foto 52 é apresentado o restaurante da família Fontebasso. O restaurante leva o nome da família como forma manter a tradição, já que a própria propriedade é nomeada de Sítio Fontebasso. O restaurante possui uma área ao ar livre, na qual são distribuídas mesas com guarda-sóis e também possui uma área coberta.

Foto 52. Restaurante na propriedade rural da família Fontebasso



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

De acordo com R.F, atualmente (2021), o restaurante possui oito (8) funcionários permanentes²⁹ considerando os que trabalham na cozinha, garçons e atendentes de caixa. O entrevistado ressaltou o trabalho da família no restaurante, destacando-o, além do filho, a nora e os dois netos, que auxiliam principalmente na recepção de turistas, no caixa e no atendimento nas mesas.

O restaurante funciona as sextas-feiras, sábados e domingos, com almoço *à la carte* e executivo das 11:30 às 16:30 horas. Na Figura 56 é possível observar alguns itens no *menu* do restaurante. Na descrição dos pratos é possível observar os modos de falar do caipira (Pá cumê,

²⁹ O salário pago para os funcionários não foi informado na entrevista.

Pá enche a pança, Pá cumê inté si acaba, Pá moiá as palavra) e os pratos tem preços que variam de R\$ 30,00 à R\$ 130,00, enquanto que as bebidas variam de R\$ 6,00 à R\$ 30,00.

Figura 56. Menu do restaurante na propriedade rural da família Fontebasso

Pá enche a pança	
	Meia porção Porção inteira
Macarrão ao sugo	R\$ 44,00 R\$ 62,00
Massa caseira, molho de tomate e parmesão ralado	
Macarrão à bolonhesa	R\$ 48,00 R\$ 68,00
Massa caseira, molho de tomate, carne moída e parmesão ralado	
Macarrão ao alho e óleo	R\$ 42,00 R\$ 59,00
Massa caseira, alho, azeite e parmesão ralado	
Macarrão ao molho branco	R\$ 47,00 R\$ 66,00
Massa caseira, molho branco, presunto, ervilha fresca e parmesão ralado	
Nhoque ao sugo	R\$ 49,00 R\$ 67,00
Nhoque de batata, molho de tomate e parmesão ralado	
Nhoque à bolonhesa	R\$ 53,00 R\$ 73,00
Nhoque de batata, molho de tomate, carne moída e parmesão ralado	
Na meia porção vem 0,5kg, na porção inteira vem 1kg	

Pá cumê inté si acabá!	
	Apron, 1,2kg Apron, 2,5kg Apron, 5kg
Lasanha bolonhesa	R\$ 42,00 R\$ 77,00 R\$110,00
Massa caseira, molho de tomate, carne moída, molho branco, muçarela e parmesão ralado	
Lasanha de queijo e presunto	R\$ 42,00 R\$ 77,00 R\$110,00
Massa caseira, molho de tomate, molho branco, muçarela, presunto e parmesão ralado	
Lasanha quatro queijos	R\$ 48,00 R\$ 88,00 R\$125,00
Massa caseira, molho branco, muçarela, Catupiry, provolone, gorgonzola e parmesão ralado	
Lasanha de berinjela à bolonhesa	R\$ 45,00
Berinjela, molho de tomate, carne moída, molho branco, muçarela e parmesão ralado	
Lasanha de berinjela de queijo e presunto	R\$ 45,00
Berinjela, molho de tomate, molho branco, muçarela, presunto e parmesão ralado	

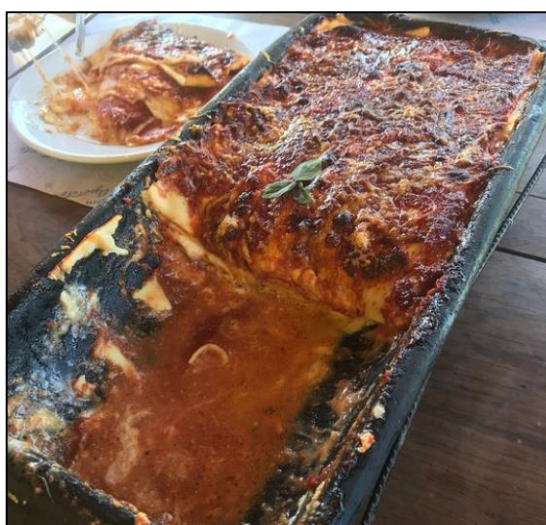
☐ Contém glúten ☐ Contém lactose
 Informe-se com o garçom sobre a possibilidade de tirar a lactose ou o glúten de seu prato!

FAÇA SEU EVENTO NO SÍTIO. CONSULTE-NOS!
 NÃO COBRAMOS TAXA DE SERVIÇO
 * DESCONTO DE 5% PARA PAGAMENTO EM DINHEIRO, CONF. LEI 13.455/2017 *
 HORÁRIOS DE FUNCIONAMENTO
 SÁBADOS E DOMINGOS DAS 11:30h ÀS 16h

Fonte: Facebook Sítio Fontebasso, 2021.

O restaurante é todo dedicado a gastronomia italiana, tendo foco principalmente nas massas. No cardápio há diversas opções de massas frescas que são preparadas artesanalmente, o prato carro chefe da casa são as lasanhas (Foto 53) à bolonhesa, presunto e muçarela, quatro queijos e de berinjela à bolonhesa e presunto e queijo, o seu diferencial é que são servidas na telha.

Foto 53. Lasanha de presunto e muçarela servida na telha no restaurante da família Fontebasso



Fonte: Foto fornecida pela família Fontebasso, 2021.

É possível ainda experimentar outras opções de frangos, peixes, macarrões, polentas, nhoques, saladas, sobremesas e entre muitos outros pratos. O restaurante acomoda cerca de 200

pessoas ou mais, pois devido ao espaço ao ar livre é possível acomodar um maior número de pessoas.

De acordo com o entrevistado, cerca de 7 mil visitantes - antes da pandemia de COVID-19 – frequentavam a propriedade mensalmente, e grande parte acaba optando por consumir no restaurante, porém, percebe-se que houve uma supervalorização nos números de visitantes, pois o restaurante só funciona de sexta-feira à domingo, sendo improvável atender todo esse público. Para o entrevistado:

[...] então a gente já tinha uma clientela né que vinha aqui no sítio consumir nossos produtos da adega, como o restaurante é muito recente tem gente que tá começando vim agora, mas com a pandemia ano passado e esse ano deu uma quebrada, mas seguimos firmes que isso tudo vai passar e vai vim mais gente aqui visitar nós [...] a mensagem maior que a gente pode dar é a alegria de poder receber uma pessoa aqui, aliás, ficamos muito felizes quando o pessoal vem aqui e queremos receber da melhor forma possível, vem gente de Jundiaí e região, São Paulo, Campinas e estamos recebendo um pessoal bem bacana de Americana que faz encontro de motos sabe, então sempre eles tão vindo, e vem bastante, quando vem é umas 20 motos almoça e passa a tarde aqui com a gente (ENTREVISTA REALIZADA COM R.F NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA FONTEBASSO EM FEVEREIRO DE 2021).

De acordo com o entrevistado, os visitantes buscam e apreciam justamente o contato com a natureza, a tranquilidade e a comida farta e boa e isto a propriedade rural consegue oferecer. Existe um espaço amplo com muita área verde, sendo possível realizar trilha, durante o caminho encontra-se uma lagoa para pesca (o valor da pesca por pessoa é R\$ 15,00) e nos seus arredores é possível observar pés de acerola, jabuticaba e goiabeira que podem ser colhidas e consumidas à vontade, além disso, a primeira casa construída pelo patriarca da família se encontra até hoje no local como forma de preservar a história.

Na Foto 54 é possível observar o tanque de pesca, a trilha e a primeira casa da família.

Foto 54. Tanque de pesca, trilha e a primeira casa da família Fontebasso



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

De acordo com o entrevistado da família Fontebasso:

[...] a gente fez esse tanque de pesca, o pessoal gosta bastante, no começo a gente não tinha liberado pra pesca, aí o pessoal começou pedir até por causa das crianças que adoram essas coisas né, a gente colocou esse valor fixo de R\$ 15,00 reais por pessoa, sendo que as crianças não pagam, mas é assim, é pesque e solte, é só por diversão mesmo, não vendemos os peixes, o bom que é uma renda a mais pra nós aqui, porque geralmente o pessoal que vem pra almoçar aproveita pra ficar um pouco por lá, as vezes nem chegam pegar o peixe (risos) mas só de estar ali é um lugar muito gostoso, e tem as árvores com frutos por ali então o pessoal já aproveita pra pegar (ENTREVISTA REALIZADA COM R.F NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA FONTEBASSO EM FEVEREIRO DE 2021).

A propriedade também possui uma horta (Foto 55). As hortaliças são utilizadas no restaurante, para consumo da família e também são comercializadas para aqueles que tiverem interesse, a diversificação de produtos é pequena, pois, o seu principal destino é o restaurante e este não prioriza o consumo de hortaliças. Na horta é possível encontrar alfaces do tipo crespa e lisa e cheiro-verde, que são comercializadas com preço de R\$ 2,50. Quando necessário há a

aquisição de outros produtos no CEASA do município de Jundiá, tais como o tomate que é um dos produtos mais utilizados pelo restaurante para o preparo dos molhos que acompanham os pratos.

Foto 55. Horta na propriedade rural da família Fontebasso



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Em relação aos demais produtos/ingredientes adquiridos, o entrevistado ressaltou que os compra nos mercados atacadistas do próprio município e algumas empresas como a Coca-Cola, Ambev, Kibon e Jundiá entregam os produtos diretamente na propriedade para o consumo no restaurante.

Por fim, em relação às atividades não-agrícolas desenvolvidas pelos membros da família no exterior da propriedade, o entrevistado ressaltou apenas o trabalho da nora em uma empresa metalúrgica do município durante a semana, e, aos finais de semana ela auxilia nas atividades da propriedade. Toda a renda adquirida pela nora compõe no orçamento familiar mensal. Os demais membros da família (responsável pela propriedade, a esposa, o filho e os dois netos) realizam apenas as atividades na propriedade rural, tanto voltadas para a agricultura, quanto as voltadas para o turismo rural.

A penúltima propriedade rural visitada na Rota Turística da Uva foi a da família Marquezin, localizada no bairro rural da Roseira. A propriedade da família é conhecida como Recanto Marquezin (Foto 56) e permanece com as plantações de uva, porém a principal fonte de renda da família provém da adega e de um restaurante localizados na propriedade, que segundo o entrevistado, foram iniciados através de recursos próprios adquiridos por meio da venda de bens.

Foto 56. Entrada da propriedade rural da família Marquezin (Recanto Marquezin)



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Na Figura 57 é apresentada a localização da adega e do restaurante na propriedade rural da família.

Figura 57. Localização da adega e do restaurante Marquezin na propriedade rural da família



Fonte: Google Earth. Elaborado por Tamires Regina Rocha, 2021.

De acordo com o entrevistado, a propriedade rural foi incluída da Rota Turística da Uva desde a sua implementação em 2016 e a opção por participar da rota ocorreu devido as vantagens que poderiam proporcionar, como no caso a ampla divulgação, atraindo um maior número de visitantes. Segundo o entrevistado:

[...] logo quando começamos a participar a gente já estava finalizando o restaurante, então pra gente caiu como uma luva, conversamos com a Marcela a Diretora de Turismo o que eles podiam estar fazendo pra ajudar nós, e eles conseguiram uma reportagem com a Revista de Sábado na TV TEM, onde mostramos o sítio e divulgamos o restaurante que já estava próximo de inaugurar, pra gente foi um sucesso muito grande [...] pra mim a principal vantagem é a divulgação, tudo realmente é feito a propaganda, de todas as rotas, dos sítios, restaurantes, adegas, cada rota tem sua página no facebook e instagram que eles vão atualizando com tudo que tem por lá, fora que nós também temos a nossa né particular e divulgamos tudo, hoje em dia a internet comanda tudo, não tenho o que reclamar tudo que é feito é bem transparente pra nós, só estamos vendo aí se conseguimos fazer uma associação pra melhorar um pouco a comunicação entre nós e a prefeitura, talvez essa seja minha crítica, as vezes queremos comunicar algo ou pedir algo e tem que esperar a reunião que demora (ENTREVISTA REALIZADA COM A.M NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA MARQUEZIN EM FEVEREIRO DE 2021).

De acordo com o entrevistado A.M, ele faz parte da quarta geração da família e a produção agrícola da uva vem desde a época do seu bisavô:

[...] quem veio da Itália foi meu bisavô e minha bisavô em 1889, quando eles chegaram aqui foram pra Campinas trabalhar nas fazendas de café, e aí depois de guardar um pouco de dinheiro conseguiram comprar um sítio aqui na Roseira, começaram plantando café que já tinha costume e depois veio a uva e não parou mais (ENTREVISTA REALIZADA COM A.M NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA MARQUEZIN EM FEVEREIRO DE 2021).

Na Foto 57 é possível observar a plantação de uva na propriedade rural da família Marquezin.

Foto 57. Plantação de uva na propriedade rural da família Marquezin



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

A renda obtida com as atividades agrícolas equivale a 20% da renda total familiar mensal), 15% da renda é representado pela aposentadoria do entrevistado e dos seus pais (responsáveis pela propriedade) e os outros 65% da renda da família advém da prática do turismo rural na propriedade rural. De acordo com o entrevistado, a família apenas comercializa a uva *in natura* com o CEASA do município de Jundiáí.

[...] nós já chegamos a ter 120 mil pés de uva aqui no sítio, hoje temos uns 30, 35 mil pés, até porque como agora investimos muito no turismo rural, a agricultura complementa nossa renda, antigamente era ao contrário né, tudo era em volta da agricultura, claro, é um bom dinheiro, mas com o turismo ganhamos mais, então a gente só vende a uva mesmo pro CEASA e com o resto fazemos vinhos, licores, sucos, essas coisas pra vender aqui na adega (ENTREVISTA REALIZADA COM A.M NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA MARQUEZIN EM FEVEREIRO DE 2021).

Além disso, na propriedade rural é possível encontrar um espaço destinado a criação de galinhas caipiras e dois lagos com patos, gansos, marrecos (os animais também circulam pela propriedade) e peixes (Foto 58).

Foto 58. Criação de animais na propriedade rural da família Marquezin



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

De acordo com o entrevistado A.M:

[...] o meu pai sempre gostou e criou galinha, mas nós não vendemos nenhuma não, apenas os ovos caipiras, a bandeja com 12 ovos sai por R\$ 10,00 reais [...] aí já faz uns 10, 12 anos que resolvemos abrir esses dois lagos e criar pato, ganso, marreco e alguns peixes, a gente gosta bastante e o pessoal que vem aqui agrada muito eles sabe, passa a mão, é uma festa, eles são bem mansos e ficam soltos aí no sítio e andam no meio do pessoal [...] a lagoa não é aberta pra pesca, nós usamos muito os peixes no restaurante, um dos pratos que saem muito é de tilápia à parmegiana aí usamos daqui (ENTREVISTA REALIZADA COM A.M NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA MARQUEZIN EM FEVEREIRO DE 2021).

Quando perguntado em relação a mão de obra utilizada na propriedade, A.M ressaltou o trabalho dele, do filho e do pai (responsável pela propriedade) no processo de plantio e colheita da uva. Também informou que existem seis (6) trabalhadores mensalistas (que recebem entre um salário mínimo a um salário mínimo e meio - Base fevereiro de 2022 - R\$ 1.212,00) que auxiliam em todo processo produtivo, desde o plantio e colheita até o processo de seleção e distribuição nas caixas. Em relação as mulheres que residem na propriedade, foi destacado o papel da sua mãe e da esposa, que auxiliam nos atendimentos na adega e no restaurante.

[...] lá na uva era pra ser só eu, meu filho e os trabalhadores né, mas meu pai é teimoso demais, sabe como é né, com 80 anos quer ajudar, nem que for pra dirigir um trator, então ele vai, mas gosto mais dele na adega [...] a minha mãe e minha esposa são mais fixas na adega e no restaurante, eu e meu filho estamos em todo canto, ele fez faculdade de turismo, então ele gosta muito de receber o pessoal e tá explicando a história da nossa família (ENTREVISTA REALIZADA COM A.M NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA MARQUEZIN EM FEVEREIRO DE 2021).

Em relação às atividades não-agrícolas praticadas no interior da propriedade, o entrevistado destacou a comercialização do vinho na adega da família e o restaurante.

Em relação à produção e comercialização do vinho, o entrevistado expôs que:

[...] a produção do vinho começou mesmo com meus avôs, eles faziam um pouco de vinho, mas assim, só pra eles mesmo, depois foi meu pai, que também fazia só pra ele e para os mais próximos, aí vai vai, eu casei mudei pra cá, a minha sogra fazia vinho lá no sítio dela também que é tradição da família, aí quando eu mudei pra cá já tinha conhecimento de como fazer o vinho por causa da minha sogra, aí comecei a mandar bala, juntei com meu pai, começamos a produzir mais e mais e abrimos a adega, foi a partir disso que deslanchamos e o turismo rural passou a fazer parte das nossas vidas (risos) aí tudo foi consequência do nosso esforço e dedicação (ENTREVISTA REALIZADA COM A.M NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA MARQUEZIN EM FEVEREIRO DE 2021).

O entrevistado A.M ressaltou que:

[...] quem faz os vinhos hoje é eu e meu pai, mas meu filho já manja bem sabe, logo ele vai passar a fazer também porque desafoga um pouco a gente, na adega é minha esposa e minha mãe que fica, eu, meu pai e meu filho fazemos um pouco de tudo, mexemos na parte de agricultura e no restaurante e na adega damos uma força tanto na recepção dos turistas e no atendimento (ENTREVISTA REALIZADA COM A.M NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA MARQUEZIN EM FEVEREIRO DE 2021).

A família produz cerca de 15 mil litros de vinhos anualmente que são comercializados na adega da família e alguns no restaurante para consumo no local. A adega funciona de

segunda-feira à sexta-feira, das 09:00 às 17:00 horas, e de sábado e domingo, das 09:00 às 16:00 horas. Na Foto 59 é possível observar algumas das variedades de vinhos produzidas pela família.

Foto 59. Variedades de vinhos produzidos pela família Marquezin



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Cabe destacar que além da produção e da comercialização dos vinhos artesanais na adega da família, também ocorre a venda de licores, cachaças, doces, picles, cervejas artesanais e sucos de uva, que são produzidos pela própria família ou adquiridos de produtores da região, os produtos variam de R\$ 10,00 à R\$ 35,00.

Um dos destaques de venda na adega e no restaurante são as cachaças (Foto 60) produzidas pela família, sendo que os principais sabores são: cachaça pura, cachaça uva isabel, cachaça com jabuticaba, cachaça com cerveja e cachaça com pimenta. Para o consumo, o copinho tem preço de R\$ 2,00, enquanto que a garrafa é comercializada por R\$ 25,00.

Foto 60. Cachaças produzidas na propriedade rural da família Marquezin

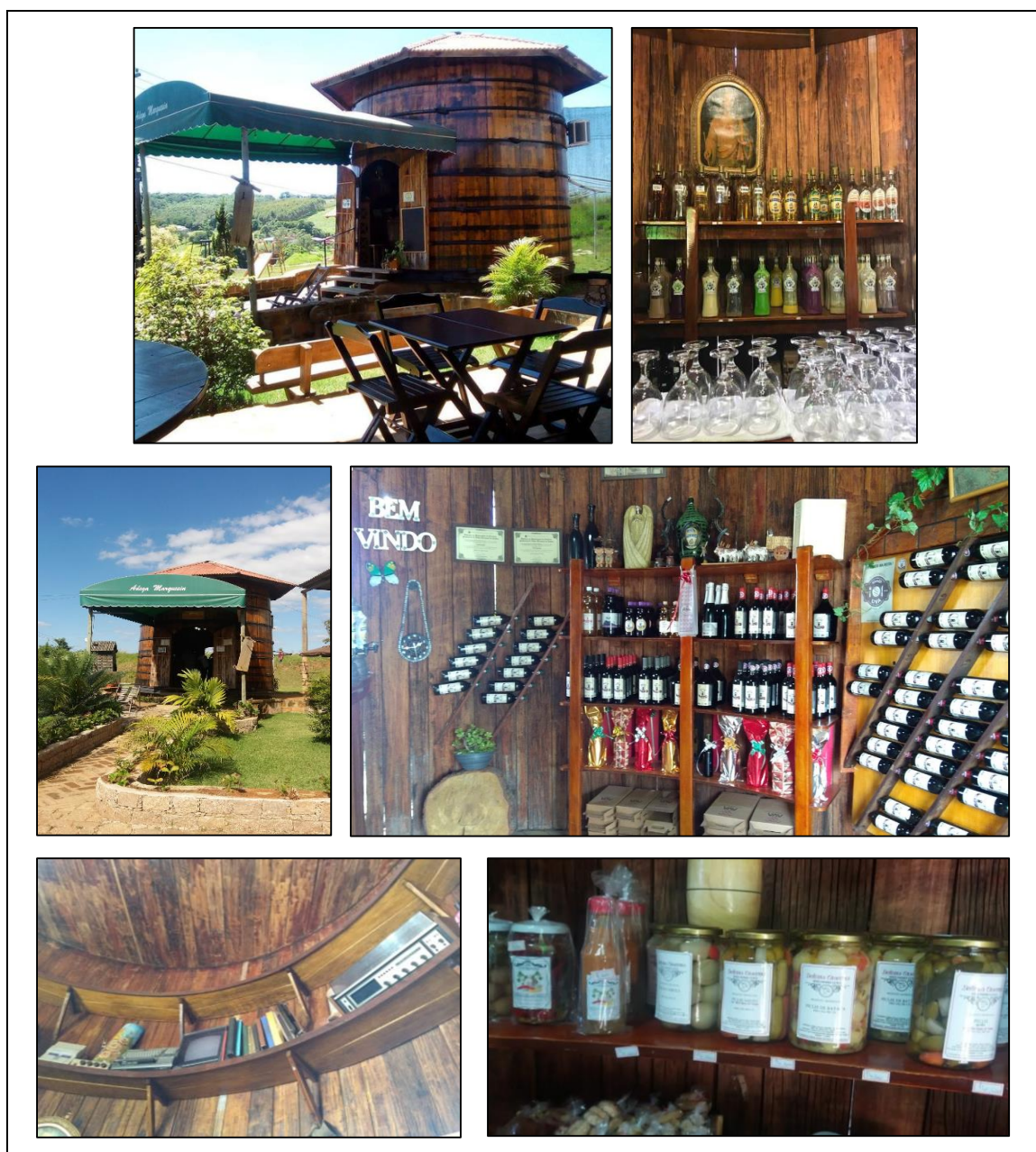


Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

A adega da família está localizada em um tonel de vinho de 90 mil litros, os clientes que chegam ao local ficam à vontade para degustar os produtos e realizar a melhor escolha. De acordo com o entrevistado, a Rota Turística da Uva foi importantíssima para o turismo rural da região, e graças a esse roteiro, que a família passou a intensificar os negócios na propriedade rural, inclusive promovendo a abertura do restaurante em 2017.

Na Foto 61 é demonstrado o interior e o exterior da adega da família Marquezin, os produtos comercializados e alguns objetos antigos da família que são expostos no alto da adega.

Foto 61. Adega na propriedade rural da família Marquezin



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

A outra atividade não-agrícola desenvolvida no interior da propriedade é o restaurante. De acordo com o entrevistado A.M, o restaurante foi inaugurado em janeiro de 2017 e a ideia de abri-lo surgiu porque:

[...] meu pai sempre teve o sonho de ter um restaurante, só que a ideia dele era só um café colonial, mas a ideia ficava só no papel, não sabíamos quando ia sair tão cedo, aí conforme a prefeitura foi investindo mais e mais no turismo rural aqui no município principalmente com as rotas, em 2017 nos falamos vamos tentar, mas vamos já com um restaurante de comida italiana mesmo, servir mais coisas, mostrar nossa tradição, aí meu pai concordou e abrimos, nós já tínhamos um público que vinha aqui no sítio, na adega, imagina com o restaurante, pro pessoal sentar, comer e passar a tarde, tinha tudo pra dar certo mesmo (ENTREVISTA REALIZADA COM A.M NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA MARQUEZIN EM FEVEREIRO DE 2021).

Na Foto 62 é apresentado o restaurante da família Marquezin. O restaurante possui uma área ao ar livre, além de um espaço aberto, porém coberto, próximo ao lago e um espaço totalmente coberto.

Foto 62. Restaurante da propriedade rural da família Marquezin



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

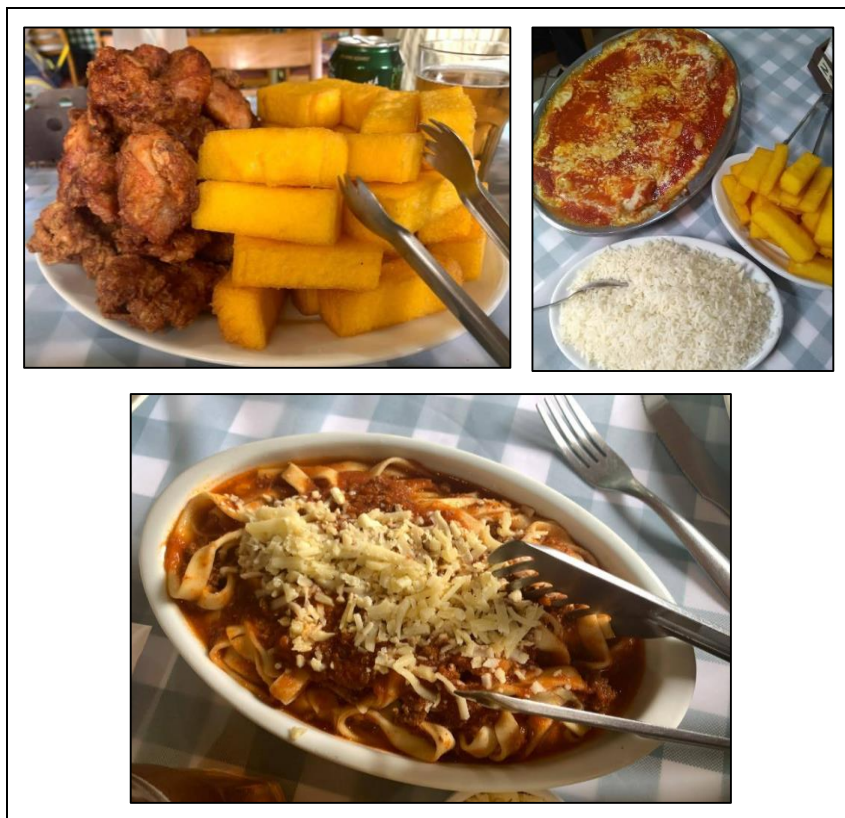
De acordo com o A.M. atualmente (2021) o restaurante possui dezoito (18) funcionários³⁰, considerando os que trabalham na cozinha, garçons e atendentes de caixa. Entretanto, o entrevistado ressaltou o trabalho da família no restaurante, destacando principalmente a esposa e a mãe que sempre estão presentes, administrando as atividades da cozinha e, até mesmo, se necessário, realizando atendimento nas mesas. Também, destacou a importância do filho na recepção dos turistas, atendimento nas mesas e no caixa, e por fim, do pai responsável pela propriedade e do próprio entrevistado, que circulam no restaurante e realizam atendimentos.

O restaurante funciona as sextas-feiras das 11:00 às 15:00 horas e das 18:00 às 23:00 horas (a noite com música ao vivo) e aos sábados, domingos e feriados das 11:30 às 16:00 horas, os pratos são servidos à *la carte* e executivo, o cardápio tem influências italiana e regional do sudeste do país.

Com características italianas, o restaurante possui principal foco nas massas. No cardápio há diversas opções de massas frescas que são preparadas artesanalmente, de acordo com o entrevistado. Entre os pratos principais da casa e os mais pedidos estão a macarronada à bolonhesa, à parmegiana de filé de tilápia (criadas no lago da propriedade rural da família) e a porção de frango frito com polenta (Foto 63).

³⁰ O salário dos funcionários não foi informado pelo entrevistado.

Foto 63. Pratos principais do restaurante da família Marquezin



Fonte: Fotos fornecidas pela família Marquezin, 2021.

Também é possível experimentar outras opções de porções, como torresmo e linguças, além de macarrões, polentas, nhoques, saladas, sobremesas etc. O restaurante acomoda mais de 300 pessoas, pois devido ao espaço ao ar livre, é possível distribuir uma maior quantidade de mesas.

De acordo com o entrevistado, cerca de 7 mil visitantes – antes da pandemia de COVID-19 - frequentavam a propriedade mensalmente, principalmente para o consumo no restaurante.

[...] antes do restaurante não vinha esse tanto de visitantes mensalmente não, era bem menos porque o pessoal ia só na adega dava uma volta aqui no sítio e ia embora, até porque vinha a fome né, e não tinha nada pra consumir, com o restaurante aumentou demais, e uma pessoa foi indicando pra outra e foi vindo muita gente, de sexta à noite que tem música ao vivo, lota demais, agora na pandemia que estamos com número de mesas reduzidos forma filas e filas de carros esperando, é muita gente pra pouca mesa, aí não dá conta mesmo [...] vem muita gente aqui de Jundiaí mesmo, Itupeva, Valinhos, Vinhedo região de Campinas mesmo sabe e de São Paulo também vem bastante (ENTREVISTA REALIZADA COM A.M NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA MARQUEZIN EM FEVEREIRO DE 2021).

Para o entrevistado, o amplo espaço com muita área verde, o contato com o “modo de vida caipira” e a tranquilidade são os diferenciais da propriedade rural, por isso os visitantes buscam e apreciam justamente esses elementos que são mais difíceis de encontrar em grandes centros urbanos movimentados. Além disso, nos arredores do restaurante é possível conhecer além das plantações de uva, pés de pêssegos, poncã, limão e goiaba, em frente ao lago existe vários bancos, para quem deseja descansar após o almoço (Foto 64).

Foto 64. Arredores do restaurante na propriedade rural da família Marquezin



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

De acordo com o entrevistado A.M:

[...] tudo isso é muito orgulho pra gente, ta podendo dar continuidade no que meu pai começou, e realizando o sonho dele né de abrir o restaurante, ele fica muito orgulhoso com tudo isso, ainda mais o neto dele trabalhando pesado aqui, entrou de cabeça mesmo, temos certeza que a tendência é só crescer (ENTREVISTA REALIZADA COM A.M NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA MARQUEZIN EM FEVEREIRO DE 2021).

Na propriedade também há uma horta (Foto 65). Nesta propriedade, diferente da anterior, a horta possui uma maior diversificação de hortaliças sendo também mais extensa. Os produtos são utilizados no restaurante, para consumo da família e dos empregados mensalistas. As hortaliças também são comercializadas na propriedade rural, podendo ser realizado o colhe e pague pelos interessados.

Entre os produtos, que por sinal são cultivados sem adição de agrotóxicos, destacam-se a alface crespa, lisa, roxa, couve manteiga, rúcula, salsinha e espinafre, os preços variam de R\$ 3,00 à R\$ 5,00. Os demais produtos são adquiridos no CEASA do município de Jundiaí,

sendo o tomate um dos principais, devido a sua alta demanda para utilização no preparado dos molhos.

Foto 65. Produção de hortaliças orgânicas na propriedade rural da família Marquezin



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Para o entrevistado, a ideia de comercializar produtos orgânicos surgiu pela demanda dos próprios visitantes. Segundo ele:

[...] a gente tinha uma hortinha mas era só pra gente aqui de casa mesmo, nem vendia, mas já era tudo sem agrotóxico, depois que veio o restaurante aí resolvemos aumentar né até porque é um gasto a menos pra nós, aí o pessoal começou pedir vende, vende, aí resolvemos colocar pra vender, e saí muito, pessoal compra bastante, até porque eu faço um precinho bom (risos), tem gente que prefere ir lá e colher a verdura, o famoso colhe e pague (ENTREVISTA REALIZADA COM A.M NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA MARQUEZIN EM FEVEREIRO DE 2021).

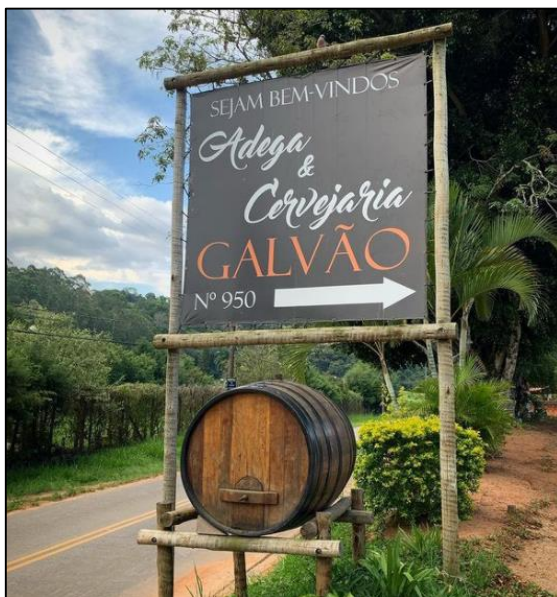
Em relação aos demais produtos/ingredientes utilizados no restaurante, o entrevistado ressaltou que os adquire nos mercados atacadistas do município de Jundiaí ou Campinas, além disso algumas redes de empresas entregam os produtos diretamente na propriedade rural para consumo no restaurante, entre elas destacam-se a Cola-Cola, Ambev e Kibon.

Por fim, em relação às atividades e rendas não-agrícolas realizadas no exterior da propriedade rural, o entrevistado ressaltou que nenhum membro da família exerce, pois todas

as atividades e rendas da família são decorrentes das atividades desenvolvidas na propriedade rural.

A última propriedade rural (Foto 66) visitada na Rota Turística da Uva foi a da família Galvão, localizada no bairro rural da Toca. Além de permanecer com o cultivo da uva, a família também possui uma adega/cervejaria e um restaurante na propriedade, sendo que a renda é contabilizada no orçamento mensal familiar. De acordo com o entrevistado, os empreendimentos foram iniciados por meio de financiamento bancário.

Foto 66. Entrada da propriedade rural da família Galvão



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Na Figura 58 é apresentada a localização da adega e do restaurante na propriedade rural da família.

Figura 58. Localização da adega e do restaurante Galvão na propriedade rural da família



Fonte: Google Earth. Elaborado por Tamires Regina Rocha, 2021.

A propriedade rural foi incluída na Rota Turística da Uva desde a sua implementação em 2016 e a opção por participar da rota ocorreu, pois,

[...] acreditávamos que só ia agregar pra gente, eles apresentaram o projeto e falaram desde o início que a prioridade era aumentar o fluxo de turistas em Jundiaí e pra isso divulgar os sítios, restaurantes, seria prioridade, além dos investimentos nos setores da cidade que estariam essas rotas, era outra prioridade [...] pra nós foi muito vantajoso, até porque abrimos o restaurante em 2015 e entramos na rota em 2016, e com isso alavancamos de vez, aumentou muito o pessoal aqui, gente que nem conhecia passou a vir [...] a divulgação na internet pra mim toma uma proporção muito grande, agora imagina além da nossa página no facebook, mais umas 4 ou 5 divulgando, aumentou demais os visitantes, fora nas festa, a Festa Italiana que tem aqui no Caxambú em 2019 foi recorde de público de todas as edições, muito por conta da divulgação com as rotas, ano passado não tivemos né infelizmente por causa da covid [...] estamos tentando organizar uma associação pra facilitar a comunicação entre nós e a prefeitura, acho que só isso falta, dos demais, só tenho a elogiar (ENTREVISTA REALIZADA COM F.G NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA GALVÃO EM FEVEREIRO DE 2021).

De acordo com o entrevistado F.G, ele faz parte da quarta geração da família e a produção agrícola da uva vem desde a época do seu bisavô:

[...] meu bisavô veio da Itália em 1889 junto com a minha bisavô e foram trabalhar nas fazendas de café, naquela época era só café né, eles foram pra região de Ribeirão Preto, depois de um tempo trabalhando lá conseguiram

guardar um bom dinheiro, aí um amigo do meu avô foi visitar eles e falou que tava sabendo de vários sítios que estavam vendendo em Jundiá e se meu vô não queria dar uma olhada as vezes interessava né, aí ele veio e gostou desse aqui na Toca, na época o pessoal já tava investindo pesado na plantação de uva aqui em Jundiá, aí meu vô também entrou na onda e foi plantar uva (ENTREVISTA REALIZADA COM F.G NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA GALVÃO EM FEVEREIRO DE 2021).

Na Foto 67 é possível observar a plantação de uva na propriedade rural da família Galvão.

Foto 67. Plantação de uva na propriedade rural da família Galvão



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

A renda obtida com as atividades agrícolas é muito inferior (equivalendo a 10% da renda total familiar mensal) se comparada com a renda adquirida com as atividades voltadas para o turismo rural na propriedade, que representam 80%, além disso, a aposentadoria dos pais responsáveis pela propriedade equivale a 10% da renda da família. De acordo com o entrevistado, a família apenas comercializa a uva *in natura* na propriedade rural, pois a quantidade cultivada é pequena.

[...] então, antigamente chegamos a ter uns 25 mil pés de uva, mas por questões de economia foi tirado esses pés, hoje nós só temos uns 7 mil, agora estamos com um projeto para aumentar a produção de uva novamente, com o turismo rural, a adega, o restaurante, as coisas graças Deus melhoram pra gente, então com certeza vamos aumentar o cultivo da uva, por isso a gente só vende aqui na propriedade mesmo, em dezembro, janeiro e fevereiro que é a época da uva montamos tipo uma barraquinha ali na frente e vendemos, com as demais nós fazemos o vinho (ENTREVISTA REALIZADA COM F.G NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA GALVÃO EM FEVEREIRO DE 2021).

Na propriedade rural também é realizada a criação de galos e galinhas, além do galinheiro, os animais também circulam pela propriedade (Foto 68). De acordo com o entrevistado, nenhum dos animais são comercializados, apenas os ovos (em bandejas com uma dúzia) que custa R\$ 12,00.

Foto 68. Criação de galos e galinhas na propriedade rural da família Galvão



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Quando perguntado em relação à mão de obra utilizada na propriedade, F.G ressaltou, principalmente a dele, da irmã e do pai (responsável pela propriedade) no processo de plantio e colheita da uva. Também destacou a importância de duas (2) tias, dois (2) tios e três (3) primos que, mesmo não residindo na propriedade, também auxiliam em todo processo produtivo, desde o plantio e colheita até a seleção e distribuição nas caixas. Em relação às mulheres que residem na propriedade, foi destacado o papel da sua mãe e da sua irmã, principais responsáveis pelos atendimentos na adega e no restaurante.

[...] aqui é tudo mão de obra familiar mesmo, meus tios tem sítio também, mas não cultiva muita coisa, eles mexem mais com a parte de pecuária, então sempre eles vêm dar uma força pra gente na uva junto com meus primos, por isso não contratamos ninguém, agora depois que aumentar a produção de uva, aí talvez né tenha que contratar algumas pessoas, mas por enquanto na parte da uva somos só nós, no restaurante que tem alguns contratados (ENTREVISTA REALIZADA COM F.G NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA GALVÃO EM MARÇO DE 2021).

Em relação às atividades não-agrícolas praticadas no interior da propriedade, o entrevistado destacou a comercialização do vinho e cervejas artesanais na adega da família e o restaurante.

Em relação à produção e comercialização do vinho, o entrevistado expôs que:

[...] meu bisavô que começou a produzir o vinho, mas era só pra eles de casa mesmo, depois passou pro meu avô que não era nada bobo (risos) já começou a comercializar com pessoas mais próximas, isso ali na década de 50, e finalmente chegou no meu pai, que foi o que continuou mesmo nessa parte de produzir o vinho, antigamente ele montou uma barraquinha na beira da estrada pra vender vinho e deu muita liga, vendia muito, pessoal passava lá de carro e comprava, aí que ele resolveu abrir a adega e hoje praticamente a gente vive disso e do restaurante, o turismo rural é a nossa principal fonte de renda (ENTREVISTA REALIZADA COM F.G NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA GALVÃO EM FEVEREIRO DE 2021).

Além disso, o entrevistado F.G destacou que:

[...] os vinhos é eu, meu pai e minha mãe que faz, eu quando fui crescendo já sabia que minha vida ia ser aqui, já mexia na uva e fazia vinho, gosto muito de mexer com o campo, tanto é que acabei fazendo agronomia, na adega quem fica mais é minha mãe e minha irmã, mas eu sempre gosto de dar uma força também, meu pai gosta muito de receber o pessoal, então ele tá em todo canto, só não gosto que ele se esforce muito na agricultura pela idade, mas sabe como é né, ele vai de todo jeito (ENTREVISTA REALIZADA COM F.G NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA GALVÃO EM FEVEREIRO DE 2021).

A família produz cerca de 8 mil litros de vinhos anualmente e todos os produtos são comercializados na adega da família e no restaurante para consumo no local. A adega funciona de terça-feira aos sábados, das 09:00 às 18:00 horas, e aos domingos das 09:00 às 17:00 horas. Na Foto 69 é possível observar algumas das variedades de vinhos produzidas pela família.

Foto 69. Variedades de vinhos produzidos pela família Galvão



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

A família produz vinhos do tipo Tinto Suave (Bordô), Tinto Seco (Bordô e Curbina com Isabel), Rosé Suave (Niagara), Rosé Seco (Niagara), Branco Suave (Niagara) e Branco Seco (Niagara).

Também ocorre a comercialização de outros produtos na adega da família, tais como, licores (Marula, Café, Milho, Meia de Seda, Coco, Uva e Chocolate), cachaças, pingas (sabores

Rapadura, Mel e Canela), doces, pães caseiros, salames, massas, cafés, cervejas artesanais e sucos de uva, que são produzidos pela própria família ou adquiridos de produtores da região ou de Minas Gerais - MG, os produtos variam de R\$ 15,00 à R\$ 45,00 e a adega aceita pagamento em cartão e dinheiro.

Um dos destaques de venda na adega e no restaurante são as cervejas artesanais (Pilsen, Weiss, American Talehle, Indian Tale Ale, Stout e o Chopp de Vinho – os preços variam de R\$ 20,00 à R\$ 40,00 e as pingas de R\$ 25,00 (Foto 70).

Foto 70. Cervejas artesanais e pingas que se destacam nas vendas realizadas na adega da família Galvão



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

De acordo com o entrevistado, a produção de cervejas artesanais começou há 4 anos, de uma produção de 20 litros ao mês, a família passou a produzir 1500 litros mensais de cerveja.

[...] então, o pessoal que vinha aqui sempre perguntava vocês fazem cerveja, aí a gente sempre falava que não, até porque até então o nosso foco era vinho e seus derivados né, aí um dia fiquei pensando, poxa vida, tem um espaço legal aqui eu já sei fazer vinho porque não arriscar na cerveja, aí procurei uns cursos, e fiz um lá em São Paulo na Brau Akademie, um curso extenso, mas foi essencial pra dar início a produção de cerveja, aí fui comprando os equipamento e fui começando a produzir, no início colocava apenas como

aperitivo pro pessoal, dava pra eles experimentar sabe, e deu muito certo, hoje as cervejas são muito vendidas aqui na adega e o pessoal compra muito pra levar pra casa, e eu sempre que aparece cursos estou fazendo, conhecimento nunca é demais né (ENTREVISTA REALIZADA COM F.G NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA GALVÃO EM FEVEREIRO DE 2021).

Assim como a maioria das adegas locais, o espaço é bem familiar e aconchegante. Na Foto 71 é apresentado o interior e o exterior da adega da família Galvão e os produtos comercializados.

Foto 71. Adega na propriedade rural da família Galvão



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

A outra atividade não-agrícola desenvolvida no interior da propriedade é o restaurante. De acordo com o entrevistado F.G, o restaurante foi inaugurado em abril de 2015 e a ideia de abri-lo surgiu em virtude de que:

[...] então aqui é um lugar bem agradável, os visitantes vinham comprava produtos da adega e andava aqui pelo sítio, mas era o seguinte né, o pessoal queria comer, aí comecei a conversar principalmente com a minha irmã de abrir um restaurante pra ver se dava certo, o turismo vinha crescendo muito em Jundiaí, estava em processo de formação as Rotas Turísticas então a tendência era aumentar ainda mais os visitantes e aqueles que oferecessem mais nas suas propriedades que iriam se dar melhor, foi ai que decidimos abrir o restaurante (ENTREVISTA REALIZADA COM F.G NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA GALVÃO EM FEVEREIRO DE 2021).

Na Foto 72 é apresentado o restaurante da família Galvão. O espaço é um local mais simples, foi construído um barracão pela família, no qual está localizado a cozinha e as mesas. Ao longo da propriedade é possível observar mesas para aqueles que preferirem se acomodar em um espaço aberto.

Foto 72. Restaurante da propriedade rural da família Galvão



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

De acordo com F.G., atualmente (2021) o restaurante possui dez (10) funcionários³¹, considerando os que trabalham na cozinha, garçons e atendentes de caixa, sendo que uma das cozinheiras é a tia do entrevistado que não reside na propriedade. O entrevistado ressaltou o trabalho da família no restaurante, destacando principalmente o dele, da irmã e da mãe que sempre estão presentes, administrando as atividades da cozinha e até mesmo realizando atendimento nas mesas. Em relação ao seu pai, que é mais idoso (76 anos) o entrevistado ressaltou a sua importância na recepção dos visitantes e até mesmo nos atendimentos da adega, principalmente quando a irmã e a sua mãe vão auxiliar no restaurante.

O entrevistado ainda ressaltou a importância dos tios e dos primos através do auxílio no restaurante, principalmente no atendimento das mesas.

[...] então minha tia que ajuda na plantação de uva é uma das nossas cozinheiras, ela sempre gostou de cozinhar e cozinha bem alimentos da culinária italiana, então quando abrimos aqui primeira coisa foi chamar ela, ela que também faz os pães para vender na adega [...] mas a minha outra tia, meus dois tios e meus três primos sempre que podem também dão uma força aqui no restaurante, mas no caso deles não tem um salário fixo não, eles ajudam porque gostam mesmo sabe, do mesmo jeito quando eles precisam lá no sítio deles a gente vai e ajuda (ENTREVISTA REALIZADA COM F.G NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA GALVÃO EM FEVEREIRO DE 2021).

O restaurante funciona às sextas-feiras das 11:00 às 15:00 horas e aos sábados, domingos e feriados das 11:30 às 16:30 horas O restaurante trabalha com pratos executivos cujos preços variam de R\$ 30,00 à R\$ 60,00 e com cardápio do tipo “combo” com (10) dez opções de pratos principais que servem até quatro (4) pessoas que variam de R\$ 55,00 à R\$ 120,00, sendo que todos os pratos acompanham arroz e farofa ou uma massa a escolha do cliente (macarrão à bolonhesa, nhoque ou lasanha). Na Figura 59 é destacado os três (3) combos mais pedidos no restaurante.

³¹ O salário dos funcionários não foi informado pelo entrevistado.

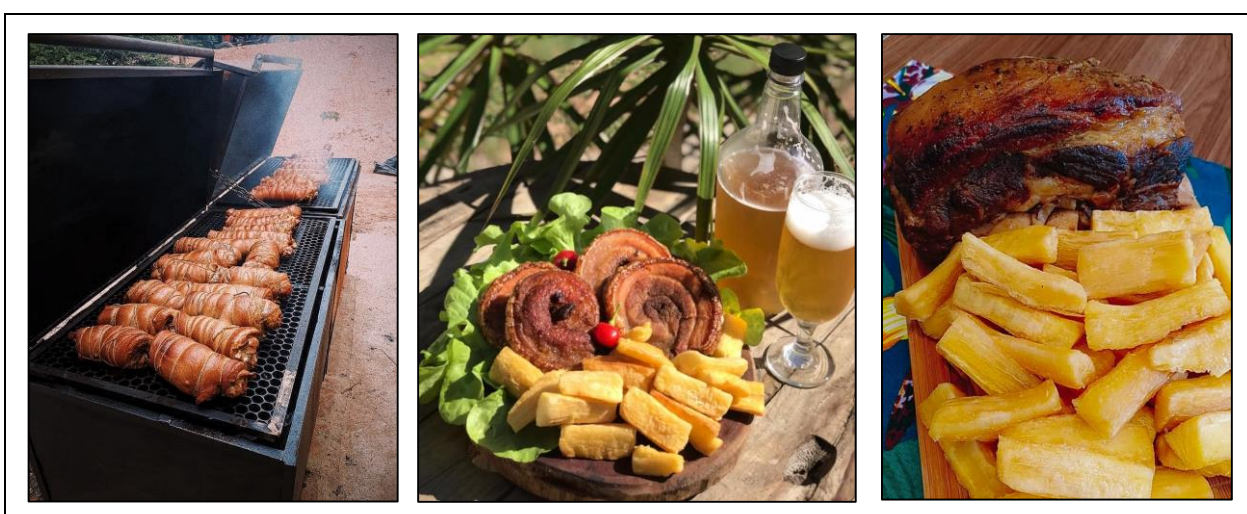
Figura 59. Combos mais pedidos no restaurante da família Galvão



Fonte: Facebook Adega e Cervejaria Galvão, 2021.

Como características italianas e da região sudeste do país, o restaurante possui principais focos nas massas frescas que são preparadas artesanalmente (lasanha, macarrão, nhoque, canelone, entre outras) e em porções (batatas fritas, mandioca frita, frango com polenta, torresmo, pancetta no rolo, costela a bafo com mandioca, costelinha suína, linguiça, bolinho de carne seca, entre outras opções). Os preços das porções variam de R\$ 30,00 à R\$ 70,00. Também é possível visualizar no cardápio outras opções de alimentos, como a polenta com carne moída ou com frango, maionese e peixes (cação e tilápia). De acordo com o entrevistado, entre os pratos mais pedidos da casa estão o combo de pancetta no rolo e a costela a bafo com mandioca frita (Foto 73).

Foto 73. Pratos mais pedidos do restaurante da família Galvão



Fonte: Fotos fornecidas pela família Galvão, 2021.

O restaurante acomoda mais de 200 pessoas, pois devido ao espaço ao ar livre é possível distribuir uma maior quantidade de mesas.

De acordo com o entrevistado F.G, a família realiza eventos gastronômicos na propriedade buscando atrair um maior número de visitantes. Segundo ele:

[...] a ideia dos eventos gastronômicos foi toda da minha irmã em 2016, ela percebeu o sucesso que as porções de carnes assadas estavam fazendo, no caso a costela e a pancetta no rolo, aí ela comentou da gente fazer tipo um evento com convite sabe, sendo esses pratos como principais e uma bancada com arroz, mandioca, farofa, salada, essas coisas a vontade por um preço fixo, aí resolvemos fazer por curiosidade [...] mas olha deu tão certo, que hoje em dia os convites acabam super rápidos, tem gente que manda mensagem pra reservar um convite que mais tarde passa aqui pra pegar, claro que agora com a pandemia diminui muito né, praticamente quase nem fizemos ano passado, afetou todos, mas quando voltar ao normal isso aqui lota, graças a Deus, quando estava tudo normal, geralmente fazíamos uma ou duas vezes no mês, de domingo, aí diversificamos né, em junho mesmo fazemos convites de festa junina com comidas típicas, tem vez que fizemos de feijoada e vamos diversificando e quando dá ainda trazemos um pessoal pra tocar aqui pra dar uma animada (ENTREVISTA REALIZADA COM F.G NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA GALVÃO EM FEVEREIRO DE 2021).

Na Foto 74 é apresentado alguns dos eventos gastronômicos que ocorreram na propriedade rural da família Galvão. A divulgação dos eventos ocorre na propriedade rural e via Facebook da própria família e das Rota Turísticas da Uva e do Vinho. De acordo com o entrevistado, a aquisição dos animais (porco e boi) ocorre no Sítio Santa Cecília em Jundiaí ou do sítio dos próprios tios que realizam a criação e comercialização de animais. Em relação ao preparo das carnes, o entrevistado e o seu pai são os principais responsáveis.

Foto 74. Eventos gastronômicos ocorridos na propriedade rural da família Galvão



Fonte: Fotos fornecidas pela família Galvão, 2021.

Em relação ao número de visitantes que frequentam a propriedade mensalmente, o entrevistado acredita que seja por volta de 5 mil visitantes antes da pandemia de COVID-19.

[...] não sei ao certo, mas acredito que seja em torno de 5 mil pessoas, aumentou muito o movimento principalmente com o restaurante, antes era só a adega né, agora da pro pessoal vim, comprar nossos produtos e ainda passar a tarde no restaurante, nos dias dos eventos gastronômicos é um dos dias que mais vendemos, porque praticamente atinge a capacidade máxima das mesas e o pessoal demora muito pra ir embora, tem gente que vai na adega, depois volta, come, dá um volta e vem comer de novo, então ganhamos bem nesses dias [...] agora na pandemia sentimos muita falta de ver isso aqui cheio, a gente vive disso né, mas é muito prazeroso também ver as pessoas gostando de estar aqui, elogiando nossos pratos, eventos, comprando nossos produtos, a gente percebe que as pessoas se sentem bem aqui e realmente é um lugar

muito calmo que da pro pessoal descansar a cabeça [...] geralmente o pessoal que vem é aqui de Jundiaí mesmo e região, São Paulo e Campinas, são esses os lugares que eu mais vejo (ENTREVISTA REALIZADA COM A.M NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA GALVÃO EM FEVEREIRO DE 2021).

A propriedade rural da família é a única (se comparada com as visitadas anteriormente) que não possui horta. De acordo com o entrevistado, os produtos são adquiridos no CEASA do município de Jundiaí.

[...] no momento não temos horta, mas olha faz uma falta danada, até porque seria um gasto a menos né, a horta está no meu projeto que te falei lá no início de aumentar a plantação de uva, já quero aproveitar e fazer uma horta também, nem que seja simples, porque consome bem hortaliça aqui no restaurante, principalmente nos eventos que geralmente tem uma mesa só de salada [...] tudo que eu compro da parte de hortaliças, legumes é no CEASA aqui de Jundiaí mesmo (ENTREVISTA REALIZADA COM A.M NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA GALVÃO EM FEVEREIRO DE 2021).

Sobre os demais produtos/ingredientes adquiridos para o restaurante, a família os compra nos mercados atacadistas do município de Jundiaí e algumas redes de empresas entregam os produtos diretamente na propriedade rural para consumo no restaurante, entre elas destacam-se a Cola-Cola, Ambev, Seara Alimentos e Sorvetes Jundiá.

Quanto as atividades e rendas não-agrícolas realizadas por membros da família no exterior da propriedade rural, nenhum membro da família as realiza, sendo que todas as atividades são desenvolvidas na propriedade rural em prol da adega e do restaurante.

Cabe destacar dois aspectos em comum que foram relatados pelos sete (7) entrevistados: 1) Tanto a renda adquirida com as atividades agropecuárias, quanto a renda referente as atividades não-agrícolas, através principalmente da prática do turismo rural na propriedade e/ou através do trabalho de membros da família no exterior da propriedade rural, são utilizadas para os investimentos na propriedade, a manutenção da família, com despesas pessoais e pagamentos de funcionários – quando presentes; 2) Para os entrevistados, os meses de dezembro e janeiro são os de maiores movimento nas propriedades rurais, pois é o período de férias das pessoas e, assim, acabam optando por se darem um descanso distante das agitações da cidade, além de que, nesses meses, ocorre a Festa da Uva no município, o que contribui para aumentar o fluxo de pessoas nas Rotas Turísticas em busca de adquirir produtos e conhecer mais sobre a história das famílias.

Cabe ressaltar também sobre os impactos da pandemia de COVID-19 nas atividades desenvolvidas nas propriedades rurais, principalmente naquelas voltadas para o turismo rural,

como as adegas, restaurantes e museu do vinho. As medidas de restrições do Plano São Paulo fizeram com que houvesse o fechamento das propriedades rurais para visitas. Nesse sentido, foi necessário que os agricultores e/ou empreendedores que tem atividades de turismo rural da Rota da Uva tivessem que buscar estratégias para superar este período e as perdas econômicas.

De acordo com as entrevistas realizadas, cujas respostas aos impactos da pandemia e buscas de alternativas foram sistematizadas no Quadro 13, é possível perceber que a principal estratégia adotada foi a adesão ao sistema de *delivery*, que teve o apoio da Prefeitura Municipal de Jundiaí, através do projeto Deguste em Casa que passou a divulgar por meio das redes sociais, os empreendimentos de turismo rural e seus respectivos produtos comercializados que passaram a ser entregues nas casas dos consumidores que realizavam pedidos.

No Quadro 13 é exposto algumas informações coletadas com os sete (7) entrevistados sobre os principais impactos da COVID -19 nas atividades desenvolvidas, as possíveis soluções para o período e se houve ou não a demissão de funcionários.

Quadro 13. Impactos e possíveis soluções da pandemia de COVID-19 nas propriedades rurais entrevistadas

PROPRIEDADES RURAIS	PRINCIPAIS IMPACTOS DA COVID-19 PARA AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	POSSÍVEIS SOLUÇÕES PARA O PERÍODO	DEMISSÃO DE ALGUM FUNCIONÁRIO (AGRICULTURA E/OU TURISMO RURAL)
Família Maziero	Interrupção das atividades da adega e a não realização da Festa da Uva	Adesão ao sistema de <i>delivery</i> (telefone e <i>whatsapp</i>) e correios (para endereços distantes)	Não ocorreu demissões de funcionários.
Família Brunholi	Interrupção das atividades do Restaurante, Adegas e Museu do Vinho	Adesão ao sistema de <i>delivery</i> (telefone, <i>whatsapp</i> e <i>ifood</i>) e retirada no local, além de impulsionar a venda de produtos pelo <i>site</i>	Não ocorreu demissões, foram dadas férias ou feito sistema de rodízio entre os funcionários, tanto da agricultura, quanto dos que trabalham nas atividades voltadas para o turismo rural.
Família Vendramin	Interrupção das atividades da adega e a não realização da Festa da Uva	Adesão ao sistema de <i>delivery</i> (telefone e <i>whatsapp</i>)	Foi implantado o sistema de rodízio entre as pessoas que trabalham na agricultura.
Família Beraldo di Cali	Interrupção das atividades da Adegas e do Restaurante	Adesão ao sistema de <i>delivery</i> (telefone, <i>whatsapp</i> e <i>ifood</i>) e retirada no local	Não ocorreu demissões, foram dadas férias ou feito sistema de rodízio entre os funcionários, tanto da agricultura, quanto dos que trabalham nas atividades voltadas para o turismo rural.
Família Fontebasso	Interrupção das atividades da Adegas e do Restaurante	Impulsionou o sistema de <i>delivery</i> (<i>whatsapp</i> e <i>ifood</i>) atendendo além de Jundiá, os municípios de Itupeva, Várzea Paulista, Louveira e Campo Limpo	Não ocorreu demissões de funcionários.
Família Marquezini	Interrupção das atividades da Adegas e do Restaurante	Adesão ao sistema de <i>delivery</i> (<i>whatsapp</i>) e retirada no local	Não ocorreu demissões, foram feitos sistemas de rodízio entre os funcionários que trabalham nas atividades voltadas para o turismo rural, enquanto que, na agricultura foi possível mantê-los normalmente.
Família Galvão	Interrupção das atividades da Adegas e do Restaurante	Adesão ao sistema de <i>delivery</i> (<i>whatsapp</i> e <i>Goomer Go</i>) e retirada no local	Não ocorreu demissões de funcionários.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2021. Org. Tamires Regina Rocha, 2022.

Ao observarmos o Quadro 13 é interessante destacar que mesmo com esse período conturbado, os entrevistados informaram que conseguiram manter os seus funcionários através do uso de estratégias, tais como concessão de férias ou por meio do sistema de rodízio. O entrevistado da família Marquezin ressaltou que:

[...] passamos a vender tudo, vinho, doces, pães, comidas e até as hortaliças, o pessoal pede pelo *whatsapp* e nós entregamos ou eles retiram ali na entrada [...] com meus funcionários do restaurante estou fazendo rodízio até hoje pra não pesar, acho que foi a melhor maneira pra não precisar mandar ninguém embora, dos que cuidam da uva não precisei, consegui manter todos [...] e vamos caminhando, importante agora, acima de tudo, é a saúde de todos nós e esperar essa vacina (ENTREVISTA REALIZADA COM A.M NA PROPRIEDADE RURAL DA FAMÍLIA MARQUEZIN EM FEVEREIRO DE 2021).

Em relação à Festa da Uva de Jundiaí do ano de 2021, que não ocorreu nos meses de janeiro e fevereiro devido a pandemia de COVID-19, alguns entrevistados destacaram que esta teria sido remarcada para final do mês de junho de 2021. Entretanto, com o aumento no número de casos de COVID-19, a festa acabou sendo cancelada e não sendo realizada naquele ano.

Para o ano de 2022, o Comitê de Prevenção e Enfrentamento ao Coronavírus (CEC) orientou pela não realização da Festa da Uva de Jundiaí. Além do risco de disseminação do vírus e de contaminação em massa, devido a propagação da nova variante Ômicron, a realização da festa em outro período do ano agrega custos adicionais aos produtores, por isso, os integrantes dos Conselhos Municipais do Turismo (COMTUR) e de Desenvolvimento Rural (CMDR) acolheram e apoiaram a decisão adotada. A Prefeitura de Jundiaí, junto com os conselhos e da Associação Agrícola de Jundiaí, definirão quais ações poderão ser desenvolvidas para suprir a lacuna deixada pela não realização da Festa da Uva (PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2022).

No próximo subtitem será analisada a Fazenda Nossa Senhora da Conceição que também faz parte da Rota Turística da Uva.

3.5. A Fazenda Nossa Senhora da Conceição como opção na Rota Turística da Uva no município de Jundiaí

Após realizarmos a pesquisa de campo nas sete (7) propriedades rurais, nos cinco (5) restaurantes rurais e no Museu do Vinho, visitamos a Fazenda Nossa Senhora da Conceição que também faz parte da Rota Turística da Uva, afim de compreendermos a importância do estabelecimento para o turismo rural do município.

No Quadro 14 é exposto as informações do entrevistado, tais como gênero, grau de escolaridade, idade, estado civil e sua situação no estabelecimento.

Quadro 14. Dados de identificação do entrevistado

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Nome	A.S
Gênero	Masculino
Grau de Escolaridade	Ensino Médio Completo
Idade	52 anos
Estado Civil	Casado
Situação no estabelecimento	Responsável

Fonte: Pesquisa de Campo. Org. Tamires Regina Rocha, 2021.

O processo de adesão da Fazenda Nossa Senhora da Conceição na Rota Turística da Uva ocorreu por meio da iniciativa do próprio entrevistado (proprietário da fazenda) logo em sua implementação em 2016. A opção por participar da rota ocorreu pois, traria maior visibilidade e divulgação do estabelecimento e investimentos ao redor (exemplo: vias de circulação) já que a fazenda conta com vários atrativos turísticos direcionados para o turismo rural e cultural.

Em relação às reuniões que são realizadas pelo poder público em conjunto com aqueles que participam da Rota da Uva, o entrevistado expôs que:

[...] ocorre duas reuniões no ano com o pessoal do turismo da prefeitura, sempre com a presença da Diretora Marcela, uma reunião é em janeiro que reúne os responsáveis de todos os estabelecimentos e sítios que participam das rotas e a outra geralmente é junho ou julho que reúne os responsáveis de cada rota individualmente sabe, no nosso caso, é eu ou meu irmão que está presente, nesses dias que colocamos nossas demandas né e é falado o que vai ser feito de investimento nas rotas (ENTREVISTA REALIZADA COM A.S NA FAZENDA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO EM ABRIL DE 2021).

Quando perguntamos se o poder público ofereceu algum curso voltado para o turismo, o entrevistado ressaltou os mesmos cursos citados pelos sete (7) produtores rurais entrevistados: Gerenciamento e recepção de turistas (SENAC – Duração de 4 meses - 2016) e Empreendedorismo em pequenos negócios (SEBRAE – Duração de 3 meses – 2017). Além disso, o entrevistado ressaltou que possui duas (2) filhas, sendo que as duas formaram-se em Turismo e estão realizando um curso voltado para comunicação, o que facilita para progredir

com o estabelecimento/fazenda e também auxilia aos demais membros da família através de orientações que são passadas por elas.

Quando perguntado se o turismo rural ajudou a valorizar a cultural local, o entrevistado ressaltou que sim, pois, foi uma maneira de resgatar e valorizar a rica história que foi construída em Jundiaí, principalmente através do imigrante italiano e da produção da uva e do vinho, e, todos esses aspectos são narrados em cada estabelecimento/propriedade rural que fazem parte dos roteiros de turismo rural nas Rotas Turísticas do município. No caso da Fazenda Nossa Senhora da Conceição, toda essa história é contada partindo desde a época da produção do café, da escravidão até chegar no imigrante.

O entrevistado ressaltou que, para melhorar ainda mais o turismo rural local seria interessante:

[...] a criação de mais rotas né, tem vários colegas que são de outros bairros que também gostariam de fazer parte das rotas, tem vários sítios que tem muita história escondida por lá, sei que a prefeitura já está vendo isso, mas complicou né por conta da pandemia, mas acho que vai ser bem interessante a criação de mais rotas aqui em Jundiaí (ENTREVISTA REALIZADA COM A.S NA FAZENDA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO EM ABRIL DE 2021).

Quanto aos problemas que o turismo rural trouxe para o bairro e/ou município, assim como a Diretora de Turismo Municipal e os sete (7) produtores rurais entrevistados, o entrevistado também ressaltou o aumento do fluxo veicular no município e, principalmente nos bairros em que estão localizadas as Rotas Turísticas, sendo que nas reuniões que são realizadas, sempre é debatido este assunto afim de melhorar este aspecto e não prejudicar tanto os moradores do município de Jundiaí, quanto os visitantes.

O entrevistado expôs que a Fazenda Nossa Senhora da Conceição foi adquirida por Francisco José da Conceição, conhecido como Barão de Serra Negra – que recebeu esse título de Dom Pedro II, em 1871 - homem de origem abastada, nascido em 1822 na cidade de Piracicaba.

[...] ele era de uma família produtora de açúcar e de abastecimento para as regiões mineradoras, aí partir de 1850 o Barão passou a participar da expansão da economia cafeeira no oeste paulista. A partir daí, a propriedade passou a ser altamente produtiva em café, naquela época eram 3 mil alqueires, com 400 mil pés de café e tudo era feito com mão-de-obra escrava (ENTREVISTA REALIZADA COM A.S NA FAZENDA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO EM ABRIL DE 2021).

O entrevistado ressaltou que, embora a propriedade tenha sido adquirida por Francisco José da Conceição, ele mesmo não residiu na fazenda. O Barão teve dez filhos, sendo que um deles (José da Conceição) que morou na propriedade.

De acordo com A.S, no período áureo da cafeicultura, o Barão de Serra Negra devido sua notoriedade política e econômica, recebia em suas várias propriedades na região pessoas ilustres como o Imperador Dom Pedro II e sua esposa, a Imperatriz Dona Thereza Cristina e o Conde D'Eu. A Fazenda Nossa Senhora da Conceição chegou a ser visitada pela Princesa Isabel.

Em 1882 chegaram alguns pioneiros imigrantes italianos,

[...] os quais passaram a trabalhar no cultivo do café juntamente com escravos e morar em 30 colônias existentes na fazenda. Com os imigrantes a fazenda modicou-se e adquiriu feições novas com as construções edificadas para atender às suas necessidades, de tal modo que eles não precisassem ir até a cidade. Deste modo, em fins do século XIX foi construída uma capela, pelos próprios imigrantes em homenagem a Nossa Senhora da Conceição; além da escola que teria sido construída para alfabetizar os colonos na língua portuguesa (FAZENDA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO).

A capela (Foto 75) ainda permanece no local atualmente (2021) e, de acordo com o entrevistado, são realizadas celebrações todos os domingos às 10:00 horas, também, é possível através de agendamentos, realizar cerimônias religiosas tais como: casamentos, batizados, bodas e festas comemorativas na capela.

Foto 75. Capela na Fazenda Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

A antiga escola foi transformada em uma lojinha (Foto 76), na qual se vende produtos da região e produzidos na própria fazenda, como artesanatos, produtos educativos, doces

caseiros, pães, queijos, vinhos e o café produzido na própria fazenda (100% arábico). Os produtos variam de R\$ 10,00 à R\$ 25,00.

Foto 76. Prédio da antiga escola e que atualmente é a lojinha da Fazenda Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Motivados pelo clima na região, os imigrantes implantaram na propriedade:

[...] o cultivo da uva, criando um novo ciclo após a queda do valor do café na bolsa de Nova York e a consequente crise que levou a falência diversos produtores e pessoas ligadas ao mercado cafeeiro. Com isso a fazenda tornou-se uma das maiores produtoras de uva e vinho no Estado, bem como passou a realizar a criação de gado leiteiro para o aproveitamento do leite e de seus derivados superando a crise. Depois de algum tempo a nora do Barão – Angelina Conceição introduziu novamente a cultura do café juntamente com outros produtos, dessa forma, a fazenda foi se modificando, alterando o caráter de suas construções, do aproveitamento de seu espaço físico e diminuindo sua dimensão, pois não havia mais suporte material para sua manutenção enquanto área territorial única. Atualmente a Fazenda Nossa Senhora da Conceição possui 30 hectares (IVIAN – VIAGENS ESCOLARES, 2018).

Na Figura 60 é apresentada a localização da Fazenda Nossa Senhora da Conceição e alguns dos principais atrativos que podem ser visitados, tais como: Casa Sede, Museu do Café, Lojinha, Capela e Restaurante.

Figura 60. Localização de alguns atrativos turísticos na Fazenda Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Google Earth. Elaborado por Tamires Regina Rocha, 2021.

De acordo com o entrevistado, a rota vem atendendo suas expectativas, principalmente no quesito investimentos na via que dá acesso à fazenda. Segundo o entrevistado:

[...] então, quando não tinha a rota a estrada de chão tinha muito buraco, não tinha sinalização praticamente, com a rota, eles nivelaram a estrada ficou muito boa, mesmo sendo ainda de chão e colocaram muita sinalização principalmente a turística, então, tem muita placa indicando a fazenda, o que pode encontrar por aqui, a própria placa da rota da uva, ficou bem legal [...] acho que o que poderia melhorar é a questão da comunicação entre nós participantes né e a prefeitura, duas reuniões as vezes é pouco ou não da pra discutir tudo o que queríamos, mas já estamos vendo isso de criar uma associação, vamos ver se vai dar certo (ENTREVISTA REALIZADA COM A.S NA FAZENDA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO EM ABRIL DE 2021).

Sobre as vantagens e desvantagens de participar da rota, assim como nas entrevistas já realizadas com os produtores rurais, foi destacada a divulgação nas redes sociais, que se tornou, de acordo com o entrevistado:

[...] a com certeza a principal vantagem é a divulgação que temos, no facebook sabe, instagram, tudo é divulgado, na televisão tem os comerciais que divulgam as rotas e os estabelecimentos que participam, placas de publicidade que a prefeitura coloca na cidade, nas próprias Festas sabe, tem uma atenção maior pra gente, o pessoal lá que organiza as visitas do turismo sempre vamos dizer,

puxa a sardinha pro nosso lado (risos), nós mesmo da família crescemos muito nossas redes sociais, mais pessoas começaram a seguir a gente, tudo por conta dessa divulgação das rotas, aí tem os investimentos no arredor que nem eu te falei da estrada [...] de desvantagem só a questão da comunicação que te falei, mas acho que criando a associação vai melhorar (ENTREVISTA REALIZADA COM A.S NA FAZENDA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO EM ABRIL DE 2021).

O entrevistado que é descendente (tataraneto) do Barão de Serra Negra ressaltou que desde a década de 1990 o trabalho na fazenda passou a ser dedicado ao turismo rural e cultural, resgatando a rica e valorosa história do ciclo do café e da imigração, que são contadas através de construções preservadas e de um acervo repleto de documentos e fotos da época.

[...] eu e meu irmão como proprietários queríamos valorizar toda essa rica história por trás dessa fazenda, mostrar para as pessoas mesmo sabe e como Jundiaí investe muito no turismo rural e cultural em si eu vi tudo isso aqui como uma oportunidade [...] eu amo aqui, é muito gratificante tá trabalhando, é uma missão que eu tenho com todo o pessoal da fazenda em cuidar desse patrimônio, porque isso aqui pra mim é um resgate que vai ficar pra história (ENTREVISTA REALIZADA COM A.S NA FAZENDA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO EM ABRIL DE 2021).

De acordo com o entrevistado, somando os funcionários de todos os setores da fazenda (cuidados agropecuários, monitores de turismo e o restaurante) são um total de 45, assim distribuídos: 18 para os cuidados agropecuários, 5 monitores de turismo e 22 funcionários no restaurante. Além disso, o entrevistado ressaltou que as duas (2) filhas dele também são monitoras da fazenda e que os demais membros da família auxiliam em todas as atividades que forem necessárias, mas principalmente naquelas relacionadas ao turismo.

Portanto, de acordo com o entrevistado, toda a renda da sua família vem das atividades desenvolvidas na fazenda, principalmente aquelas voltadas para as duas modalidades de turismo: rural e cultural (equivalendo a 80% da renda total familiar mensal). Já no que diz respeito as atividades e rendas agropecuárias (equivalem a 20% da renda total familiar mensal) destacam-se o cultivo do café, da uva e de árvores frutíferas e, na parte animal, destaca-se a criação de cavalos, aves (patos, gansos, galinhas etc.) e vacas.

[...] então toda a nossa renda vem aqui da fazenda, mora aqui eu, minha esposa, minhas duas filhas, meu irmão e minha cunhada, ou seja, seis pessoas e todos trabalham aqui dedicando na parte de turismo [...] nós temos ainda a plantação de café, temos uns 8 mil pés e de uva temos uns 10 mil pés, o café é o seguinte, nós vendemos ele aqui na fazenda pro pessoal e também temos contratos com 4 boutiques sabe de carnes aqui de Jundiaí mesmo que pegam nosso café pra vender. Sobre a uva nós vendemos a uva *in natura* aqui na fazenda mesmo e entregamos um pouco no CEASA de Jundiaí, com o restante

eu e meu irmão fabricamos vinhos pra vender na lojinha da fazenda [...] na parte dos animais temos cavalos, aves e algumas vaquinhas, são os nossos funcionários que cuidam dessa parte, a gente da família como eu já disse, trabalhamos mais na parte do turismo (ENTREVISTA REALIZADA COM A.S NA FAZENDA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO EM ABRIL DE 2021).

Na Foto 77 é possível observar a plantação de café e de uva na Fazenda Nossa Senhora da Conceição.

Foto 77. Plantação de café e de uva na Fazenda Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Em relação à criação de cavalos, o entrevistado ressaltou que é possível realizar passeios em um circuito fechado e na companhia de um monitor.

[...] eu e meu irmão sempre gostamos de cavalos e queríamos ter alguns aqui na fazenda, hoje nós temos 10, então a ideia foi nossa e o passeio foi tudo consequência, o pessoal não queria só ver, queriam montar também, aí contratamos 4 monitores que são os responsáveis por cuidar dessa parte, crianças de até 14 anos fazem o passeio com o monitor e os maiores de 15 anos com experiência em montaria podem fazer o passeio sem serem conduzidos por um monitor, mas o monitor fica próximo observando sabe, quem optar também pode fazer de charrete (ENTREVISTA REALIZADA COM A.S NA FAZENDA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO EM ABRIL DE 2021).

O passeio a cavalo é realizado somente aos sábados, domingos e feriados, e o valor por pessoa é de R\$ 20,00. Também ocorre a comercialização dos ovos das galinhas na própria fazenda, sendo uma dúzia R\$ 15,00 e o leite de vaca, na qual o litro é comercializado à R\$ 8,00.

Na Foto 78 é possível observar alguns dos animais da Fazenda Nossa Senhora da Conceição.

Foto 78. Animais na Fazenda Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Além da capela e da antiga escola (atualmente a lojinha), existem outros pontos da fazenda que podem ser visitados, entre eles destacam-se a casa sede e a senzala doméstica (Foto 79). A casa sede permanece sendo a residência do responsável da fazenda e da sua família e, portanto, só é aberta para visitação para grupos fechados e maiores por meio de agendamento prévio. No piso inferior da casa grande foi preservada uma pequena parte da senzala que era destinada aos negros escravizados que trabalhavam dentro da casa (cerca de 15 mulheres).

Foto 79. Parte externa da casa grande e seu arredor e a senzala doméstica no piso inferior da casa



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Entre esses grupos, destacam-se os de estudantes (Foto 80). A fazenda é uma oportunidade para as escolas estenderem suas atividades curriculares com uma integração ao campo, no qual os alunos vivenciam a história do café, conhecendo todas as etapas do seu cultivo, desde a produção de mudas, a colheita, a lavagem, a secagem, o beneficiamento, a torrefação e a moagem dos grãos e entender aspectos relacionados ao período da escravidão e da migração italiana.

De acordo com o entrevistado, o horário de funcionamento da Fazenda Nossa Senhora da Conceição é de terça-feira a quinta-feira, das 09:00 às 17:30 horas, para grupos maiores (nos dias que não há grupos agendados, a fazenda é aberta para o público) e de sexta-feira, sábado e domingo, das 09:00 às 17:00 para o público em geral.

[...] em épocas normais né quando não havia pandemia recebíamos cerca de 300 estudantes por semana, principalmente de Jundiaí, São Paulo e Campinas, também recebemos muito grupos de terceira idade e estrangeiros que vem através de pacotes de turismo das agências aqui de Jundiaí, então aí servimos o café da manhã e depois o almoço feito no fogão a lenha, tudo incluso no

pacote [...] nossa família e os nossos monitores ficamos responsáveis por mostrar os vários pontos da fazenda e explicar toda a rica história por trás de cada ponto e de cada objeto daqui [...] a fazenda também já serviu de cenário para a novela A Deusa Vencida em 1981 e para o curta-metragem Crepúsculo de ódio em 1934 (ENTREVISTA REALIZADA COM A.S NA FAZENDA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO EM ABRIL DE 2021).

Foto 80. Visita de alunos de uma escola de Jundiaí e um dos locais para explicação das etapas da produção de café na Fazenda Nossa Senhora da Conceição

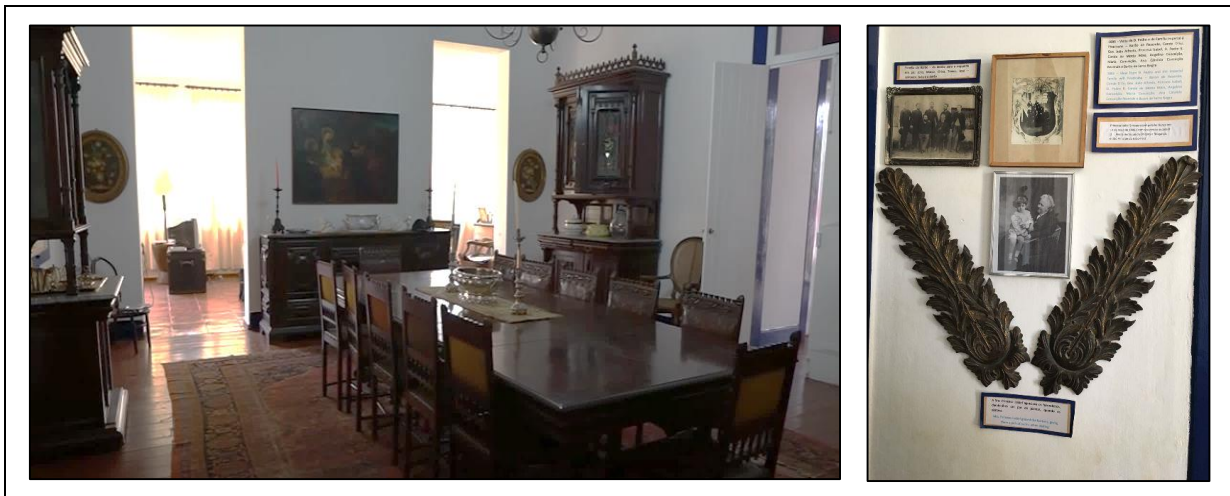


Fonte: Fotos fornecidas pelo entrevistado, 2021.

De acordo com o entrevistado, no interior da casa sede os objetos de época são preservados com o objetivo de manter a memória e o resgate da história, até as lembranças da visita de Dom Pedro II e da Princesa Isabel encontram-se intactas no interior da casa. Portanto se tem este cuidado de abrir a casa apenas para grupos de visitantes através de agendamentos, pois é uma maneira de organizar cada ambiente da casa, de modo a não danificar nenhum objeto.

Na Foto 81, fornecida pelo entrevistado, é possível observar um dos cômodos da casa sede e os objetos de decoração preservados.

Foto 81. Interior da casa sede na Fazenda Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Fotos fornecidas pelo entrevistado, 2021.

Além disso, é possível visitar na Fazenda Nossa Senhora da Conceição a senzala maior e que, atualmente, deu lugar ao Museu do Café (Foto 82). No interior do museu foi montada uma pequena narrativa sobre as origens e o desenvolvimento do plantio de café, desde a sua descoberta na Etiópia, até a crise de 1929, apostando no interesse do público pela história da riqueza que o café proporcionou a São Paulo e no acervo da família do Barão de Serra Negra.

Neste local, parte das fotos, documentos históricos (passagens e vistos internacionais) da família, ferramentas de trabalho agrícola, objetos em geral e peças antigas dos escravos que viviam na senzala estão expostas.

Foto 82. Exterior e interior do Museu do Café localizado na Fazenda Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Um outro local que pode ser visitado na Fazenda Nossa Senhora da Conceição é o restaurante que está localizado na antiga tulha da fazenda que foi reformada e adaptada. O local

possui decoração rústica e mantém o ar de fazenda. De acordo com o entrevistado, o restaurante funciona no local desde 2005 e a ideia de abri-lo surgiu porque:

[...] tudo foi consequência do nosso investimento né, como apostamos no turismo rural e cultural, o restaurante foi consequência disso, aqui é um lugar muito gostoso, distante da cidade, sossegado, então, é um lugar que o pessoal gosta de estar e geralmente demora para ir embora, então pensamos, o pessoal também tem que comer né, se não vai ficar ruim pra gente, chegam aqui passeia pela fazenda e não tem nenhum lugar pra consumir algo, aí que veio a ideia do restaurante (ENTREVISTA REALIZADA COM A.S NA FAZENDA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO EM ABRIL DE 2021).

Na Foto 83 consta o restaurante da Fazenda Nossa Senhora da Conceição, que leva o nome de Dona Maria Helena, em homenagem a bisneta do Barão de Serra Negra. No restaurante é possível observar objetos antigos da época e máquinas para o preparo do café de 1930 que, de acordo com o entrevistado, ainda são utilizadas atualmente.

Foto 83. Restaurante D. Maria Helena localizado na Fazenda Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

De acordo com A.S, atualmente (2021), o restaurante possui vinte e dois (22) funcionários³², considerando os que trabalham na cozinha, garçons e atendentes de caixa. Entretanto, o entrevistado não deixou de ressaltar o apoio da família, que sempre está circulando pelo restaurante, realizando a recepção dos turistas, atendimento nas mesas e no caixa. O restaurante funciona de terça-feira à domingo, no almoço à *la carte* e executivo das 11:30 às 15:30 horas.

O restaurante é todo dedicado a comida caipira preparada no fogão a lenha, com o objetivo de resgatar o modo de viver do homem “caipira”. O *menu* conta com opções de grelhados, carnes, frangos, peixes, massas, saladas, risotos, bebidas e sobremesas. O prato mais pedido é o Arado (Foto 84), que é composto por tutu de feijão, costelinha de porco, couve, banana empanada, ovo frito, torresmo e vinagrete, servido em um arado de ferro. O restaurante acomoda cerca de 200 pessoas e os preços variam entre R\$ 25,00 a R\$ 128,00.

De acordo com o entrevistado, - antes da pandemia - aos domingos é interessante realizar a reserva de mesas, pois, o restaurante atinge a capacidade máxima, sendo necessário aguardar, caso não haja reserva.

Foto 84. Prato principal do restaurante D. Maria Helena na Fazenda Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Foto fornecida pelo entrevistado, 2021.

Para o entrevistado, antes do período pandêmico, nos meses em que não havia tantos grupos de estudantes e/ou por agências de turismo, a fazenda recebe um público de, em média,

³² O salário dos funcionários não foi informado pelo entrevistado.

14 mil pessoas, já nos meses com maior frequência desses grupos, atinge cerca de 20 mil visitantes.

[...] nós temos uma demanda muito grande de visitantes, tanto pelos grupos agendados, tanto pelo pessoal que vem por conta mesmo, com os grupos tem semana que de segunda a quinta tem visitante todos os dias, e de final de semana graças a Deus o pessoal vem também, aqui é um paraíso né, você se sente na roça mesmo, sente a natureza, o ar é diferente, é um local muito família né, então o pessoal vem mesmo, passa o dia, traz as crianças pra se divertir, se desligar de tudo sabe, daquela correria da cidade. Nosso restaurante deu muito certo o pessoal adora a comida, aquele gosto de comida caipira mesmo sabe, de fazenda, então dificilmente alguém vem aqui e não consome no restaurante [...] aqui nós recebemos muito o pessoal de Jundiaí e região, Campinas e São Paulo, acho que é o principal público que atendemos (ENTREVISTA REALIZADA COM A.S NA FAZENDA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO EM ABRIL DE 2021).

Na Fazenda Nossa Senhora da Conceição existe uma horta que abastece o restaurante D. Maria Helena. Dentre as hortaliças cultivadas destacam-se a alface crespa e roxa, salsinha, couve e rúcula. As demais hortaliças e legumes que se utilizam no restaurante, o entrevistado adquire no CEASA do município de Jundiaí. Também é possível observar próximo a horta as mudas de café cultivadas no local (Foto 85).

Foto 85. Horta e mudas de café na Fazenda Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Em relação aos demais produtos/ingredientes adquiridos para o restaurante, o entrevistado ressaltou que realiza as compras nos supermercados atacadistas de Jundiaí e algumas empresas como a Cola-Cola e a Jundiá Sorvetes entregam diretamente os produtos na fazenda.

Por fim, entre outros atrativos da fazenda que podem ser visitados destacam-se o terreiro de secagem do café, casa do colono imigrante italiano, a lagoa e as diversas trilhas que podem ser realizadas (Foto 86).

Foto 86. Outros atrativos que podem ser visitados na Fazenda Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

De acordo com o entrevistado, aos sábados e feriados é realizado o Passeio Cultural (um dos mais procurados pelos visitantes) e todos esses atrativos turísticos já citados podem ser visitados de trenzinho (Foto 87), em que os monitores contam a história da fazenda até a chegada dos imigrantes italianos e a produção da uva e do vinho. O preço do passeio é de de R\$ 15,00 por pessoa.

Foto 87. Trenzinho utilizado no passeio cultural da Fazenda Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Pesquisa de Campo. Autor: Tamires Regina Rocha, 2021.

Por fim, em relação aos impactos proporcionados pela pandemia da COVID-19 na Fazenda Nossa Senhora da Conceição, o entrevistado ressaltou que, desde março de 2020, as atividades voltadas para o turismo rural e cultural estão canceladas (foram retomadas em apenas dois períodos de 2020 na fase amarela do Plano São Paulo e em abril de 2021), estando em funcionamento apenas o restaurante através do *delivery* e retirada no local ou de maneira presencial - dependendo das fases do Plano São Paulo -. De acordo com o entrevistado, houve uma perda de renda de mais de 50%, pois os passeios voltados ao turismo rural e cultural eram os que mais garantiam a renda da família.

[...] dia 24 agora foi a primeira vez que abrimos esse ano para passeio na fazenda, mas os grupos agendados mesmo não tá tendo ninguém praticamente, é mais pro pessoal que vem com a família sabe [...] olha tá muito difícil pra todos né, parte de turismo nossa foi totalmente afetada, o que eu fiz aqui foi o seguinte, tá trabalhando normalmente o pessoal que cuida dos animais e da plantação, quando não tem muito serviço nós estamos fazendo sistema de rodízio, porque aí não preciso mandar ninguém embora, os monitores em outubro de 2020 eu dei férias e fui adiantando férias de outros anos, eles voltaram agora em março, mas também estão bem parados e o restaurante é o que salva né, também não mandei ninguém embora faço rodízio quando precisa, mas graças a Deus vendemos muito bem no *delivery* e retirada, tem muita divulgação dos nossos produtos através Deguste em Casa sabe, um projeto da prefeitura, então isso já ajuda e quando dá pra abrir presencial quem nem agora, espalhamos mesas ao ar livre em torno da fazenda, aí dá pra render bem (ENTREVISTA REALIZADA COM A.S NA FAZENDA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO EM ABRIL DE 2021).

O entrevistado ressaltou que a família adotou um sistema em que, aqueles que optam por retirar os produtos do restaurante na fazenda ganham uma sobremesa da lojinha. Também

vale ressaltar que os chefes de cozinha passaram a fabricar pães caseiros e bolos através de encomendas para *delivery* ou retirada.

Portanto, a Fazenda Nossa Senhora da Conceição, de uma grande produtora de café para exportação no século XIX, atualmente tornou-se um empreendimento voltado para o turismo rural e cultural, resgatando a memória de um grupo importante na história social política e econômica de São Paulo e trazendo à tona seus valores aos visitantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A multifuncionalidade passou a ser compreendida como um instrumento eficaz e com enfoque inovador que permite compreender a complexidade do mundo rural e as diferentes dinâmicas sociais e culturais existentes. Sob essa perspectiva, o espaço rural deixa de ser visto apenas como de produção agrícola e passa a ser compreendido como um espaço que engloba outros serviços e funções. No caso do município de Jundiaí, a multifuncionalidade foi concebida como a coexistência de atividades e funções de cunho agrícola e de atividades voltadas para turismo rural.

Em muitos municípios do interior do país, no espaço rural, as atividades agropecuárias ainda são predominantes e exercem um papel importante na economia local. Entretanto, em algumas áreas, sobretudo naquelas mais próximas aos grandes centros urbanos (como Jundiaí, por exemplo) e com população com maior poder aquisitivo, também são desenvolvidas muitas atividades não-agrícolas no espaço rural, como por exemplo, aquelas voltadas para o turismo rural.

O turismo rural é visto como uma boa alternativa para os produtores rurais que pretendem diversificar sua renda, como também, pelos visitantes que podem satisfazer suas necessidades de entrar em contato com a natureza, descansar, conhecer costumes e tradições típicas de cada local.

Portanto, o meio rural tornou-se um espaço cada vez mais heterogêneo, com uma pluralidade de atividades, nem sempre somente agrícolas. Os agricultores acionam diversas estratégias que têm viabilizado a reprodução social e a permanência do grupo no meio rural. Entende-se que as estratégias são definidas como um conjunto de ações racionais, resultantes de escolhas, opções e decisões dos indivíduos, nesse cenário, são comuns as práticas pluriativas. Para Schneider (2003a), a pluriatividade depende da combinação das atividades agrícolas com as não-agrícolas em um determinado contexto social e econômico.

No caso das propriedades rurais localizadas na Rota Turística da Uva, os produtores rurais pesquisados têm recorrido à pluriatividade como estratégia, através da combinação da agricultura (principalmente através do cultivo da uva) e de atividades não-agrícolas voltadas para o turismo rural (adegas, restaurantes, pesque-pague, Museu do Vinho) na própria propriedade e/ou serviços realizados pelos membros da família (sem vínculo agrícola) no exterior da propriedade.

Dentre as atividades não-agrícolas que passaram a ser desenvolvidas pelas famílias, duas merecem destaque: a) **as adegas**: das sete (7) propriedades rurais visitadas, todas são

caracterizadas pela presença de adegas, sendo que, por meio destas, as famílias rurais passam a produzir, processar e transformar parte da sua produção de uva visando a comercialização, promovendo assim, uma nova modalidade de trabalho na propriedade, se constituindo – muita das vezes - na principal fonte de renda familiar, caracterizando a pluriatividade; b) **os restaurantes rurais:** das sete (7) propriedades rurais visitadas, em cinco (5) é possível observar a presença de restaurantes. Por meio destes estabelecimentos, os visitantes passaram a ficar mais tempo no local, pois é uma oportunidade de conhecer a propriedade rural, descansar em meio ao ambiente do campo e ainda desfrutar da culinária italiana, resultando assim, como uma das principais fontes de renda das famílias rurais.

Cabe destacar outras atividades não-agrícolas desenvolvidas no interior das propriedades rurais. Na propriedade da família Brunholi, é possível observar o Museu do Vinho, que mesmo a renda não sendo contabilizada no orçamento da família, é uma maneira de valorizar e resgatar a história do município de Jundiaí, que está muito relacionada as famílias que realizavam e permanecem até hoje com o cultivo da uva e a produção do vinho artesanal. Portanto, expor estes elementos à população visitante é uma maneira de valorizar a cultura local, e, portanto, as ruralidades.

Também pode-se ressaltar o espaço destinado à pesca pela família Fontebasso que, mesmo sendo considerado um “pesque e solte”, é uma maneira de propiciar momentos de lazer para os visitantes que procuram nesses espaços se desligar das agitações da cidade e, assim, acrescenta mais uma renda no orçamento da família, contribuindo para a sua permanência no campo.

Nesse sentido que a multifuncionalidade se expressa, já que a paisagem rural, segundo Leite (2010), passa a ter as funções de regulação, suporte, *habitat*, produção e informação, buscando atender as expectativas e necessidades, tanto dos produtores rurais, quanto dos turistas. Nas propriedades rurais visitadas percebe-se que o rural se tornou multifuncional, pois, ainda que ocorra a realização de atividades agrícolas, principalmente em torno do cultivo da uva, outras foram sendo incrementadas como forma de atrair visitantes e, assim, proporcionar geração de renda, entre elas destacam-se, as adegas, os restaurantes rurais, os pesque-pague, as trilhas, os passeios a cavalo, etc.

E são justamente esses fatores que tem se tornado o objeto de “desejo” dos cidadãos. Muitos turistas provenientes principalmente da região de Jundiaí, São Paulo e Campinas deslocam-se para Jundiaí, predominantemente para as áreas rurais (Rota Turística da Uva) em busca de estar em contato com a natureza (a paisagem rural), o sossego distante dos centros

urbanos e de atrativos, como adegas tradicionais, empreendimentos turísticos, compra de frutas direto do produtor, restaurantes, etc.

Ficou evidente o orgulho dos entrevistados da Rota Turística da Uva em permanecer no campo e a relação permanente em torno das atividades agropecuárias, principalmente através do cultivo da uva, afinal, para essas famílias se manter em suas terras (em que o fator herança foi a forma de acesso) e realizando a produção de vinho artesanal tem um significado especial, pois representa um patrimônio social e cultural das famílias.

Outro aspecto interessante a se destacar diz respeito a presença das hortas com produtos orgânicos, localizadas principalmente nas propriedades rurais que possuem restaurantes. Das cinco (5) propriedades visitadas – com a presença de restaurante - e também considerando a Fazenda Nossa Senhora da Conceição, apenas uma (1) – da família Galvão - que não possui horta, porém, o entrevistado ressaltou que já pensa em cultivá-la. Com as hortas, além da utilização das hortaliças no próprio restaurante, também é possível que os consumidores façam a compra dos produtos, gerando mais uma fonte de renda para as famílias rurais. Além disso, abre-se a possibilidade que, no futuro, os entrevistados possam utilizar a técnica de compostagem³³ e propor um cardápio com opções veganas, já que o veganismo no Brasil está crescendo cada vez mais. De acordo com Chinaglia (2021), os números mostram que quase 30 milhões de brasileiros são veganos, isso significa que 14% da nossa população já se declara vegana.

Deve-se ressaltar a oportunidade de geração de renda para além do local, pois como foi destacado pelos produtores rurais entrevistados que há a elaboração da própria família de doces, pães, biscoitos, etc, para comercialização em suas adegas, e também ocorre a aquisição desses produtos em Minas Gerais, como por exemplo do município de Caldas.

A pluriatividade também é caracterizada pela realização de atividades não-agrícolas pelos membros da família no exterior das propriedades rurais. Na Rota Turística da Uva, essas atividades não são muito recorrentes, pois dos sete (7) entrevistados, se verificou apenas dois casos: a) na família Maziero, o irmão e a esposa do entrevistado trabalham no setor industrial do próprio município de Jundiá; b) na família Vendramin, um dos genros do entrevistado trabalha em um restaurante que faz parte da Rota Turística da Cultura Italiana. Entretanto, em

³³ A compostagem é um processo biológico onde microorganismos e animais invertebrados transformam matéria orgânica (frutas, cascas de ovo, fezes de herbívoros, restos de café etc) em uma substância homogênea, de cor castanha, com aspecto de terra e com cheiro de floresta: o adubo. Disponível em < <https://www.acaatinga.org.br/entenda-o-que-e-e-como-funciona-a-compostagem-2/#:~:text=A%20compostagem%20%C3%A9%20um%20processo,cheiro%20de%20floresta%3A%20o%20adu> > Acesso em 06/06/2022.

ambos os casos, os membros da família também auxiliam nas atividades da propriedade rural, tanto na agricultura, quanto nas atividades voltadas para o turismo rural.

Cabe destacar que, na família Beraldo di Cali, a responsável pela propriedade rural possui uma renda não-agrícola advinda de uma “franquia” da adega no Maxi Shopping de Jundiaí. Entretanto, nenhum membro da família trabalha no local, apenas a renda é contabilizada no orçamento da família e utilizada para o pagamento do aluguel no espaço do *shopping* e salário das duas funcionárias.

Outro aspecto que foi possível perceber com a pesquisa de campo nas sete (7) propriedades rurais da Rota Turística da Uva, diz respeito a permanência de pelo menos um dos filhos na propriedade rural e o envolvimento com as atividades agrícolas e não-agrícolas – principalmente nas adegas e restaurantes -. No caso da família Brunholi, Marquezin e Beraldo di Cale, os filhos que optaram por residir na propriedade rural, cursaram até o ensino superior com o objetivo de executar e administrar da melhor maneira as atividades voltadas para o turismo rural na propriedade.

A permanência dos filhos e, muitas vezes, dos netos e noras/genros dos responsáveis pelas propriedades rurais é uma maneira de repassar para as futuras gerações a importância de se permanecer no campo e manter a tradição da família em torno do cultivo da uva e da produção de vinho artesanal. No caso da Rota Turística da Uva, as famílias desenvolveram estratégias que vão além do agrícola – vinculadas ao turismo rural - para que seus filhos pudessem ter o interesse em permanecer na propriedade e participar das atividades.

De acordo com os produtores rurais entrevistados, a formação da Rota Turística da Uva trouxe vários benefícios para os participantes, pois, foi uma maneira de valorizar os produtores locais e de mostrar a importância e a tradição das famílias de descendentes de italianos em torno do cultivo da uva e da produção do vinho artesanal. Isso nos remete a questão da pesquisa: *Qual é a importância da Rota Turística da Uva para as famílias que vivem nos bairros rurais que integram essa rota e para o fortalecimento do turismo rural no município de Jundiaí?*

A implantação das Rotas Turísticas, principalmente da Rota da Uva, incentivou ainda mais os produtores rurais a investir no turismo rural na propriedade, através da abertura de restaurantes rurais, por exemplo, pois, com a rota, a divulgação por meio das redes sociais, comerciais, programas de televisão e placas de publicidade foram mais expressivas e o próprio papel das agências de turismo localizadas no município que passaram a direcionar as visitas dos turistas para as propriedades rurais dos participantes das rotas.

Foi notório durante a entrevista realizada com a Diretora de Turismo Municipal que a Prefeitura de Jundiá tem trabalhado para garantir a posição do município como referência em turismo rural, estimulando os demais segmentos (ecoturismo, turismo cultural, turismo gastronômico, entre outros) com qualidade e diversidade de infraestrutura, atrativos e produtos capazes de ampliar a competitividade dentro dos padrões internacionais, resultando, no aumento do fluxo turístico nas propriedades rurais e empreendimentos voltados para essas modalidades turísticas, por meio da valorização da cultura, das tradições, do patrimônio histórico, natural e rural do município, resultando assim, na reprodução social e permanência dos produtores rurais no campo.

Entretanto, para que isso seja concretizado é necessário que os governos municipais e estaduais trabalhem juntos, desenvolvendo políticas públicas para impulsionar ainda mais o turismo rural nas Rotas Turísticas. Deste modo, seria interessante a possibilidade de inserir as demais propriedades rurais e/ou empreendimentos turísticos nesses roteiros já consolidados, além de se realizar investimentos para que ocorra a formação de novas rotas turísticas que tenham foco na inclusão não só de propriedades rurais de produtores capitalizados, mas sim, que busque incluir aqueles que desejam fazer parte desses roteiros, porém não possuem condições. Nesse sentido, seria importante o papel do poder público municipal e de entidades privadas, como o SEBRAE, ofertando assistência financeira, técnica e profissionalizante a esses produtores.

Um empreendimento que engloba o turismo rural, gastronômico, histórico e cultural na Rota Turística da Uva é a Fazenda Nossa Senhora da Conceição, um local turístico que preservou a estrutura da época do Brasil-Colônia.

Na entrevista realizada com o responsável pela fazenda, ficou evidente a importância que se tornou as atividades voltadas para o turismo rural e cultural no estabelecimento – principal fonte de renda da família - já que, as atividades agropecuárias ficaram muito restritas à produção de uva (comercializada no CEASA do município de Jundiá e na fazenda) e café (comercializado na fazenda e em boutiques de carnes do município em pequenas quantidades). Em relação à criação de animais, destaca-se a de aves, vacas e cavalos, porém, nenhum animal é comercializado, apenas os ovos das galinhas e o leite de vaca com os visitantes que vão até o local. Destaca-se que, os cavalos fazem parte do roteiro de turismo rural da fazenda, sendo utilizados para passeios de charrete ou a cavalo.

É interessante destacar o papel da família do entrevistado no trabalho na fazenda, pois dos seis (6) moradores do local, todos auxiliam na propriedade, dedicando-se principalmente

nas atividades voltadas para o turismo rural e cultural. Em relação às atividades agropecuárias, a família possui funcionários que se dedicam exclusivamente a essa parte.

A formação da Rota Turística da Uva foi muito importante para fomentar o turismo rural na Fazenda Nossa Senhora da Conceição, pois através desta, houve maiores investimentos para se ter acesso à fazenda, através de melhorias na estrada e sinalização turística. Destaca-se o trabalho da Prefeitura Municipal de Jundiaí na divulgação do estabelecimento. Com a Rota da Uva, ficou evidente na pesquisa de campo, que a Fazenda Nossa Senhora da Conceição, passou a receber visitantes que nunca tinham ido até o local e, após, observarem as “propagandas” e informações em redes sociais e canais de televisão, resolveram ir conhecer a fazenda.

Entretanto, mesmo com todos esses aspectos positivos proporcionados pela formação da Rota Turística da Uva, foi ressaltado pelos sete (7) produtores rurais, o entrevistado da Fazenda Nossa Senhora da Conceição e a Diretora de Turismo Municipal, o aumento do fluxo veicular no município após a implantação das rotas. Esse aumento do fluxo veicular, além do congestionamento que pode proporcionar no município e a poluição sonora provocada pelo deslocamento dos carros, também resulta em diversos impactos ambientais, principalmente relacionados a qualidade do ar, os derivados de petróleo dos veículos automotores, além de serem provenientes de uma fonte de energia não renovável, também emitem gases e partículas por meio da sua combustão. Esse processo, em muitos casos, como nos centros urbanos e áreas rurais (dependendo da topografia, dos ventos e chuvas, dentre outros aspectos climáticos da região), podem criar condições favoráveis para o acúmulo de poluentes atmosféricos, agravando as condições de qualidade do ar, afetando, direta ou indiretamente, a saúde das pessoas, as construções, o turismo rural, e favorecendo também para o aumento do efeito estufa e do aquecimento global.

Essa é a situação das grandes cidades do Brasil, principalmente as que se situam mais próximas das Regiões Metropolitanas de São Paulo e de Campinas, como é o caso de Jundiaí, devido ao acesso privilegiado às principais vias de circulação: Rodovia Anhanguera e Rodovia dos Bandeirantes e possuindo Rotas Turísticas com diversas atrações em meio rural, acaba por atrair a população desses grandes centros urbanos que podem satisfazer suas necessidades de entrar em contato com a natureza e descansar, ocasionando um fluxo veicular mais intenso no município.

Entretanto, cabe destacar que, além dessa grande circulação de pessoas, principalmente aos finais de semana, que vão em busca de atrativos rurais, também pode ocorrer a ida de pessoas estranhas e mal-intencionadas, resultando no aumento de crimes que não eram

praticados com frequência nesses bairros rurais, como furtos, roubos e estupro de vulnerável. Durante a pesquisa de campo realizada, foi possível observar que existe estrutura policial nos bairros que compõem a Rota Turística da Uva, porém, ocorre pouca circulação de viaturas pelas vias que dão acesso as propriedades rurais e empreendimentos de turismo rural.

Não podemos deixar de ressaltar os impactos proporcionados pela pandemia de COVID-19 entre os anos de 2020 e 2021, que devido as medidas de isolamento social, afetou diretamente as atividades voltadas ao turismo rural no município de Jundiá. Com as fases do Plano São Paulo, os serviços não essenciais tiveram que ser interrompidos, resultando no fechamento das sete (7) propriedades rurais, do Museu do Vinho, cinco (5) restaurantes e da Fazenda Nossa Senhora da Conceição, interrompendo as visitas.

Deste modo, os responsáveis pelas propriedades rurais e pelos estabelecimentos tiveram que se adaptar ao momento, aderindo ao *delivery* ou com a retirada dos produtos no local. Ficou evidente durante a pesquisa de campo que os restaurantes (quando presentes nas propriedades rurais) foram os que mais renderam lucros aos responsáveis pelas propriedades, devido à grande demanda de pedidos da população, já que os estabelecimentos se encontravam fechados para visitação e consumo. Também se destaca os produtos comercializados nas adegas (vinhos, sucos de uva, pães, doces, geleias etc.) que passaram a ser entregues nas residências dos consumidores.

Considerando a pesquisa realizada, percebe-se que os produtores rurais entrevistados da Rota Turística da Uva podem ser considerados como capitalizados, pois, empregam – na maioria dos casos - um número considerável de funcionários, tanto no setor agropecuário, quanto no setor não-agrícola, no caso, nas atividades voltadas ao turismo rural, principalmente nos restaurantes. Além disso, mesmo com a ocorrência da pandemia de COVID-19 foi possível manter esses funcionários – adotando estratégias, como rodízios, ou mesmo concedendo férias - sem a necessidade de demissões. Destaca-se até mesmo a entrevistada da família Beraldo di Cali que possui uma franquía da adega localizada em um *shooping* de Jundiá, e mesmo no período pandêmico, conseguiu mante-la.

Este fato confirma a elitização, pois em um momento que o país passava por uma grande crise econômica devido a pandemia, com muitos estabelecimentos decretando falência, pessoas perdendo seus empregos e outras poucas dispostas a gastar devido a este período de incertezas, esses produtores rurais/empreendedores conseguiram manter os funcionários em seus serviços e, consequentemente, sustentar seus empreendimentos.

Além disso, cabe destacar a própria importância da renda advinda das aposentadorias desses entrevistados durante a pandemia, pois, mesmo os produtores rurais aderindo ao sistema

de *delivery*, o retorno financeiro é menor, se comparado quando as pessoas visitam e consomem diretamente na propriedade rural, portanto, a aposentadoria – que antes era considerada apenas um complemento de renda - se tornou uma grande aliada nesse período pandêmico.

Foi importante o papel da Prefeitura Municipal de Jundiaí durante este período de pandemia que, através da Unidade de Gestão de Agronegócio, Abastecimento e Turismo, desenvolveu o projeto “Deguste em Casa”, que incentivou os produtores ou responsáveis por estabelecimentos voltados para o turismo rural a trabalhar com o sistema de *delivery*, divulgando através das redes sociais as propriedades rurais e empreendimentos que estavam realizando o sistema de *delivery* e os produtos que poderiam ser adquiridos, contribuindo assim, para a população ficar em casa, e, ao mesmo tempo, auxiliando os empreendimentos e garantindo a manutenção de empregos em um período pandêmico.

Porém, mesmo com todas as adversidades destacadas, ficou evidente que a atividade turística em meio rural representa uma boa alternativa para os produtores rurais localizados no município de Jundiaí. Contudo, para que o turismo rural em Jundiaí continue se fortalecendo, para que as rotas permaneçam e outras possam ser consolidadas é necessário que o poder público, os produtores rurais, empreendedores de turismo rural e a comunidade trabalhem juntos - a começar pela criação da tão sonhada associação citada pelos produtores rurais nas entrevistas – e do bom planejamento e gestão, através do desenvolvimento de políticas públicas direcionadas para a melhoria da oferta turística.

Portanto, procurou-se compreender a pluriatividade como uma noção que permite apreender as características do espaço rural no período atual e, sobretudo, no contexto do município de Jundiaí: um exercício teórico que permite examinar as mudanças ocorridas na agricultura e, por isso, uma noção diversificada que torna apropriado compreender as modificações ocorridas nas estruturas familiares rurais, principalmente através da implementação do turismo rural. Certamente, a pluriatividade revela as especificidades do “mundo rural atual”, por consequência, suas mudanças e suas adaptações diante das acelerações do mundo contemporâneo.

Por fim, tendo em vista o que foi exposto, percebe-se que se privilegiou na os pontos de vista dos produtores rurais/empreendedores de turismo rural da Rota Turística da Uva e das instituições públicas e privadas, mas e os consumidores desse turismo? Qual é o perfil das pessoas que frequentam essas rotas turísticas? Por que procuram esses lugares? São questões a serem respondidas futuramente por meio do desenvolvimento de novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALESP. **Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo**. Lei Complementar n.1.261, de 29 de abril de 2015. São Paulo: [s.n], 2015. Disponível em < <https://bityli.com/fg95j> > Acesso em 05/06/2022.

ALMEIDA, Joaquim Anécio. **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. 4ª ed., Campinas: Papirus: 2004.

ALTAFIN, Iara Guimarães. Reflexões sobre sustentabilidade e multifuncionalidade nas políticas para o desenvolvimento rural no Brasil. In: **CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL**, 43., 2005, Ribeirão Preto. Anais... Ribeirão Preto: SOBER, 2005.

ALVES, José. **Dinâmica Agrária do Município de Ortigueira (PR) e a Reprodução Social dos Produtores Familiares: uma análise das comunidades de Pinhalzinho e Vila Rica**. 2004. 316 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Estadual Paulista/Faculdade de Ciências e Tecnologia - Presidente Prudente.

ARAÚJO, José Geraldo Fernandes de. **ABC do turismo rural**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2000.

ARAÚJO, Sara Filipa da Silva. **Rotas Turísticas e Sistemas de Recomendação no Norte de Portugal: uma análise do perfil do visitante**. 2017. f. 160. Dissertação (Mestrado em Gestão de Turismo), Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto – ISCAP.

ASSOCIAÇÃO CIRCUITO DAS FRUTAS. Disponível em < <https://www.facebook.com/pg/associacao.circuitodasfrutas/about/> > Acesso em: 22/09/2020.

BAIDAL, Josep Antoni Ivars. Turismo y espacios rurales: conceptos, filosofías y realidades. **Estudios territoriales**, Buenos Aires, n. 23, p. 59-88, enero-junio, 2000.

BAGLI, Patrícia. **Novas Territorializações e territorialidades: o rural e o urbano em questão no Pontal do Paranapanema**. Relatório de Qualificação apresentado ao programa de Pós-Graduação em Geografia (Mestrado), Universidade Estadual Paulista/Faculdade de Ciências e Tecnologia - Presidente Prudente, 2005.

BEGNINI, Rosângela de Souza Bentes. **O turismo rural como estratégia de desenvolvimento local no município de Rio Preto da Eva – AM**. 2010, 141 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional), Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

BEIGUELMAN, Paula. **A crise do escravismo e a grande imigração**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BENI, Mário. Conceituando turismo rural, agroturismo, turismo ecológico e ecoturismo. In: BARRETTO, Margarita e TAMANINI, Elizabeth. (Org.). **Redescobrimo a ecologia no turismo**. Caxias do Sul: EDUCS, p. 31-34, 2002.

BENI, Mário. **Análise estrutural do turismo**. 9. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

BERNARDI, Andreza. **Estratégias de Desenvolvimento Local e Regional: um estudo sobre o Circuito das Frutas e sua articulação com a Região Metropolitana de Campinas (SP)**. 2009. 182 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

BIAZZO, Pedro Paulo. **Campo e Rural, Cidade e Urbano: Distinções necessárias para uma perspectiva crítica em geografia agrária**. 4º Encontro nacional de grupos de pesquisa - ENGRUP, São Paulo, p. 132-150, 2008.

BIBLIOTECA VIRTUAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em < <http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/temas/cultura-e-lazer/turismo-em-sao-paulo.php> > Acesso em 03/11/2020.

BRANDENBURG, Alfio. **ONGs e desenvolvimento sustentável**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1999.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Programa Nacional de Turismo Rural na Agricultura Familiar**. Brasília, 2004. Disponível em < http://www.turismoruralnaagriculturafamiliar.gov.br/sites/default/ministerio/publicacoes/downloadpublicacoes/plano_nacional_turismo_2004.pdf > Acesso em: 18/08/2020.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Plano nacional de turismo: diretrizes, metas e programas 2003 - 2007**. Brasília, 2003. Disponível em: < http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/plano_nacional_turismo_2003_2007.pdf > Acesso em: 15/09/2020.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Caracterização e Dimensionamento do Turismo Doméstico no Brasil**: relatório final. FIPE, MTur, abril de 2007. Disponível em < <http://www.turismo.gov.br/dadosefatos> > Acesso em 19/08/2020.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Agricultura familiar, turismo e produtos associados**. Brasília, 2010. Disponível em < <https://www.gov.br/turismo/pt-br/ministerio/publicacoes/downloadspublicacoes/2010.pdf> > Acesso em 18/08/2020.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Destinos Referência em Segmentos Turísticos**. Instituto Casa Brasil, MTur, 2010.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Plano Nacional de Turismo: emprego e renda para o Brasil 2018 – 2022**. Brasília, 2018. Disponível em < http://antigo.turismo.gov.br/images/pdf/PNT_2018-2022.pdf > Acesso em 20/08/2020.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Caderno de Orientações Básicas de Turismo**, 2. ed, Brasília, 2010.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Cartilha de Retomada do Turismo**. Brasília, 2020.

BRICALLI, Luiz Carlos Leonardi. **Estudo das tipologias do Turismo Rural – Alfredo Chaves (ES)**. Santa Maria: Ed. Facos, 2005.

CAMPANHOLA, Clayton; GRAZIANO DA SILVA, José. O turismo como nova fonte de renda para o pequeno agricultor brasileiro. In: ALMEIDA, J. A. e RIEDL, M. (Org.). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru, SP: EDUSC, p. 145-179, 2000.

CANAL RURAL, 2020. Disponível em < <https://www.canalrural.com.br/noticias/turismo-rural-pandemia-covid-19/> > Acesso em < 05/06/2022.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessoa. Pluriatividade: aspectos históricos e conceituais. **Faz Ciência (UNIOESTE)**, v. 9, p. 191-208, 2007.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa. **TURISMO RURAL NA AGRICULTURA FAMILIAR: UMA ABORDAGEM GEOGRÁFICA DO CIRCUITO ITALIANO DE TURISMO RURAL (CITUR), MUNICÍPIO DE COLOMBO – PR.** 2007. 439 f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa. Aspectos históricos e conceituais da multifuncionalidade da agricultura. In: **XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária**, 2009, São Paulo. XIX ENGA - Formação e contemporaneidade da diversidade socioespacial no campo. São Paulo, 2009.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa. Elementos para o debate acerca do conceito de Turismo Rural. **REVISTA TURISMO EM ANÁLISE**, v. 21, p. 3-24, 2010.

CANIATO, Hilário. **Bairro do Traviú no seu centenário.** Jundiaí, 1993.

CARDOSO, Jucyene das Graças. **Agricultura familiar, pluriatividade e políticas públicas na Região Nordeste e Sul do Brasil, nos anos 1990 e 2000: trajetórias e desafios.** Programa de Pós-Graduação. 2013. 209 f. Tese (Doutorado em Economia), Universidade Federal de Uberlândia - UFU.

CARNEIRO, Maria José. Herança e gênero entre agricultores familiares. **Revista Estudos Feministas**, segundo semestre, vol. 9, n. 001, Universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2001.

CARNEIRO, Maria José.; MALUF, Renato Sérgio Jamil. **Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar.** Rio de Janeiro: NEAD/UFRJ, 2003.

CARNEIRO, Maria José. Pluriatividade da agricultura no Brasil: uma reflexão crítica. In: SCHNEIDER, S. (Ed.). **A diversidade da agricultura familiar.** Porto Alegre: UFRGS, p. 167-188, 2006.

CARVALHO, Carlos Eduardo. As origens e a gênese do Plano Collor. **Nova Economia.** Belo Horizonte, p. 101-134, 2006.

COLOGNESE, Silvio Antônio; DEVENS, Jhonny Oli. PLURIATIVIDADE RURAL E RESIDENCIA URBANA NO OESTE DO PARANÁ. **Tempo da Ciência** (UNIOESTE), v. 14, p. 56-71, 2007.

CRISTÓVÃO, Artur. Mundo rural: entre as representações (dos urbanos) e os benefícios reais (para os rurais). In: RIEDL, Mario; ALMEIDA, Joaquim A.; VIANA, Andyara L. B. **Turismo rural: tendências e sustentabilidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, p. 81-116, 2002.

CUNHA, A. R. A. **A Dinâmica da agricultura familiar na Bacia do Suaçuí**. Belo Horizonte: Instituto Lumen. Pucminas, p. 383-398, 1998.

DAMBRÓS, Cristiane. **Organização espacial e paisagem rural – o potencial multifuncional das pequenas propriedades em Brotas e Rio Claro/SP**. 2016. 192 f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) Campus de Rio Claro.

DEL GROSSI, Mauro Eduardo; GRAZIANO DA SILVA, José. A pluriatividade na agropecuária brasileira em 1995. Estudos, Sociedade e Agricultura. In: **Revista da UFRRJ/CPDA**, n. 11, p. 26-52, 1998.

DIAS, Guilherme Leite da Silva; AMARAL, Cicely Moitinho Mudanças Estruturais na Agricultura Brasileira, 1980-98. In: Renato Baumann. (Org.). **Brasil uma década em transição**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

ESCHER, Fabiano; SCHNEIDER, Sérgio; SCARTON, Luciana Maria; CONTERATO, Marcelo Antonio. Caracterização da pluriatividade e dos plurirrendimentos da agricultura brasileira a partir do Censo Agropecuário 2006. **REVISTA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL** (IMPRESSO), v. 52, p. 643-668, 2014.

FAZENDA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. Disponível em < <https://roteiro/fazenda-nossa-senhora-da-conceicao-jundiai/> > Acesso em 20/05/2021.

FACEBOOK ADEGA E CERVEJARIA GALVÃO. Disponível em < <https://www.facebook.com/adegagalvao> > Acesso em 05/05/2021.

FACEBOOK - JUNDIAÍ TURISMO. Disponível em <
<https://www.facebook.com/jundiaiturismo/photos/2600692550036074> > Acesso em
 21/01/2021.

FACEBOOK RECANTO MARQUEZIN. Disponível em <
<https://www.facebook.com/recantomarquezin> > Acesso em 06/04/2021.

FACEBOOK SÍTIO FONTEBASSO. Disponível em <
<https://www.facebook.com/sitiofontebasso> > 12/04/2021.

FILIPPINI, Elizabeth. **Terra, família e trabalho: o núcleo Colonial Barão de Jundiaí (1887 – 1950).** Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo, 1990.

FINO, P.; QUEIRÓZ, O. Políticas públicas de turismo no Estado de São Paulo: evolução da legislação no caso das Estâncias. In: **CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE INVESTIGAÇÃO TURÍSTICA.** Anais/ São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, 2012.

FROEHLICH, José Marcos. **Rural e Natureza: a construção social do rural contemporâneo na região central do Rio Grande do Sul.** 2002. 226 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FROEHLICH, José Marcos; GEDIEL, Ana Luisa Borda. Multifuncionalidade - o rural como espaço terapêutico. **Revista Brasileira de Agroecologia** (Online), v. 2, p. 1021-1024, 2007.

FONSECA, Rafael Oliveira. **As Operações Logísticas dos Circuitos Espaciais da Produção: As Interações Espaciais de Jundiaí (SP).** Trabalho de Graduação Individual, FFLCHUSP. São Paulo: 2010.

FREDO, Carlos Eduardo; FREITAS, Silene Maria de; ALVAREZ, Iván André; HIRIART, Maria Magdalena Matte. Dimensionando e caracterizando a agricultura familiar no circuito das frutas, São Paulo. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 5, n. 10, p. 19228-19253 oct. 2019.

FULLER, Anthony. From part-time farming to pluriactivity: a decade of change in rural Europe. **Journal of rural Studies**, London, v. 6, n. 4, p. 361-373, 1990.

G1 – PORTAL DE NOTÍCIAS, 2019. Disponível em < <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/especial-publicitario/prefeitura-de-jundiai/noticias-de-jundiai/noticia/jundiai-vence-premio-de-melhor-destino-turistico-rural-no-estado.ghtml> > Acesso em 03/11/2020

G1 – PORTAL DE NOTÍCIAS, 2019. Disponível em < <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/especial-publicitario/prefeitura-de-jundiai/noticias-de-jundiai/noticia/2019/05/30/geracao-de-emprego-em-jundiai-dobra-no-primeiro-quadrimestre.ghtml> > Acesso em: 08/09/2020.

GALVÃO, Maria João; VARETA, Nicole Françoise Devy. A multifuncionalidade das paisagens rurais: uma ferramenta para o desenvolvimento. In: FERNANDES, J.R. (Org.). **Cadernos de Doutorado em Geografia**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010, p. 61-85.

GEORGE, Wanda; MAIR, Heather; REID, Donald. **Rural tourism development: localism and cultural change**. Bristol, Buffalo, Toronto: Channel View Publications, 2009.

GOERCK, Gabriela Umann. Turismo rural na agricultura familiar: análise dos subsídios repassados aos agricultores pelas entidades ligadas à área rural em Santa Cruz do Sul. **ÁGORA (UNISC. ONLINE)**, v. 19, p. 75, 2017.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO – PLANO SÃO PAULO, 2020-2021. Disponível em < <https://www.saopaulo.sp.gov.br/noticias-coronavirus/decreto-do-estado-explica-regras-do-plano-sp/> > Acesso em 20/03/2021.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2020. Disponível em < <https://www.turismoemsaopaulo.com.br/landingpage/491/jundiai#:~:text=A1%C3%A9m%20da%20Festa%20da%20Uva,guardando%20assim%20a%20tradi%C3%A7%C3%A3o%20da> > Acesso em 05/06/2022.

GRAZIANO DA SILVA, José; DEL GROSSI, Mauro Eduardo. A evolução das ocupações não-agrícolas no meio rural brasileiro de 1992 a 1995. **Revista Indicadores Econômicos**. Porto Alegre, Fundação de Economia e Estatística, v. 25, n. 3, nov, p. 105 – 126, 1998.

GRAZIANO DA SILVA, José. **O Novo Rural Brasileiro**. Campinas, SP: UNICAMP-IE. (Coleção Pesquisas, 1). 1999.

GRAZIANO DA SILVA, José; VILARINHO, Carlyle.; DALE, Paul. Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil. In: ALMEIDA, J. A.; FROELICH, J. M.; RIEDL, M. (Org.). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas: Papirus, p. 15-62, 2000.

GRAZIANO DA SILVA, José. O que Há de Realmente Novo no Rural Brasileiro? **Cadernos de Ciência e Tecnologia**, Brasília, v. 19, n. 1, p.37-67, jan/abr. 2002.

HENZ, Aline Patrícia. **Políticas públicas de turismo no Brasil: a interferência da política nacional de turismo entre 2003 e 2007 no direcionamento das políticas estaduais**. 2009, 150 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria), Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Disponível em < <http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao> > Acesso em: 21/08/2018.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Censos Demográficos do Estado de São Paulo (vários anos: 1950, 2000, 2010) Rio de Janeiro. Disponível < <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-1950-2000-2010.html> > Acesso em: 20/09/2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censos Agropecuários do Estado de São Paulo (vários anos: 1970, 1975, 1980, 1985 e 1995/96). Rio de Janeiro: IBGE. Disponível < <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/agropecuaria/8740-censo-agropecuaria-1970-1975-1980-1985-1995/96.html> > Acesso em 15/10/2020.

IICA – INSTITUTO INTERAMERICANO DE COOPERAÇÃO PARA A AGRICULTURA. Disponível em < <http://www.iica.org.br> > Acesso em 15/08/2021.

INSTAGRAM ADEGA BERALDO DI CALE. Disponível em < <https://www.instagram.com/beraldodical/> > Acesso em 18/05/2021.

INSTAGRAM ADEGA MAZIERO. Disponível em < <https://www.instagram.com/adegamaziero/> > Acesso em 02/04/2021.

INSTAGRAM ADEGA VENDRAMIN. Disponível em < <https://www.instagram.com/vendramin/> > Acesso em 15/04/2021.

INSTAGRAM VILLA BRUNHOLI. Disponível em < <https://www.instagram.com/villabrunholi/> > Acesso em 08/04/2021.

IVIAN ROTEIROS ESCOLARES. Disponível em < <https://ivian.com.br/roteiro/fazenda-nossa-senhora-da-conceicao-jundiai/> > Acesso em 06/07/2021.

JORNAL TRIBUNA DE JUNDIAÍ, 2018. Disponível em < <https://tribunadejundiai.com.br/noticias/mais/turismo/5200-projeto-que-oficializa-as-rotas-turisticas-de-jundiai-e-aprovado> > Acesso em: 18/01/2021.

JORNAL TRIBUNA DE JUNDIAÍ, 2018. Disponível em < <https://tribunadejundiai.com.br/noticias/mais/turismo/4717-rota-da-uva-cerca-de-9-mil-pessoas-visitam-rota-turistica-semanalmente> > Acesso em: 10/12/2020.

JUNQUEIRA FILHO, Francisco. A regionalidade e o desenvolvimento empresarial: o caso do APL vinícola de Jundiaí – SP. **Revista de Ciências Gerenciais**, v. XXI, n. 14, p. 23-38, 2008.

KAGEYAMA, Angela. Pluriatividade e ruralidade: aspectos metodológicos. **Economia Aplicada**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 515-551, 1998.

KAGEYAMA, Angela. **Desenvolvimento rural: conceitos e aplicação ao caso brasileiro.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

KLEIN, Angela Luciane; SOUZA, Marcelino de. A Multifuncionalidade da Agricultura e a Função Educativa das Propriedades Rurais: experiências a partir da prática do turismo rural pedagógico. **Revista Turismo em Análise**, v. 24, p. 191-205, 2013.

LAMARCHE, Hughes. (coord.). **Agricultura familiar: comparação internacional.** Trad. Frédéric Bazin. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

LANGENBUCH, Juergen Richard. **A estruturação da grande São Paulo: estudo de geografia urbana**. Tese. Doutorado. Faculdade Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, UNICAMP, 1971.

LEITE, Inês Fonseca. **Multifuncionalidade da paisagem como desenvolvimento rural**. 2010. 81 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura Paisagística) – Universidade Técnica de Lisboa.

LONG, Patrick; NUCKOLLS, Jonelle. **Organizing resources for rural tourism development: the importance of leadership, planning and technical assistance**. *Tourism recreation research*, v. 19, n. 2, 19-34, 1994.

LOPES, Eliano Sérgio Azevedo. A pluriatividade na agricultura familiar do estado de Sergipe. In: Eliano Sérgio Azevedo Lopes; José Eloizio da Costa. (Org.). **Territórios rurais e agricultura familiar no Nordeste**. 1. ed. Aracaju: EDUFS, v. 1, p. 103-186, 2009.

LUPA. (Estado de São Paulo). Secretaria de Agricultura e Abastecimento. **Levantamento Censitário de Unidades de produção Agrícola do Estado de São Paulo: SAA/IEA/CATI**, 2010.

MAIA, Edvanda Maria Melo. Turismo rural na agricultura familiar: um estudo de caso no assentamento Tijuca Boa Vista em Quixadá (CE). **Caderno Virtual de Turismo** (UFRJ), v. 15, p. 01-19, 2015.

MALUF, Renato Sérgio Jamil. A multifuncionalidade da agricultura brasileira na realidade rural brasileira. In: CARNEIRO, M. J.; MALUF, R. S. (Orgs.). **Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003, p. 135-153.

MARQUES, Juliano Ricardo. **Jundiaí, um empasse regional – O papel do município de Jundiaí entre duas regiões metropolitanas: Campinas e São Paulo**. 2008. f. 191. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de São Paulo.

MATOS, Odilon Nogueira de. **Café e ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo**, 4. ed., Campinas, SP: Pontes, 1990.

MENDES, Estevane de Paula Pontes. **A produção rural familiar em Goiás: as comunidades rurais no Município de Catalão (GO)**. Presidente Prudente. 2005. 294 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNESP, campus de Presidente Prudente.

MENDES, Marcelo Alves. Geografia e ciência: fundamentos teóricos para interpretação da reprodução da agricultura familiar. In: **Abordagem sobre o desenvolvimento rural: as experiências em Sergipe e no Planalto da Conquista/BA**. São Cristóvão: Editora UFS, 2015.

MENEGATI, Regiane Aparecida. **Produção familiar e as estratégias de reprodução social no espaço rural do Município de Indiana (SP)**. 2008. 213 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Estadual Paulista/ Faculdade de Ciências e Tecnologia - Presidente Prudente.

MIOR, Luiz. A agricultura familiar e o rural não agrícola como estratégias de desenvolvimento rural: as controvérsias do debate. In: **Annals of World Congress of Rural Sociology**, Rio de Janeiro, 2000.

MOLETTA, V. F. **Turismo rural**. 3ª ed. – Porto Alegre: SEBRAE/RS, 2002.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e Fazendeiros no Estado de São Paulo**. São Paulo. HUCITEC, 1984.

MOREIRA, Erika. Vanessa. **As múltiplas fontes de renda e a pluriatividade nos Bairros Aeroporto, Cedro, Córrego da Onça, Ponte Alta e Gramado no Município de Presidente Prudente (SP)**. Programa de Pós-Graduação. 2007. 286 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Estadual Paulista/ Faculdade de Ciências e Tecnologia - Presidente Prudente.

MUTIRÃO DO TURISMO, 2020. Disponível em < <https://mutiraodoturismo.com.br/boas-praticas/> > Acesso em 25/01/2021.

NORONHA, Elias Oliveira. **O espaço rural no contexto da urbanização difusa: o estudo da pluriatividade nos Bairros Rurais Roseira e Toca no Município de Jundiá (SP)**. 2008. f.

262. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

NOVAES, Carla Andrade. Turismo rural e agroturismo diferenciado de turismo em espaço rural: uma proposta. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE TURISMO RURAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**, Joinville. *Anais...* Joinville: IELUSC, 2004.

OLIVEIRA, Cássio Garkalns de Souza. **Viabilidade e sustentabilidade do turismo rural. Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP)**, Brasília, 2002.

OLIVEIRA, F. T. **Turismo sob o Aspecto do Desenvolvimento Sustentável: uma interpretação empregando as técnicas de leitura do inglês instrumental**. Projeto de Pesquisa do Programa de Fomento a Iniciação Científica: UEA / FAPEAM. Manaus, AM: 2005.

OLIVEIRA, Fernando Meloni de. As políticas de turismo rural no Brasil nos anos noventa. **Turismo em análise**, v. 19, n. 2, ago. 2008.

OLIVEIRA, Fagno Tavares; SILVA, Ivan Crespo; TELLO, Júlio César Rodrigues; SOUZA, Raimundo Paiva. O turismo rural no município de Rio Preto da Eva (AM): reflexões e perspectivas. **Caderno Virtual de Turismo (UFRJ)**, v. 10, p. 13-21, 2010.

OTANI, Malimíria Norico; FREDO, Carlos Eduardo; RAMOS, Rejane Cecília. Circuito das Frutas Paulista: caracterização socioeconômica. **Informações Econômicas**, SP, v. 42, n. 3, maio/jun. p. 50-64, 2011.

PEDRO, Vânia Cristina dos Santos; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. Estratégias de reprodução social dos produtores rurais da microbacia do córrego 1º de maio/timburi no município de Presidente Prudente – SP. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n.35, v.1, p.60-77, jan./jul.2013.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Lazer e natureza no turismo rural. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloísa Turini (Org.). **Turismo, lazer e natureza**. Barueri: Manole, p. 131-156, 2003.

PINTO-CORREIA, Teresa. Multifuncionalidade da paisagem rural: novos desafios à sua análise. **Inforgeo**. Julho, Ed. Associação Portuguesa de Geógrafos. 2007. p 67-71.

PLANO MUNICIPAL DE TURISMO JUNDIAÍ, 2019. Disponível em < <https://turismo.jundiai.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/11/Plano-Municipal-de-Turismo-de-Jundiai-Versao-Final-2019.pdf> > Acesso em 05/07/2020.

PLOEG, Jan Douwe van der. O modo de produção camponês revisitado. In: SCHNEIDER, S. (org.). **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre: UFRGS. 2006. p.13-56.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. **Agroturismo e desenvolvimento regional**. São Paulo: Hucitec, 1999.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ. Disponível em < <https://jundiai.sp.gov.br/a-cidade/historia/> > Acesso em: 03/09/2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ. Disponível em < <https://turismo.jundiai.sp.gov.br/servicos/estacao-ferroviaria/> > Acesso em: 04/09/2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ. Disponível em < <https://jundiai.sp.gov.br/desenvolvimento-economico/vantagens/a-forca-da-industria/> > Acesso em: 08/09/2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2020. Disponível em < <https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2020/04/06/projeto-deguste-em-casa-incentiva-delivery-nas-rotas-turisticas/> > Acesso em 21/01/2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ. Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento – *Circuito das Frutas – Turismo Rural*. 2009. Disponível em: < <http://www.selosefilatelia.com/PastaLancamentos09/016.html> > Acesso em: 12/08/2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2015. Disponível em < <https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2015/10/02/turismo-apresenta-sua-nova-realidade-em-jundiai/> > Acesso em: 03/11/2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2015. Disponível em <
<https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2015/07/29/rotas-turisticas-comecam-a-se-tornar-realidade-em-jundiai/>> Acesso em 25/11/2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2016. Disponível em <
<https://jundiai.sp.gov.br/noticias/rotas-turisticas-de-jundiai-oferecem-atracoes-rurais-a-turistas-e-moradores/>> Acesso em: 03/11/2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2020. Disponível em <
<https://rotasturisticas.jundiai.sp.gov.br/>> Acesso em 25/11/2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2021. Disponível em <
<https://jundiai.sp.gov.br/coronavirus/>> Acesso em 25/03/2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, 2020. Disponível em <
<https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2020/02/06/jundiai-e-mais-tres-cidades-integram-o-1o-distrito-turistico-do-estado/>> Acesso em 18/01/2021.

PRIEBBERNOW, Henrique Muller. **UM OLHAR “POLIOCLAR” SOBRE A AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA: a multifuncionalidade da agricultura no Assentamento Renascer – Canguçu/RS**. 2019. 203 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Pelotas.

RAIS – RELATÓRIO ANUAL INFORMAÇÕES SOCIAIS. Disponível em <
<http://www.rais.gov.br/sitio/2014/index.jsf>> Acesso em 18/08/2020.

RIVA, Giovana; BERTOLINI, Geysler Rogis Flor. Perspectiva do Turismo Rural como Alternativa de Renda para Agricultura Familiar: Análise de Trabalhos Científicos. **Desenvolvimento em Questão**, v. 15, p. 197-227, 2017.

ROCHA, Gabriela Silveira. **Capital social, pluriatividade e desenvolvimento local: tratos e retratos no sudoeste da Bahia**. (Tese de Doutorado em Geografia). São Cristóvão - SE, UFS, 2016.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Turismo rural no Brasil: ensaio de uma tipologia. In: ALMEIDA, J. A. e RIEDL, M. (Org.). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru: EDUSC, p. 51-68, 2000.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. (Org.) Turismo rural: práticas e perspectivas. São Paulo: **Contexto**, 2001.

RODRIGUEZ, José Manuel Mateo; SILVA, Edson Vicente da; CAVALCANTI, Agostinho Paula Brito. **Geoeecologia das Paisagens: uma visão geossistêmica da análise ambiental**. Fortaleza: Ed. Universidade Federal do Ceará. 2ª edição. 2007.

ROTAS TURÍSTICAS JUNDIAÍ. Disponível em < <https://rotasturisticas.jundiai.sp.gov.br/uva/historia/> > Acesso em: 06/12/2020.

ROUX, Bernard; FOURNEL, Estelle. Multifuncionalidade e emprego nos estabelecimentos rurais franceses: um estudo das zonas montanhosas de Languedoc Roussillon. In: CARNEIRO, M. J.; MALUF, R. S. (Orgs.). **Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar**. Rio de Janeiro: MAUAD. p.169-184. 2003.

RUBELO, João; LUCHIARI, Maria. O Circuito das Frutas – SP no contexto do turismo rural. CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL, 5, 2005, Piracicaba. Anais: **Propriedades, comunidades e roteiros do turismo rural**. Piracicaba: FEALQ, p. 211-216, 2005.

RUSCHMANN, Doris Van Meene. **Turismo e Planejamento Sustentável: A proteção do Meio Ambiente**. 11. ed. Campinas, SP: 2004.

SACCO DOS ANJOS, Flávio; CALDAS, Nádia Velleda. Semântica e formação discursiva: A propósito do debate sobre pluriatividade e multifuncionalidade. In: **CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL**, 44., 2006, Fortaleza. Anais... Fortaleza: SOBER, 2006.

SACCO ANJOS, Flávio; CALDAS, Nádia Velleda. A propósito do debate sobre pluriatividade e multifuncionalidade na agricultura: o surgimento de uma nova formação discursiva. **Revista Theomai/ Theomai Journal**, 2009.

SACCO DOS ANJOS, Flávio. **Agricultura familiar, pluriatividade e desenvolvimento rural no Sul do Brasil**. Pelotas: EGUFPEL, 2003.

SANT'ANA, Antônio Lazaro. **Raízes na terra: as estratégias dos produtores familiares de três municípios da Mesorregião de São José do Rio Preto (SP)**. Araraquara: UNESP, 2003. Tese (Doutorado em Sociologia), UNESP/Araraquara, 2003.

SANTOS, Alessandra Santos dos; PIRES, Paulo dos Santos. Políticas públicas de turismo rural: uma alternativa necessária. In: SANTOS, Eurico de Oliveira; SOUZA, Marcelino de (Org.). **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. Barueri: Manole, p. 60-79, 2010.

SAQUET, Marcos Aurélio. A relação espaço-tempo e a apreensão do movimento em estudos territoriais. In: **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. Universidade de São Paulo, p. 13882 – 13894, 2005.

SCHNEIDER, Sérgio. O desenvolvimento agrícola e as transformações da estrutura agrária nos países do capitalismo avançado: a pluriatividade. **Revista Reforma Agrária**, Campinas/SP, n. 24, v. 3, set/dez, p. 106-132, 1994.

SCHNEIDER, Sérgio. **Agricultura familiar e industrialização**. Editora da UFRGS, Porto Alegre, 1999.

SCHNEIDER, Sérgio. **A Pluriatividade na Agricultura Familiar**. Editora da UFRGS, Porto Alegre 2003a.

SCHNEIDER, Sérgio. Teoria Social, Agricultura Familiar e Pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. 18, Nº. 51, Fevereiro de 2003b.

SCHNEIDER, Sérgio. As novas formas sociais do trabalho no meio rural: a pluriatividade e as atividades rurais não-agrícolas. **Revista Redes**, Santa Cruz do Sul - RS, v. 9, n. 3, p. 75-109, 2005.

SCHNEIDER, Sérgio. (Org.). **A Diversidade da Agricultura Familiar**, Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 165-185, 2006.

SCHNEIDER, Sérgio. A importância da pluriatividade para as políticas públicas no Brasil. **Revista de Política Agrícola**, Brasília, a. 16, n. 3, jul/set., p. 15-34, 2007.

SCHNEIDER, Sérgio. A pluriatividade no meio rural brasileiro: características e perspectivas de investigação. In: GRAMMONT, H.C. de; MARTINEZ VALLE, L. (Org.). **La pluriactividad en el campo latinoamericano**. 1. ed. Quito/ Equador: Editora Flacso – Serie FORO, v. 1, p. 132-161, 2009.

SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. Disponível em < <https://municipios.seade.gov.br/economia/> > Acesso em 19/08/2020.

SEBRAE. Disponível em < <https://sebrae-sp.jusbrasil.com.br/noticias/2502800/turismo-rural-no-brasil-cresce-a-taxa-de-30-ao-ano> > Acesso em: 24/11/2020.

SILVA, Lenyra Rique da. **A natureza contraditória do Espaço Geográfico**. São Paulo: Contexto, 1991.

SILVA, Maurem; ALMEIDA, Joaquim. Turismo rural: família, patrimônio e trabalho. In: RIEDL, Mario; ALMEIDA, Joaquim A.; VIANA, Andyara L. B. (Org.). **Turismo rural: tendências e sustentabilidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, p. 165-203, 2002.

SILVA, Júlio César Lázaro da; MENDES, Auro Aparecido. ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS COM BASE EM EMPREENDIMENTOS RURAIS: O CASO DO AGROCOMÉRCIO NA REGIÃO DO BAIRRO CAXAMBÚ NO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ-SP, BRASIL. In: **X Encontro de Geógrafos da América Latina**. Anais do [...]. São Paulo, p. 14574-14588, 2005.

SILVA, Júlio César Lázaro da. **ARRANJO PRODUTIVO RURAL: O AGROCOMÉRCIO DA UVA NO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ-SP**. 2007. f. 130. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

SILVA, Nivaldo Pereira da; FRANCISCO, Antônio Carlos de; THOMAZ, Marcos Surian. Turismo rural como fonte de renda das propriedades rurais: um estudo de caso numa pousada rural na Região dos Campos Gerais no Estado do Paraná. **Caderno Virtual de Turismo (UFRJ)**, v. 20, p. 22-37, 2010.

SILVA, Aline Oliveira. Uso do território e indústria em Jundiaí-SP: Lógicas globais, lógicas locais. In: **VII Congresso Brasileiro de Geógrafos**, 2014, Vitória – ES. Anais [...]. p. 1-11, 2014.

SILVA, Sandro Pereira. **A agricultura familiar e suas múltiplas interações com o território: uma análise de suas características multifuncionais e pluriativas**. Brasília: IPEA, 2015 (Texto para Discussão, nº 2076 - IPEA).

SILVA, Sandro Pereira. Agricultura familiar e território: aspectos conceituais e analíticos sobre a multifuncionalidade e a pluriatividade. **Campo - Território**, v. 11, p. 243-271, 2016.

SILVA, Juniele Martins; HESPANHOL, Rosangela Aparecida de Medeiros. As estratégias de reprodução social dos agricultores familiares das comunidades rurais do município de Catalão (GO). **GEO UERJ**, v. 29, p. 402-430, 2016.

SILVEIRA, Marcos Aurélio Tarlombani da. Política de turismo: oportunidades ao desenvolvimento local. In: RODRIGUES, Adyr B. (Org.) **Turismo rural: práticas e perspectivas**. São Paulo: Contexto, p. 133- 150, 2001.

SOARES, Adriano Campolina. A multifuncionalidade da agricultura familiar. **Proposta**, Rio de Janeiro, n. 87, p. 40-49, dez./fev. 2001.

SOARES, Nádia Bolzan. **Água e Multifuncionalidade da Agricultura: uma análise a partir dos orizicultores de Cacequi – RS**, 2008, 210 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural), Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.

SOARES, Juliana Abadia do Prado. **A PLURIATIVIDADE NA AGRICULTURA FAMILIAR: ESTUDOS NOS ASSENTAMENTOS AGROVILA RIO VERDINHO RIO VERDE (GO) E ASSENTAMENTO NOSSA SENHORA DE GUADALUPE JATAÍ (GO)**. 2017. 212 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Goiás – UFG.

SOLLA, Xose Manoel Santos. Turismo Rural – Tendências e Perspectivas. IN: IRVING, Marta de Azevedo. **Turismo: O desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002.

SOUZA, J. S. I. **A agricultura em Jundiaí**. Primeira Parte. Sinopse da história da agricultura em Jundiaí, p. 7-39, 1956.

SOUZA, Maria Célia Martins de; OTANI, Malimíria Norico; VERDI, Adriana Renata. VALORIZAÇÃO DA CULTURA ITALIANA E O CONSUMO DE VINHO ARTESANAL. **Informações Econômicas**, SP, v.40, n.6, jun. 2010.

SOUZA-ESQUERDO, Vanilde Ferreira de; BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira. **Análise Sobre o Acesso aos Programas de Políticas Públicas da Agricultura Familiar nos Municípios do Circuito das Frutas (SP)**, Piracicaba -S P, Vol. 52, Supl. 1, p. 205-222, 2015.

SOUZA, Marcelino de; KLEIN, Angela Luciane. Normativas, regulamentações e políticas públicas para o turismo rural. In: Marcelino de Souza; Tissiane Schmidt Dolci. (Org.). **Turismo rural: fundamentos e reflexões**. 1ed.Porto Alegre: Editora da UFRGS, v. 1, p. 41-60, 2019.

TALAVERA, Agustin Santana. O rural como produto turístico: algo de novo brilha sob o sol? In: SERRANO, C.; BRUHNS, H. T.; LUCHIARI, M. T. **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2001.

TALAVERA, Agustin Santana. **Antropologia do turismo: analogias, encontros e relações**. São Paulo: Aleph, 2009.

TAVARES DOS SANTOS, João Vicente. A reprodução subordinada do campesinato. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, 2 (2): 109 - 117, 1981.

TAVARES DOS SANTOS, João Vicente. **Colonos do vinho: Estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital**: Hucitec, São Paulo, 1984.

TEIXEIRA, Maria Cristina Santos. **A perspectiva pluriativa como estratégia de reprodução da agricultura familiar na microrregião do agreste de Itabaiana - SE**. 2017. 106 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Sergipe – UFS.

THOMAZ, Rosângela Custódio Cortez; CAMARGO, Berta Lucia do Nascimento. Análise da Lei 1261/2015 enquanto estratégia de desenvolvimento e fortalecimento da atividade turística

no estado de São Paulo. **ATELIÊ DO TURISMO** - Campo Grande / MS, v. 5, n. 2, p.182-199, jul-dez, 2021.

TULIK, Olga. 2003. **Turismo Rural**. São Paulo: Aleph.

TURISMO JUNDIAÍ. Disponível em < <https://turismo.jundiai.sp.gov.br/atrativos/festa-da-uva> > Acesso em: 07/09/2020.

TURISMO JUNDIAÍ. Disponível < <https://turismo.jundiai.sp.gov.br/institucional/circuito-das-frutas/> > Acesso em 22/09/2020.

TURISMO JUNDIAÍ. Disponível em < <https://turismo.jundiai.sp.gov.br/servicos/agencias-de-turismo-receptivo/> > Acesso em: 25/01/2021.

UNIDADE DE GESTÃO AGRONEGÓCIO, ABASTECIMENTO E TURISMO – UGAAT. Jundiaí – Turismo em Números, 2019. Disponível em < <https://turismo.jundiai.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/11/Jundiai-Turismo-em-Numeros-2019.pdf> > Acesso em 05/07/2020.

UNIDADE DE GESTÃO AGRONEGÓCIO, ABASTECIMENTO E TURISMO – UGAAT. Jundiaí – Turismo em Números, 2020. Disponível em < <https://turismo.jundiai.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/02/Jundiai-Turismo-em-Numeros-2020.pdf> > Acesso em 05/07/2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Carta de Santa Maria. In: **Grupo Turismo e Desenvolvimento – Departamento de Educação Agrícola e Extensão Rural DEAER**. Santa Maria, 1998. Disponível em < <https://www.ufrgs.br/mercados/carta.htm> > Acesso em: 09/09/2020.

VERDI, Adriana Renata; OTANI, Malimiria Norico; MAIA, Maria Lúcia; FREDO, Carlos Eduardo; HERNANDES, José Luiz. Caracterização Socioeconômica e Perfil da Produção de Uva e Vinho Artesanal no Município de Jundiaí – São Paulo. **Informações Econômicas**. São Paulo: v.40, n.6, maio. 2010.

VERBOLE, A. A busca pelo imaginário rural. In: RIEDL, Mario; ALMEIDA, Joaquim A.; VIANA, Andyara L. B. (Org.). **Turismo rural: tendências e sustentabilidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, p. 117-140, 2002.

VICENTE, Rosane Carvalho Carnevali. **Construção de portal como ferramenta de apoio ao desenvolvimento do enoturismo: Uma abordagem segundo o Design Science**. 2013. f. 141. Dissertação (Mestrado em Administração de Micro e Pequenas Empresas), Faculdade Campo Limpo Paulista – FACCAMP.

VILLA BRUNHOLI. Disponível em < <https://villabrunholi.minhalojanouol.com.br/> >
Acesso em: 10/02/2021.

WANDERLEY, Maria Nazaré Baudel. Apresentação. In: CARNEIRO, Maria José; MALUF, Renato. **Para além da produção: Multifuncionalidade e agricultura familiar**. Rio de Janeiro: NEAD, 2003.

ZIMMERMANN, Adonis. **Turismo rural: um modelo brasileiro**. Florianópolis: Ed. Do Autor, 1996.

APÊNDICE A**FORMULÁRIO A: PRODUTORES RURAIS SITUADOS NA ROTA TURÍSTICA DA UVA**

Tamires Regina Rocha – Mestranda – Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGG

DATA: __/__/__

ROTA: _____

BAIRRO: _____

I- IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

1.1. Nome do entrevistado: _____

1.2. Sexo: _____

1.3. Grau de Escolaridade: () Fundamental incompleto () Fundamental completo () Médio incompleto () Médio completo () Ensino Superior Incompleto () Ensino Superior Completo () Outro _____

1.4. Idade: _____

1.5. Estado Civil: _____

1.6. É o responsável pela propriedade?

() Sim

() Não

1.7. Se não, qual é a sua situação:

() Caseiro

() Somente reside na propriedade

() Trabalha na propriedade

() Outro _____

1.8. Aposentado (a): Sim () Não ()

1.9. Algum aposentado na propriedade? Sim () Não ()

1.10. A aposentaria é uma importante renda no orçamento mensal familiar? Sim () Não ()
se sim: Por quê?

1.11. Em relação à renda (monetária) familiar, ela gira em torno de: (Base R\$ 1100,00 - janeiro/2021).

() Até 1 salários mínimo

() De 1 a 2 salários mínimos

() De 2 a 3 salários mínimos

- () De 3 a 4 salários mínimos
 () Acima de 4 salários mínimos

II - GRUPO FAMILIAR

2.1. Quem mora na propriedade?

2.2. Sobre os filhos: Possui: Sim () Não (). Se sim, quantos? _____

2.3. Todos vivem na propriedade? Sim () Não () quantos? _____

2.4. Contribuem no processo de trabalho? Sim () Não ()

2.5. Que tipo de atividade desempenham e em qual fase do processo produtivo?

III- ESTRUTURA PRODUTIVA E FUNDIÁRIA

3.1. Qual é o tamanho da propriedade? _____alqueires / _____hectares

3.2. Qual é a área da propriedade cultivada? _____

3.3. Com quais lavouras?

3.4. Quais são as atividades econômicas desenvolvidas pelos membros da família:

- () Agricultura
 () Pecuária
 () Ambas
 () Outras _____

3.5. Há quanto tempo desenvolve essas atividades? _____

3.6. Qual é a renda obtida (em termos de porcentagem %) com as atividades agropecuárias?

3.7. Onde são comercializados os produtos?

3.8. O que é feito com o dinheiro obtido com as atividades agrícolas:

- () Investimentos na propriedade
 () Sustento (subsistência) da família
 () Tanto para investimentos na propriedade como para aumentar o conforto doméstico
 () Nas despesas pessoais
 () Outra _____

3.9. Qual é o tipo de mão de obra utilizada na propriedade?

() Somente familiar. Quantas pessoas? _____ Em qual fase do processo produtivo?

() Empregados Permanentes. Quantos? _____ Em qual fase do processo produtivo?

() Empregados Temporários. Quantos? _____ Em qual fase do processo produtivo?

IV - ATIVIDADES E RENDAS NÃO AGRÍCOLAS

4.1. Existe algum membro da família desenvolvendo alguma atividade **não-agrícola** rentável **fora da propriedade**?

() Sim () Não

4.2. Que tipo de atividade?

() Comércio

() Indústria

() Serviços

() Turismo Rural

() Outro () _____ Desde quando? _____

4.3. Foi uma:

() Opção própria

() Necessidade econômica

() Outro _____

4.4. A renda adquirida com esta atividade é contabilizada no orçamento familiar mensal?

() Sim

() Não

4.5. Desenvolve alguma atividade **não-agrícola na propriedade**?

() Sim

() Não

Se sim, qual? _____ Quando começou? _____ Motivos? _____

4.6. Quem está diretamente envolvido com esta atividade? _____; _____; _____;

4.7. É rentável?

() Sim

() Não

4.8. Torna-se mais importante a renda destas atividades não agrícolas, do que as atividades agropecuárias?

() Sim

() Não

4.9. **Se não:** pretende desenvolver algum tipo de atividade?

() Sim

() Não

4.10. Se sim, quando? _____ Que tipo de atividade? _____ Motivos? _____

V- POTENCIALIDADES E DIFICULDADES DO TURISMO RURAL

5.1. Como ocorreu o processo de adesão desta propriedade rural à Rota Turística da Uva ou da Cultura Italiana?

- () Iniciativa do poder público municipal
 () Iniciativa própria
 () Outro _____

5.2. Por quê resolveu participar da rota?

5.3. Quando começou a participar da rota? _____

5.4. Qual(is) as principais vantagens e desvantagens de participar da rota?

5.5. Como é realizada a divulgação da rota existente? E da sua propriedade rural?

5.6. Existem membros da família trabalhando fora da propriedade em estabelecimentos que participam da rota?

- () Sim. Quem? _____ Qual(is) estabelecimento(s)? _____
 Função? _____
 () Não

5.7. Como ocorre a participação da população/produtores rurais frente as decisões tomadas pelo poder público para fomentar o turismo rural na rota?

5.8. A rota vem atendendo as suas expectativas? O que, na sua opinião, poderia ser melhorado?

5.9. Quais são as principais atividades voltadas ao turismo rural existentes na propriedade?

- () Adegas
 () Restaurantes rurais
 () Pesque-pague
 () Outros _____

5.10. O que os visitantes mais buscam e mais apreciam na propriedade rural?

5.11. A propriedade é aberta todos os dias para visitação?

- () Sim
 () Não Qual(is) dias? _____

5.12. Quais os dias da semana que a propriedade recebe um maior número de visitantes?

() segunda-feira () terça-feira () quarta-feira () quinta-feira () sexta-feira () sábado
() domingo

5.13. Qual é a época do ano em que o movimento é maior? Por que?

5.14. Quem está diretamente envolvido com esta atividade (turismo rural)? _____;
_____; _____;

5.15. Houve algum curso oferecido pelo poder público municipal e/ou estadual voltado para o turismo (implantação, gerenciamento, recepção de turistas)?

() Sim. Qual(is) curso? _____ Qual instituição? _____
() Não

5.16. O turismo rural representa quanto (em porcentagem %) da renda total da propriedade?

5.17. O que motivou investir no turismo rural como alternativa de diversificação na propriedade rural?

5.18. Quais dificuldades foram enfrentadas para implantar o turismo na propriedade rural?

5.19. Houve a necessidade na contratação de funcionários, após implantar o turismo rural na propriedade?

5.20. Na sua avaliação, o turismo rural ajudou a valorizar a cultura local? Porque?

5.21. Na sua opinião, quais problemas o turismo rural trouxe ou agravou no bairro e no município?

5.22. Quais foram os principais impactos provocados pela pandemia da COVID-19 nas atividades da propriedade (turismo rural, produção agrícola, etc)? E o que foi realizado para amenizar os danos?

FORMULÁRIO B: RESTAURANTES RURAIS DA ROTA TURÍSTICA DA UVA

Tamires Regina Rocha – Mestranda – Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGG

DATA: __/__/__

ROTA: _____

NOME DO RESTAURANTE: _____

I- IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

1.3. Nome do entrevistado: _____

1.4. Sexo: _____

1.3. Grau de Escolaridade: () Fundamental incompleto () Fundamental completo () Médio incompleto () Médio completo () Ensino Superior Incompleto () Ensino Superior Completo () Outro _____

1.4. Idade: _____

1.5. Estado Civil: _____

1.6. É o responsável pelo restaurante?

() Sim

() Não

1.7. Se não, qual a sua situação: _____

II – ANÁLISE DO RESTAURANTE RURAL

2.1. Como surgiu a ideia de abrir um restaurante rural? Quem teve essa ideia e por que? (ou com qual objetivo?)

2.2. Qual foi o critério para escolha do nome do restaurante?

2.3. Há quanto tempo o restaurante funciona no local? _____

2.4. O proprietário do restaurante tem alguma propriedade rural no município?

() Sim

() Não

2.5. O restaurante está localizado na propriedade rural?

() Sim

() Não

2.6. Possui outras fontes de renda além do restaurante?

() Sim Qual(is)? _____ () Não

2.7. Quantos funcionários possuem? (permanentes ou temporários) _____ São membros da família?

() Sim Quem? _____

() Não

2.8. O restaurante é aberto todos os dias da semana?

() Sim

() Não Qual(is) dias? _____

2.9. Quantos visitantes, em média, frequentam o lugar mensalmente? _____

2.10. Qual a época do ano em que o movimento é maior? _____

2.11. Os visitantes geralmente são de que local?

() município de Jundiaí

() municípios ao redor

() municípios distantes

() outros _____

2.12. O que é servido? Qual o prato típico? De onde veio a ideia de servir tais alimentos? Qual é a origem dos produtos consumidos e/ou utilizados nos restaurantes? Há aquisição de produtos dos vizinhos ou de produtores do município? Ou apenas de fora do município?

2.13. O que os visitantes mais buscam e mais apreciam no restaurante?

2.14. Como ocorreu o processo de adesão deste restaurante à Rota Turística da Uva ou da Cultura Italiana?

() Iniciativa do poder público municipal

() Iniciativa própria

() Outro _____

2.15. Por quê resolveu incluir o restaurante na rota?

2.16. Quando começou a participar da rota? _____

2.17. Qual(is) foram as principais vantagens e desvantagens de participar da rota?

2.18. Como é realizada a divulgação da rota existente? E do seu restaurante?

2.19. A rota vem atendendo as suas expectativas? O que, na sua opinião, poderia ser melhorado?

2.20. Desde que o restaurante integra a rota, quais as mudanças foram realizadas no estabelecimento?

2.21. Como ocorre a participação do responsável pelo restaurante frente as decisões tomadas pelo poder público para fomentar o turismo rural na rota?

2.22. Houve algum curso oferecido pelo poder público municipal e/ou estadual voltado para o turismo (implantação, gerenciamento, recepção de turistas)?

() Sim. Qual(is) curso? _____ Qual instituição? _____
() Não

2.23. O turismo rural representa quanto (em porcentagem %) da sua renda total familiar?

2.24. Em sua opinião, o que é necessário para melhorar o turismo rural local?

2.25. O turismo rural ajudou a valorizar a cultura local? Porque?

2.26. Na sua opinião, quais problemas o turismo rural trouxe ou agravou no bairro e no município?

2.27. Quais foram os principais impactos provocados pela pandemia da COVID-19 no restaurante? O que foi realizado para amenizar os danos?

FORMULÁRIO C: ESPAÇO CULTURAL MUSEU DO VINHO E FAZENDA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Tamires Regina Rocha – Mestranda – Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGG

DATA: __/__/__

ROTA: _____

ESTABELECIMENTO: _____

I- IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

1.5. Nome do entrevistado: _____

1.6. Sexo: _____

1.3. Grau de Escolaridade: () Fundamental incompleto () Fundamental completo () Médio incompleto () Médio completo () Ensino Superior Incompleto () Ensino Superior Completo () Outro _____

1.4. Idade: _____

1.5. Estado Civil: _____

1.6. É o responsável pelo estabelecimento?

() Sim

() Não

1.7. Se não, qual a sua situação: _____

II- ANÁLISE DOS ESTABELECIMENTOS

2.1. Como e quando surgiu a ideia de abrir o estabelecimento?

2.2. Há quanto tempo o estabelecimento funciona no local? _____

2.3. Possui outras fontes de renda além do estabelecimento?

() Sim Qual(is)? _____ () Não

2.4. Quantos funcionários possuem? (permanentes ou temporários?) _____ São membros da família?

() Sim Quem? _____

() Não

2.5. O estabelecimento é aberto todos os dias da semana?

() Sim

() Não Qual(is) dias? _____

2.6. Quantos visitantes, em média, frequentam o lugar mensalmente? _____

2.7. Qual a época do ano em que o movimento é maior? _____

2.8. Os visitantes geralmente são de que local?

() município de Jundiaí

() municípios ao redor

() municípios distantes

() outros _____

2.9. Quais são os atrativos turísticos oferecidos pelo estabelecimento?

2.10. O que os visitantes mais buscam e mais apreciam no estabelecimento?

2.12. Como ocorreu o processo de adesão deste estabelecimento à Rota Turística da Uva ou da Cultura Italiana?

() Iniciativa do poder público municipal

() Iniciativa própria

() Outro _____

2.13. Por quê resolveu incluir o estabelecimento na rota?

2.14. Quando começou a participar da rota? _____

2.15. Qual(is) foram as principais vantagens e desvantagens de participar da rota?

2.16. Como é realizada a divulgação da rota existente? E do seu estabelecimento?

2.17. A rota vem atendendo as expectativas propostas inicialmente? O que, na sua opinião, poderia ser melhorado?

2.18. Como ocorre a participação do responsável pelo estabelecimento frente as decisões tomadas pelo poder público para fomentar o turismo rural na rota?

2.19. Houve algum curso oferecido pelo poder público municipal e/ou estadual voltado para o turismo (implantação, gerenciamento, recepção de turistas)?

() Sim. Qual(is) curso? _____ Qual instituição? _____
() Não

2.20. O turismo rural representa quanto (em porcentagem %) da sua renda total?

2.21. Em sua opinião, o que é necessário para melhorar o turismo rural local?

2.22. O turismo rural ajudou a valorizar a cultura local? Se sim, como? Porque?

2.23. Na sua opinião, quais problemas o turismo rural trouxe ou agravou no bairro e no município?

2.24. Quais foram os principais impactos provocados pela pandemia da COVID-19 no estabelecimento? O que foi realizado para amenizar os danos? Houve perda de renda (de quantos % aproximadamente?)

**ROTEIRO DE ENTREVISTA D: APLICADO COM A DIRETORA MUNICIPAL DE
TURISMO DE JUNDIAÍ**

Tamires Regina Rocha – Mestranda – Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGG

DATA: __/__/__

NOME: _____

1- Quais são as ações implantadas no município de Jundiaí que visam ao fortalecimento do turismo rural?

2- O governo do Estado de São Paulo auxilia ou auxiliou (informar em que ano isso ocorreu) com alguma verba ou por meio de alguma ação ou programa para que haja investimento no turismo rural no município? Se sim, qual ação ou programa? Qual é o valor dessa verba? E quais investimentos são ou foram realizados?

3- Quais foram as motivações para que houvesse a formação das Rotas Turísticas do município? Quem incentivou a formação dessas Rotas Turísticas no Município? Como elas foram identificadas? Quem ou quais instituições contribuíram com essa identificação? Como isso foi feito? Quando isso ocorreu?

4- Qual é a importância das Rotas Turísticas da Uva e da Cultura Italiana para fortalecer o turismo rural no município? E como é realizada a sua divulgação?

5- Como ocorre a participação da população (principalmente daqueles que compõem as rotas) frente às decisões tomadas pelo poder público para fomentar o turismo rural nas rotas?

6- Na sua avaliação, qual é a importância do turismo rural para a permanência dos agricultores familiares nas áreas rurais? E em particular para os produtores que participam das rotas, qual é

a importância? Por que dessa importância? Essa importância ou seus benefícios extrapolam para o conjunto dos produtores do município ou ficam restritos aos que participam diretamente?

7- Na sua opinião, o turismo rural preserva os valores, costumes e o patrimônio cultural do município? Se sim, por que? Como? Se não, por que não? Qual a importância em termos econômicos do turismo e das Rotas Turísticas no âmbito da arrecadação do município?

8- Na sua opinião, quais problemas o turismo rural trouxe ou agravou no bairro ou no município?

9- Qual(is) foram os impactos proporcionados pela pandemia da COVID-19 no turismo rural do município? O que foi realizado/ou será feito pelo poder público para amenizar os danos aos proprietários rurais e estabelecimentos rurais que atuam nas rotas?
